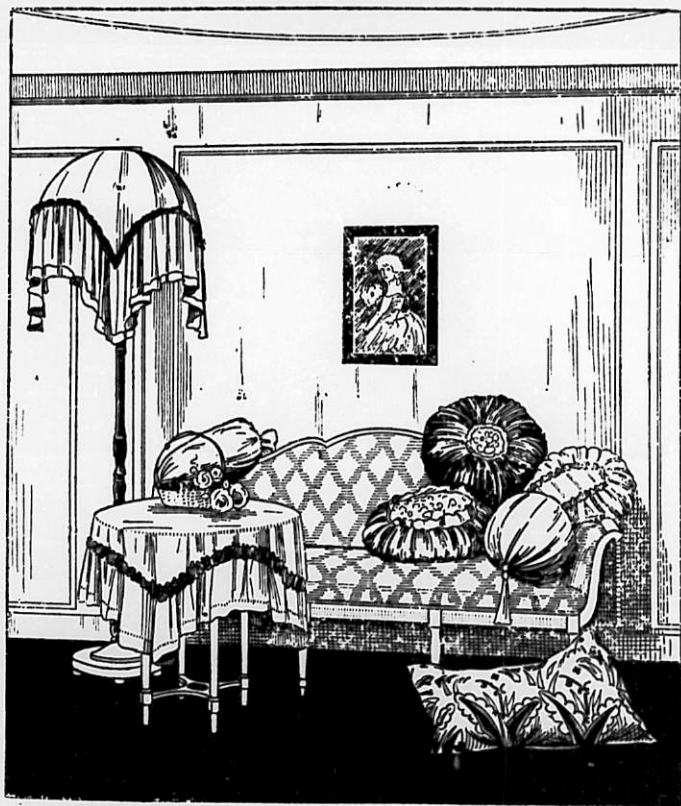


Casa Allemã
FUNDADA EM 1880



Moveis avulsos

Almofadas finas

Abat-jours elegantes

RUA DIREITA, 16-20

2.º ANDAR

Schädlich & Cia.

G
U
A
R
A
N
Á



E
S
P
U
M
A
N
T
E

Formula do sabio dr. Luiz Pereira Barretto

A mais deliciosa e a mais hygienica das bebidas, conforia o estomago, é a delicia do paladar,
desinfecia os intestinos, elimina os acidos, é garantia da saude, da mocidade e da alegria

Zanota Lorenzi & Cia. Rua Gusmões 70 - S. Paulo

AND.
EST.

13
19

TRA.
LORD.

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouca, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPIOGENIO

Sempre "O PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmaeias, drogarias e perfumarias

LYCETOL
GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

CONTRA MANIFESTOS PELAS SINDROMES REINAR
CONTRA
DIARRHEA URICA-COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO-RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI
FRANCISCO GIFFONI & C.^ª—RUA 1.^ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

A' ILLUMINADORA



Alberto dos
Santos & C.

Rua da Boa
Vista, 47

SÃO PAULO

Artigos de iluminação em geral

MATERIAL ELECTRICO

Motores, Dynamos, Pilhas, Lam-
padas electricas economicas, etc.

VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)



Para uso dos convalescentes, das purpuras, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspeptias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituente indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Recetado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmaeias e drogarias. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.^ª de Março, 17 Rio de Janeiro



Champagne

.....

Montebello

.....



Maximum Sec



Carte Jaune



Crémant-Brut

AGENTES DÉPOSITARIOS :

E. CAUBIT & C.^{IA}

CAIXA POSTAL, 76

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "TERLAMB"

TELEPHONE: CENTRAL 310

RIO DE JANEIRO (BRAZIL)

GRANDES ESPINHAS



O menino Fernando, curado com o ELIXIR DE NOGUEIRA.

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1917.
Illmos. Srs. Vinca Silveira & Filho.
Rio de Janeiro.

Respeitosas saudações.

Como prova de eterna gratidão, vos envio uma photographia de meu filho Fernando, que soffria de grandes espinhas, as quaes apresentavam feio aspecto, temendo consequencias graves, não sabendo eu explicar a causa.

Usou varios medicamentos, sem contudo obter resultado. Aconselhado por pessoa amiga, o fiz usar o

ELIXIR DE NOGUEIRA

formula do Pharmaceutico Chimico Sr. João da Silva Silveira, unico medicamento com que tive a felicidade de vel-o restabelecido.

Tomou a liberdade de vos enviar este meu testemunho que, por ser verdade, firmo.

De VV. SS. Amigo e Criado Obrigado
MANOEL LOPES

(Rua de Sant'Anna n. 61).

(Firma reconhecida).

Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolivia, Peru, Chile, etc.

Para a Belleza do Rosto a POMADA RENY é a ultima palavra

Cura espinhas, tira sardas, pannos e manchas, deixando a pelle nova, clara, fina e avelludada.

E' infallivel porque tira a pelle velha, manchada e enrugada, em 4 dias, sem offender o rosto e sem se perceber.

Devolve-se o dinheiro a toda a pessoa que não obtiver resultado, e dão-se 500\$000 a cada pessoa que se submeter a tratamento gratuito na Avenida Rio Branco, 155, e cuja pelle estragada não sahir em 4 dias.

Não é creme; é um grande remedio approvedo pela Saude Publica para deixar a pelle linda sem a ridicula pintura.

POTE 4\$000, PELO CORREIO 5\$000

Em todas as pharmacias, drogarinas e perfumarias de 1.º ordem

Deposito no Rio: CASA CIRIO, Rua do Ouvidor, 183; BAZIN, Avenida Rio Branco, 181; DROGARIAS GRANADO e CASA HUBER.

Em São Paulo: CASA BARUEL, Rua Direita, 1; DROGARIA BRAULIO, Rua São Bento, 24, e a "REVISTA FEMININA", Avenida São João, 87, que remetterá a toda pessoa que lhe enviar o seu endereço e a respectiva importancia.

ACHAQUES DA VELHICE



A velhice deveria ser uma das idades mais formosas, tanto para o homem como para a mulher. Isto se consegue facilmente supprimindo as dores chamadas "rhumaticas" que tanto affligem os ancilões. Estas dores são causadas pelo acido urico que não tendo sido filtrado pelo rins, permanece no sangue depositando-se nas juntas, nos musculos, etc., irritando-os de tal maneira

que ao menor movimento causam fortes afflicções. Os rins não filtram bem o sangue quando se acham em estado de fraqueza e portanto deve-se succorrer estes orgaos sem perda de tempo, para ajudal-os a funcionar. As Pílulas de Foster para os Rins, encorajam-se de fazer funcionar estes orgaos com regularidade, mantendo o acido urico dissolvido e fazendo-o desta forma, sahir com a urina sem que cause molestia alguma. Estas pílulas tornam sempre mais prezanteira a vida para uma infinidade de ancilões, e não ha motivo para que o senhor continue soffrendo de achaques, taes como: dor nas costas, inchacão de pernas, sciaticis, rhumatismo muscular, fortes pontadas nas costas, ao inclinar-se ou levantar-se, irritação da bexiga, ardor ao urinar, etc. pois basta tomar essas pílulas para que o senhor possa gozar os ultimos annos de sua vida. Adquirá o senhor hoje mesmo um vidro das Pílulas de Foster para os Rins. Não deixe para fazer-o amanhã, porque amanhã poderá ser demasiado tarde. Não accete substitutos. Exija as legitimas de "Foster".

A Venda em todas as pharmacias. Peça nosso folheto sobre as enfermidades renaes que nós lhe enviaremos absolutamente gratis.

FOSTER-McCLELLAN Co.
CAIXA POSTAL 1062
RIO DE JANEIRO

SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -
Aformoseados



COM

A PASTA RUSSA

Do Dr. G. RICABAL

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o desenvolvimento, a firmeza dos SEIOS, sem causar damno algum á saude da Mulher

"Vide os attestados e retrospectos que acompanham cada caixa"

A Venda em todas as PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS de PERFUMARIAS DO BRASIL. Deposito em S. Paulo: DROGARIA BARUEL

Remette-se registrado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 10\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral - J. DE CARVALHO

Rua General Camara, 225, sobrado
(Junto á Avenida Passos)
CAIXA POSTAL N.º 1724 - Rio de Janeiro

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr.: FILIALVES

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Cantos de Luz; versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Corréa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000.

Fructa de Mattes; romance por Afrânio Peixoto, 1 vol. br. 4\$000, enc. 6\$000.

Martas; romance por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$.
Heróica e Bandolões; por Gustavo Barroso, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Apotheoses; poesia por Hermes Fontes, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Elythias e idéias; poesias por Luiz Murat, 1 vol. br. 3\$500.

Conspirações; pelo General Dantas Barreto, 1 vol. br. 2\$000, enc. 4\$000.

Vingens e caçadas em Matto Grosso; pelo Com. Peleira da Cunha, 1 vol. illustr. br. 5\$000.

Poesias; 3.ª serie de Ralberto de Oliveira, 1 vol. br. 4\$000, enc. 6\$000.

Parisi; (Impressões de um brasileiro), por Nestor Victor, 1 vol. br. 3\$.

Cantigas das crianças e do povo e danças populares; por Alexina de Magalhães Pinto, 1 vol. cart. 4\$000.

Jornadas no meu país; por Julia Lopes de Almeida, 1 vol. br. 4\$000.

Um plano sonho; por Maria Eugénia Colso, 1 vol. br. 4\$000.

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophu' sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das moléstias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o *iodo vegetalizado* intimamente combinado ao *tannino da nozeira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizante, sob uma forma agradável e inteiramente assimilável.

É um xarope saboroso que não perturba o estômago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e às emulsões, dahi a preferência dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distintos clínicos, que o receitam diariamente aos seus próprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e farmácias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Drogaria de **FRANCISCO GIFFONI & C.**
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para crianças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das crianças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de aniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.



O melhor alimento para crianças, convalescentes, fracos e mães que amamentam

O alimento que mais desenvolve a mocidade.

O alimento mais concentrado e de mais facil digestão

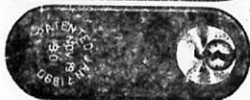
Fabrica de Productos Alimenticios

— OLIVA DA FONSECA LTM. —

Rua Joaquim Carlos, 168 — Tel. Braz. 1742

— São Paulo

THOMAZ. IRMÃO & Co.
IMPORTADORES



Ferragens
para
construções,
officinas e
fabricas

Ferra-
mentas
para artes,
officinas
e lavoura

Tintas e
Oleos

Vernizes,
Esmaltes,
etc., etc.

Rua da Quitanda N. 19

Caixa Postal, 923 — Téléph. 989 c. tel.
SÃO PAULO

fazendas
e Modas



Armarinho
Roupa branca

Rua Libero Badaró, 104 - São Paulo - Brazil

Casa Lemcke

Recem-chegado da Alemanha:

SEDAS

FLANELLAS

FOULARDS

Rua Libero Badaró, 100 - 104

Teleph. Central N. 258 — Caixa Postal N. 221



QUEIMADURAS e CORTADURAS

UM CREME SENSATIVO

Mentholatum

Indispensavel no Lar

Mitiga a dor e evita a inflammation

Calma tão depressa
se applica

É o melhor amigo das
creanças

Vende-se em Pharmacias, Droguarias e
Livrarias em todas as cidades do Brasil.
THE MENTHOLATUM CO.
111 FIFTH AVENUE, NEW YORK, U. S. A.

PAUL J. CHRISTOPH CO.
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

Linha de mais ouço



Conserve a sua cutis, fina, macia e assefinada



"Uma cutis como de creança"!... Mas poderá alguém deixar de conhecer o que é que faz a pelle de uma creança tão bonita?

Mais que qualquer outra cousa é a grande suavidade, o fino tecido e a cor tão natural e bella que esse conjunto lhe empresta, o qual tanto nos homens como nas senhoras frequentemente se perde pelo descuido de uma atarefada vida ou pela hygiene mal comprehendida. Um pouco de paciencia e serenos tempo para tudo.

Não pôde começar mais cedo do que hoje a impedir essa tendencia fatal da pelle que vai gradualmente piorando. Vejamos:

Já examinou o seu rosto á luz clara e forte? Não lhe parece que os seus póros vão engran-

Consultas gratis e estrictamente confidenciaes pelo correio.

BENIGNO NIEVA
Depto. "Hygiene e Belleza"
Caixa Postal 979
RIO DE JANEIRO

decendo, que a supuração no seu rosto se torna desagradavel pela oleosidade que lhe dá, que uns pequeninos pontos negros lhe apparecem á superficie? Se assim é comece hoje mesmo este especial tratamento:

Momentos antes de se deitar mergulhe uma toalha em um pouco de agua quente, applicando-a em seguida sobre o rosto até ficar avermelhado. Agora tome nos dedos um pouco de "CREME ZABELLA" e applique-o geralmente por toda a pelle fazendo em seguida uma massagem ligeira, até o rosto ficar quasi secco.

Então com a agua morna se lava muito bem, applicando logo a seguir uma passagem com agua fria. Sempre que seja possivel termine esta operação friccionando a cara com um pedaço de gelo.

Compre hoje mesmo um pequeno pote de "CREME ZABELLA" em qualquer drogaria, perfumaria e pharmacia ou dirija-se ao depositario.

Consultorio Technico
Mme. ZABELLA
Rua do Paysandú N.º 101
RIO DE JANEIRO

Uma mensagem ás pessoas anemicas e nervosas



Olha para aquelle par de rachiticos: porque não tomaram o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energia?

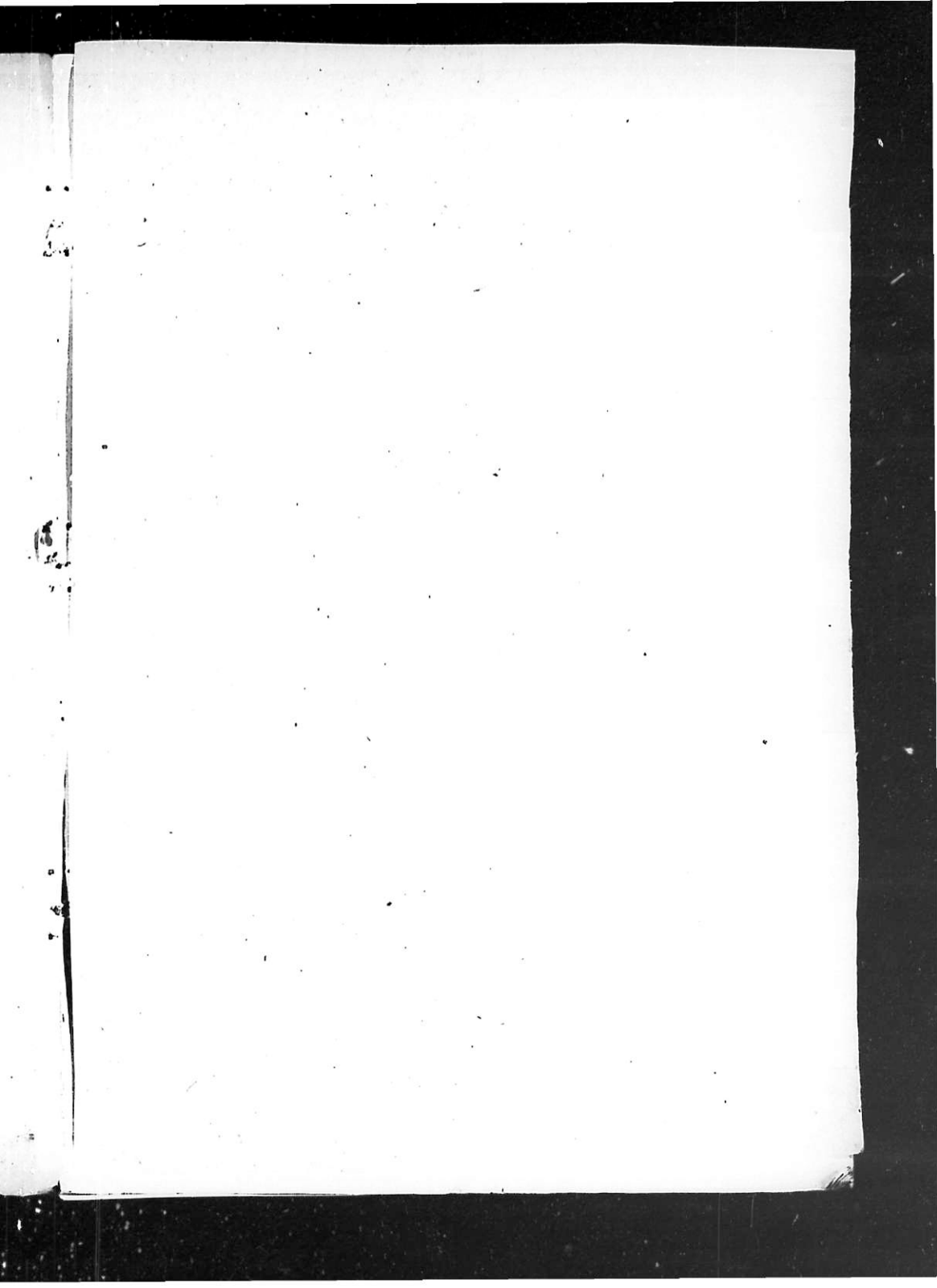
organico) a força regenerativa recém-inventada que tanto recommendam os medicos americanos e europeus: "Tome v. exa. duas pastilhas de "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) em cada refeição e pouco a pouco verá que suas bochechas se vão enchendo e que os ossos, particularmente os do peito e da região das costas, notar-se-ão menos cada dia. Ao terminar o tratamento, v. exa. ganha de 7 1/2 a 10 kilos de carne solida e permanente, sua digestão é perfeita e sua condição geral, mais satisfactoria.

Aviso: — O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso) excellent em casos de dyspepsia nervosa e outras doenças do estomago; porém os dyspepticos e doentes do estomago, não desejosos de augmentarem seu peso em 5 kilos pelo menos, não esqueçam o facto de que o "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso-organico) tem a propriedade de augmento de carnes massicas e saudaveis.

A venda em pharmacias e drogarias.

Unico depositario no Brasil

BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO



Assinatura annual para todo o Brasil 150000
Assinatura com registro 200000
Idem para o estrangeiro 300000

Revista Feminina

Redacção
AVENIDA S. JOÃO N. 87
Primeiro andar
Telephone N. 6059 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA STILLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1920

NUM. 79



ESTE monte mais alto de todos passava eu a minha vida como podia, ora em me ir pelos fundos vales que o cingem de verde; ora em me pôr, do mais alto delle, olhar a terra como se a acchar ao mar; e depois, o mar como se estendia logo após ella, para acchar onde o ninguém visse. Mas quando vinha a noite, accepta a meus pensamentos, que via as aves luzcarem seus penachos, umas chamarem as outras, parecendo que queriam assossegurar a terra mesma, então eu triste, com os cuidados dobrados com que annunciava me recolhida para a minha pobre casa. Assim passava eu o tempo; quando uma das passadas, pouco ha, levantando-me eu, vi a manha como se erguia formosa, e se estendia graciosamente por entre os vales; e deixar, logo, os altos; porque o sol, já levantado até nos peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorar da terra. As doces aves, batendo as asas, ahaviavam luzcando umas ás outras; os pastores tocando os seus frautas, e rodando de seus gallos, começavam assomar pelas cumieiras. Para todos parecia que vinha assim logo aquelle dia; os meus cuidados são, vindo como vinha, seu contrario, recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos, para quanto prazer e contentamento podera aquelle dia vir, sendo fora todo tão mudado; donde o que fazia alegre a todas as coisas, a mim só teve causa de fazer triste...

Este trecho de um de nossos classicos, o deliciao Bernarmino Ribeiro, narração de uma donzella, no qual a par da candidez e da ingenuidade de uma alma virginal transparece a magua da vida, veio-nos á penina nesta ultima chronica do anno que finda. Que é a vida senão aquella continua desilusão, aquelle entardecer que espera na manha para todos assim feita, menos para nossos cuidados?

Um anno mais se passou em nossas existências. Houve um inverno, uma primavera, um verão, um outono. Em certos mezes a vida pareceu-nos bella, promissora, fecunda, e quasi immorttal. Vestiram-se as arvores de galas, perfumaram-se as brizas de perfumes suaves, luziu o sol em novas luzes, prateou-se o luar de pratas novas, floriram os jardins com insólito esplendor, e num ar dionisíaco de festa pagão, nossos corações sonharam a felicidade no amor... Ah, como a vida era bella, como afiadamente cantavam os gorjeios dos passaros, como dithiramícos e catárticos nos pareciam os regatos, como nos embriagavam as brizas alodas, como tudo nos sorria d'aquelle sorriso que brota como as aguas das nascentes, das alfombras meditati-vas de nossa mais íntima alma... Viéssem dizer-nos, naquelles momentos, que tudo era illusão, que a felicidade que suppunhamos no ar era nosso coração que nelle se ergue-va! Viéssem dizer-nos, naquelles doces entevos, em que nossozamos nossas cabeças no peito amado, e em que sentíamos os cabellos transitados pelas mãos carinhosas de alguém que nos sussurrava amores, a perfidia nos espreitava, e que tudo aquillo lá passava celerem como a própria vida, pois onde floriam alegrias já se ameaçava a foice do mau ceifador... Não tanto, porém, que uma sombra se esboçasse no espaço. A luz foi, nos poucos, extinguindo-se, como si naquella grande cathedra de sonho, terminada

a festa da primavera, entrasse o inverno como um sacerdotio somnolento embriagado num monte branco, a apagar, um por um, os grandes candelabros que haviam dado a illusão do dia. Desmereciam as flores, mur-chavam as folhas, inclinavam-se os gallos, mur-aves, mudas, botiam asas e demudam dos ninhos. A própria cigarra, que cantara durante todo o sol, chorava sua miseria na breva... As almas desiludidas depois d'aquelle copo de vinho logo com que as embriagara o sol acorriam para a realidade mercenária. Na terra vista, a perder de vista, como espelho da erupção vulcânica dos dias felizes, só as cinzas das saudades, o canto triste da guitarra que verte lagrimas por um amor perdido...

Somente, agora, neste dezembro, aquelles dias; e porque os que foram tristes, e veles, em vossas mãos, quantos ficaram a chorar a desventura de haver sido felizes. Porque a vida é feita assim, numa corça de diamante verde, da que se tece para todos os calvarios, e que só é verde como a esperança para exceder seus espíritos aquilos. Sua volúpia, della vida, é divertirse quando nos cacha, como se divertiu o gato com o rato inesperto. Seus risos, seus hymnos, seus epigramas, seus dithiramícos, suas festas, seus musicos, seus applausos vêm, apenas, relaxar-nos, por instantes, o juço, para fazelo mais lembrado e de mais rude pensar. Ha um phenomeno unico e positivo na vida: é a dor; é a dor que nella nos dá entrada, e della nos despede. Eis porque as almas captivas d'aquelle fatal grilhão são procurar mais alto, para além das falsas primaveras que logo os invernos mondani, as terras de promissão de amor que não se extingue porque não tem materia, de sonho que se não desfaz porque não é de sonho de que se acorde, de alegria incessante porque nem se mede nem se pesa, nem se abrança nem se comprehende, porque nasce da vastidão e do mysterio do infinito que não nasce e não morre...

Polvos dos que nella não creem... Quando a desgracia lhes chove sobre o tecto voz alguma encontram que de seu íntimo os confortem. A tristeza entra-lhes a porta como entra a peste as portas da capitulação. Armas não têm para resistir-lhe, e voz para pedir socorro nega-lhe a alma deserente.

Que lhes importa que seja dezembro ou maio? O tempo é um só: o de fundir o outono, e amoldado é-lhes um melchiorismo que cada qual adapta a uma industria polymorphica: uma grande religião publico; cada passante lhe agita os ventos á hora de sua audição; os segundos são materia prima; os minutos artefactos; as horas especulação; especulação tão varia como a ambição; especulação de commercios, de vaidades, de honraras que se altairam para que deante se lhes prosterne o mesmo que o idolo fallaz erem... Porém, a vida se lhes decore como um punho de agua pelas frinças dos dedos mal fechados. Em vão correm, atumulam-se, derriam a socos os que lhes caem por deante, afastam a cotoveladas os que se lhes emparelham, abrem espaços, saltam para cima de motores que venhem delirantemente as distancias terra ou mar, ou céu... Correm todos para a morte com a illusão de que correm através da vida...

Felizes, pois, os que neste dezembro, ao ouvir os gallos do Natal e os ámos do Anno Bom sentem rebrotar-lhes na alma as verdades ergontes da esperança. O passado, triste ou alegre, bom ou cruel, é-lhes agua que

fluiu e se perdeu no mar morto das coisas esquecidas. O futuro é-lhes — boas almas! — o palácio encantado de marmores, de esmeraldas, de formaldas verdes onde para todos ha um mimo e um regalo.

Mais um anno se passou; mais um anno se amontou nos compassos de cinzas extintas que vamos deixando por trás de nossos passos; mais um anno o tempo fechou com sua lapide tumular. Vede, porém, que ninguém vive a seu enteiro... Um pequeno garoto alyssimino com um pedaco de carvão que apontou em algum fogo extinto escreve sobre a cel branca de uma parede: "Morra o anno velho... Viva o Anno Novo... Amanha ninguém se lembrará mais delle... Por que então acompanharmos seu equivo? Pois tudo na vida não é assim, o garoto alyssimino que escreve sobre as brancas paredes da ingenuidade o grito atrás da realidade perfida e ingrata?"

Corramos ao encontro do triumphador, do anno que nasce! Acreditemos que com elle vem a felicidade, que sabemos não existe... Sonhamos!

Felizes os que podem sonhar porque de real só ha na vida o sonho que se não realiza!

Anno bom! Anno bom! Recebam-o com palmas e festões, luminarias e cantorias. Anno bom! Corruçopla provida de dolivas, cesta plena de boncoes coloridos a carimim e polvilhos carnos. Mettelhe as mãos, vasculha-a! Talvez ali encontreis o que vos apetece... Talvez ali, entre aquelles boncoes, haja artificios que vos enamorem... Trezentos e sessenta e cinco dias vos dá elle para que procureis em sua corcheia si ha o que convinha á vossa felicidade. E quando vos convencerdes de que tudo ali é fallaz, outra corcheia vos trará o Tempo choin como esta de todas as illusões que lhe fornece vossa imaginação, e vossa acia triste de felicidade... Sonha!... Sonha com o poeta persão, Khayyam?

Tant que la rose embaume le rivage
Bois avec moi le rubis de la vie,
Et quand la mort te tendra son breuvage,
Frends-le d'un cœur léger qui se résigne...

Meia noite de trinta e um de dezembro... Replem os sinos, estragem os morteiros, espocam as fanfarras, siblam os apitos, aram as acclamações, alludam as multidoes, rufam os tambores, lumlam e rebumbam os bumbos e atabales, matraqueiam os recessos, chlam e reclinam os foguetes, cascateiam as gargalhadas, saltam as rollas dos vinhos espumantes... É tudo festa ao que se chega, visto no que triumpho... Polvre alma fiel por que choras o que partiu, o que sempre morren?... E' a vida... Vem, vem! Corramos como os outros ao encontro do que se erue!... Arrastode eu... Enfiacoe commico... Vamos! Vamos! Evohé! Evohé!... Morra 1920... Viva 1921...

... E o garoto a ríse, o corpo delirado, as mãos nas línguas repetete commico: Morra... Viva... Anno bom! Anno bom!

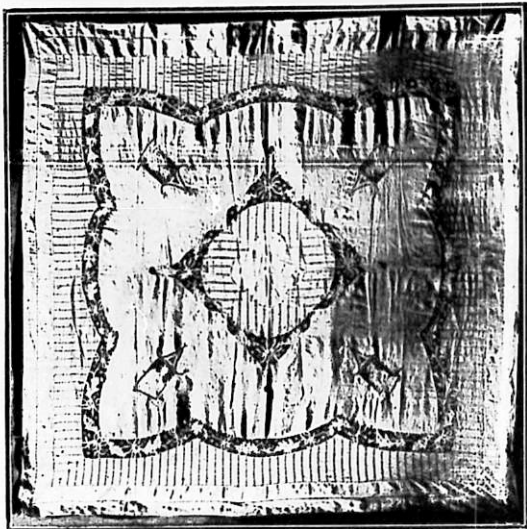
Anna Rita Malheiros.

(PARA A REVISTA FEMININA).

P. S. — Mais uma vez pedimos a todos os collegas do interior que costumam transmittir as brillantes chronicas de nossa querida collaboradora o obsequio de citar o nome de nossa Revista como fonte de suas transcrições.

Quinto concurso de trabalhos femininos

Entrega de dois premios: de 200\$000 e de 100\$000



TOALHA PARA CHÁ

Primeiro premio, de 200\$000, obtido pela senhorita Virginia de Monte Lobo.

Em nossa edição de Maio abrimos o quinto concurso, constante de uma toalha para chá, ficando marcado então para o seu encerramento o dia 30 de Setembro. Dias antes do encerramento, recebemos inúmeras cartas de diversos pontos do país em que nos pediam que adiassemos o encerramento, visto muitas das concorrentes não terem terminado os seus trabalhos.

As condições desse concurso, como as leitoras poderão verificar em nosso numero relativo ao mez de Maio, resumem-se ás seguintes: O objecto do concurso é uma toalha quadrada, executada em linho; suas dimensões serão de 180 por 180 centímetros; os trabalhos poderão ser executados á mão ou á machina, tendo, entretanto, primazia os primeiros; no julgamento dos trabalhos serão levados em linha de conta principalmente o bom gosto, a originalidade da criação e a perfeita execução delles; serão conferidos dois premios, um de 200\$000 e outro de 100\$000, respectivamente á primeira e á segunda concorrentes cujos trabalhos forem considerados os melhores pela commissão julgadora; o julgamento será feito por uma commissão de senhoras convidadas pela redacção desta revista; cada trabalho deverá trazer appenso a elle um envelope fechado, tendo dentro o nome da concorrente, e por fóra um pseudonimo e a palavra "Concurso"; todos os trabalhos deverão trazer, com o nome do concorrente, o preço em que

são avaliados, para o caso de apparecerem, como sue acontecer, compradores para os não premiados; os trabalhos premiados ficam sendo propriedade desta revista.

Foram essas, em suas linhas geraes, as condições que estabelecemos, e em nota accrescentámos as seguintes observações: Por muito bellas que sejam as peças em que entrem rendas e outros enfeites vulgares, perderão grande parte do seu valor, sendo portanto recommendavel que as nossas habilidosas amiguinhas se abstenham do emprego desses elementos de ornato. Nas cartas que acompanham as peças ha de estar declarado o preço por que devem ellas ser vendidas, caso não obtenham nenhum premio, ou a declaração de restituição caso as concorrentes não queiram expol-as á venda. As despesas para a devolução das peças correm por conta das expositoras.

Concorreram a este concurso as seguintes pessoas: Jounjou, S. Roque; Neni, Santos; Idalia, Santos; Esperança, Capivary; Eponina, Pernambuco; Dejanira, Pernambuco; Alpha, Rio G. do Norte; Marjaniinha, Capital; Mary, Capital; Annita Garibaldi, Capital; Alva, Campinas; Alita Mee, Sergipe; Pininha, Capital; Virgolina, Capital; Renata, Bagé; Marcelina, Fortaleza; Anta, Fortaleza; Bemzica, Theresopolis; Antoniana, Rio; Elmna, S. Carlos; Immaculata, Capital; Emma, Taubaté; Elvira, Santos; Rosita, Itú; Pastorinha, Pinda; Judith, Rio; Nhanhá, Mogy-



TOALHA PARA CHÁ

Segundo premio, de 100\$000, obtido pela senhorita Maria de Lourdes Conforti.

mirim; Castorina, Capital; Zézé, Rio; Botão de rosa, Rjo; Potyguarina, Santos; Violeta, Campinas; Vera, Seripe; Flor de Lys, Rio; Branca Flor, Rio; Mãe d'Água, Iguaçu; Iracema, Aracajú; Flor de Lotus, Fortaleza; Flor Murcha, Rio G. do Norte; Dona, Parahyba do Norte; Espiguilha, Pinda; Bebê, Capital; Manola, Batataes; Ruth, Olinda; Amor Perfeito, Campos; Rhéa, Recife; Odaliska, Parahyba do Norte; Seda e Linho, Capital; Euphrasia, Campos Novos; Dhália, Capital; Balsamina, Recife; Itala, Capital; Odette, Matto Grosso; Campanula, S. Roque; Renê, Iguaçu, e Martha, Goyaz. Além destas concorrentes ha mais seis, que, não adoptaram pseudonymos e assignaram os seus trabalhos. Essas concorrentes serão designadas pelas suas iniciaes: M. B. L., Campos; N. O. de C., Capital; A. M. C., Capital; E. P., Taubaté; A. A., Goyaz, e M. T. de O., Rio.

Enviaram-nos, pois, trabalhos para o nosso quinto concurso 62 concorrentes.

No dia 20 de Novembro, ás 12 horas, reunida na sala de exposição, annexa a esta redacção, a comissão julgadora, procedeu-se ao exame das peças. A comissão procedeu nessa tarefa com o escrupulo e espirito de justiça que a caracterisam. A's seis horas da tarde, hora em que se fecha o expediente da revista, ainda não tinha a comissão julgadora examinado senão um terço dos trabalhos submettidos a concurso, e só no dia 25 é que pode apresentar o seu laudo.

O laudo da comissão é o seguinte: Primeiro premio, de 200\$000, á senhorita Virginia de Monte Lobo, residente nesta Capital, á rua Riachuelo, 26, pseudonymo "Piniha"; Segundo premio, de 100\$000, á senhorita Maria de Lourdes Conforti, residente em Capivary, pseudonymo

"Esperança", e menção honrosa a d. Guillermina Walter, S. Roque, pseudonymo "Joujou".

O trabalho ao qual foi conferido o primeiro premio é verdadeiramente um labor de arte, muito bello no seu effeito de conjunto e em cada um dos seus detalhes. O conjunto é harmonioso, elegante, e a execução da peça revela um labor meticoloso. É uma moldura de folhas de carvalho e crysanthemos em bordado Richelieu, guarnecida, á pequena distancia da bainha, em ponto aberto, ressaltando num fundo de desfiados parallelos. Em cada canto ha um lindo motivo japonês em Richelieu, representando uma "Geisha" perfeitamente bordada e do mais gracioso effeito. No centro repete-se o mesmo motivo de carvalhos e crysanthemos, porém em losango de cantos alongados sobre um fundo de desfiados e um centro liso. O bordado, executado sobre finissimo linho de tecido muito equal, é de um effeito surpreendente, tornando-se esta toalha digna de figurar entre a "lingerie" mais elegante e de ornar a mais rica mesa de chá.

A peça que alcançou o segundo premio é executada em Richelieu e bordado inglez e cheio e ornada de uma linda renda de filet toda feita á mão. Esta peça, como a outra, é de um notavel effeito e acabada com um excessivo rigor, podendo fazer realçar as mais finas porcellanas e os mais delizjados crystaes de uma mesa elegante.

A peça de d. Guillermina Walter, que mereceu menção honrosa conferida pela comissão julgadora, é, no genero, uma peça notavel, que se recommenda pela graça do conjunto e pelo cuidado do seu acabamento.

A disposição das duas concorrentes premiadas, senhoritas Virginia de Monte Lobo e Maria de Lourdes Conforti, ficam nesta redacção as quantias de 200\$000 e de 100\$000.

A MENSAGEM DO VENTO



Ao lado esquerdo da rua e quasi no extremo della, erguia-se, rodeado de jardins, o palacete dos Valsoler.

Tinha este palacete, junto ao vestibulo ornado com plantas exóticas que emergiam dos vasos japonezes, um lindo salãozinho Luiz XV, que era o preferido da primogenita da familia, a Maria Thereza Valsoler, talvez porque os tons suaves da decoração, a elegante fragilidade das alfaias, a delicadeza das figurinhas de Sevres e Saxe, os reposteiros de seda pallida esmaecida apanhados por grinaldas de rosinhas pretas com laços de um azul tenue, harmonisavam-se deliciosamente com seu corpinho grácil, com seus vaporosos cabellos castanhos, com o oval puro do seu rosto rosado, com toda a sua encantadora figura, digna da arte amavel e fina de Boucher e de Watteau.

Alli conversava ella, naquella noite, com seu noivo, sob a vigilancia materna, enquanto no gabinete visinho suas irmãs, duas lomquinhas, de cabellos soltos, martyrisavam a quatro mãos uma sonata de Clementi, pontuando com risadas frescas as notas falsas e os compassos errados. A mãe admoestava-as carinhosamente:

— Meninas, por Deus! Tenham um pouco mais de compostura!

E voltando-se para o futuro genro, acrescentava:

— Já viu você, Roberto, meninas como essas! São umas loucas, não é verdade?

Roberto, porém, empenhado em convencer á sua noiva de que na proxima recepção da legação americana, seria ella a mais formosa e a mais elegante das convidadas, nem se lembrava de dar a sua opinião sobre o estado mental das suas futuras cunhadinhas, até que Maria Thereza, com uma cotovelada discreta, o obrigava a responder.

— Ah! sim, senhora, — respondia então com o mais amavel dos seus sorrisos, e tornava rapidamente a retomar o assumpto, em voz baixa, para evitar que a conversa se generalisasse.

A quarta interrupção, tomou o rapaz uma resolução heroica: levantou-se, foi buscar o seu sobretudo, tirou de um dos bolsos os jornaes da tarde e umas revistas illustradas, entregou-os á sogra, assegurando-lhe que estavam interessantissimos, e voltou muito satisfeito a occupar o seu lugar.

Maria Thereza, que tinha observado todas aquellas manobras, falou-lhe baixinho, contendo o riso:

— Que mal creado que és! Mamãe deve estar zangada.

— Ora! Porque? Ella bem sabe que eu não venho aqui para discutir os dotes pianísticos das meninas, e sim para te ver, unicamente para te ver. E parece que a mamãe não tira os olhos de cima de nós...

— E's insupportavel, ciciou a moça, ruborizada.

A senhora, ao receber os jornaes, lançou a Roberto um olhar fulminante, um olhar cheio de amargas recriminações sobre a educação da mocidade de hoje em dia; mas, adaptando-se philosophicamen-

te ás circunstancias, acabou por folhear os jornaes e merculliar na leitura.

— Ao cabo de um instante lançou uma exclamação desolada:

— Oh! que desgraça!

— Que é? Que aconteceu, mamãe?

— Uma noticia tristíssima que acabo de ler neste telegramma. O pobre Octavio descea o Madre de Dios em uma canoa com outro seringueiro e varios indios, quando uma forte correnteza virou a embarcação...

— Perceeram todos?

— Os indios salvaram-se a nado. Dos outros dois infelizes nem os corpos foram encontrados. Que desgraça, meu Deus! que desgraça!

— Era parente da familia? — indagou Roberto, receioso de ver frustrada a festa diplomatica da semana proxima.

— Não, mas é nosso conhecido desde menino. Seu pae foi amigo de infancia do meu marido, e embora depois vivessen afastados, sempre os ligou a mais sincera amizade. Quando morreu, deixando á sua familia, como herança unica, uma mesquinha pensão, meu marido a protegeu o mais que ponde, principalmente a este Octavio, que era o menor e unico filho varão. Encarregou-se de mantel-o num collegio, e, quando terminou seus estudos, arranhou-lhe um empregozinho num banco. O rapaz era sério e trabalhador; não tinha grandes obrigações porque a mãe lhe morreu e as irmãs casaram. Ia elle prosperando, conquistando pouco a pouco uma bonita posição, quando do dia para a noite mettu-se-lhe em cabeça ir explorar as fabulosas riquezas dessas regiões do Oriente, que são o El Dorado da juventude. Soubemo-lo por uma carta que nos escreveu ao partir, reiterando a sua amizade e a sua gratidão. Eu julguei o seu intento uma aventura de louco; meu marido, um rasgo de energia viril... Vejam vocês, ainda se não passaram oito mezes... Já se passaram mesmo oito mezes, filha?

— Não sei.

— Bem, não transeorreu muito tempo para que minhas predições se realisassem.

— Muito tristes — commentou o moço com uma indifference cortez, e retomou novamente a sua palestra *sotto voce*.

Mas Roberto não tardou em notar que o dialogo, tão animado momentos antes, parecia querer converter-se em mono'logo. Maria Thereza só lhe respondia com phrases breves e truncadas.

— Não creio que a noticia te houvesse impressionado tanto — falou o rapaz com azelume — Tu a ouviste em silencio, sem um comentario... talvez a intensidade da commoção...

— Talvez.

— Então devo felicitar-me pelo desaparecimento de um rival.

— Não fales assim. Pobre rapaz!

A expressão piedosa dissipou os cumes posthumos de Roberto. Um "pobre rapaz", um humilde protegido não podia inspirar os mesmos sentimentos que elle, brilhante despostista, arbitro da moda, forte, elegante, rico. Tranquillizado com estas reflexões, que lhe não davam muita autoridade em psychologia feminina, disse com certa condescendencia:

— E' justo que sintas o desastre. Mas, na verdade — ajuntou com essa fatuidade egoista que é, nas relações amorosas, o fundo de toda natureza masculina — pensava que minha presença podia alliviar a tua dor, distrahir-te...

— Já vês que não.

— Se de tão pouco te sirvo, é melhor que me vá embora.

— Como quizeres.

— Pois boas noites.

Levantou-se num impeto, despediu-se da senhora Val-soler e sahii pela porta do vestibulo, enquanto Maria Thereza, sahindo pela opposta, se dirigia para os seus aposentos.

A velha dama assistiu á scena com essa benevolencia compassiva que sentem os velhos pelas vehemencias da juventude. E pensou:

— Os arrufos do costume. Como estarão azedos amanha!

A menina pensava a mesma coisa, e sem dar grande importancia ao passageiro aborrecimento do seu noivo, começou a recordar o tragico successo com uma intensa e exaltada sensibilidade, augmentada ainda por uma sombra de remorso.

— Remorso! porque, meu Deus! — perguntou a si mesma, angustiada — Que culpa tenho eu nessa viagem fatal?

Não, não tinha culpa nenhuma; mas a verdade é que era a causa involuntaria, inconsciente. De qualquer maneira ella era a causa. Desde os treze ou quatorze annos, seu precoce instincto de mulher havia adivinhado aquelle culto secreto e fervoroso que lhe tancava o pobre moço. Elle tinha dezoito annos. Sempre encolhido e mal trajado, não tirava os olhos della. O tempo passou. Ella foi ganhando graças e loucarias, elle gosto pela elegancia do trajar e um certo desgarre nas manieiras. Mas quando estavam a sós, mostrava-se elle timido e reservado, embora e'la, para o desembaraçar, lhe recordasse a sua velha amizade, e profudalivava-lhe sorrisos e atencões delicadas, lisonjeadas intimamente com a silenciosa admiración de que era objecto.

Mais tarde, ao acceler, feliz, ás amorosas sollicitações de Roberto, nem lhe occorreu que, no seu ingenuo egoismo de menina mimada, essa ventura pudesse ser empunada pelo soffrimento do outro.

Bem a comprehendeu, porém, naquella tarde do ultimo domingo de setembro, embora dissesse o contrario á sua mãe, quando chegou Octavio ao jardim, onde ella, reclinada num banco que rodeava o tronco de um salgueiro e á sombra da sua fronde faria-lhe, descançada sonhando. Elle cumprimentou-a, sentou-se ao seu lado, trocaram algumas phrases triviaes. De improviso, bruscamente, perguntou-lhe o moço:

— E' verdade que vaes casar?

E ella, com um embaraço que a indignava contra si mesma, respondeu:

— Sim, mas não logo. Talvez daqui ha um anno.

Passou um silencio entre os dois. Octavio cortou-o, falando com voz lenta e aos arruços:

— Para nós dois soot a hora de mudar de vida: tu casar, eu vou-me embora, para longe daqui, para tentar fortuna em regiões remotas, em Madre de Dios. Verdade é que o nome é symbolico para um pobre diabo como eu. A moça tentou dissuadi-lo, convenceu-o que aquillo era uma aventura perigosa, uma verdadeira loucura; mas elle atalhando-a, continuou:

— Estou decidido, completamente decidido. Só te peço que guardes segredo dessa viagem, para poupar-me discussões inuteis e penosas, porque me sinto não sei como, enervado, nervoso, romantico... que sei eu? Imagina que passo horas e horas a ler versos, versos chorosos e sentimentaes. E até (vões-te rir de mim) eu, que nunca peguei da penna senão para allinhar cifras, dei-me ao luxo, hontem á noite, inspirado sem duvida por uma musa mais brinçalhona que compassiva, de traduzir um soneto italiano. Aqui o tens.

E já de pé, apertando a mão de Maria Thereza, accrescentou, esforçando-se por sorrir:

— Que Stecchetti me perdoe o atrevimento e tu a dacia. Adeus.

— Adeus, não. Havemos de nos ver. Espero-te.

Elle esboçou um gesto negativo; e, libertando-se da amistosa pressão, afastou-se, afastou-se para sempre, triste enamorado sem ventura.

As amargas recordações evocadas opprimiam o coração de Maria Thereza. Seu peito offegava em ancia. Quiz respirar um ar mais puro e mais livre, e abriu-a a janella que dá para o jardim, apoiou-se ao parapetto. Penetrada da melancolia da noite quieta, recitou em voz baixa o soneto plangente:

Se, á noite, reclinada ao teu balaço,
Sob a luz palpitante das estrellas,
Te trouxerem as brisas tagarellas
Uma voz que te chama com paixão;

E se das flôres, afastando um galho,
Entre as quaes te te vi á vez primeira,
Umhas colheiras, humida de orvalho,
Para te ornar a loura cabelleira;

Não acredites que essa gotta pura
E' agua, nem é brisa que murmura;
E' um vestigio de pranto e de desejo.

Sou eu, querida, que, de amor penando,
No instante de morrer ainda te mando
Minha ultima queixa e ultimo beijo.

No alto, na limpidez do céu outonal, palpitavam serenamente as estrellas. Vagos rumores nocturnos povoavam a obscuridade do jardim. Uma aura fria, saturada da alma aromática das flores, roçou carinhosamente o rosto de Maria Thereza. Pallida e medrosa, fechou violentamente a janella e refugiou-se em sua a'cova, illuminada pela claridade rosea de uma lampada...

ANGELICA PALMA.

NOTA: A traducção do soneto de Stoechetti, feita pela autora deste conto, é em lingua hespanhol. A redacção, traduzindo o conto para portuguez, traduziu tambem o soneto, não directamente do italiano, mas da verso hespanhola.

El-o:

Si una noche asomada a tu balcón,
bajo la claridad de las estrellas,
te trae la brisa leve las quevillas
de una voz que te nombra con pasión:

Si de las flores del Jardín umbrado,
entre las que te vi por vez primera,
cojes una, perlada de rocío,
para adornar tu blonda cabellera.

no creas que esa gota transparente
es agua, ni que el viento se lamenta:
triste vestigio es del llanto mío.

soy yo, que de mi amor en el exceso,
en el instante de morir te envío
mi ultima queja y mi postrero beso.

NOSSA PRESENTE EDIÇÃO

As nossas assignnantes, ao receber, como premio de assignnatura, a presente edição, não podem calcular quanto ella nos custou em esforços e dinheiro dispendidos. Se a edição fosse pequena, composta apenas de uma meia duzia de milheiros de exemplares, não viriamos nós por estas columnas soltar o nosso "uff!" triumphante; e se o fazemos é porque a nossa tarefa foi exhaustiva, o nosso esforço foi muito além do que cuidavamos ao inicial-a e porque as despesas ascenderam ao triplo do orçamento calculado. A presente edição, sendo destinada a todas as assignnantes, a todas as nossas numerosas leitoras habituaes, á venda avulsa, que é dia a dia mais crescente, e sendo tambem destinada para a propaganda da revista por todo o correr do anno entrante, precisava forçosamente de ter uma tiragem excepcional. Acontece, porém, que o preço do papel já era excessivo, já era absurdo ao tempo em que fizemos o orçamento de despesas para este numero do Natal, e de então para cá não só o preço do papel ainda subiu, como se operou um grande desequilibrio entre o valor da nossa moeda e o do dollar. O papel, pois, custou-nos, para esta edição, a bagatella de algumas dezenas de contos de réis. Mas não é só com esse elemento que se confecciona um magazine: accrescente-se a elle a composição typographica, a impressão, os clichés, muitos dos quaes em trichromia, a brochura, a tinta, a collaboração e mil outras despesas necessarias e forçadas, e facilmente verão que o custo desta edição alcançou muitas dezenas de contos de réis.

Como vêm as nossas gentis assignnantes e leitoras, nós não poupamos sacrificios no interesse exclusivo de lhes agradar, de cumprir as promessas que fazemos e de ampliar cada vez mais o nosso programma. Mas é preciso que a esse sacrificio, que é grande, corresponda, por parte das nossas assignnantes, um esforço, embora pequeno; é preciso que ellas venham ao nosso auxilio, que continuem a dispensar á nossa revista a mesma calorosa sympathia

com que sempre a acolheram e que, hoje, mais do que nunca, não deixem ficar atrazadas as suas assignnaturas. Porque — nunca nos cansaremos de o advertir — o atrazo nas assignnaturas é o que mais nos embaraça e o que mais difficuldade traz para a administração da revista e para o funcionamento do serviço. Como é natural, a assignnante que ficou atrazada, não querendo ver desfalecida a sua collecção, soe reclamar os numeros atrazados quando renova a sua assignnatura. Ora, succede não raro que os numeros se exgotam e ficamos nós impossibilitadas de satisfazer a todos os pedidos. Se isso accarreta aborrecimentos ás nossas leitoras, muito maiores acarreta a nós, porque esses pedidos, que são constantes e aos quaes não podemos satisfazer, perturbam o bom andamento do nosso serviço de remessa.

Appellamos, portanto, para a boa vontade das nossas amigas, rogando-lhes que mandem renovar as suas assignnaturas o mais breve que lhes fór possível. Não cremos que isso lhes custe muito esforço, senão o gesto facil de enviar-nos, por vale postal, a quantia de 15\$900; não cremos tambem que essa quantia lhes seja pesada, porque nos lares mais modestos gastam-se, no decurso de um mez, quantias maiores em despesas inuteis e em frivolidades, ao passo que essa quantia, dispendida annualmente numa assignnatura desta revista, promette resultados e imperciveis. Não esqueçam as senhoras brasileiras que a leitura constante da "Revista Feminina" educa o espirito, distrae, fortalece a moral, propina os ensinamentos mais uteis sobre todos os conhecimentos humanos, ao mesmo tempo que lhes fornece as noticias mais recentes ácerca de assumptos que dizem respeito á mulher.

Com este numero completamos a collecção do anno que finda. Temos já á venda, nesta redacção, a collecção da revista, elegantemente encadernada em percaline de diversas cores, e pelo preço de 25\$900 cada volume, incluindo o registro pelo correio.

A mulher e o espelho



O primeiro olhar que no Paraíso, nossa mãe Eva dirigiu a Adão, foi para os seus olhos. E' isso, pelo menos, o que contam as pessoas entendidas em assumptos paradisiacos... E devia ser assim, porque Eva, ao contemplar aquellos olhos, não viu o brilho do iris nem a ardente humidade da cornea, mas sim um espectáculo muito mais interessante para ella, o agradável e surpreendente espectáculo da sua imagem reflectida nas dilatadas pupilas de Adão, nas quaes poude admirar a sua belleza... Neste episodio do Paraíso, mais certo do que hypothetico, se apoiam muitos philosophos pouco galantes e muito hereticos, para affirmar que esse olhar intenso e prolongado de Eva sobre o pae Adão, foi a primeira coquetteria amorosa que usou a primeira mulher com o primeiro homem que encontrou no principio da Vida...

Nós, mais galantes e muito menos hereticos que os taes philosophos, somos, entretanto, forçados a confessar que estamos de inteiro accordo com elles. O olho de Adão foi a origem do primeiro espelho. Só mais tarde é que appareceu o espelho liquido, quando a mulher descobriu sua imagem reflectida n'agua.

Dizem que todas as grandes e uteis invenções são devidas exclusivamente ao homem e sem nenhuma participação da mulher. Não sabemos se é isso verdade. O que podemos garantir, não só pela affirmação dos philosophos como por indução, é que o espelho foi invenção da mulher, atravez de todas as suas modificações.

Não estamos dispostos a fazer a historia do espelho, que resulta na historia da mulher, desde Eva até ás nossas vaidosas patriciasinhas. Esta empresa é enorme demais para os hombros de um só homem. Para o nosso modesto proposito, bastam algumas citações tomadas como

valioso testemunho e de facil comprovação, ao alcance de qualquer.

Todos os eruditos, nesta complicada e complexa materia, situam a origem do espelho na mais remota e obscura antiguidade. E logo, com successivas etapas de apogeo e decadencia — no que diz respeito ao seu aspecto decorativo e artistico — a Historia assignala, como principaes periodos, seu uso no primitivo Egypto, em seguida entre os phenicios e na antiga Grecia, depois em Veneza e Florença, mais tarde em França, e por fim no Brasil, trazido pelos seus primeiros colonisadores, para presentear com elle as graciosas virgens botocudas...

Sua historia anecdotica é interessante e riquissima.

Uma das primeiras menções que se fazem ao espelho é a que se lê no capitulo XXXVIII, versiculo 8.º do "Exodo", quando Moysé ordena ás mulheres que não levem consigo espelhos quando passarem á noite pela porta do Tabernaculo.

Em textos, infolios e antigas obras de genero literario ou historico, encontram-se numerosas menções. Euripides, em sua "Hécuba", fala em "espelhos de ouro", o que indica que os espelhos metallicos já eram conhecidos entre os gregos na época da guerra de Troya. As leitoras já sabem, porventura, que os espelhos primitivos eram feitos de lamina de ouro, prata e outros metaes de superficie polida, e de algumas pedras preciosas de certo genero, chamadas "obsidianas", especie de pedra muito dura que se achá na Africa e na America.

Sophocles nos apresenta Venus contemplando-se a um espelho, depois de haver-se perfumado com essencias aromaticas. Xenophonte, na "Cyropedia", e Platão, em "Timéos", tambem alludem ao espelho e ao uso excessivo que delle faziam as mulheres do seu tempo. Pausanias dá tambem noticia de um espelho que estava incrustado no muro de um templo, e incrustado de tal maneira, que, segundo contam, os que se acercavam





delle para se mirar, não conseguiam ver o rosto senão confusamente, mas, em compensação, viam, com a mais perfeita clareza, as estatuas dos deuses e deusas que havia no templo.

Nero, que, entre os seus numerosos vícios, também padecia do vício do narcisismo, possuía, consoante asseguram, um espelho feito com uma esmeralda de enorme tamanho.

Goya, pintor hespanhol, em uma das suas famosas aguafortes satíricas, ridicularisa este vício da coquetteria feminina, que poderíamos denominar "monomania auto contemplativa". O título que Goya deu ao seu quadro, é "Até á morte", e o desenho representa uma velha decrepita, esquelética, que, em presença de seus amigos, retoca o seu penteado a um espelho. Ao pé da gravura ha uma legenda que diz: "Faz muito bem em por-se guapa, porque são os seus últimos dias de vida".

O immortal Cervantes também não se esqueceu de alludir, com uma inimitavel ironia, em muitos passos da sua obra, ao característico vício da coquetteria feminina. A scena em que Dorothea é surpreendida a lavar os pés (Parte I, capitulo XXVIII de "D. Quixote"), deixa comprehender que a causa do seu descuido é justificada por achar-se ella completamente absorvida na contemplação da sua imagem na agua em que se banhava.

Milton também apresenta Eva penteando-se deante do espelho das aguas. Mas isto deu-se depois, pois, segundo dissemos, o seu primeiro espelho foi o olho de Adão.

Goethe conheceu a transcendental influencia que o espelho exerce no espirito feminino; e quando Mephistopheles entregou á Margarida a caixa de joias para seduzil-a, não alcança o effeito que tem em vista enquanto a incauta donzella amada de Fausto não contempla o collar ante um espelho. Desde esse instante, Margarida está definitivamente seduzida.

Erasmus de Rotterdam, em seu "Elogio da loucura", não se esquece de flagellar, com sua attica critica, o uso e o abuso que as damas fazem do espelho.

No Museu do Louvre existe um espelho que pertenceu á rainha Maria de Médicis. Todo elle é de crystal de rocha, fundamente biselado, adornado de ágathas talladas e com moldura de ouro esmaltado. Acha-se collocado em uma columna de jaspe oriental com frontão de onix e ornada de sardonicas. Essa columna tem ainda, a adorna-la, numerosas pedras preciosas montadas em garras de ourivesaria artistica. Este artistico espelho foi avallado, ha mais de um seculo, em 150.000 libras. Hoje vale mais de um milhão.

Para terminar, transcrevemos aqui uma curiosa estatística organisaada por um observador anonymo:

"Desde a idade de seis annos pode-se dizer que uma menina, até aos dez, passa cerca de sete minutos por dia deante do seu espelho; de dez a quinze annos, emprega um quarto de hora; de quinze a vinte, a joven tem necessidade de olhar-se vinte minutos; de vinte a trinta, a maioria das mulheres passam uma meia hora por dia deante do seu confidente favorito. Depois de trinta annos, a mulher começa a mostrar menos interesse em ver-se ao espelho, e de cincoenta a sessenta annos, raro será que permaneça seis minutos deante delle.

"Assim, pois, uma mulher, que attingiu os seus quarenta e oito annos, terá perdido, em contemplar a sua imagem, umas mil e seiscentas horas, isto é, oito mezes completos, e isto no caso de não ser ella excessivamente vaidosa".

Segundo todas estas considerações, podemos affirmar que se a mulher não nasceu juntamente com o espelho, é indubitavel que o espelho nasceu como consequencia da mulher, porque o espelho é alguma coisa como o complemento e uma prolongação do corpo e do espirito femininos.

Estas considerações acerca do espelho não visam absolutamente offender a mulher, senão exalta-la, porque a mulher que não é vaidosa, que se não prepara avidamente deante do espelho, que não estuda as expressões mais agradaveis da sua physionomia, é indigna do seu sexo, e o que mais é, indigna da admiração do homem.





CONTO MEDIEVAL

DE

AUGUSTO OLMEDILHA

A Poesia da Saudade

Dona Hormosinda, a velha irmã do conde, aproximava-se do ocaso da vida, sem jamais ter experimentado as doces inquietações do amor, que tanto infelicitam e tantas esperanças dão de felicidade! Sua vida foi quasi monastica, vivendo sempre recolhida no castello roqueiro de seu pae, herdado depois por seu irmão don Nuno. Única mulher da familia, desde que lhe morrera a mãe, não teve outra companhia senão a de uma dama velha, que tambem morreu. E enquanto os homens guerreavam em longes terras, defendendo contra o sarraceno as cores do Lábaro, ella, triste, recostada em seu alto espaldar brazonado, sob a ogiva da torre de menagem, fiava o seu alvo linho, contemplando a campina verde, que se estendia deante de seus olhos, e ouvindo o marulho das ondas, que pareciam entoar endeixas de uma poesia barbara...

Uma noite — ha quanto tempo já? — as endeixas não lhe chegaram aos ouvidos entoadas apenas pelo mar revoltante, mas tambem pelos labios de um bardo erra hundo, cujas mãos iam roçando, inspiradas e ardentes, as cordas de um alaúde. Hermosinda, levantando-se, pallida de commoção, deu á velha dama, e esta ao guarda do castello, ordens para que fosse acolhido o cantor e lhe fossem offerecidos abrigo e ceia. Já o dia se annunciava com roseos clarões no horizonte, e ainda dona Hermosinda não pudera conciliar o somno, pensando naquella inesperada aventura, unica até então que romperia a monotonia desesperadora da sua existencia. Era o amor talvez que chegava á sua porta!

Veiu o dia. O sol rompeu, quente e luminoso, e os seus raios, que têm sempre o destino de dissipar os sonhos, dissiparam os devaneios da dama apaixonada. Porque o bardo errante, o cantor cuja voz soluçava na noite, não era o mancebo que a sua imaginação febrilmente aguardava, mas um pobre velho corcovado, de pernas em arco e pelle encarquilhada.

O desencanto de Hermosinda foi enorme. Ante tal

...Era uma trova romantica, dolente, em que o poeta se confessava ferido de amor pela formosa castellã...

decepção, voltou as costas ao cantor, sem se dignar corresponder às suas saudações e aos seus commovidos agradecimentos. Um escudeiro despachou-o, conduzindo-o para além da ponte levadiça. Chorando de raiva, voltou ao seu canto, sob a ogiva, na torre de menagem, e encostando-se novamente em seu alto espaldar, derrubou a fronte amargurada enquanto a ampulleta ia cantando, grão a grão, as horas daquelle dia triste.

Assim chegou a noite; e de novo, acompanhada pelos bordões graves do alaúde e pelo marulhar sonoro das vagas, a voz do trovador se fez ouvir. Era uma trova sentida, romantica, dolente, em que o poeta se confessava ferido de amor pela formosa castellã, e resentido pela sua frieza, afastava-se para longe, para muito longe, empôs dos cruzados de Pedro o Ermitão, para buscar nos riscos da guerra o consolo aos seus males de amor.

A madura donzella, vencida pela belleza da trova, suspirava, contendo o coração sófrego com as mãos tremulas. Que pena que tão doces trovas brotassem dos labios de tão feio galã!

Não teriam errado os seus olhos aquella manhã? Instinctivamente apoiou-se ao peitoril e olhou... Não, não estava enganada. A luz da lua, com ser tão macios os seus raios, amla o tornava mais disforme, mais grotesco, mais repulsivo...

Fugiu da janella para não ouvi-lo, e fez o firme proposito de o esquecer.

Nunca mais teve noticia do galã de pernas em arco e pelle encarquilhada. Ninguém mais lhe deu noticia daquelle hospede de poucas horas, que nenhum vestigio deixou da sua passagem pelo castello roqueiro. Entretanto, a bella e madura castellã não cumpriu os seus propositos de esquecimento: longe delle, à medida que passavam os dias, os mezes e os annos, mais forte era a recordação, mais intensa a saudade. E ella vivia de recordal-o, não como elle era na realidade, mas como ella o sonhara antes de vê-lo, como cuidava encontrar-o quando lhe conhecia apenas a voz, grave e sonora, soluçada na noite...

□ □

Ao cabo de algum tempo o conde don Nuno, irmão de Hermosinda, aproveitando uma tregua, regressou aos seus lares. E enamorado de uma formosa dona que em outras terras conhecera, com ella casou-se, e foi ditoso. Com elle, pois, vieram a esposa e tres loiras creancinhas, que alegraram o castello com suas risadas infantis.

Entretanto, triste e melancolica, Hermosinda, gastando a sua esteril juventude na solidão dos seus aposentos, continuava, dia e noite, recostada em seu alto espaldar, a fronte pendida, fiando os seus fios de linho alvo, sempre com os ouvidos attentos, na esperanza de escutar de novo, á hora do occaso, as poeticas palavras de uma trova e os bordões graves do alaúde...

□ □

E succedeu que as tres meninas cresceram, todas ellas airozas e lindas. E chegou um dia em que deixaram de brincar com suas bonecas de panno e entraram a ter preoccupações de outra natureza. E em vez de procurarem a sua velha tia Hermosinda para lhe pedirem narrações e

novellas maravilhosas, procuravam-n'a para falar de outros assumptos. Uma tarde, chegaram as tres, Flora, Luzia e Laura, rodeando a melancolica fiandeira: e a mais moça dellas, Laura, perguntou-lhe:

— Dizei-nos, tia Hermosinda, quando ereis moça tives-tes amores?

Dona Hermosinda, deixando calir no regaço o linho e o fuso, ficou um momento pensativa. Uma leve cõr de rosa cõrou-lhe o rosto pallido. Por fim, num suspiro, disse:

— Tive amores tambem. Mas ha quantos annos!

— E era galhardo o galã que vós amaveis?

Dona Hermosinda suspirou fundamente e vo'veu os olhos para o arco da abobada.

— Por certo que era! Galhardo como poucos e como poucos valoroso e nobre. Que lindas trovas as suas quando cantava ao pé do castello! Quanto arrojo mostrou nos torneios e nas justas! Foi a sua temeridade que o perdeu, fazendo-o encontrar a morte lutando contra os infieis para resgatar das suas mãos impuras o Santo Sepulcro de Nosso Senhor.

E as tres donzellinhas, Flora, Luzia e Laura, afastaram-se pensativas, enquanto a fiandeira, retomando a sua tarefa, estremeia toda ao recordar aquellas mentiras tão doces... Tinha-as improvisado, acaso, para não confessar que toda sua existencia fõra solitaria e monotona? Não: ella não fizera mais do que dizer as chimeras creadas pela sua imaginação.

□ □

Desde então, o ideal das tres meninas foi ser amadas por donzeis, que egualassem, em valor, qualidades e merecimentos, ao valoroso trovador que amou tia Hermosinda, e que morresse gloriosamente na Terra Santa.

E quando Flora teve o seu adorador, guapo donzel, que a pediu em casamento, correu a perguntar á tia:

— Era tão galhardo como este o mancebo por quem fostes amada?

Dona Hermosinda sorriu enigmatica. O seu sorriso, o seu gesto de cabeça, queriam dizer, entretanto, que o seu galã trovador era mais bello e que valia mais que aquelle.

Flora afastou-se, desconsolada.

Outro tanto succedeu com Luzia e Laura ao ser pretendidas por guapos mancebos: a mesma pergunta á velha tia, a mesma resposta negativa, e o mesmo desconsolo depois. E quando em meio das solemnidades ruidosas, musica de frutas e tamborins, justas, torneios e cavalladas em frente das tres jovens e bellas desposadas, se celebraram simultaneamente as tres uniões, na frente dellas se desenhou uma magua: a magua de não haverem encontrado um galã que egualasse aquelle cujo fim tragico a velha tia Hermosinda ha tanto anno lamentava...

□ □

Assim é que a Vida nos engana, mostrando-nos aavez da lente da Illusão o scenario mentiroso da allheia ventura.

De resto, a Recordação semelha-se tanto á Esperança...



Os tres reis do Oriente

Foi numa certa noite de Natal, noite glacial e tenebrosa, sem haieis nem serenatas, sem rios nem bandeiros, sem presepes nem arvores frutificadas de lanternas e lanterninhas. No silencio da terra triste só se escuta, de longe em longe, em rumbido remoto, um tremor rouco, que se estende, percutido de eco em eco, pelo ar fido e sonoro.

Pela deserta planura, abrindo caminho na neve alta e fofa, vem do Oriente uma caravana. Envolvidas na sombra, mal se distinguem aquellas figuras: uns cavallos vigorosos, uns dromedarios de grande giba e uns valtos informes vestidos em almofozes e tunicas cavacautas.

Chegando a certo lugar onde outros caminhos se entrecruzavam, a caravana detem o seu passo. O evo parece de ebano; a terra, de bronze; o ar, um afiado punhal, e o silencio, é tão fudo, que se ouve dentro do peito later o coração.

Uma luz verde e crua rasga, de subito, o horizonte, a uma grande distancia, soe como uma centella, abre-se como uma rosa e cae desfeita em lagrimas sobre o manto sombrio da noite. A esta luz succedem outras semelhantes, e ás luzes, uns rimbombos surdos, que fazem tremer a terra, e a estes rimbombos, o silencio outra vez.

E a caravana segue a sua rota nas trevas...

Um forte resplendor alumia todo o evo do lado do Occidente; a planura se tinge de uma claridade avermelhada; os ares se povoam de sons e de clamores. E' a guerra que cavalga em seu negro corcel pelos campos da Europa, e que, em pleno Natal, vem accender as suas fogueiras na noite, na bendita Noite em que se diz: "Gloria a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens de boa vontade".

E ardem as casas dos homens; á luz rubra dos incendios desfilam os soldados num fragor de tempestade. São legiões innumeráveis de todas as raças, de todos os credos e bandeiras: aqui a cruz, ali o crescente, além as flores de lis, mais além, as aguias e os dragões; e juntos na mesma haste o casco e o turbante, o capote e o alboroz, o bonnet e a trunfa de linho, rostos de neve, de chocolate ou de azeviche, todos inflamados pela mesma colera infernal.

E ao passo destas ceagas multidoes, obre-se o regaço da terra, estremecem as montanhas, desentredam-se os lozcos, avermelham-se os rios, enchem-se de fumo os ares, e os homens caem por terra como o tripo aos golpes do segador.

A caravana, que vinha do Oriente, para outra vez ao contemplar aquelle desfile traico. Rabras linguas de fogo tremem á beira do caminho. Uma cidade arde na noite. Ao seu sinistro fulgor, destacam-se nitidamente os tres viajantes. São tres Reis. Um pobre. Veste uma tunica de purpura e ouro; tinge um alfange e persa; veneravel a figura, olhos verdes, barba de neve, alto e com um topazio no punho e traz sobre a tunica um rico manto de arminho.

Outro Rei é arabe: tem a barba negra e ondulada, os labios grossos, o nariz alto e curvo, brilhantes os olhos grandes e bellos. Veste um saio vermelho bordado de outros lavores; vermelho tambem o turbante, preciosa a espada com punho de ouro e rubi; o manto, azul.

E' ethiophe o outro Rei. Negra é a sua tez, mas elegante e airoso é o seu corpo, de linhas nobres. Tem a fronte alta, a barba crespa em ponta, o cabello em feito de grãos de pimenta e os dentes de uma excessiva branquura. Traja uma veste branca, de arcaicos pregos, e é branca tambem a sua toga ornada de bordados de ouro fulgurante. Traz em torno do pescoço nu' um collar de coraes e cae sobre o peito um punhal curto cravejado de esmeraldas.

Os cavallos em que montam são branco, negro e alazão. Segue-os uma fila de escravos, com camellos que carregam riquissimos presentes.

Como no amplo deserto, quando sopra o simún, levantam-se as areias, girando e turbilhonando em trombas, acotando o ar, olacurecendo o sol e calhido sobre as polvres caravanas, que esperam, a tremer, encontrar nas areias sepultura, assim tambem, de subito, uma nuvem de soldados, compacta e clamorosa, com impetos de simún, surge das ruas e veredas da cidade em chamma, e cae sobre os tres Reis peregrinos.

Cercados pela tropa, que já faceva os regios despejos, presa de um exercito alegre e victorioso, semquem, captivos, entre lanças e fuzis, para as tendas do vencedor. Este, um velho de gesto aspero, requemalmo de sol, bigodes brancos e envolvido numa capa alvada, recebe-os sem grande cortezia, em sua habitação de campanha, toda cheia de mappas coloridos, erigidos de bandeirinhas e de allinetes.

— Quem sois vós? fala arrogantemente o general, que assim vos atrevesa a atravessar a zona da batalha? Ignorais, acaso, que nestas lutas não podem, sem grave risco, entrar forasteiros e gente civil? Quem sois vós, innocentes ou trahidores, que, com tanto desembaraço ousais mostrar-vos nestes lugares defesos, com arde e mercaderias? Que documentos, que ranços abonam a vossa amaldia? Conheceis o castigo que aqui se infligiu aos espiões? Fugiu, estrangeiros, mas sêde breves. Dizei-me quem sois e de onde vindes. Mostrae-me passaportes e papéis...

— Não me conheceis? fala o mais velho dos Reis. O meu nome é Melchior. Sou do Irau, do antigo e famoso imperio, que abateu o orgulho de Babilonia, a rainha das cidades. Venho do sagrado, arcaico e patriarcal dos rios terrestres, cujas aguas têm a virtude de restituir aos velhos a mocidade e aos mortos a vida. Até aqui cheguei, através de montanhas e desertos, atravessando solidões, areias ardentes, atoleiros perigosos; mas, a despeito de tantas fadigas e de tantos riscos, traço incenso, balsamo e aromas da Cidade das Ruínas, dos jardins de Tiharam; panos de seda, mais macios que plumagens de passaros, ornados de arabescos e de flores, de leopardos e zaxellas; perolas de Ormuz; taças de ouro e prata, conchas e acañãs dos bazares de Chiraz... Vou em busca das terras aprazíveis onde reina a paz do Senhor, daquile que nasceu num estabulo de Bethlem...

— Eu sou Gaspar, diz o segundo rei, venho do Euphrates e do Tigre, dos bosques de palmeiras gigantes, vizinhanças do mar e do deserto, daquellas terras gloriosas, daquellas millenares ruínas e sepulcros dos velhos oasis historicos; das cidades mortas cujos nomes cantam eternamente nos versiculos da Biblia. Venho de Bagdad; armei minha tenda em Khorsabad, em Ninive, em Babilonia e Selecia; carreguei meus camellos com ouro antigo, com reliquias sagradas; com os magnificos despojos dos reis da Syria...

— Sou Baltazar, responde o rei negro. Fenho o meu palacio junto ás aguas do Nilo, canalozas e azues. Negro sou porque o sol me alvizou desde o berço nas terras barbaças e esplendorosas da Ethiopia. Sulquei o mar Vermelho; passei por Ymen, na Arabia Feliz; segui o roteiro de Meca, de Medina e de Jerusalem, o caminho glorioso de Damasco; achei os thesouros das antigas rainhas de Palmyra e de Sabá, dormi á sombra dos cedros do Líbano; banhei meu rosto no Jordão, e venho á Europa, carregado de purpuras e marfim, de pedras e madeiras preciosas, saudado,

myrrha e cinamomo, com offerendas mil para os inenitios christãos, para aquelles que habilitaram no herco o doce nome de Jesus...

O general sorri.

Um principe, porém, taciturno e de olhos sonhadores, que está ao lado do general, fala depois de um largo silencio:

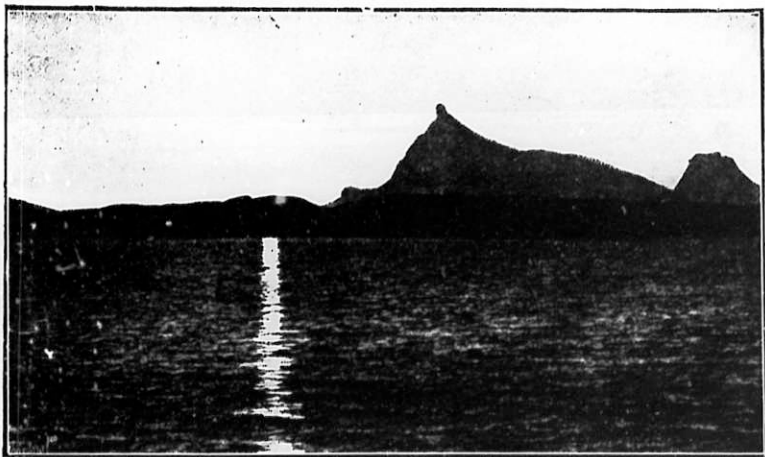
— A Europa culta e christã, onde só se aprende a arte da hyprocrisia e do interesse; a que destruo os seus proprios fillos em nome da civilização, do direito e da liberdade; a que poz sua cruz em suas bandeiras e outra no topo das suas estupas, hoje, ultrajando a Deus, se entrega a uma furiosa laceração de sangue. Vede como se celebra o Natal de Jesus: cidades que ardem, canhões que reboam, soldados que correm para a morte lançando gritos de odio. A paz do Senhor só reina nos sepulcros. Os meus, que aprenderam a dizer o nome de Jesus, abandonam os seus brinquedos e estendem as mãos pedindo as granadas e o fuzil. Todos elles já sabem que os reis do Oriente não hão de vir, que aquelles Magos benevolos e mysteriosos, que, em outros nataes pacificos, punham offerendas nos sapatinhos, estão agora nas trincheiras, tremendo de frio e de terror, á espera da morte. O cheiro da polvera embriaga os homens, as mulheres e as crianças; o ouro converte-se em chumbo, a myrrha em gaz mortifero... Caminhantes, se sois de boa fé, voltae ás vossas montanhas e desertos, aos vossos bosques de palmeiras, ao vosso Nilo; voltae ás vossas terras barbaças, e se lá, como creio, entraram tambem as Furias da discordia e da morte, ide a outras terras mais selvagens ainda, mais escondidas e venturosas, onde nunca se ouça a polvera e civilização, oude, ao menos, se matam os homens fraudamente, com a coragem honesta da barbie, sem dizer que se matam em nome da justica e do direito.

— He, sim, confirma o general, pois, como vejo, sois de bem. Tornae ás vossas terras, mas não vos guleis pela estrella do Oriente, porque ella vos poderá indicar um roteiro fatal...

E os Reis Magos, tristes e calhaisos, vão-se para sempre, fazendo votos de não voltar mais a este mundo por todos os seculos dos seculos...

RICARDO LEAO





SONHOS

O luar respande e ao luar que entretee
Mil arabescos á flor do mar,
Sonho que vens assim como prece
Aos meus ouvidos a soluçar...

Sonho que vens assim como sonho,
Como emanada do próprio luar...
E vens tão branca, que até supponho
Seres a bruma do meu solar...

E vens... E cantas... Ouço-te, afflieto,
A nostalgia do teu cantar...
Rosas de estrelas pelo infinito
Ostentam rosas a lucidar...

Heba-te os gestos, busco tocar-te,
Mas, — aí de mim! que vivo a enganar
Os meus sentidos por toda a parte —
Tu já me foges desfeita no ar...

Penso que ondinas de verdes tranças,
De vestes alvas da côr polar,
A' noite tecem mil esperanças
Com que tu levas a me embalar...

Pois quando foges, eu vejo a bruma
Desenrolar-se como um collar,
E libertadas do véo da espuma
Surgirem fórmas á flôr do mar...

O mar rebrilha... Tremem palhetas
De oiro nas aguas a lanpear...
E mais a mais avultam silhuetas
Como mulheres ao meu olhar...

Louca miragem de marinhaero
Que a sua frota viu naufragar!...
Sem ter sequer um pobre veleiro,
Como as ondinas acompanhar?

Sonho que vens... O' miragens mortas
Como outra vez te rêsuscitar?
Sonho... miragem... ideal... que importa?
Se a vida é um sonho que ha de passar?!

MARIO MENDES CAMPOS.

Bello Horizonte.

A GUEISHA

Para uns é um sonho do Japão, é a alma artística do Japão, é o symbolo do Montmartre japonês. E' para outros uma creatura inaccessible: a vestal de kimono e pentes de tartaruga que todos podem ver mas que ninguem a póde tocar...

... Todavia, vinda ás Casas-de-Chá de Tokio e tereis a verdadeira explicação da gueisha. E' uma dançarina que enfeita. Tem muito do gato (virtude inherente a quasi todas as mulheres) e tem muito de amor... Arranha e seduz. E' perigosa e encantadora. Fazem-se os homens dobradiços ao fulgente poder das suas pupillas, onde amorosas faiscas reluzem, e apontam-lhes os poetas as mais douradas aljavas da sua alma infeliz.

Ella aprende a abraçar-vos os sentidos, aprende a dar-vos o "saké" em translucidas taças de crysantheas de ouro, e aprende a bailar coizas deliciosas. — aprende simplesmente a fazer-se querer.

SAIONÁRA

Eu não farei soluçar aos teus ouvidos a palavra "adeus".
Ó Flór de Lotus, que me viste desaparecer no diaphano horizonte das tuas ilhas!

Ainda agasalho a esperança de tornar a ouvir a tua voz de ineffável timbre e o susurro da seda do teu alado kimono...

Adeus, não, ó Flór de Lotus; esta palavra é funebre como o silencio nos cemiterios e parece um ponto final na ultima pagina do livro das illusões...

Deixe-me colher nos macios canteiros do teu idioma o ramo de quatro syllabas que te offereço na hora da despedida, o vocabulo piedoso que tem a virtude de enxugar as lagrimas de quem parte e de conter ao mesmo tempo os sobressaltos de quem fica...

Porque, dizendo-te "sayonára", não me separo para sempre de ti nem da florida casa de papel onde, tantas vezes, me serviste o chá com os teus dedos de porcellana!

"Sayonára" é quasi jovial como as adejantes borboletas á roda dos chorosos cachos das glicínias...

E' a promessa de outros dias felizes, é o "até breve", é o rumor de um beijo dado nos ouvidos e tambem uma claridade de luar na noite sem estrella da separação...

Minha linda Flór de Lotus, sayonára!
Sayonára, ó ditosas ilhas dos sorrisos!

Sayonára, paralyticas arvores das florestas de Chuzenji! e placidos Buddhas de pedra exalados nas grutas dos morros! e copiosas fontes de agua pura, que sois o pranto das montanhas... e amáveis gueishas de olhinhos papudos, e pensa-

tivas musumés de penteados architectonicos e encolhidas velhotas, que vendeis palitos de benjoim á porta dos templos de laca!...

LUIZ GUIMARÃES FILHO





OS MAGOS DO ORIENTE

Disse um escriptor hespanhol que os tres reis magos vivem além, muito além, no paiz da Chimera, e que nesse paiz, sem fronteiras nem limites, habitam o alcázar do Sonho, uma construção sem muros nem torreões, sem janellas nem portas, aberta em seus quatro angulos aos quatro ventos da imaginação. Numa das suas estancias sem paredes, porque em vez dellas se alçam e se entrelaçam as mil tramas de uma flora irreal, acham-se os velhos Magos, tratando da sua expedição annual ao reino, onde reinam effectivamente os tres em inquebrantavel alliança e indivizível soberania: reino, tambem sem fronteiras nem muralhas, das illusões infantis.

Pois esses reis, que annualmente vizitam as creanças, existem na verdade. Eu vi-os, vi-os ainda ha pouco, e não em sonho, como possam suppor, mas acordada e de olhos bem abertos.

Eu caminhava, sem destino, por uma estrada muito branca, illuminada de luar. A despeito do luar, que era claro como dia, eu não via senão aquella estrada, estendendo-se a perder de vista, sem depressões nem ondulações, lisa e plana... De lado a lado, marginando a estrada, não sei bem o que havia, não sei bem se eram tapumes de bosques enredados ou se altas muralhas e nevoa. Foi numa vespera de Natal. Occupava a minha imaginação a encantadora lenda christã dos reis Magos, a sua lenta caravana de camelos atravez de montanhas e de desertos, e os seus preciosos presentes, não de myrrha, incenso e nardo, destinados ao filho de Deus, apenas recém-nascido, mas os seus presentes de brinquedos e bombons de chocolate destinados aos filhos dos homens, já crescidinhos e exigentes.

O scenario da lenda do Natal é formado de neve, de neve que cae em floccos, que enchem o horizonte e a

terra, e onde o unico verde que se vê é fornecido, de longe em longe, por alguns ramos pinheiros mal enfolhados erguendo para o céu os braços longos e hirtos. Mas o scenario brasileiro dessa lenda, coincidindo em Dezembro, mez de grandes calores, é inteiramente diverso. Porisso é que eu não via neve, e a areia que eu pisava ainda estava quente de sol. Quentes eram as brisas que me roçavam o rosto, e a própria lua, no alto, parecia correr para se desafogar das nuvens quentes que a envolviam.

A uma curva da estrada, vejo vultos que se approximam e ouço rumor de passos que se apagam na areia macia. A proporção que se approximavam, ia distinguindo as fórmas. Vi tres cavalleiros montados e atraz uma fila de camelos carregados. Em vez de recuar ou por-me á beira da estrada afim de lhes dar passagem, apressei o passo ao encontro daquelles extranhos viajantes, cheia de curiosidade. Eram os tres reis magos. Dir-se-hia que o meu pensamento, na sua força de evocação, os tinha corporificado de novo e lhes tinha dado vida como ha vinte seculos.

Ao ver-me, colheram as redenas aos seus cavallos e pararam. E fui eu que lhes falei:

— Conheço-vos. Sois Melchor, Gaspar e Balthazar. Sois os reis Magos, que vindes do Oriente, guiados pela Estrella, a offerecer ás creancinhas de hoje os vossos presentes annuaes, em recordação ao divino bambino que ha vinte seculos nasceu sobre as palhas de um estabulo.

Melchor, depois de um silencio, passando as mãos pelas longas barbas de neve que um vento de prophécia agitava, falou:

— Somos os mesmos. Não acrediteis, porém, que nos guíamos pela estrella do Oriente; ao contrario, voltá-

mos-lhe as costas porque é do Oriente que vimos. Guiámo-nos por uma bússola, porque não somos hoje tão ingenuos como ha dois mil annos. Não acrediteis tambem que trazemos para as creanças os mesmos mimos que lhes offerciamos antigamente, constantes de lanterninhas, amendoas, bonequinhos e frutas. As creanças, hoje, quando collocam, ao deitar-se, o sapatinho sob o fogão, esperam outras sortes de presentes.

— Que presentes lhes trazes?

— Bolas de foot-ball, authenticas, com camara de ar; bicyclettas de verdade, com corrente de multiplicação e pedal livre; minúsculos aeroplanos, dos tipos mais recentes, com motores ruidosos; automoveis, locomotivas, monocycles, raquettes de tennis... As creanças de agora, menos innocentes que as das passadas gerações, não se contentam de guloseimas e brinquedinhos infantis. Ellas progrediram, e nós fomos obrigados a seguir a evolução...

— E de onde trouxestes estes brinquedos? Dos vossos reinos?

— Não. Comprámo-l-os nas fabricas americanas.

— E cuidas que as creanças esperam que os vossos

presentes sejam collocados hoje à noite nos seus sapatinhos à beira do fogão?

— Não cuidamos. Poucas são já as creanças que poem ahí os seus sapatinhos; e essas mesmas, se o fazem, estão bem seguras que são os papás que lhes compram os brinquedos, e o sapatinho serve apenas de lembrete aos papás.

— Porque então trouxestes os vossos camellos carregados de tantos presentes?

— Por amor à tradição. O nosso destino é alegrar os sonhos das creanças, e só lhes apparecemos quando ellas estão dormindo. Cumpri-da a nossa missão, que é visital-as de uma em uma durante o somno e povoa-a a imaginação com sonhos agradaveis, voltamos, de novo, para os nossos reinos, que são reaes porque nós continuamos a existir.

E os tres reis Magos puzeram-se de novo a caminho, acompanhados pela lenta fila de camellos carregados... E eu continuei o meu caminho, por aquella estrada branca illuminada de um grande luar de leuda...

CLARA DAS NEVES



A ROSA E A GOTTA DE CHUVA

Disse a chuva:

— Quanto tempo passou sem que abrisse a corolla aos céus e derramasse pelo ar teu perfume, gentil rosa de Maio! Quo desolada me parecei sempre a terra sem o vivo reflexo de tuas petalas e a divina aura de tua fragrança! Porque não falais? Vê o milagre da fonte gelada, que se desfaz em crystallinos jorros e então o diaphano psalmo das lymphas; ouve a canção que se eleva dos nidos. Não perdeses, acaso, o grande rumor de vida com que se agitam bosques e campinas?

— Calla-te, importuna! Deixa-me que viva e destrue-a a indizível alegria da vida, sem empanar com nevas de idéas e de palavras o puro milagre de viver em primavera. Rosa, nascei para expandir no espaço a fragrança do meu flor e encender as purpuras lanternas de minha corolla. Minha corolla é como uma coroa de rubis.

— Sim, — assentiu a chuva, — e tua fragrança torna o ambiente em perfumada Arabia. Sempre calhi com delicto nos roseirões. Tambem sou dama de honor da alegre corte da primavera, e até mesmo creio que ao meu frescor se deve não pouco do milagre vernal. Mas, nem por tal, deixo de palrar com as rochas, e muitas vezes chalaccio com o vento meu irmão. Porque hei de callar-me? Alegrer sou, e à minha passagem senecio alegras por toda a parte; alegria na verde folha que reluz como uma esmeralda nova, no lyrio que offerta virgens nos altares de Maria, no coração do lavorador que se inunda de jubilo quanto lhes rego as seneceiras. Nunca por muito palroraria fui menos util. Por galante, não se é menos formosa.

— Mas, a vida não é um raciocinio discreto, sem logico discurso, nem talhava eloquente. Sinto que vivo mais profundamente quando me calho. A historia de uma rosa é tão simples! Uma manhan apparece um ramo mais carregado do que nunca. Sou um botão proximo a abrir-se. A brisa matinal agita-me suavemente. O rocío me humedece e me suavia o calice. A luz crepuscular é como uma voz maravilhosa de convite. As chuvas de Maio lavaram-me as razas dos embaraços accumulados do inverno. Os soes carregaram a seiva de uma energia infinita. De repente, ao romper d'alva, sinto uma vibração incomparavel. A nova seiva soe com um sangue nobre até o infado botão, e num paroxismo de alegria, arreleno e alro a minha corolla é alvazada. Nem um quicumsa, nem uma exclamação, nem um só symptoma distoxico. Emquanto

abismada ante as maravilhas que me rodeiam trato de sondar o mysterio da criação, traspassa o sol o cume do vizinho cerro, comecam a reluzir como pó de estrellas as gottas do rocío e rompe o cantico do passerolo.

— Uma mariposa que mal sahio do capucho setico da crystalida, pouca entre minhas petalas para dourar ao sol as suas azas novas e, em mudo arrebatamento, contemplanos o primeiro dia de nossa vida... Do mesmo modo deve um menino contemplar o azul do cea, o ouro do sol, o verdor da fronte, quando isto recorro não posso erer que o destino de uma rosa seja simplesmente cahir desleita sobre as marchas petalas de suas prefecezas. E presinto que as rosas tambem tem uma alma immortal.

— Quem o duvida? Mas não te pedi sinão que fallasses da vida, de ti, que és como rainha que fundia sua breve corte em florente campo. Dizes que a vida não é discurso, e fallar, como um pregador, da morte.

— Da morte não, da immortalidade.

— E por ventura não será o mesmo? Magnifica immortalidade, que comeca por extinguir os proprios escolhidos! Nascer, viver e, após lento declinar, cahir nas sombras de um my-terio inexplicavel!

— O caminho das sombras conduz ao throno da luz eterna. — A tua luz é a mais formosa das luzes. A's vezes és fresca como os accendidos labios de uma amante, rubra como o sangue dos heres, escarlate como o mais esplandente gutarellec! As tuas brancas são como calices de prata como a aurora celebra suas missas. Mas, as rosas encarnadas são como a pungente prece de corações lacerados.

— Goza, antes que os feroces tormentos descarreguem sobre ti a furia dos ventos, um hastio do nectar do amor.

— Eu sou como a lampada votiva que arde ante o altar do amor.

— Sim, mas de pouco proveito o silencioso sacrificio em que consomas o teu fragranco olor. Alça a tua corolla como face cu

penitencia de rubor! Regar-te-ei com a fresca chuva dos meus beijos.

E emquanto a rosa vacillava, vieram ululantes as rajadas de vento, e as rubras petalas comecaram a cahir com rumor de sedas,

ELIAS MOSCOSO,

O AMOR NO BRASIL

Deante de mim, enquanto escrevo estas linhas, uma folha de papel roseo se esparrama aos meus olhos, como um requerimento que espere ser deferido. Essa mimosa pagina, em que os traços finos se apagam debaixo da letra forte que a encima, indaga de mim, da mulher que escreve observando o que eu penso do amor na nossa época e no nosso país. Como é difficil responder a essa pergunta,

meu Deus! e, sobretudo, como é comprometedor! Eu hesitei, eu titubiei, mas, emfim com a coragem e a franqueza que distinguem uma alma feminina, que essas virtudes attraem como um abysmo, eu vou tentar responder á minha missivista anonyina, a quem o amor tanto interessa.

O impulsu amoroso, minha senhora, mau grado todo o scepticismo e todo o desequilibrio desses tempos vermelhos e trepidantes que nos dominam, existe ainda muito intenso, muito forte. Não sei si os poetas chamarão a essa communhão mais physica do que moral dos sexos, de amor. Ignoro tambem, si os psychologos appellidarão desse nome ao nosso aneio de galanteria, de *flirt*, de superficial jogo de olhos, de mãos e de palavras, em uso entre nós. Montesquieu já disse que a galanteria nunca foi amor, e eu acresciento muito modestamente, aliás, que eu a julgo justamente o inverso d'elle.

Etreitanto, eu confesso que, dentro da alma carioca, o impulsu amoroso é sempre o mais irresistivel dos impulsos, embora tornado muito complexo, pelos estados de espirito das criaturas. A brasileira, minha cara correspondente, adora o amor, a divina

musica da paixão, e, mau grado todos os outros sentimentos a que ella se tem entregue ultimamente, o amor é ainda o que mais a preoccupa e faz palpar.

Sómente, ella não o sabe temperar e passa muitas vezes de um sentimentalismo piégas, á tragedia rubra e perigosa da exaltação sem limites. Tudo, no Brasil, se torna um pretexto para amar e nos

nossos menores movimentos, e nos nossos mais fracos clans cerebraes, um observador perspicaz terá facilmente o objectivo do amor.

Nos bailes, nos esportes, nos theatros, nas ruas, a brasileira pensa no amor, espera o amor, procura-o, respira-o, supplica-o. O homem, cruzando a nesses diversos terrenos, sente os effluvios que das mulherese desprendem e, já um pouco *gatê* por ellas, passa sem se importar com a chama do fogo sagrado, que tentou um instante envolvel-o. O brasileiro, perdoem-me, meus senhores, não sabem amar com graça, nem cavalheirismo: ou elles se transformam em Othelos furibundos de comedias ridiculas ou grosseiras.

Ah! em amor, os nossos patricios não imitam em nada a *amoureuse*, ou, pelo menos, a França, conhecida como tal. Nos seus cantos de paixão, elles não se inspiram no delicioso *Cyrano de Bergerac*, nem no intrepido *soldard Bertrand*, da *Princesse Lointain*, de Rostand. O brasileiro quer sempre dominar, imperar em amor, tornando-se um des-pota, um tyranno e um senhor.



O Amor é, de todas as ereações gregas, a mais interessante, porque é cego, porque vicia e porque fere...

Falta-lhe um nada de delicadeza, uma nuança de requinte, um quê de *grand seigneur*. Falta-lhe a valentia amorosa de um de Guise e a ardente brutalidade de um Henrique IV. Elle não se encontra prompto, como os heróes passados, a dar a sua vida, a derramar o seu sangue, ou a fazer a mais banal das concessões em prol da mulher amada, e isso com uma flor no peito e um madrial nos labios.

Mas a mulher de hoje, ouço a minha amiga desconhecida perguntar, merecerá do homem essa suprema homenagem, frívola, superficial e incompleta

como é? Não será ella a Dulceína que Don Quixote celebrou? Que fazem ellas para merecer dos homens mais do que o dom momentaneo de um coração e de uma rápida sensação? Enquanto bebericam as chiearas de chá nas confeitarias em moda, que uma harmonia musical perturbadora enche das suas sonoridades languidas, ellas deixam escapar dos seus olhos scismadores um pouco desse impulso amoroso que dorme sempre no fundo de toda alma de mulher. Depois, como atrahidos esses olhos se pousam em outros

olhos e destillam uma espuma de amor, muito leve, muito suave, muito transparente, que desaparece á ultima nota premente da musica. Em seguida, indifferentes, satisfeitos, julgando amor aquelle longo olhar trocado á effervescencia melodiosa do tango ou do rig-time ardente e cadenciado como a visão de um enlace de flores, elle e ella tomam direcções contrarias. E assim é pouco mais ou menos o inicio do amor no Brasil, nesses tempos que atravessamos e nessas almas que acotovellamos.

Longe, bem longe de nós, jazem as epopéas de amor que duravam annos, os idyllios completos em que ella suspirava por elle e elle por ella, dias, mezes, annos... Como poema esquecido, jaz no fundo da nossa memoria o episodio melancolicamente tragico do amado, que, victima de um naufragio, foi encontrado livido, com o retracto do amante collado aos seus labios roxos e gelados. E a promessa, o juramento dessa *amoureuse* junto ao cadaver do homem que a amou mesmo á hora da morte, de que nunca se casaria com outro, deixa-nos scepticas e sem piedade.

Distantes vão os tempos em que os homens piscavam os olhos entannados de lagrimas que occultavam por decoro e as raparigas desmaiavam, deante do espectaculo do "Amor e Perdigo", de Castello Branco! Agora o amor é outro, o amor é uma chama que lava a cóla, segundo o dia que faz, a temperatura ambiente, o livro que se leu, a musica que se ouviu... O amor é o caqricho, a sensação, o palpar esphemero, o pensar interrompido e a que se mesclam outros pensares...



Sapho, quadro de Miguel Carbonell. Sapho, sentindo que a sua belleza vai desaparecendo com a idade, arroja-se do alto de uma escarpa e desaparece nas ondas.

Está ahí, minha senhora, o que penso do amor na nossa época e na nossa patria. Olvidados e considerados vão e tolos os scismares ao luar, as dedicações continuas, o juramento eterno, a fidelidade absoluta, *La carta du pays du tendre*, que era toda azul, liza e cheirava a rosmanninho, avermelha-se hoje como uma flammula purpura, baralhada e evolva de si o perfume acre e ardente da flor da serra que envenena ou é innocua. E está ahí, minha amiga, como se ama no Brasil! — CHRYSANTHEME.

A Justiça do Diabo

(CONTO MARROQUINO)

Acontece que, ao morrer o vizir Ali-El-Tamani, seu filho, Aliskar, herdou uma enorme fortuna.

Aliskar estava enamorado de uma moça chamada Huria, que era a mulher mais formosa de toda a região.

Muitas vezes, durante a vida do seu pai, Aliskar havia tido a intenção de casar-se com Huria. Mas o vizir se oppunha sempre a tal casamento, por cuidar que uma mulher demasia da mente formosa é mais uma garantia de ruína que de felicidade, por causa das tentações que lhe enxameiam em torno. O pai dizia-lhe sempre essas coisas e citava exemplos tirados da sua própria observação. O rapaz, como todos os namorados, só ouvia os conselhos do coração, que, como sempre succede, são contrários aos conselhos paternos; e, ao ver-se orphão e dono de uma immensa fortuna, tratou de realizar o mais breve possível e com o maior fausto imaginavel as suas bodas com Huria.

É como a belleza de sua mulher, longe de murchar no calor da paixão, florescia cada manhã com um encanto novo, Aliskar, longe de se renar e pôr cobro aos gastos desvairados com que homenageava a sua esposa, chegava ao termo de cada dia com uma divida nova. Desta maneira, dissipou todo o seu patrimonio, e ao completar-se o primeiro anniversario do seu casamento, Aliskar, o insensato, e Huria, a formosa, já não dispunham sequer de um tecto onde buscar abrigo...

Mas ainda eram

felizes, porque conservavam a illusão do seu amor. Decidiram, pois, seguir juntos pela vida miseravel que se lhes antolhiava, como juntos tinham trilhado o chão da fortuna.

E emigraram para o paiz de Mzab, para que os seus patricios que os conheceram na opulencia, não os ridicularissem agora na adversidade.



Peregrinaram durante muitos dias, e ao amanhecer do ultimo deles, quando chegaram ás portas de Mzab, acertaram passar por uma ferraria, que ficava á margem da estrada.

O dono da officina, um ferreiro enriquecido, que se chamava Khalidum, achava-se a porta da sua tenda, sentado na soleira, a gosar o fresco da rua. Viu os dois caminhantes. A belleza de Huria feriu-o de subito, e para a contemplar mais de perto, perguntou a Aliskar:

— Aonde ides e o que buscaes?

— Vamos a qualquer parte onde haja trabalho e sustento.

O ferreiro que não podia resignar-se a perder de vista a bella moça, offereceu-lhe a sua protecção:

— Ficae por aqui. Na cidade sobram trabalhadores, e difficilmente encontrareis trabalho. Estou precisando de um ajudante, e as mulheres do meu harem necessitam de uma servente... Não podieis vir á hora mais opportuna...

Aliskar accitou o offerecimento. Estavam cansados e desencorajados. Qualquer posição, lhes servia, com-

tanto que o pão e o tecto estivessem garantidos. E assim, a bella Húria e o imprudente Aliskar cahiram no laço que o ladino ferreiro lhes estendeu na passagem...

* * *

Em poucas semanas de trabalho assíduo, aprendeu o rapaz o pesado officio e tornou-se um excellento obreiro.

Elle não daria por mal empregadas as suas antigas disposições e considerou-se-lhe feliz, se a circumstancia de achar-se Húria ao serviço das mulheres de Khaldum e, como ellas, encerrada no recinto do harem, não se separassem em absoluto os dois esposos. Aguardou, pois, Aliskar uma occasião opportuna para solicitar do seu patrão algumas horas de liberdade em companhia de sua mulher.

A occasião não se fez esperar. Uma manhã o ferreiro disse ao seu ajudante:

— Escuta-me, rapaz. Se ha, debaixo do sol, um homem perfeitamente laborioso e habil, esse homem és tu. E' justo, portanto, que te dê uma prova da minha satisfação. Toma esta bolsa. Ha nella dinheiro, sufficiente para as tuas distrações. Disseram-me que chegaram a esta cidade uma mulher estrangeira, que são lindas como as huris do Paraizo. Para conquistar essas mulheres, bastam poucas palavras e algumas moedas... Vae, rapaz, vae á cidade em busca das amáveis estrangeiras, e que a doce fadiga do amor seja descanço para a rude fadiga do trabalho...

Satisfeito de ver o seu amo em tão boa disposição, o rapaz guardou a bolsa e respondeu:

— E' grande a tua generosidade, Khaldum, e ainda maior a minha gratidão. Mas não são as estrangeiras que me interessam.

O malicioso ferreiro sorriu com finura, e pondo a dextra sobre o hombro do seu ajudante, com gesto protector, começou a insinuar:

— Estou a pensar que és mais ambicioso que agra-decido. Queres talvez ser meu sócio?

— Allah me guarde essa ambição! — exclamou Aliskar — Eu fui rico e poderoso, e tenho por isso em pouco apreço riquezas e poderes. O meu anhelo é outro, e elle ha de parecer-te muito legitimo. Já que estás satisfeito com o meu trabalho e que a elle dediquei tres mezes inteiros sem descanço, peço-te que a folga que me dás hoje m'a concedas em companhia de minha mulher, da minha querida Húria, que, como eu te servi fielmente na officina, terá fielmente servido as tuas mulheres no harem. Ella desejará ver-me, como eu desejo vel-a, reunindo-nos, tu nos premiarás a ambos.

Ao ouvir estas palavras, o homem fingiu um grande assombro, e declarou:

— Temo, Aliskar, que o trabalho desta manhã e o grande calor da bigornia te hajam perturbado o juizo. De que mulher estás falando? Quem é essa Húria cujo nome invocas? Nenhuma mulher veio contigo a esta casa, nem entrou ao serviço do meu serralho. Não sei o que queres dizer e suspeito que não sabes o que dizes...

Comprehendeu demasiado tarde o pobre Aliskar a traição de que tinha sido victima, e lançando ao chão as moedas de Khaldum, clamou com a maior indignação:

— Ah! miseravel! Assim é que pretendes roubar-me o meu unico bem, essa mulher por quem soffri tanto, a quem amo com uma paixão feita de todas as minhas dores! Não lograrás teu intento, infame ladrão!

Aliskar cahir sobre Khaldum, para lhe fazer pagar caro a sua má fé, quando o ferreiro viu apontar na curva da estrada, uma comitiva que se dirigia para a cidade, e na qual o ferreiro reconheceu, de longe, o séquito do Kalifa. Mostrando-o ao encolerizado moço, falou:

— Vê lá o que fazes. Ah! vem o kalifa, o distribuidor da Justiça. Se osnares maltratar-me, soffrerás o rigor da Justiça, que não é branda...

Dizendo isto, Khaldum apanhou a bolsa das moedas

que Aliskar desdenhara, e retirou-se para o interior da officina.

— Allah é grande! — murmurou Aliskar — E' elle quem me envia o seu ministro para que Húria me seja devolvida, e para que fuja-mos para sempre desta terra maldita!

Chegaram o kalifa, os funcionarios e soldados da sua comitiva. Aliskar prosternou-se, enterrando os joelhos e a cabeça do pó do chão, e fez a sua supplica:

— O' tu, dispensador da Justiça de Allah, attende ao teu servo, que tem mister dessa Justiça!

— Levanta-te e fala — disse o kalifa — mas sé breve, porque para as gentes da tua condição a Justiça é curta.

Aliskar relatou a sua desgraçada aventura, que fez sorrir os companheiros do kalifa. Mas este, que, ao aproximar-se da tenda, tinha ouvido o tinir das moedas, ajuntou:

— Posto que tens dinheiro, entrega-m'o para o thesouro do Propheta, e assim poderei escutar a tua prodigiosa historia com maior attenção.

— Não tenho as taes moedas, senhor — lamentou-se Aliskar — arrojai-as ao chão e o ferreiro as recolheu.

— Começas a parecer-me um imbecil — observou o chefe — se é que não és um louco.

— Senhor, nem outra coisa podia eu fazer, porque, ao solicitar ao ferreiro que me permitisse passar o dia com minha esposa, atreveu-se a dizer-me que nenhuma mulher veio a esta casa em minha companhia.

— Ha alguma testemunha que possa affirmar que, em verdade, trouxeste contigo uma mulher?

— Chegámos a este logar quando raia-a alva, depois de uma noite de caminhada, e não encontramos ninguém senão o ferreiro Khaldum, que, naquelle momento, acabava de abrir as portas da sua officina.

— Portanto, não ha provas... concluiu o kalifa.

— Minha palavra, senhor! excomulgo desesperadamente Aliskar.

Já o chefe se ia afastando d'alli quando declarou:

— Tua palavra não basta porque é a parte interessada. A Justiça nada tem que ver com este pleito. Aguç-a o teu engenho e trata de resgatar a tua mulher como puderes, se é que, de facto, tal mulher existiu e não é fruto da tua imaginação.

Levantou-se o pobre rapaz e disse:

— Senhor, creio que administra mal a Justiça de Deus, se é que Deus tem uma Justiça para os miseráveis como eu.

Ao ouvir isto, um funcionario, muito esperto na arte de adular o chefe, simulou uma indignação, que estava longe de sentir e bradou:

— Que ousadia! Que tens tu a reprochar á Justiça de Deus? Mentecapto! O Diabo, que te roubou a mulher, é de quem deves maldizer.

— Do Diabo não recebi damno nenhum — replicou Aliskar — e eu não costume maldizer de quem me não dá razão para isso.

Esta declaração de Aliskar escandalisou os hypocritas funcionarios do kalifa.

— Se te recusas a maldizer de Diabo, és um condemnado, um maldito! clamaram, a um tempo, todos os homens da comitiva.

E o kalifa ordenou:

— Dê-m-lhe umas pancadas, e assim aprenderá a ser mais respeitoso e a ter mais delicadeza.

Os soldados não esperaram segunda ordem. Moe-ram-n'o de pancadaria e deixaram-n'o estendido na estrada.

* * *

Quando Aliskar logrou recuperar os sentidos, viu junto de si o Diabo em pessoa.

— Allah me ampare! balbucio, tremulo, o desgraçado, esfregando os olhos, na esperança de que aquella visão fosse o producto de um pesadelo.

— Já vês como Deus te ampara, deixando-te sem mulher, sem emprego, só e espancado.

E sobre esta opportuna observação ainda juntou o Maligno:

— Em compensação, eu vim demonstrar-te que não sou ingrato. Pela primeira vez, desde que o homem existe, só um homem encontrei que se recusou a maldizer de mim. A injustiça do homem é infinita. Pui eu

que del a Humanidade todos os delectes que podem fazer a vida tolerável. Enquanto Allah encheu o mundo de dóres eu enchi-o de gosos. Allah inpoz a castidade, a paciência, a abstinência, a covardia, o jejum, a pobreza, o pudor, a renuncia, a fealdade, a sujeira... e é por isso louvado! Eu espalhei os prazeres, a incontinência, os vícios delectosos, o amor, a poesia, a beleza, os manjares, o vinho... e sou por isso maldito! Como a Humanidade é incoherente! Tu foste, pois, o primeiro homem agradecido e coherente que encontrei. Louvado sejas tu!

Durante um minuto o Diabo permaneceu silencioso, como a gozar a sua primeira victoria. Por fim, estendeu a mão a Aliskar para o ajudar a levantar-se.

O desgraçado filho do Vizir notou que instantaneamente desapareceu do seu corpo os vestigios das feridas e a dor das pancadadas administradas. E o Diabo proseguiu o seu discurso:

— Como premio ao teu gesto, Aliskar, e posto que a justiça de Allah te vira as costas, eu offero-te a justiça do Diabo. Volta para a officina. Pede perdão a Khalidum por havel-o tratado de ladrão e trahidor. Dize-lhe que te não lebras mais se trouxeste ou não mulher em tua companhia, e aguarda os acontecimentos com tranquillidade, seguro de que a minha justiça será completa.

Desappareceu o Diabo, desfeito em fumo, no ar, e Aliskar observou ponto por ponto todos os seus conselhos. O ferreiro, que, do interior da officina, presenciara a scena da pancadaria, mas que nada sabia da intervenção do Espirito das Trevas, porque este não se tornou vizível senão a Aliskar suppoz que a attitude do kalifa havia inspirado ao esposo de Huria um

terror salutar, e que, portanto, nenhum inconveniente havia em continuar a ter ao seu serviço um obreiro tão util e tão trabalhador.



No dia seguinte Khalidum e Aliskar começaram a trabalhar. Mas aconteceu que as mãos de Aliskar forjavam, como por encanto, coisas tão bellas, que nem o ferreiro Khalidum nem nenhum ferreiro do mundo seriam capazes de fazer eguaes.

Assombrado e cheio de contentamento, Khalidum, elle proprio foi à cidade para entregar aos seus freguezes aquellas encomendas tão maravilhosamente executadas. Voltou para a tenda o ferreiro, cheio de ouro e presentes. Trazia tambem novas encomendas ás centenas. Aquella era a mais prodigiosa e a mais inesperada das fortunas. Khalidum abraçou Aliskar e declarou que o considerava como socio. Aliskar recusou modestamente, e continuou, na qualidade de aprendiz, forjando maravilhas com facilidade e destreza inacreditaveis.

Os mxabitas acudiram em tropel para ver trabalhar o novo ferreiro. Um dia chegou à tenda um dos funcionarios que haviam dado logar, com suas observações, a que Aliskar fosse castigado a pauladas. O funcionario saudou Aliskar com grandes cortezias, e falou a Khalidum:

— Meu senhor, o kalifa, virá logo para contemplar o prodigioso trabalho que se faz nesta tenda.

— Ah! tanta honra! murmurou o ferreiro.

E enquanto acompanhava o funcionario até à porta, Aliskar fez funcionar o folle para activar o fogo. Produziu-se uma grande labareda onde estalavam as fagulhas, e o Diabo no

meio dellas sussurrou :

— Logo viré com o kalifa. Tomarei a apparencia do mais velho dos seus companheiros. Não vacilles nem

um instante em executar tudo o que queiras, por mais difícil que te pareça.
Apagou-se a chama e o Diabo desapareceu numa bateria de estalos de faísca. E quando Khaldum voltou para o interior da officina, tudo estava normal.

*
**

A' tarde apresentaram-se na tenda o kalifa e todos os altos funcionarios. Com elles vinham tambem alguns mزابitas, e entre estes um veneravel ancão, que andava pensosamente, apoiando-se a um bordão.

Por comprazer aos seus vizitantes, Aliskar forjou ferros velhos, que sahiram de suas mãos convertidos em novos e artisticos objectos, brilhantes como se fossem de ouro bruido. Todos ficaram pasmados, e o kalifa mais que todos. Mas o ancão da comitiva movia a cabeça com ares de quem não estava muito satisfeito. Ao cabo, aproximou-se da bigorna e disse ao forjador:

— Se em verdade fosses um artefice prodigioso, do mesmo modo como transformas o ferro velho em objectos novos e admiráveis, podias converter meu corpo decrepito em um corpo bello e joven...

Aliskar, que havia reconhecido o Diabo, replicou simplesmente:

— Quem sabe?

E colhendo o ancão pela cintura o arrojou para as brazas, que o cobriram. Activou sobre elle o sopro do folle, e, por ultimo, retirou-o do fogo com umas grandes tenazes, collocou-o sobre a bigorna e martelou-o furiosamente, procedendo depois ao retoque com uma delicadeza minuciosa.

Aterrados, com os olhos desorbitados e a respiração suspensa, os espectadores contemplavam aquella operação. Todos suppunham que o ancão ia ficar reduzido a cinzas. Mas Aliskar, deixando de lado a bigorna, e empunhando um esfregão de panno, começou a esfregar energeticamente o corpo do velho. Limpando o carvão que o ennegrecia, não tardou em apparecer um joven cheio de saude e de força, que, de um salto, se plantou no meio da tenda, rindo alegremente.

Como dementes, o kalifa, os dignatarios do khalifado e os suzabitas, que os acompanhavam, correram á cidade a referir o prodigo. O kalifa foi até ao palacio do Sultão, que, naquella instante, soffria com resignação as recriminações da Sultana, velha e ciumenta, e, satisfeito de mudar de assumpto, escutou, maravilhado, o relato do occorrido na tenda de Khaldum.

Quando o califa terminou, a Sultana, que havia prestado uma extraordinaria attenção ao relato, declarou alvorçada:

— Amanhã mesmo irei á tenda onde esse homem trabalhava. Quero que me rejuvenesça, que faça commigo o que fez com o tal ancão.

O kalifa fez uma tímida observação ácerca de algum perigo eventual que pudesse acontecer ao intentar a nova experiencia. Por sua parte, o Sultão, que, desde longos annos, vinha soffrendo as impertinencias daquelle mulher, quiz oppor-se tambem ao projecto da Sultana, já que, rejuvenescida esta, não lhe restava mais a esperanza de vel-a morta... Mas todas as objecções foram vãs. Ficou, pois, combinado que, no dia seguinte, iria a velha e rabujenta odalisca á tenda do ferreiro.

*
**

Tambem naquella manhã foi um alto dignatario preverir aos ferreiros. E, emquanto Khaldum acompanhava o mensageiro até á porta, alçou-se no meio das chamas, num estrelajar de ascuas, o Diabo, que advertiu a Aliskar:

— Quando vierem o Sultão e a Sultana, esconde-te no jardim de modo que não possam encontrar-te.

Não se demoraram em apresentar-se na ferraria, o casal de soberanos, o kalifa e grande numero de gentes e soldados. Quando Miskar ouviu o tropel dos cavallos e camellos, occultou-se de tal maneira entre uns coutos

de matto, que foram inuteis todos os esforços que fizeram por descobri-lo.

Khaldum, muito envergonhado, annunciou o desaparecimento do seu aprendiz. Precisamente naquelle momento apresentou-se na officina o ancão transformado em joven por Miskar, e a Sultana, ao observar com seus proprios olhos o effeito do milagre, não pôde mais dominar a sua impaciencia. Queria ser rejuvenescida immediatamente. Estava tão sóffrega, que até fazia castanholas com os dedos.

— Não poderá ser hoje, senhora, murmurou, curvando-se até ao chão, o dono da tenda, porque meu ajudante sahiu. Espero que amanhã tenha regressado, e assim possamos operar a transformação.

A Sultana, ao ver burlada a sua esperanza, enfureceu-se terrivelmente.

E o ancão rejuvenescido disse, de modo que todos podem ouvir-lo:

— O que fez o aprendiz commigo, bem pôde fazel-o o mestre com a Sultana...

Estas palavras foram colhidas com unanime approvação, e Khaldum, bem a contra-gosto, viu-se obrigado a intentar, por sua propria conta, a façanha de Aliskar. Fez portanto o mesmo que o outro tinha feito. Collocou a mulher sobre as brazas, cobriu-a de carvões e activou o fogo da forja fazendo funcionar o folle. Mas o que aconteceu foi desenvolver-se no ambiente um cheiro de carne assada e ouvir-se o rumor das gorduras que estalavam nas brazas. Quando o ferreiro retirou o corpo da Sultana com as tenazes para o collocar sobre a bigorna, aquelle corpo, que estava carbonizado, desfez-se em cinzas e carvões fumegantes.

Ante o inesperado fracasso, que poz termo á existencia da velha e ciumenta odalisca, o Sultão experimentou uma immensa alegria. Porém, como convinha dissimular-a, fingiu uma colera formidavel, e alli mesmo fez decapitar o kalifa e alguns dignatarios, exactamente os que foram responsaveis pela sova que apanhara Aliskar.

O ferreiro Khaldum foi feito em pedaços e estes pedaços arrojados ás brazas.

Emquanto isto occorria, o Diabo partiu em busca de Aliskar:

— Volta á officina e diz ao Sultão que lamentas não haver comparecido a tempo e que podes remediar o erro de Khaldum, recolhendo as cinzas da Sultana e forjando-as de novo para lhe devolver a vida e rejuvenescel-a.

Obedeceu Aliskar. Mas ao ouvir o Sultão o seu offerecimento, chamou-o á parte e disse-lhe:

— Não faças tal coisa. Muito ao contrario, espalha essas cinzas e arroj-a-as aos quatro ventos para que não haja possibilidade de se reunirem nunca. E em premio desse servico que te peço, faco-te dono desta tenda, da fortuna e das mulheres de Khaldum.

*
**

Foi assim que Aliskar recuperou a sua formosa Huria e voltou a ser rico e poderoso, e assim é que o Diabo costuma administrar a sua justiça.

E' pelo menos o que diz esta curiosa lenda africana, que me limitei a traduzir...

LINANES

A'S MÃES — *As mães não podem prescindir da "NOVA SEIVA", o magnifico livro de contos para creanças, devem comprar-o para offerecer aos filhos. E' um presente encantador. Tem centenas de gravuras lindissimas. E' uma edição de luxo que custa apenas \$5000. A' venda nesta redacção. Pelo correio sob registu enviamos por \$6000. Pedidos á redacção da "Revista Feminina", Avenida S. João, 87 — S. Paulo.*

A mãe como educadora

Porque vemos, tantas vezes, mães, que, sendo verdadeiramente boas e piedosas, não sabem entreter a educar?

Simplemente, porque ellas não se apercebem do grande equívoco com que amam os filhos, que as fazem esquecer, que um filho não é sómente um bem, do qual podem, na vida, gozar sem paratilha, mas uma alma, que lhes foi confiada, a qual devem zelar, à custa de qualquer sacrificio, pois de uma boa ou má educação depende, as mais das vezes, a sua felicidade.

Dizer que a educação deve começar do berço, é empregar uma phrase, que se tornou banal, à força de ser repetida; porém assim deve ser, pois a primeira educadora do homem é, sem duvida, a mãe, e diz M^g. Dupanloup: "Aos laivos de uma mãe, que cobre de caricias estas fronteiras tão puras, é que compete ensinar as primeiras lições de piedade e dispartar os primeiros jargões da intelligencia."

— Não esperar — é o grande principio da educação; não devia portanto pensar, que perdeis vosso tempo, pois uma graça particular, vinda do alto, vos será dada por essa pressa em vos occupar da vida moral, ainda aformosada, dessa flor do vosso amor!

Deus, que vos deu a fecundidade bemlida, dar-vos-á tambem, e sem instincto admirável a educação e o tacto delicado e certo, que fará levar para o caminho seguro do bem, a alma innocente do vosso filhinho.

E como seria inútil e ridiculo educar uma grande obra, sobre alicerces duvidosos, deveis começar desde a aurora d'essas fra-

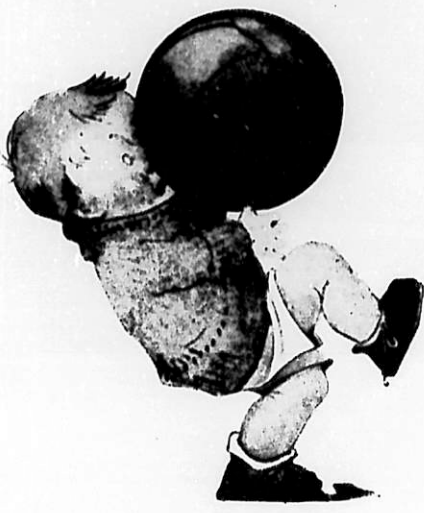
ciencia, e uma sagacidade maravilhosa, porque nem todas as crianças se podem educar do mesmo modo e não se poderá negar, que é grande a distancia, entre a bella theoria e a realidade pratica, mas isto mesmo acontece com todas as obrigações e deveres da vida!

Uma mãe intelligente saberá perfectamente exercer essa arte delicada e aprenderá facilmente o que mais convem, ao natural e ao caracter do seu filhinho, encontrando sempre, a proposito, uma explicação e uma resposta sincera e verdadeira, ás ingenuas e muitas vezes embaraçosas, perguntas infantis. Mentir, mesmo para se livrar de uma resposta difficil, é sempre uma falta, mas toma proporções de uma grande injustiça, em se tratando de uma criança, para quem uma resposta de sua mãe, é artigo de fé; (que desastre, então, se mais tarde descobre que foi victima de uma mentira!

Como perde, essa mãe, para sempre a sua força moral! Para a dignidade da educadora, como para o interesse da criança, a mãe não poderá esquecer um só momento, que a justiça e a verdade se devem fazer sentir, em todas as suas palavras e seus actos, ainda mesmo n'aquelles, que parecem de pouca importancia.

Nas crianças, a primeira impressão é sempre a mais duradoura. Quantas mães, ignorando talvez o mal que fazem, mostram claramente a predilecção que sentem por um, ou outro dos seus filhos!

As preferencias são tão funestas aos filhos preferidos, como aos



hels e mimosas existencias, o vosso sublime papel de mãe, que se resume em duas palavras — Amar e educar.

Sem deixar de ternamente amar, a mãe previdente e vigilante, começará resolutamente a obra e não perguntará se é cedo e se não será melhor esperar ainda.

Pelo contrario, deixará falar a razão, e, rejeitando os falsos principios inspirados pelo egoismo, empreenderá corajosamente essa luta de todos os dias, contra os instinctos maus e os defeitos nascentes, que tão rapidamente crescem, evitando cuidadosamente, confiar o thesouro, que lhe foi dado, a extranhas influencias, destruidoras, muitas vezes, do bem que se tem feito. Mas, para que essa luta seja efficaz e fructuosa será preciso, não só conhecer bem o terreno, mas preparar-se para esse combate alleioso, por um conhecimento perfeito dos elementos a destruir e das qualidades a aproveitar, tratando ao mesmo tempo de inculcar os bons costumes, pois como nos diz a razão, confirmada pela experiencia — "O habito é uma segunda natureza."

E se a mãe souber unir á sua ternura, uma energia constante, se punir sempre, brandamente, os pequenos erros, a criança inculca, pouco a pouco compreendendo o distinguindo o que é permittido do que é prohibido, principalmente se a mãe que reprehende tiver o cuidado de nunca castigar em momentos de impaciencia, nem antes de ter feito a criança comprehender o mal que praticou.

A missão das mães é delicada, difficil e requer uma grande paternidade, torna-se orgulhosa, altiva e egoista, ao passo que aquella

que não o são. A criança, que conhece ser objecto da predilecção que se vê privada das caricias, a que tem igual direito, fica desde a mais tenra idade, desconfiada e triste, quando a inveja não cria profundas raizes em sua alma!

Que salutar influencia não exerceriam as mães se, com delicadeza generosa e perseverante, possesam resolutamente mãos á obra! Seria, não sómente a regeneração da familia, como a da sociedade!

ISA EIRA

TINTURA PARA OS CABELLOS

Não faltam, em nossas drogharias e perfumarias, productos de linhagem e ennegrecer os cabellos. Quasi todos, porém, ou são nocivos ou são innocuos. As tinturas de acção immediata são geralmente nocivas, porque enfraquecem o cabello e tem, não raro, effeitos toxicos que alteram a saúde; as tinturas de origem vegetal e de acção progressiva quasi nunca têm o effeito desejado.

O que ha de melhor no genero, para ennegrecer qualquer cabello, dar-lhe uma brilhante e duradoura cor negra e de acção immediata, é a PETALINA, recommendada por todas as pessoas que a têm usado.

Encontre-se nesta redacção, Lisboa o vidro: pelo correio, 10\$500.

VERSOS DE Julio Cesar da Silva

ARTE SUPREMA

Como l'gemalão, a minha idéa
Visto na pedra: talho-o, domo-o luto-o;
E ante os meus olhos e a vaidade fátua
Surge, formosa e nua, Galathéa.

Mais um retoque, uns golpes, e remato-o;
Digo-lhe: "Fala!" ao ver em cada veia
Sangue rubro, que a côra e aformoseia...
E a estatua não falou, porque era estatua.

Item haja o verso, em cuja enorme escala
Falam todas as vozes do universo,
E ao qual também arte nenhuma iguala.

Quer mesquinho e sem côr, quer amplo e térsio
Em vão não é que digo ao verso: "Fala!"
E elle fala-me sempre, porque é verso.

CARTAS VELHAS

Abro os maços de cartas, cinto a cinta,
Examinoo-as, folheoo-as, uma a uma;
No papel, que um holor vago reanima,
Mal forma as letras a apagada tinta.

Todas ellas que valem hoje em summa,
Qual dellas o passado evoca e plúta,
Se a luz que as aquecia se achá extinta
E a alma que as perfumava as não perfuma?

Perdido todo o seu aroma antigo,
A emoção que as ditou e o forte encanto,
Só por piedade as tenho hoje cômigo;

Fecho-as de novo e ponho-as no seu canto:
Cada maço de cartas é um jazigo
E a gaveta em que as guardo um campo santo.

PHRASES FEITAS

O "Vite e ameite", como, geralmente,
Hoje se diz, a ninguém mais persuade:
Perdeu de vez toda a sinceridade
Porque ainda na expressão de toda gente.

Com tal ouvir não há quem se contente,
Nem de tal coisa não se desagrade;
São palavras vastas de verdade
Que a bocca diz e o coração desmente.

E pois não digo que teu gesto accente
Este amor, que arde em mim como uma lava,
Este amor, que é meu mal e meu delite;

Do delicto de crer-me essas mãos lava,
Que te não direi nunca: "Vite e ameite",
Porque antes de te ver eu já te amava.

LIBERTAÇÃO

Adeus. Tu, fica. Eu parto. Não conheço
O destino a seguir, mas parto e corro.
Livre quero ficar por qualquer preço,
Ou desta escravidão tornar-me ferro.

De illusões e de sonhos me abasteço;
Não mais que de esperanças me socorro
Para este grande mal de que padeco,
Para a doença incurável de que morro.

Quem escuteiro parte, só precisa
Da esperança e do mais que ella lhe offerta
Da illusão e do mais que ella improvisa.

A alma a exultar, a fronte descoberta,
Saio do teu amor, que me escravia,
Corro para outro amor, que me liberta.

TORTURAS

Não sabe, nem eu sei, de que maneira
Diga ella que me quer e eu, que lhe quero:
Espera em vão, em vão também espero
A confissão penosa e verdadeira.

Nada mais natural que ella me queira,
Nada mais certo que lhe sou sincero:
Ella espera entretanto, eu desespero,
E assim passamos nossa vida inteira.

Mas porque não fazemos o protesto
De um ao outro dizer que nos amamos,
Se o nosso mutuo amor é manifesto?

Não sei, não sabe; e assim nunca deixamos
Que as mãos não confessem pelo gesto,
E a confissão nos labios suffocamos.

CIUMES

Ralha-me, sim; mas ralha, tu, que és boa,
Usando em dóse equal fel e doçura,
Sem lampejos no olhar nem phrase dura,
Mas com o olhar meigo e a phrase que perdôa.

Não façás nunca uma censura á tôa;
Quando hajás de o fazer, antes procura,
Adoçando-lhe o fel, uma censura
Que não amargue muito e que não dóa.

E's ciumenta demais. Tens o costume,
Que tem, de resto, amantes ou esposas,
De temperar amor com azedume;

Mas sabes bem e confessar não usas
Que, como o microscopio, tem o ciúme
Essa virtude de augmentar as cousas...

HONTEM E HOJE

Partiu. Voltou. Com a alma a tudo affecta,
Acolhe, resignado, a desventura,
De que, afinal, tortura por tortura,
Faz a mais farta, a mais cruel colheita.

Nem mais sequer a sua mão enjeta,
Nem mais dos labios afastar procura
Esse trago de fel e de amargura
Que o mão destino em sua taça deita.

Hontem, a alma sem freios e sem brida,
Tendo sonhos e risos por escudo,
Partiu. Hoje, a tarefa concluida,

Regressa; ao regressar, suspiros solta,
E o basão rico que levou na ida
Lhe serve de muleta para a volta.

EXILIO

Perto de ti, mal cuidas que me dóa
Dôr que da tua seja differente;
Dôe-me, e nem vês sequer o pranto aridente
Que ás vezes os meus olhos enneva.

E' a saudade da patria, não sómente
Da patria, mas da gente que a póvota,
Manca de instincto, hospitaleira e boa,
Como em nenhuma parte nenhuma gente.

E até sinto, a despeito de tamanha
Affeição que me tens, que me acarinha,
E meus passos e gestos acompanha,

Que essa affeição se apouca e se amesquinha,
Só porque a dizes numa lingua extranha,
Que a doçura não tem da lingua minha.

A QUADRILHA

A quadrilha anda exilada dos salões. A invasão das figuras choreographicas novas expulsou as graves e graciosas danças d'antanho, a polka saltada, a valsa etherea, a quadrilha geometrica e apparatusa.

Entretanto, cabeçadamente, ella continúa a viver, ignorada e obscura, nos salões provincianos, onde o espirito conservador é mais vivo, onde o modernismo chega apenas a passos de tartaruga.

Oh! as quadrilhas, no interior, nos bellos e ingenuos bailios modestos, onde ha ainda tanto pudor, tanto recato, tanto carrancismo... Todos nós lembramos um pouco o que custa, nesses salões, a preparação de uma quadrilha. Quantas pilherias se fazem, desde a escolha das damas, até à organização, das filas dos bailarinos, aguardando as ordens do marcante, para começarem as classicas figuras...

O marcante é sempre o moço mais sabido do logarejo; geralmente tem melenas e olheiras, escreve no jornal da terra ou faz os seus. Mastiga o café, e o quanto baste para berrar: "balanço!", "á vos placez!", "tour!".

Quando, após os classicos rógos, elle se digna começar a empreitada de dirigir a quadrilha, toma uma attitude seria e compungida, de um homem cheio de responsabilidade, de um homem-guia, para quem se voltam as atenções todas do momento.

— Vae começar!

Bate palmas. As duas filas, frente a frente, sorriem, cochicham. Mal as palmas estalam, hirtos, attentos, os pares aguardam o "en-avant" classico, com que, como duas legiões de combatentes, as correntes de dançarinos avançam, mãos dadas, sorrisos nos labios, terminando por uma delicada saudação de cabeça...

Depois, como uma serpente que se desarticulasse, que cobrijasse, que se refundisse, ora mutilada, como aneis

esparso e vivos, ora cohesa, enroscada num circulo, alongada numa ala, a multidão, alacre, bulhenta, marcha, curva-se, saída, corre, salta, acabando por estabelecer um turbilhão cahotico, bizarro, a que, no desespero do seu desgoverno, o marcante qualifica: "Grand confusion!"

A's gargalhadas os pares voltam a acasalar-se, restabelecendo-se a ordem e renovando-se as figuras.

A quadrilha é, entretanto, uma das danças mais interessantes e pittorescas das que se têm creado. O desejo pouco

louvavel de quere-rem os dançarinos de hoje juntar-se dois a dois, para poderem, em commo do isolamento, trocarem as suas confidencias, banhi- dos salões essa dança, que foi, outróra, a mais aristocratica de todas.

Está fresca na nossa memoria a quadrilha official, dançada pelos homenagens nas festas, pelos imperadores, ministros e grandes personagens.

Inda hoje, na gravura ao centro, se vê Sua Magestade Napoleão III, em Compiègne, dançando a quadrilha de honra.

Ao rythmo antigo da contradança, onde a alma suave do passado paira invisivel, entre as damas da corte, "en erinolines", o casal dos imperadores de França executa com galantaria uma figura de quadrilha.

Hoje não queremos mais a graça e a espiritualidade. Animalizamos a dança. Queremos apenas imitar os bichos. E' por isso que creamos o "fox-trot", o "pas de l'ours" e quejandos saltos de animaes.

A brutalidade de instinctos, que caracteriza a civilização actual, substituiu a fina cortezia, o delicado decoro, a galantaria nobre do ultimo quartel do seculo passado. A quadrilha franceza, onde todos dançavam, foi desbancada pela quadrilha americana, de quatro pares, e por fim as danças dois a dois começaram a imperar nos salões. Como remate á dissolução dos costumes, adoptou-se o maxixe e o tango.



A quadrilha de Compiègne

Ao rythmo antigo da contradança, onde a alma suave do passado paira invisivel, entre as damas da corte, "en erinolines", o casal dos imperadores de França executa com galantaria, uma figura de quadrilha.

O jaboti e a onça

(Folk-lore indigena)

1.º EPISODIO

Havia no matto uma fructa que era a tentação de todos os animaes. Do tucano ao kágado a bicharia inteira quer de pélo, quer de penna, de ha muito que noutra cousa não tinha tento.

Estava, porém, escripto que só a alcançaria aquelle que o nome lhe decorasse sem erro duma syllaba sequer. Estava escripto e acabou-se. Os animaes são muito respeitadores da lei escripta, motivo pelo qual é impossível na mata um caso como o do Eden; em paga dessa obediencia continuam ás soltas, no goso do paraíso, enquanto lá fóra Eva cria com dór e Adão súa no trabalho as oito horas socialistas.

Perto da fructeira morava uma mulher que sabia, ella só, o nome do pomo cubiado. Que sabia e tinha a missão de ensin-o a quantos a interpellassem. Mas a marota, patoteira de marca, seu gosto era empulhar os pobres candidatos, difficulando-lhes a tarefa.

Já de si curtos de memoria, não conseguiam os animaes reter o dicto nome, tal emburloho lhes fazia na cabeça o palavrado da velha.

Sahiam d'alli com elle na ponta da lingua; mas passos adiante perdiam-no, regressando ás tôcas enfiadissimos. A onça, o veado, o macaco, a raposa todos foram assim bigodeados. Faltava apenas o jaboti.

Ora o jaboti, ou kágado, não é bonito. Traz game'a emborçada ás costas e tem aquelle desajeitado de maneiras e aquella lerdice de movimentos que lhe tiram toda a graça. Não vóa, não trepa, não salta, não canta. Encolhe-se. Lá isso, em materia de encolher, nem o caramujo lhe leva as lampas. Só não vence á conspicua ração do *espia-maré* politico. Por isso mesmo, em virtude da lei das compensações, é mais cavorteiro que nenhum outro. Tem labias e manhas de truz, além de prendas adquiridas no estudo para não levar a peor na maromba da vida. Até vói-a tôca, o raio do escudo! E assim lá vae vivendo a sua vidinha, rica de lances onde passa a perna á astucia da raposa, á força da onça, á trampolinagem do macaco e á ligezeza do veado.

Mal soube a bicharia que mestre cascudo deliberara tentar a aventura, a floresta inteira farfalhou sob uma surriada de gargalhadas e dichotes. O macaco, dizem, engasgou-se com a banana que comia e o tucano, que é poeta satyrico, expremeu da bicanca um epigramma indigno de figurar neste papel. Trocadilho pessimo e sujo, a que não ligou importancia o jaboti, affeito como estava ás troças da mata. Suspendeu a tiracollo a violinha e partiu em procura da velha. Bateu — ó de casa? Surge a megera — que é? Jaboti contou ao que vinha, e a velha, entre gargalhadas, murmurou: até quem! Mas lá lhe deu a palavra pedida, coisa mais ou menos assim: **boyoyó — boyoyó — quizama — quizá.**

Mestre Cascudo, mal a ouviu, logo botou o charabiá em toada, e repinçando a viola agradeceu e foi-se. Nem bem caminhará cem passos, a velha brada de longe:

— Enganeime mestre Casca! O nome não é esse, é este, e declarou um outro mais complicado ainda. O jaboti, sem se apertar, musicou incoincidente a nova palavra e tocou para adiante.

Duzentos passos além de novo lhe grita a velha: — Enganei-me, mestre Casca! O nome não é esse, é — e recitou-lhe nova ladainha.

Sempre calmo, o kágado não perdeu uma letra e, deitado na violinha, entoo o palavrório. E lá se foi, pa-chorrorosamente, sem pressa nenhuma desta vida, gemendo no pinho a palavra de segredo. Decorou-a, está visto.

Os homens sabem como o rythmo ajuda a memoria. Parece até que chamam a isto mne...mnemonica — palavra difficil de decorar.

E com ella na ponta da lingua, sabidinha, chegou á arvore e quebrou o eucato da fructa.

Aconteceu, porém, que a arvore, alta, não lhe permitia alcançar os pomos desencantados. Uma coisa é ter direitos e outra é ter meios de os fazer valer. Os homens pobres da terra sabem disto muito bem.

Estava mestre Cascudo cochilando sobre o caso quando vé approximando-se a onça. Kágado e onça sempre viveram ás textilhas e a verdade manda dizer que se o felino é matreiro, o testudo é furioso, e acaba sempre por embaçalo.

A onça percebeu a entaladela do jaboti e disse:

— Mestre Cascudo, façamos um conchavo. Eu colho para ti as fructas e tu as repartes commigo.

O jaboti que não cre na lealdade da onça e a sabe traçoira por temperamento, matutou: si a gatona me logra, sempre ficam cá embaixo as fructas; mais me vale uma nas mãos da onça do que cem naquellas alturas.

— Aceito! disse.

A onça mais que depressa marinhou pela arvore acima, colheu as fructas e trouxe-nos num sacco, ás costas. E mal se pilhou em terra disse, arreganhando uma risada cynica:

— Passe muito bem, meu caro tolo, e d'outra vez arregale mais esses olhinhos de peixe. Ah! ah!

E foi-se, a rir, com as fructas do outro. Entre os bichos não ha moral, ha logica. E era tão logico aquillo...

O kágado imaginou uns momentos e partiu no machucado da onça. Encontrou-a logo adiante, atrapalhada por um rio: como vadeal-o de sacco ás costas?

— Amiga Pintada, disse-lhe o jaboti, tu me prestaste um serviço trazendo as fructas até aqui; em paga vou ajudar-te a passal-as além rio. Para mim, biecho d'agua, isso é coisa de somenos.

A onça, certa de que o jaboti tinha marosca na intenção, reflectiu um bocadinho mas acabou aceitando-lhe a proposta. Vou-lhe na esteira, pensou-lhe com suas manhas, e desafiou-a a que me embaçe. Si tenta fugir, **nhoc!** devo-ro a elle e mais ás fructas.

O jaboti lançou o sacco ao lombo e fez-se á agua e a onça, boa nadadeira, acompanhou-o, rente. No meio do rio, porém, o jaboti, virando um olho velhaco para o céu, disse:

— Quantos urubus' lá em cima! Vão ver que a anta velha morreu...

A onça, curiosa, levantou a cabeça para o azul, distrahiu-se a procurar os corvos enquanto o jaboti, mais que depressa, afundava n'agua n'um bom mergulho.

Quando o felino bigodeado percebeu o passa-moleque, pererecou de odio e alcançou a margem opposta ringindo os dentes num dos maiores accessos de colera da sua vida.

— Deixa estar, ladrão, que da primeira feita faço-te em postas.

A colera não é boa conselheira. Dizendo isto aos urros, em vez de o pensar lá consigo, a onça poz de sobrevaevo o kágado, o qual, tudo ouvindo, philosophou:

— De surpresa vá que pegues, mas assim avisado...

E muito a seu commodo, accorrido n'um solapão de pedra, entrou a mandar uma por uma as preciosas fructas — desencantadas.

2.º EPISODIO

Passaram-se mezes. O precavido kágado só se mettia em tocas onde não coubesse o inimigo e para distrahir-se tocava viola. A onça um dia, passando perto, ouviu o choro do pinho, e fleu um pulo d'alegria.

— E' agora!

Approximou-se de manso e disse, amavel:
— Estás um violeiro de fama, mestre Casca! Nem o sabiá, nem o pintasilgo sabem arias tão bonitas como a que estavas tocando.

O kagado respondeu:
— Isso não é nada. Bonita é uma que compuz hon-tem!

— Tóca lá, disse a onça.

O jaboti ajoitou-se no pinho e cascou:

Jaboti logrou a onça
Lá na beira do rio grande
Oi, oi...
Si não gosta da cantiga
Outra peça, vamos, ande!
Oi, oi...

A pintada empallideceu de gana, mas conteve-se.
— Parece boritinha, mas como tocas lá no fundo não ouço bem. Vem repeti-la á porta do solapão.
— Vou, respondeu o kagado, mas has de ficar lá naquella arvore. Musica de viola perde o effeito quando ouvida muito de perto.

A onça obedeceu resmungando e o jaboti, sentado á porta, vibrou de novo o pinho:

Si a onça é gatão experto
()...
E' o kagado bicho fino
Oi...
Só deixa ouvil-o de perto
Oi...
Quem não é bicho malino
()...

A onça furiosa arremessou-se d'um bote sobre o cantor, tão rápida que o jaboti não teve tempo de recolher á toca o corpo inteiro e foi furado de uma perna.

— Apanhei-te, casca suja!

O jaboti, disfarçando a dor, desferiu uma gargalhada gostosa.

— Tolinha! Ferrou uma raiz de páo e está certa que me apanhou a perna! Ah! ah! ah!

A onça, desapontada, recolheu as unhas. Mal o fez, o kagado despejou nova gargalhada:

— Trez vezes tola! Não era raiz de páo, era minha perna que tinhas agarrada!

A onça vendo-se de novo empulhada, rebolou aos urros na maeça, esbrando de colera, enquanto o violeiro de casca improvisava dentro da toca:

Rebola ahí minha gata
Oi...
Pois perdeste minha pata.
Oi...
Inda hei-de seguir-te o rastro
Oi...
Pr'a dar-te cabo ao canastro.



A PROFESSORA:

— Diga lá, Joaquin, que é um hypocrita?
— É um menino que diz que está contente com uma professora como a senhora, e que vem á escola, rindo.

O kagado, depois disso, resolveu sair da toca em procura da onça.

Encontrou logo adiante o logar onde ella dormia, numa caverna de chão recolhido de ossos de veado, capivaras e catetos. Estudou bem o local e metten-se numa toca onde poderia conserva-se invisivel. Logo depois appareceu a onça e deitou-se para dormir.

Quando estava dorme — não — dorme o kagado, localisado em baixo do seu trazeiro, fez: oi! A onça espartou e poz-se em guarda. Dali ha pouco outra vez: oi! A bicha assustada ergueu-se de pé, ferejou pela caverna, e não vendo causa para aquelle rumor desconfiou das suas proprias tripas. E, seriamente incommodada, sahii em procura de mestre Macaco que é medico.

— Doutor, tenho mandinga no corpo. Sempre que me deito uma voz cá dentro faz: oi! oi! Quero que me limes o corpo.

O macaco poz os oculos, apalçou-a, tomou-lhe o pulso e disse, sentenciosamente:

— Estás, minha velha, com uma lesão diaphragmatica nas regiões subjacentes á caixa gazogenea.

A onça não entendia nada de medicina, mas como tinha fé na sciencia do macaco entregou-se-lhe de alma e corpo.

— E' preciso, disse o doutor Macaco, expluir os gases phoneticos por meio de traumatismos peroboticos.

E pegando uma valente peróla derrubou lenha na anca da onça que foi um deus dará.

Tanto bateu que a cliente, descadeirada, envidrou os olhos, foi molhando o corpo e cahiu de banda, agonizante.

Mestre Macaco, apprehensivo, tomou-lhe o pulso e disse:

— Está fraquinho. O recurso agora é uma sangria.

E sangrou-a tão bem que a onça meia hora depois esticava os mocotós.

O doutor, de mão no queixo, reflectiu:

— Bello caso clinico! O estado della era gravissimo, não me permitiu prolongar o tratamento. Bem sei que nesta emergencia a sangria venosa é um palliativo. Devia ter recorrido logo aos grandes meios, á sangria arterial na carotida, por exemplo. Doutra vez serei mais avisado.

E foi lavar a conta...

Terminou assim a lucta entre o jaboti e a onça com cheque mate do cascudo em tres lances.

MONTEIRO LOBATO



O TRANSEUNTE OCIOSO:

Você não se envergonha de ir para o xadrez todo dia?
— Não vou, sou levado. Não é o que o senhor está vendo?

DISGRESSION PELA HISTORIA



Cornelio Saavedra -- Argentina.

para ouvir a sua opinião acerca dos acontecimentos que motivavam a agitação geral. Disseram ainda terem lembrado a conveniência de reedificar as guardas das entradas de ruas que constituam a praça afim de conter todo e qualquer tumulto e não permitir a entrada sino dos que apresentassem o bilhete de convocação.

Do cumprimento d'esta ordem ficou encarregado o commandante do batalhão de patriotas D. Cornelio Saavedra, distinto militar, que gozava de grande prestigio entre os cidadãos da capital do vice-reinado.

Enquanto o "Ayuntamiento" communicava a Saavedra as medidas mais oportunas para que não se alterasse a ordem, não cessavam na praça o vazio tumultuosos do povo, que pedía ser informado de tudo quanto havia sido combalido com relação ao vice-rei. Observando a attitude da multidão cada vez mais exaltada, determinou-se a Saavedra que fizesse evacuar a praça, o que conseguiu mais devido ás suas exhortações do que a tropa que o acompanhava.

Foram, pois, convocados os mais notáveis vizinhos em numero de 450 para as nove horas da manhã do seguinte dia 23, na galeria principal das Casas Capitulares. Reunidos sob a presidencia do Cabildo, procederam á leitura das communicações trocadas entre o vice-rei Cisneros e a Corporação, passando a recollir o voto de cada um. Como quer que a operação se prolongasse até meia noite, resolveu-se continuar a sessão no seguinte dia 23, ás tres horas, para assignatura da acta com o computo de votos.

Assim se fez, com effeito, deliberrando os que alli se achavam de ver o vice-rei abandonar o cargo, permanecendo unicamente como presidente, cargo esse que o Cabildo lhe conferia em nome do povo argentino.

Agastou-se Cisneros com tal resolução e por seu proprio alvedrio, fez um apello a todos os commandantes da Capital que, por sua vez, lhe fizeram sentir o desejo do povo de que cessara o poder do vice-rei, cujas attribuições haviam passado para o Cabildo só, ou ainda com a junta que se nomeasse, — com o que unicamente poderia acalmar o tumulto.

A 24 resolveu o Cabildo que ao vice-rei, como presidente vogal do "Ayuntamiento", se agregassem como adjuntos D. Juan N. de Sola, prebystero, D. Juan José Castelli, advogado, o commandante D. Cornelio Saavedra e D. José S. Icharragui, formando a junta provisoria, que mereceu a approvação dos commandantes dos corpos armados.

Ficou estabelecido que se installasse, immediatamente, a nova Junta, convocando-se para o mesmo dia, ás 3 horas da tarde, os cidadãos que a constituíam, para o fim de prestarem juramento.

Nada d'isto porém, satisfazia o povo, que, a todo transe, queria cessasse o predomínio de Cisneros afastado do exercicio de toda a autoridade. Por esse motivo, ás 9 horas da noite, os que acompanhavam a Junta provisoria resolveram a nomeação de outar na junta governativa, para o que se reuniu o Cabildo, disposto, d'esta vez, a nada ceder das decisões ultimamente tomadas.

Chegou a tal ponto a exacerção dos animos que o povo, cansado de esperar e não confiando na acção do Cabildo, invadiu tumultuariamente as Casas Capitulares, e uma commissão de seus deputados apresentou-se á reunião para expor os seus intuitos.

Ouvidas as intenções populares e em face de movimento revolucionario, que se avolumava, Cisneros renunciou o poder e a 25 de Maio de 1810 se nomeou a primeira junta governativa, independente da metropole, formada por D. Cornelio Saavedra, presidente, D. Juan José Castelli, D. Manuel Belgrano, D. Manuel Arce, D. Manuel Alherdi, D. Domingo Mathieu e D. Juan Larrea, como vogazes, e D. Juan José Passo e D. Mariano Moreno, como secretarios.

Após o solemne juramento da nova Junta sob o docel do Cabildo, retrahiram-se os seus membros para a "Fortaleza", antiga residencia do governo, acomodando-se de immensas multidoes de soldados e ares as salvas da artilharia e o repique dos sinos de todas as egrejas.

A 18 de Maio de 1810, em uma proclamação, communicava D. Baltazar Hidalgo de Cisneros, vice-rei do territorio do Rio da Prata, aos povos da metropole, as tristes noticias que, relativamente á invasão franceza, haviam sido trazidas da metropole por um navio mercante inglez, que, dias antes, chegára, arribado de Hespanha.

O effeito d'aquella proclamação em Buenos-Aires e arredores foi verelacivamente indescriptivel. Paizanos e militares pediam ás autoridades informas o detalhadamente a cerca do verdadeiro estado de coisas na Hespanha, afim de saberem si ainda subsistia a autoridade de Fernando VII no vice-reinado.

Os arts. Lezica e Leysta, alcalde e ayudo da capital ex puzeram ao Cabildo, no dia 21, taes reclamações dos habitantes de Buenos-Aires, acrescentando que o vice-rei havia convocado grande numero de cidadãos principaes para a praça, com o fim de informar de tudo quanto havia sido combalido com relação ao vice-rei. Observando a attitude da multidão cada vez mais exaltada, determinou-se a Saavedra que fizesse evacuar a praça, o que conseguiu mais devido ás suas exhortações do que a tropa que o acompanhava.

Nasceu o Wasington da America do Sul, em Caracas, no anno de 1783. Fazendo em sua terra natal os primeiros estudos, foi concluido em Hespanha, findos os quaes percorreu a Europa, demorando-se em Franca cuja Escola Polytechnica cursou.

Em 1810 regressou á Venezuela, encontrando sua patria agitada pelo movimento chefado por Miranda, e cujo intuito era libertar as colonias hespanholas do jugo da metropole.

Bolívar alistou-se nas forças libertadoras, servindo como coronel de linha. Os reveses de Miranda determinou, por algum tempo ainda a permanencia dos hespanhões naquella parte da America.

Mas, o valoroso venezolano, em 1812, conseguiu reunir os partidarios da independencia, vendo suas forças, dia a dia, avolumarem-se.

Durante tres mezes, luctou sem cessar; e, depois quinze batalhas, nas quaes a victoria lhe sorriu conseguiu, em 1813, alijar o oppressor fóra de sua patria, fazendo sua entrada triumphal em Caracas, onde, como premio de tantos servicos recebeu o titulo de "Libertador", sendo aclamado ditador.

Reforços mandados da metropole mudaram a face dos acontecimentos; pois Bolívar foi batido em varios encontros pelo general Morillo, vindo-se, finalmente, obrigado a refugiar-se no Haiti, em 1815.

Em 1818, já outro era o aspecto dos successos militares de modo que em 1819 Bolívar, reuniu a Nova Granada e a Venezuela sob a designação de Republica de Colombia.

Dentão por diante não encontra mais Bolívar obstáculos á sua marcha triumphal, de combate em combate vae ao Peru, entrando em Lima em 1823. Pouco depois, travava-se a celebre batalha de Ayacucho.

Governava no Vice-Reinado do Peru o general hespanhol La Serna, o qual á frente de 13.000 homens ataca as tropas do logar-tenente de Boledar, o general Lucre.

Referem os historiadores do movimento libertador das colonias hespanholas ter sido aquella a mais memoravel embate entre forças realistas e revolucionarias.

O general hespanhol cahi ferido e foi feito prisioneiro, soffrendo o seu exercito a perda de 1.400 homens entre mortos e feridos e 3.000 prisioneiros, além de deixar no campo avultados despojos.

Em consequencia d'essa assignalada victoria a assembleia de Chuquisaca fez expedir um decreto reunindo as provincias de Potosi, La Paz, Cochahamba e Santa Cruz na Republica do Alto-Peru, collocando-a sob a protecção de Simão Bolívar. A designação Alto Peru foi mudada para Bolívar e mais tarde Bolivia em honra ao heróe venezolano.

Finalmente, em 1826, capitulando as ultimas forças hespanholas em Callão, intentou Bolívar unificar os tres Estados Colombia, Peru e Bolivia em um só a designação de Estados-Unidos do Sul.

Accusaram-no de ambições imperialistas. Por isso abandonou o poder em 1830, retirando-se da politica e vindo a fallecer sete mezes depois, desesperado pela anarchia em que se mergulhavam os povos aos quaes quiz fazer nações livres e progressistas.



Simão Bolívar -- Bolivia.

O anno velho

Lá se foi o anno velho.. Hoje, morto e frio, jaz soterrado sob a cinza do seculo. Nos seus ultimos dias elle tinha o mesmo aspecto dos seus antecessores: a mesma calva polida e brilhante, a mesma pelle enrugada de antigo pergaminho, o mesmo olhar sem brilho, enpaando pela catarata senil, as mesmas roupas largas e fluctuantes a todos os ventos, a mesma ampulheta de areia, as mesmas azas nos hombros curvados pela fadiga... Quando bateram as doze pancadadas da meia noite, emquanto a sereia de todas as fabricas e usinas apitava e rumores enchiam o ar, elle, tropego, recolhendo as ultimas forças que lhe restavam, deitou a fugir atravez da treva, como se receiasse a luz do sol do novo dia...

Ao mesmo tempo, surgiu no Oriente, circundado de um halo de claridades, o Anno Novo, pequenino e nu' como cupido.

A Providencia, que, no limbo mysterioso do Tempo, traça a cada anno que nasce o destino que tem a cumprir, disse provavelmente a este, na sua linguagem de symbolos: "O Anno de Paz morreu, e a ti cumpre continuar a sua obra, apagando as ultimas fau'las do incendio e substituir pelo amor o odio em que arde o coração dos povos". E o Anno Novo espalmou as azas sobre a Terra, correndo-a em todos os sentidos, e a sua impressão foi tremenda. Porque o anno que se foi, chamado o da Paz, nada fez pela paz, e a guerra continua, não como antes, entre belligerantes e inimigos, mas mais ardente, por ser entre povos que estavam aliados na vespera e por causas mesquinhas e inconscissaveis.

E porque sahio a fugir o anno que se foi? Fugiu assustado da triste herança que deixou ao anno que nasce. Que terrivel o labor dos dias futuros, até refazer o que foi desfeito, restaurar, pela memoria, o que foi destruido, construir o arruinado, restabelecer o que os annos anteriores desbarataram! Que rude e formidavel tarefa que será essa, de povoar os campos abandonados, alegrar os lares em luto, lavrar terras emperdenidas, levantar casas e templos e fazer com que o mundo comece a encontrar prazer no rythmo

monotono da vida socegada, permitindo aos povos e aos homens o livre cambio das suas idéas e do seu commercio.

Qual será esse dia em que ao homem seja dado o desfructar das suas vinhas, o doce prazer dos seus mythos, das suas crenças e dos seus sonhos?

Não será por certo este anno, tão joven, o que faça o mundo recobrar a sua perdida serenidade. Os poetas, ainda transidos de pavor, não se animaram a cantar hosannahs ao

vinho nem erguer as suas taças em louvor dos deuses do Olympo, e os philosophos, ainda preocupados com os complexos problemas que se lhes antolham, não se arresiscam a fundar novas escolas de philosophia. Essas vozes, as dos poetas e philosophos, só se farão ouvir quando os templos forem erigidos, quando a agua correr livremente nos aqueductos, quando as estatuas de marmore e bronze olharem de novo a humanidade do alto dos seus pedestaes.

A necessidade das guerras está synthetizada naquella phrase do philosopho Quintas Borba, creado pelo genio de Machado de Assis: "Ao vencedor, as batatas!" e que se explica da seguinte maneira: No alto de uma montanha ha uma vasta plantação de batatas. Dôis povos, armados até aos dentes, vão disputar a posse daquellas batatas. Se elles não entrarem em luta e resolverem dividil-as fraternalmente entre si, ellas não bastarão para os alimentar, e elles morrerão de fome. E' necessario, portanto, que entrem em luta a ferro e a fogo, com treguas apenas para descançar, com armistício apenas para estudar novos planos de ataque e de defeza. E' necessario que um povo seja derrotado, reduzido a nada, e que o outro, victorioso, galgue a montanha para colher o premio da sua victoria.

Ao vencedor, as batatas!

Emquanto, pois, houver batatas e povos esfomeados, nunca deixará de haver guerras.

Mas chegará o dia — bem remoto, "hélas!" — em que desta catastrophe não haja nem vestigio e que destes cataclismas só haja a recordação, mal avivada pela besbilhotice dos Historiadores.

Será preciso, então, que venha um novo missionario, tão cheio de promessas como aqu'lle que, ha vinte seculos, redimiua a humanidade do captivo.



PERUANAS INTELLECTUAES

As nossas leitoras já conhecem, por certo, a finíssima novelista peruana d. Angelica Palma, da qual temos publicado nesta revista, interessantísimos contos, entre os quaes, ultimamente, um intitulado "Socialismo infantil", que,



Senhoritas Angelica e Renée Palma

que, no genero, é uma das produções mais graciosas que conhecemos. D.^a Angelica Palma, que, ás vezes, se occulta sob o pseudonymo de Marianela, não é uma dilettante das letras, é uma escritora que vive da sua penna, e que possui, a par de uma poderosa imaginação, uma grande capacidade de trabalho. Os seus contos não são simples phantasias, não são meros borboleteios de imaginação, como soem fazer a maior parte das nossas patricias que se dedicam ás letras, mas episodios da vida apanhados em flagrante e tornados interessantes mercê do seu stylo claro e da maneira como os sabe concatenar, despertando desde logo a attenção do leitor.

Se não fosse a "Revista Feminina", o nome de Angelica Palma seria desconhecido em nosso paiz; entretanto, esse nome está grandemente propalado por todos os paizes onde se fala o idioma hespanhol.

Quando contratamos essa illustre escritora para colaborar em nossa revista, occorreu-nos publicar as suas produções no proprio idioma em que são escriptas, receiando que, traduzindo-as para o vernaculo, nem sempre lhes poderemos dar o brilho que tem o original castelhano, e receiando tambem que, ao passal-as para a nossa lingua, não conseguissemos tornar bem claro, num ou n'outro passo, o pensamento da autora. Mas a verdade é que, publicando no original os seus contos, elles só poderiam ser apreciados por um numero muito restricto de leitores, iniciados na formosa lingua, de Cervantes. As nossas leitoras, assim, ficariam privadas do prazer de ler as lindas novellas dessa illustre peruana. Porisso fizemos o proposito de verter para o portuguez a sua colaboração, esforçando-nos para traduzir o mais fielmente possível o seu pensamento, sem, comtudo, sacrificar certos efeitos que em nossa lingua podem obter.

D. Angelica Palma e sua irmã d. Renée Palma, talentosa estudante da Escola de Bellas Artes, e nossa futura illustradora, são filhas do velho e glorioso poeta D. Ricardo Palma, morto não ha muito, e que não é só

o maior poeta da sua terra mas um dos maiores da lingua hespanhola.

Essas duas senhoritas são herdeiras do talento artistico do paiz. Ambas, cada qual em sua arte, são continuadoras das mesmas nobres tradições.

Publicamos tambem nesta pagina o retrato da decana das escriptoras do Peru, paiz fecundo em mulheres intellectuaes, d. Lastenia Larriva de Lhona, que é tambem uma notavel periodista.

Esta senhora, que conta hoje setenta e dois annos de idade, pois nasceu em 1848, é um dos nomes mais em evidencia no meio literario daquelle paiz, a despeito de, ha alguns annos, estar apartada das letras, devido ás enfermidades proprias dos seus avançados annos. O seu primeiro marido foi um bravo patriota, um nacionalista exaltado, que succumbiu em 1881, combatendo contra o invasor chileno. Casou-se em segundas nupcias com o eminente poeta equatoriano don Numa Pompilio Lhona.

A dra. Lastenia é uma patriota sincera, e atravez

das suas produções literarias resalta, a cada passo, a nota commovida do seu patriotismo, e é uma senhora de grandes virtudes. O seu livro "Fé, Patria e Lar", como o titulo indica, põe bem em evidencia essas tres manifestações do seu entranhado affecto pela religião, pelo torrão natal



Dona Lastenia Larriva, a decana das escriptoras peruanas

e pela familia. Como periodista, dirigiu em Guayaquil "El tesoro del hogar", e, de 1907 a 1915, depois da morte do seu esposo Lhona, redigiu, com um exito que era de esperar mercê do seu grande nome e das suas multiphas aptidões, a "Orequipa Ilustrada". Desde 1916 dirige, em Lima, "La mujer peruana", publicação official de caracter pedagogico. Como uma homenagem aos meritos desta alta senhora, o Congresso mandou publicar as suas obras completas, das quaes fazem parte "Cartas a meu filho" e "Contos", dois livros interessantísimos. Velha e enferma, não poderia ella terminar a edição dos seus livros se não fosse o auxilio effcaz que lhe prestou a sua extremosa filha d. Maria Eugenia, viuva de Lhona, pois foi casada com o filho do seu padraсто, o poeta equatoriano.



O Coração das Mulheres

Quem conhece o coração das mulheres? Serás tu, acaso, poeta, que só vês no crepúsculo a tragedia da agonia e a sangrenta abdição do sol, representada diariamente no scenario do céu entre nuvens que se abrem em rosáceas? Serás tu, philosopho, que sabes de que elementos se compõe o fogo que arde em tua lampada, quando o sol não é mais para ti que uma lampada que se apaga? Ou serás tu, medico, que ignoras as santas febres que queimam e que nunca poderão ser registradas pelo mercúrio do teu thermometro?

Quem conhece o coração das mulheres? Um sangue commun no vaso muscular humano e não mais que a systole e a diastole das marés da vida. Mas da essencia mysteriosa que nelle se crea e se consume, as retortas da chimica e o arestano da alchimia não accusam a presença. Também a lagrima, chimicamente, não é mais do que sal, soda, mucó e phosphato de cal. Mas, além dessa composição chimica, possui ella outra composição que a faz dolorosa e que a torna tragica, e essa escapa ás observações de laboratorio. É a fibra do coração da mulher, a fibra secreta, que vibra sem som, como uma corda tensa mas afogada, essa não pôde ser

estudada nem dissecada. É a sua dôr, em que se resumem, numa divina synthese, todas as lagrimas que os olhos não lograram chorar, essa nunca será vertida para a linguagem humana. É a esthesia maternal, que parece residir nos dois botões dos seios, que são como dois réophoros do dynamo interior, essa é um segredo para todos. É a luz, essa luz, cheia de fulguração e profundidade, que irradiando do coração, se vem espelhar na pupilla, incendiando-a, essa quem lhe poderá nunca saber a origem e o fim?

Quem conhece o coração das mulheres? Ellas mesmas, por acaso, o conhecerão? A' vos, que fala, não importa saber si é harmoniosa ou se traduz outras harmonias, assim como á belleza não importa saber as emoções que desperta. O mysterio está em toda parte, o segredo reside nas entranhas das coisas. O unico amor é o amor impossivel. A viagem mais interessante é aquella de que se não regressa.

Quem conhecerá nunca o coração das mulheres? É' um enigma obscuro e triumphante, que todos cuidam decifrar, mas que, depois de cada solução, novos mysterios offerece...

A MULHER AMERICANA

Agora, mais do que nunca, a mulher americana entrou a concorrer com o homem em quasi todas.



Miss Nellie M. Scott, presidente da Bantam Ball Bearings Co. de Connecticut, posto a que chegou por sua intelligencia e prodigiosa operosidade.

sinão todas as actividades que eram antes privativas do homem exclusivamente. E' de vela-n a usina dirigindo o trabalho dos operarios com uma



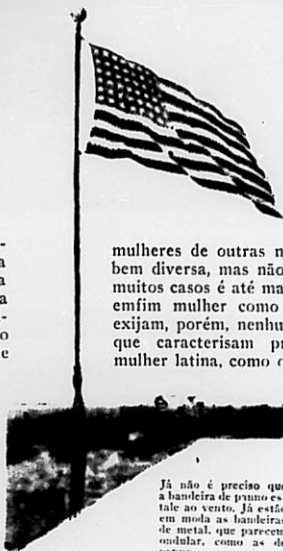
Curiosa bandeira das suffragistas, onde se veem vinte e sete estrelas, o que indica que só faltam nove Estados para adherir á lei do voto feminino.

competencia tecnica admiravel, no escriptorio de uma empreza comercial orientando a tarefa de varias centenas de auxiliares, na fabrica, como operaria, distinguindo-se pelo seu adextramento e operosidade, nas escolas de ensino superior leccionando disciplinas com uma competencia que faz inveja aos proprios especialistas, no

campo, como lavradora, pondo em pratica os mais modernos processos de agricultura scientifica, na rua, como corretoras e agentes de negocios, realisando transaccões de vulto com uma rara sagacidade e um pasmoso tino commercial. E' assim a mulher americana. E não se cuida que, assim sendo, ella se mostre despojada dos seus encantos de mulher. Não. A mulher americana, a despeito das tarefas masculinas que exerce, nada perdeu dos encantos do seu sexo. O que se poderá notar é que as suas graças têm uma cor diferente das graças de outras mulheres, porque a coragem lhe deu aos olhos uma expressão diferente, a consciencia da sua responsabilidade lhe

imprimiu á voz um timbre mais energico e a sua attitude egesta têm algo de forte, de dominador, de orgulho latente. A sua graça, pois, é bem diversa da graça que se admira nas

mulheres de outras nacionalidades; é bem diversa, mas não é menor, e em muitos casos é até mais attraente. E' enfim mulher como todas. Não lhe exijam, porém, nenhum desses gestos que caracterizam profundamente a mulher latina, como o embaraço, a timidez ou a excessiva confiança. Não lhe exijam nada disso, porque as hypocrisias proprias do sexo têm ella um limite. Mesmo quando



Já não é preciso que a bandeira de punho estale ao vento. Já estão em moda as bandeiras de metal, que parecem ondular, como as de punho.

necessita agradar, quando tenta lançar mão dos enleios feminis para conquistar uma affeição, ella prefere usar de franqueza, de uma franqueza honesta e sem rebuços.

Ella é bella, de uma belleza original, dessa belleza sadia educada nos sports physicos. O seu passo tem um estylo que nenhuma mulher de outra raça pode imitar, senão as "ecuyères" e as acrobatas de circo.

Para illustrar esta noticia offerecemos á curiosidade das leitoras umas gravuras, que caracterizam bem a posição da mulher na America do Norte. Neste paiz, ao contrario do que acontece no Brasil, o

Serviço de Saude Publica é exercido com excessivo rigor, sobretudo no departamento que diz respeito ao abastecimento de viveres para a po-



Examinando pelo microscópio uma cultura de bacilos da pneumónia no laboratório do Serviço de Saude Publica dos Estados Unidos. Estas inspecções se fazem a intervallos regulares para impedir que os microbios se contaminem com os de outras enfermidades.

pulação. Enquanto no Brasil é tolerada, de uma fôrma odiosa, a falsificação dos viveres, a adulteração dos productos mais necessarios á alimentação do povo, de que resulta um assombroso coefficiente de mortalidade por intoxicação do aparelho gastro-intestinal, na America do Norte o governo não poupa dinheiro para manter fiscaes, laboratorios e mais aparelhos de fiscalisação e analyse. A maior parte dos chimicos empregados no Serviço de Saude Publica são mulheres, diplomadas no curso de chimica e verdadeiras mestras na materia são medicas, microbiologistas, conhecedoras profundas de cada uma das suas especialidades.

Entre as illustrações que elucidam esta pagina, verão as leitoras o retrato de miss Nellie M. Scott, que tendo sido, não ha muito, simples stenographa da Bantam Ball Bearing Co., de Bantam, poderosa companhia de Connecticut, é hoje presidente dessa companhia.

Ha uma outra gravura tambem muito interessante. As suffragistas americanas, que hoje, mais do que antes, tem mostrado uma incrível tenaci-

dade em pról dos seus direitos politicos, adoptaram uma bandeira onde se vem vinte e sete estrellas, que representam os vinte e sete Estados onde foi approvada a lei que outorga á mulher o direito de voto. Quer isto dizer que só faltam nove Estados para adherir á nova corrente politica.

Entre as novidades "yankees" uma das mais curiosas é a bandeira de metal, que começa a ser adoptada em todas as cidades. Essa bandeira, vista á distancia, com suas pregas de metal, imita perfeitamente a bandeira de panno a flutuar ao vento, e tem sobre esta a vantagem de não murchar quando não ha vento, de não descorar pela acção do sol e de não apodrecer pela acção da chuva e da humidade.

Eu, que vos escrevo desta tumultuosa, barulhenta e irrequieta Nova York, ao reler as noticias que me acudiram ao bico da penna, fiquei indecisa, queridas leitoras da "Revista Feminina", se devia ou não enviar para ahi esta despretenhiosa correspondencia. Porque essas noticias commecam a parecer-me mesquinhas, ao lado de outras, que surgem de cada canto. Neste paiz e principalmente nesta cidade, tudo é sensacional, tudo é novo, tudo é original, tudo é inedito. Nenhum povo do globo toma tão ao serio a idéa de "crear", de que tanto abusam os francezes, o que, verdadeiramente, pouco cream. Os americanos não usam esse pretencioso vocabulo, mas outro mais modesto, que é "inventar". Aqui não se receditam, como na Europa, idéas velhas; aqui aperfeiçoam-se as novas e inventam-se outras.

Se eu, de facto, me propuzesse enviar-lhes noticias sensacionais, não precisava fazer outra coisa senão atravessar a Quinta Avenida a pé, demorando-me um minuto em cada mostruario.



Os chimicos dos laboratorios do Serviço de Saude Publica praticam cuidadosas experiencias para ver que ingredientes faltam em certos comestiveis que estão á venda ou que elementos entram em sua composição.

Nova York. Outubro, 1920.

NELLY BRANDY

A ALMA DO ANONYMATO



com que fim me escreveram esta infâmia?

"La calunia é um venticello"... Assim canta o baixo do "Barbeiro de Sevilha"; e a calúnia é, de facto, a princípio, um simples sopro que mal sentimos e a que não damos importância. Mas depois, de ventosinho se transforma em ventania, e cila que envolve tudo, que desperta as consciências adormecidas e arrasta na sua passagem odios e paixões. A calúnia se forma, como os cogumelos venenosos, na sombra. Quem a concebe é uma pessoa má, perversa, que tem inveja à victória do collega, que não pôde olhar, sem azedume, a felicidade do vizinho, que não pôde contemplar, sem horror, a belleza da amiga. Se essa pessoa fosse apenas invejosa e não fosse tão má, armara-se-lhe de um chicote e chicoteando o rosto da pessoa odiada, lhe diria:

— Odeio-te, collega, porque és um forte e soubeiste, com a tua força, abrir uma brecha para seguir adeante e colher o teu triumpho, enquanto eu, fraco, finjo contentar-me com o pouco que tenho e dissimulo o meu desejo de ter mais. Odeio-te, meu vizinho, porque és feliz, porque a tua mulher, que é bella, te cerca de carinhos, enquanto a minha, que é um monstro, só se juntou a mim para envenenar-me a existência. Odeio-te, amiga, porque és formosa, porque brilha na sociedade, porque em torno de ti só ha sussurros de sympathy e rumores de admiração, enquanto eu, feia, sem encantos, só inspiro repulção, e sinto-me envelhecer sem realizar um unico ideal, sem apanhar uma unica migalha das venturas que possues...

Assim falaria a pessoa invejosa se fosse mais corajosa e não fosse tão perversa. Mas como é covarde e não tem animo de correr para a rua, armada de um chicote, fecha-se em seu quarto, e concentrando em seu coração todos os odios latentes que dentro delle se aninharam, pega da penna, concebe uma infâmia e... escreve uma carta anonyma. Enquanto escreve, suspende ás vezes a penna para gosar o effeito de uma perfidia habilmente lançada, e arregaça a dentuça num sorriso, autogosando a dor que vai causar...

Naquella manhã, como de costume, quando Henrique entrou em seu gabinete, Lulu, o lindo cãozinho de pelo branco e macio como o de uma marta, correu ao seu

encontro, saltando-lhe aos joelhos, numa alegria infantil, fazia cabriolas, metta-se-lhe por entre as pernas, cahindo, levantando-se, para dar novos saltos, e agitando o rabo com frenesi.

Henrique correspondia ás suas caricias:
— Olá, Lulu, meu lindinho! Toma juízo, bobinho! Basta, basta, fica quieto.

Lulu' era obediente. Ouvindo essas vozes, poz um freio ás suas expansões, e sentando-se bem em frente ao seu amo, encarou-o fixamente, varrendo o tapete com a cauda.

Henrique falou-lhe novamente:
— Queres ainda mais festas? Está bem, cachorrinho da minha alma. Vem cá. Estás bem lavadoinho, já almoçaste hoje? Deixa-me ver se a barriguinha está cheia...

E como se o tivesse entendido, Lulu' saltou para os joelhos do amo, e começou a responder-lhe com a sua linguagem habitual, que consistia em latidos e movimentos de cauda. Por fim, Henrique, dando por terminada a brincadeira, collocou-o no chão depois de dar-lhe um beijo no alto da cabecinha.

— Agora, quietinho! que eu tenho outras coisas a fazer.

Lulu', mais acomodado, deu alguns passos e foi repousar na pelle de urso que estava debaixo da secretaria. Antes de deitar-se, deu ainda umas duas ou tres voltas sobre si; como a escolher o sitio proprio.

Henrique sentou-se á mesa de trabalho. Poz a mão sobre as cartas que o carteiro acabara de trazer, e quedou-se um momento distrahirido.

Não estava triste nem se sentia tomado desse estado d'alma melancólico que frequentemente soe enervar os homens de intelligencia muito cultivada. Naquella manhã elle levantara-se com o espirito muito predisposto para a meditação. Começou então, sem o querer, a recordar as coisas passadas. Occorreram-lhe os esforços que fizera, as privações que soffrera até obter o seu diploma de engenheiro. Era pobre. A mesada paterna mal lhe dava para pagar o tecto, uma mansarda humida, e a comida, que não passava ás vezes de pão duro ou pouco mais. Não podia trabalhar, receioso de atrazar os seus estudos. E estudava, estudava, com um afan, como se um minuto de repouso valesse por um seculo. Depois de diplomado, em quantas lutas se empenhou, por quantas decepções passou para conseguir



A alma do anônimo.

o primeiro contrato! Por fim, venceu, porque tinha a alma de lutador. E os louros da sua victoria não foi só elle que os colheu, mas todos os seus.

Seus paes, já velhinhos, viviam commodamente e tranquillos, num vetusto casarão, que elle lhes dera, com jardim e pomar. Seu irmão, cujo curso na Faculdade de Direito elle custeara tão pensosamente, era então secretario de legação numa republica da America Central. Os paes de sua mulher viviam tambem de uma pequena renda que elle lhes garantia. Os irmãosinhos, os primos, todos os parentes viviam sob a sua protecção, que era sempre constante e vigilante.

Todos eram felizes e confiavam nelle como num deus tutelar.

Haverá maior ventura que repartir bens entre as pessoas amadas? Todos deviam a elle tudo quanto tinham. Como Henrique era amado! e esse amor, que o cercava, fazia-o tão venturoso!

Elle sentia-se, pois, venturoso, dessa ventura egoistica de saber-se util, indispensavel. Era, de facto, um egoismo, mas um egoismo elevado. Elle não fazia o bem só aos seus, mas a todos, indifferenteemente. Ninguém o procurava para solicitar-lhe consolo ou esmola sem receber o beneficio do seu dinheiro ou das suas phrases confortadoras. Uma ou outra vez experimentou a ingratidão. Oh! a ingratidão! é uma coisa tão humana! Só não conhece a ingratidão quem nunca fez favores, quem é incapaz de um sacrificio. Mas elle, que vivia a sacrificar-se por amigos, por parentes e por todos os desconhecidos que lhe batiam á porta, não podia deixar de ter soffrido esse espinho.

Lulu, do seu canto, soltou um ronco e empinou os orelhões, vigilante. Isso despertou-o das suas fundas meditações.

Henrique, despertado em sobresalto, mudou o fio ás suas idéas.

Pegou das cartas que estavam alli sobre a bandeja, separou-as dos jornaes e impressos. Abriu a pasta e tirou uma folha de papel e começou a tarefa de fazer as minutas, respostas ás cartas, para que o seu dactylographo as passasse á machina.

Aquellas cartas eram sempre as mesmas. Nenhuma dellas lhe offerecia um obsequio; todas ellas continham pedidos de dinheiro, de recommendações, de novos sacrificios...

Ao levantar uma carta appareceu-lhe a descoberto uma outra, de elegante factura feminina. Ollhosa com attenção esquadriñadora, como se através do envolvero quizesse adivinhar a missivista. Que mulher lhe teria escripto? Um pedido de dinheiro? Que seria? O envolvero estava impregnado de um perfume tão fino... Rompeu o envolvero. Eram linhas escriptas á machina, sem data nem firma. Coisa estranha! Examinou de novo o envelope, para verificar se era mesmo dirigida a elle.

E leu:

"E's um homem feliz. Admiro-te e felicito-te. Feliz porque tens olhos e não vés, tens ouvidos e não ouves. Como te arranjarás com o "outro"? Ou dar-se-á o caso que não sabes de nada? Neste caso, nada perguntes á tua mulher... Seria inutil!"

Henrique sorriu com um desdem compassivo para o pobre sêr de espirito ruim, que se dedicava a taes tarefas, e deixou a carta anonyma a um lado, continuando a fazer outras minutas.

Mas, momentos depois, tornou a lê-la.

— Com que fim me escreveram esta infamia? Ha aqui um grande odio latente. Mas contra quem? Contra mim

ou contra Margarida? Que mal lhe fizemos nós? Eu não me recordo de ter feito mal a ninguém; ao contrario, só vivo a perdoar o mal que me fazem. Quanto á Margarida, costada! tão boasinha, tão delicada! E atrevem-se a atirar-lhe uma calumnia destas, tão tremenda, tão absurda! Pois está claro que é absurda. Ora, que loucura!

Novamente afastou de si aquelle papel maldito, que começava a fazel-o perder a tranquillidade, e tomou de outra carta. Leu-a, releu-a, mas não conseguiu entender nada. Tentou fazer outra minuta, mas errava a cada passo, equivocava-se.

Um bezouro zumbidor irrompeu pela sala a dentro e foi bater, de estalo, contra a bandeira da porta. Lulu, de um pulo, atirou-se, cheio de colera, contra o intruso. Henrique abriu a janella, para que elle voasse em liberdade.

Ao voltar para o seu canto, Lulu, olhando o seu amo, dava saltinhos, mostrando-lhe as patas deanteiras, sob as quaes, por certo, quizera esmagar o insecto zumbidor... Mas seu amo, avançando ligeiro e como automaticamente, até á secretaria, sentou-se de novo, sem dar attenção a Lulu' que, aborrecido, se encolheu em seu canto, de costas para a parede.

Como se obedecesse a um designio fatal, Henrique pegou outra vez da carta.

— Isto é um acto de covardia, é um crime. Peor ainda. O criminoso, louco ou degenerado, se não acerta matar a sua victima, corre o risco de ser morto por ella, e luta, luta com valentia para vencer, e quando mata, mata com rapidez compassiva. Quem escreve uma infamia anonyma, medita, estuda o plano de ataque, e escondendo-se na impunidad, asseta o golpe que ha de envenenar uma vida... E executa o seu horrendo crime, alparadado na sombra, a espiar, a rir dos movimentos dolorosos da sua victima. E' um refinado sybarita do mal, que tortura e mata lentamente.

Voltou a ler:

— "Tens olhos e não vés". Que poderia eu ver? O coração de Margarida, a sua alma, até os seus pensamentos são um livro aberto para mim. Ella ama-me, oh! se me ama!

— "Tens ouvidos e não ouves". Oigo, sim, oigo as suas phrases arfulhadoras, cheias de affecto, cheias de uma immensa ternura. São doces, são cheias de enternecidas recommendações: "Trabalhas muito, Henrique"; "precisas descansar"; "olha, devíamos frequentar a sociedade, ir a passeios, a theatros"... Se tivéssemos um filho!

— "Como te arranjarás com o "outro"? Então ha um "outro"? Quem é elle, onde está elle?

— "Nada perguntes á tua mulher". Sim, claro está que não vejo, que não oigo, que não sei de nada... Eu vivo então escarnecido e vilipendiado. E' o que a carta quer dizer. Meu Deus, quanta infamia em tão poucas linhas!

Deu uma pushada na mesa, o que fez Lulu' protestar com um latrido. Deixou-o cahir sobre a cadeira, e apoiando a cabeça entre as mãos, cerrou os olhos. Depois, metteu as mãos entre os cabellos em feição de pente, atirou os braços para cima, como para afastar os máos pensamentos, e de subito levantou-se, disposto a praticar um desvario.

— Sim, verei, escutarei, espiarei, para saber, para entender-me de tudo, para matar, se for preciso!

Fez um supremo esforço sobre si mesmo e perguntou:

— Mas, se tudo não passa de uma impostura? Como



Tu és moça e bella, teu marido é um bello homem. Vocês têm o dever de apparecer.

lavar depois esta grave affronta, este ataque injustificável à sua virtude e à minha propria dignidade? Vigiar, espiar, violar-lhe a correspondencia, pôr o olho ao buraco da fechadura, aguçar o ouvido atraz dos reposteiros... Tudo isso é uma affronta a uma pessoa tão digna e honrada.

Acabrunhado pela dor, permaneceu longo tempo imóvel. Em seu cerebro, tornado febril, ardlam as idéas mais desencontradas e disparatadas. Seus olhos, de tanto apertar com os punhos fechados, estavam minguados e sanguinolentos. Era a duvida, que vinha metter-se de perneio entre a sua razão e a sua impulsividade.

Houve um momento em que elle rugiu:
— E se fosse certo?

Lulu' levantou-se e sahiu a latir pela porta que dava para o interior.

Henrique acompanhou-o inconscientemente, como a querer agarral-o, mas conteve-se:

— Lulu', Lulu', cala-te! Já! para aqui!

Lulu' resistia ganindo.

— Vem, já disse!

O cãozinho obedeceu, mas de má vontade.

Henrique quedou-se como petrificado atraz do cortinado.

Na sala proxima, Margarida, sua mulher, ria-se... Com ella estava falando um homem. Era o primo Alfredo, um lindo e elegante moço, que vivia das suas rendas.

E falava:

— Não te rias. Vocês são uns casmurros. Não vão a parte alguma. Ainda outra noite, vendo vocês na platea do theatro lyrico, tão attentos, tão serios, tão graves, confesso que tive vergonha. Tu estavas com um vestido tão modesto, tão afogado! No theatro quer-se o decote, o "maquillage", e tu, com tua linda carinha lavada, quasi sem pó d'arroz... Tive acanhamento de cumprimentar vocês. Dir-se-ia um casal de burguezinhos endomingados. E foi a Mariasinha quem me chamou a attenção. Ella disse-me: "Tua prima é uma linda senhora, mas teima em occultar a sua belleza naquelles modestos vestidos. E' pena! Uma senhora sem filhos..." Mariasinha anda meio zangada conmigo.

Coisas de ciúmes. Ella ha muito que me corticia; eu nem lhe dou attenção. A mim parece-me que ella não te quer muito, tem-te uma certa birra... Uma vez me disse ella até: "Eu de boa vontade escreveria uma carta anonyma a ella ou ao marido". E' inveja, sabes? Porque, embora seja ella mais elegante, tu és mais bonita. Ella ainda não encontrou marido, ella que é rica, ao passo que tu, que eras pobre, fizeste um casamento magnifico.

Ella sabe que tu és feliz, que amas ao teu marido, e porisso vive a ralar-se de pura inveja.

— Coitada!

— Vocês são realmente felizes, mas é preciso que essa felicidade se publique, é preciso que vocês frequentem as reuniões elegantes, que se mostrem a todo o mundo.

— Para que, Alfredo?

— Ora, para que! Tu és moça e bella, teu marido é um bello homem; vocês têm o dever de apparecer.

— Tu, Alfredo, nunca deixarias de ser uma creança. Cada um procura a sua felicidade e onde a encontra. Tu, com tua Mariasinha, a encontraste nos salões; eu, com meu Henrique, encontrei-a no lar. Somos felizes assim, de uma felicidade que só nós comprehendemos, e isso nos basta. Tu, para seres feliz, necessitas de um scenario em que te exhibas e de uma galeria que te applauda; eu e meu marido, para sermos venturosos, necessitamos deste ambiente domestico em que vivemos e do grande amor que nos une. Mas isto são coisas que tu, com tua frivolidade, não podes comprehender.

— Está bem, prima, não é preciso que me insultes. E' um bicho de toca. E indo ao espelho para corrigir o laço da gravata:

— Que tal me achas?

— Como sempre, elegantissima. E tu, como me achas?

— Como sempre, mona e casmurra. E adeus, Margarida.

Adeus, Alfredo.

Henrique voltou para a sua mesa de trabalho. Pegou do anonymo que esteve a ponto de o enlouquecer, queimou-o á chamma do phosphoro e soprou as cinzas para a cesta de papeis. Como o fumo incommodava-o, abriu a janella que dava para a rua.

Lulu' tossiu, molestando pelo fumo.

Naquelle instante viu Alfredo, que sahia, muito cintoado em seu amplo sobretudo de inverno, muito cotado, que lhe dava uma apparencia de mulher. Alfredo saudou-o com affecto, e com equal affecto correspondeu-lhe Henrique.

Margarida entrou no gabinete. Lulu' levantou-se, de um salto, para recebê-la.

— Estás todo despenhacado, Henrique.

— Foi o vento da rua.

Henrique tomou-lhe as mãos, envolveu-a toda num olhar profundo de amor e beijou-a.

Lulu' sentadinho sobre as pernas trazeiras, contemplava os seus amos, exigindo tambem a sua dóze de carinhos.

MARGARIDA LAURA

GALANTERIA:



— Meu marido acaba de atirar-me um tinheiro á cara. Veja o senhor como fiquei com a cara toda preta.

— Não se importe a senhora com isso. A côr preta lhe assenta tão bem...

PRESTÍGIO POLITICO.



— Com que então o infeliz coronel Procopio está no hospicio?

— Desde hontem.

— Coitado! Ver-se entre os loucos!

— Não ha tal.

— Como assim?

— O director do hospicio, tendo em conta que o Procopio foi um chefe politico, pôl-o entre os idiotas.

NA ESCOLA:



— Já te disse, menino, que é prohibido coçar-se na aula.

— Sim, senhor.

— Então porque te coças?

— Porque tenho coceira.

ACTIVIDADES FEMININAS NO CHILE



Sra. Luiza Lynch de Gormaz, uma das fundadoras do "Club de Senhoras de Santiago do Chile."

Hoje em dia o campo das actividades femininas no Chile, offerece um quadro interessante e que bem nos poderia servir de modelo. A mulher, subitamente despertada do limbo em que accetou a luta da vida, competindo com o homem em tarefas que antes lhe eram defesas. Hoje, a mulher chilena é vista a exercer as mais complexas actividades commerciaes, trabalhando em todos os officios, em todas as industrias, em todas as usinas, em officinas e escriptorios. Em todas as capitales de provinciaes funcionam escolas profissionais de mulheres, e na Universidade do Chile diplomam-se todos os annos doutoras, advogadas, professoras, pharmaceuticas, dentistas, etc. Nada escappa ás suas aspirações, nada lhe serve de obstaculo. Ella lança-se afeitamente no trabalho, sem que por isto perca o seu encanto feminino, nem essa fina sensibilidade espiritual, que é um dos melhores attributos da mulher chilena.

Esta evoluçao nos ideaes e nos costumes, produziu, como consequencia, a formaçao de grupos e collectividades em que as mulheres se associam para reunir suas energias em um esforço commum. Seria longo enumerar todas as instituicoes femininas, que, de uns quinze annos a esta parte, se organizaram no Chile. Basta apontar as mais importantes. Em primeiro logar a "Gotta de leite", e que teve a sua origem na modesta "Sopa da creanca", instituia em Limalche pe'a sra. Jesu's Palacios de Diaz. A "Liga das Damas Chilenas", fundada em 1910 pela sra Amalia Errazuriz de Subercaseau, estende actualmente suas ramificacoes por todas as provincias; patrocina varios syndicatos femininos, uma Bolsa de trabalho, e põe á disposiçao dos intellectuaes um vasto salão para conferencias. A "Liga das Senhoras contra a Tuberculose", fundada pela sua actual presidente, sra. Anna Swimburn de Jordán, que mantem varios dispensarios onde os enfermos são diariamente attendidos. A "Liga da Cruz Branca", instituioe creada

ha muitos annos pela sra. Etelela Edwards de Salas, que tem por objecto resgatar a mulher decahida regenerando-a pelo trabalho. "O Conselho Nacional de Mulheres do Chile", instituioe no anno passado pela dra. senhorita Eloisa Diaz, e organizado de accordo com outros conselhos analogos, existentes na Europa, Estados-Unidos, Brasil, Argentina e Uruguay. De menos utilidade pratica mas de grande influencia social é o "Club de Senhoras", fundado ha quatro annos pelas sras. Luiza Lynch de Gormaz, De'la Matte de Izquierdo e Iguéz Echeverria de Larran. A formaçao deste club foi um grande passo em prol da cultura feminina; hoje é o centro mais brilhante, onde se reúne a fina flor da sociedade de Santiago. "O Circulo de Leitura de Senhoras", fundado pela sra. Amanda Labarca Hubertson é tambem um centro intellectual que contribuiu grandemente para o desenvolvimento da intellectualidade feminina.

Não podemos esquecer ainda o "Congresso Mariano Feminino", ce'brado no anno passado sob os auspicios da "Liga das Damas Chilenas" e que repercutiu em todos os paizes sul-americanos. Trezentos trabalhos foram lidos neste Congresso, todos elles devidos a senhoras e senhoritas da alta sociedade da Capital e das provincias.



Sra. Sara Hulaver de Fiesha, notavel escriptora chilena.



Sra. Sofia Eastman de Huneeus, presidente da Cruz Vermelha, do Chile.



Sra. Maria Luiza Fernandez de Garcia Huidobro, dama intellectual de grande merito.

PAGINAS DE ARTE - OS MENINOS DE FEUERBACH

Quem conhece a graça sobria das mulheres pintadas por Feuerbach, essas admiráveis Nanne, Ephigenia, Virginia e a Proesia, maravilhas de esthetica, imaginará logo o que são os seus "meninos".

Feuerbach pinta-os tristes; são mais filhos da arte, que filhos do homem.

Na pintura as creanças são raras. Murillo, na sua Virgem, collocou em redor da imagem veneravel uma corôa de anjinhos. São, porém, verdadeiros contrastes aquellas physionomias intelligentes e sisudas, com aquelles corpos de recém-nascidos. Outra creança que se repete muito na pintura é o Menino Jesus. Feuer-

bach creou, porém, um novo typo de creança, na pintura: são seres fóra da vida, cuja idade é impossível se lhes determinar. São verdadeiras ficções.

Enquanto esses peizes têm nos olhos um extranho vigor de pensamento e paixão, seus frageis corpos, seus membros accusam uma idade incipiente.

Feuerbach tambem tem, como os demais artistas classicos, seu Menino Jesus. Mas o seu "Menino" é diferente dos demais. Nada tem de commum com a concepção dos demais artistas. Parece



"Auto-retrato de Anselmo Feuerbach"



"A serenata"



"Um estudo", de Feuerbach



"Um estudo", de Feuerbach

que elles, pelo seu olhar, pelos seus gestos, accusa conhecer o profundo mysterio da sua propria vida. Lê a predestinação e a divindade no seu rosto.

Os seus "meninos pagãos", esses que rodeiam satyros e silenos, poderemos chama-los de pictoricos, convencionaes, fóra da vida. Entretanto, devemos confessar que são de uma graça infinita. O que caracteriza melhor a obra de Feuerbach é a sobriedade, a austeridade harmoniosa das suas telas. O artista imprime nos seus personagens e no ambiente que os

rodea, muito da sua alma enigmatica. Basta ver-se o auto-retrato que reproduzimos, aqui, do grande e genial artista, para, dos seus traços physionomicos, decompor-se-lhe a alma sonhadora e triste.

A vida, como elle a entende, é preoccupada, mysteriosa, sonhadora, a interrogar o futuro pelo

mesmo nos seus meninos, ha essa preocupação dolorosa, essa dor intima que faz com que elles, mesmo sorrindo ou brincando, encerrem em si a expressão animica de quem já viveu o bastante para ter chorado na terra e ter perdido as suas melhores illusões.

Dentre as grandes qualidades desse pintor, a que o torna, porventura, mais interessante, é a maneira como trata esse genero, de que todos os artistas têm descurado. A creança é um elemento pictural de primeira



"Recordação de Tivoli"



"Idyllo"

ordem. A expressão ingenua e sempre interrogativa dos seus olhos, o brilho da sua carnção, as linhas, sobretudo, onde já se revela o futuro individuo adulto, o seu aspecto choroso ou risonho, certas incoherencias dos seus gestos e attitudes, tudo isso são fontes inexgotaveis de inspiração para os artistas. Entretanto, as creanças não só nos quadros classicos como na pintura moderna, só são invocadas como elemento secundario, e nunca tratadas com o carinho que merecem. Claro está que ha muito cupidinho nú, com sua aljava e settas, na pintura classica e ha muito anjinho voejando no céu dos retabulos religiosos, mas uns e outros são figuras convencionaes e onde tudo é convencional, attitudes e gestos, movimentos e proporções. Mas não são esses os typos que deveriam inspirar os artistas, e sim as creanças, taes como ellas são, taes como as conhecemos, com sua graça característica e com sua innocencia,



"Sileno com os meninos"

que, por vezes, illuminada com uma pouca de malicia infantil, é prodigiosa de expressão.

Emquanto os pintores, grandes ou pequenos, de qualquer epoca ou escola, têm descurado a pintura das creanças, ou a

tem aproveitado, apenas accidentalmente, como elemento secundario ou, o que mais é, como recurso de composição, como symetria para a distribuição das figuras no plano, a caricatura a vem desde longos annos explorando. A caricatura, por sua própria natureza, dá á expressão dos petizes uma vivacidade excessiva, um excesso de malicia prodigioso. D'ahi o seu exito nesse genero, quando tratado por um verdadeiro artista. Quem ha que se não lembre, arripiado e assustado, dos "Enfants terribles", hoje tornados classicos? Para falar verdade, mais vale, como elemento de suggestão, um petiz tratado por um caricaturista, com sua graça deformada, suas linhas aberradas das proporções naturaes, com sua fealdade que faz rir e ao mesmo tempo pensar, que uma formosa creancinha a um canto da tela, tratada a cor de rosa, gorducha e inexpressiva,

Astros e Estrellas do "écran"

Os actores têm uma ogerisa especial pelos artistas de cinematographo, e a razão dessa ogerisa baseiam elles no seguinte: os primeiros necessitam fazer um curso



Dorothy Gish, cuja graça ultra-moderna perturba a imaginação dos velhos e adolescentes.

no Conservatorio, em que estudam, além das materias preparatorias, versificação, dicção, declamação; os segundos não precisam de fazer um curso, não precisam saber nada, bastando-lhes ter uma certa intelligencia na mimica. Enquanto os primeiros só conseguem fazer algum renome á custa de muito esforço, de muito estudo e de muitos annos de paleo, os segundos attingem os triumphos mais ruidosos em poucos mezes de exhibição. O que faz a gloria daquelles é a arte; o que faz a gloria destes é o cartaz. Aquelles só alcançam a gloria no principio da velhice; estes em plena juventude. Aquelles, em cada espectáculo, só contam, na media, com mil espectadores para os applaudir, porque representam em pessoa para o publico; estes, em cada "pose", contam com muitos milhares de espectadores para os glorificar, porque a pellicula, em que figuram, é a mesma para todo o mundo. Muitas destas razões, como se vê, são justas, mas os actores, que têm tanta ogerisa pelos heróes do écran, nem sempre são razoaveis quando se insurgem contra os seus rivales vencedores. Verdade é que os artistas de cinematographo não fazem um curso no Conservatorio, não necessitam saber dicção, declamação, versificação, linguas, não precisam ter uma cultura litteraria, mas é verdade tambem que elles dispõem de outros recursos, de outras habilidades de que não dispõem os actores. O artista da tela, para merecer uma nomeada mundial tem de ser bello, bello no sentido verdadeiro da expressão, bello pela correção physionomica, pela elegancia das proporções, pela mais rigorosa plasticidade oviform. É preciso que seja um athleta e um acrobata, dotado de immensa força e sem excesso de musculos que o afeiem; é mister que possua uma coragem temeraria, e que não vacille em saltar de um cavallo a toda disparada, em atirar-se a um comboio na carreira, em lançar-se de uma ponte de trinta metros, em arremessar-se ás ondas encapelladas, em provocar um leão no seu antro e mata-lo a queima-pello, em dar caça ao tigre nos juncos, em arriscar-se a ser pisado numa carga de cavallaria, ou ser devorado pelas feras, em fazer enfim os trucos mais assombrosos de gymnastica e em patentear os mais extraordinarios actos de coragem ou de sangue frio. Tudo isto, que o heróe da tela precisa executar, já é muito, parece até que fica além dos recursos humanos; emtanto, tudo

isto ainda não basta, ainda é pouco, ainda se torna mesquinho se o artista não é intelligente, se não tem o genio da attitude e da mimica e se não é dotado de uma belleza de Apollo adolescente.



A silhueta de Miss. Ostewart é tão caracteristica, tão incomum, fundivel, que por um gesto de suas mãos maravilhosas se pôde recompor toda a sua graciosa figura.

Os actores da comedia e do drama, para diminuir o valor dos seus rivales da tela, assaolham, com motivos de desprezo, que todas essas façanhas executadas na pellicula não passam de trucs photographicos. Elles tem, em parte, razão. A arte photographica, ou melhor, cinematographica, chegou a um incrível apogéo, de que o profano não tem noticia. Mas nem tudo é truco do escenador e do operador. A maior parte das façanhas são realmente executadas. Quando Maciste, por exemplo, entesando os seus musculos maravilhosamente estriados, arrebenta as grades de uma prisão, não é difficil perceber que aquellas grades de ferro estão colladas com estanho para facilitar a evasão, mas, quando o mesmo Maciste deita a correr por uma estrada levando suspensos pelos fundilhos dois bandidos que o esperavam de emboscada, não pôde haver truco possível. Neste caso, elle tem de fazer a preza para obter o effeito photographico.

Demais, quantos artistas não têm perecido em accidentes quando posavam para a pellicula? Já é bem avultada a estatistica dos que pereceram e dos que ficaram para sempre inutilizados em accidentes de toda a sorte.

Muitos artistas dramaticos se têm exhibido na tela, como Grasso, Zaccane e outros; mas todos elles obtiveram um exito relativo. O grande successo, o successo sensacional só é obtido pelos artistas americanos.

Não é de admirar, pois, que estes ganhem fortunas fabulosas em poucos annos de trabalho. Os records do lucro em cada espectáculo cobrem, conforme a epoca, á Sarah Bernhard, á Adelina Patti, a Kubelic, a Caruso, mas esses records são hoje mesquinhos comparados aos lucros phantasticos das "estrellas" e dos "astros" do écran.

As leitoras, provavelmente se interessam em saber quanto ganham os grandes artistas do cine. Quando se conheceu a cifra do contrato firmado por Charles Chaplin com o Primeiro Circuito Nacional de Exhibição dos Estados Unidos, os commentarios de assombro que se fizeram em todo o mundo foram enormes.

Um milhão de dollars por oito pelliculas! Que enormidade! Nem que as pelliculas fossem de ouro!

Quatro mil contos são, de facto, uma grande somma. Mas não se conheciam todos os pormenores do contracto, Chaplin compromettia-se a entregar oito pelliculas completamente terminadas, sendo que todos os gastos corriam



O principal encanto de Theda Bara reside sobretudo nos seus olhos enigmáticos, que têm silenciosos eloquentissimos.



Ninguém é mais temeroso que William S. Hart quando aponta as suas pistolas...

por sua conta, absolutamente todos. Pois bem; estabelecendo uma comparação entre o contracto de Charlot e as cifras que alcançam algumas artistas americanas, comprehendem-se a quanta razão tinha Charlot quando fallava, não ha muito, que o tal contracto de um milhão de dollars lhe ia occasionar um notavel prejuizo. Senão, veja-se:

A Goldwyn Pictures paga semanalmente a Geraldina Barrar quarenta contos de réis.

Mary Pickford cobrou, durante o anno de 1919, dois mil contos, devendo-se ter em conta que ella só tomou parte em tres pelliculas.

Cifras analogas cobraram no mesmo anno outras duas estrellas americanas: Norma Talmadge e Annita Stewart. A Casa William Fox pagou durante muito tempo dezesseis contos semanais a Thea Bara.

William S. Hart ganhou de 1918 a 1919 a somma respeitavel de tres mil e seiscentos contos, e calcula-se que está ganhando actualmente, por todo o decurso de este anno, dez mil contos.

Os ordenados de cinco a dez contos por semana são muito frequentes entre as "estrellas" e "astros" americanos.

A influencia do cinema na moral e nos costumes é extraordinaria, e é pena que a influencia seja quasi sempre pernicioso. As fitas de genero policial, por exemplo, extrahidas dos romances de Conan Doyle ou de Maurice Leblanc, tiveram a pernicioso vantagem de fornecer ao "cambrioleur", ao gatumo, ao saltador, novos elementos de ataque e de defesa, porque indistriaram os criminosos nas mil subtilidades da arte do crime.

As fitas geralmente vulgarizam entre as crianças e adolescentes episodios de alcova, scenas de um sensualismo cru, que têm a desvirtude de lhes rebaixar a moral.

Mas deixemos este assumpto, de que já temos tratado abundantemente, e voltemos a falar propriamente da arte cinematographica. Essa arte chegou ao seu apogeo nos Estados Unidos, que deixaram a França em plano secundario. Foi isso devido á guerra. A America do Norte, durante a guerra, intensificou a sua produçao de films e progrediu immensamente na arte. A França, porém, para reconquistar a sua posição, vae criar o Conservatorio Nacio-

nal de Cinematographo. O Conservatorio Nacional Cinematographico da França será criado com as mesmas prerogativas de que gosam na França as bellas artes, a "Ecole Nationale des Beaux Arts", o drama na "Ecole Nationale des Arts Dramatiques", tendo como seus principaes templos de arte a "Comedie Française", o "Odeon" e a "Opera"; a musica e outras artes, que são directamente subvencionadas pelo Estado.

O autor desse projecto é o sr. André Honorat, ministro das Bellas Artes. E' o seu ministerio que dirige os varios museus da França, collegios de arte, conservatorios, theatros nacionaes e operas.

E o Conservatorio Nacional Cinematographico representa tão somente uma extensao do patrocinio do Estado á nova arte, e tambem um reconhecimento, que consagra, officialmente, sob todos os pontos de vista, o cinema como sendo uma arte.

O sr. Honorat não esconde que, em grande parte, foi levado a emprehecer esse movimento, pela desherberta de que a França está muito áquem do actual desenvolvimento do cinema nos Estados Unidos.

Attribue esse facto somente á circumstancia de, durante a guerra, ter cessado todo o progresso do cinema na França, ao passo que, naquelle paiz, sem tener a competição, o desenvolvimento foi simplesmente extrao dinario.

O sr. Honorat es á convencido de que o Conservatorio Nacional Cinematographico muito fara para permitir que a França reconquiste o terreno perdido, durante a guerra, na arte cinematographica.

O Conservatorio sera organizado e dirigido mais ou menos da mesma forma por que o são as outras escolas de arte nacional na França.

Em primeiro lugar, será criada uma bibliotheca, onde serão colleccionados todos os livros e demais trabalhos referentes á arte do cinema. Além disso, será criada uma vasta e permanente colleçao de todas as principaes fitas produzidas no mundo.

Haverá tambem a escola, onde serão abertos cursos franqueados a todos, de qualquer modo ligados á produçao de "films", desde as principaes estrellas ao mais ínfimo operario de scena. Ahí serão instruidos aquelles que pretendem tornar-se actores de cinema, os que desejarem mais tarde, criar enredos, confeccionadores de scenarios, operadores cinematographicos e outras pessoas, ás quaes interessam o desenvolvimento, as invenções cinematographicas e a parte mecanica da nova arte.

O sr. Honorat espera empregar, como base para o inicio dos trabalhos do seu conservatorio, uma profusão de material, herdado pelo Estado da "Section Photographique et Cinematographique de l'Armée".

Esta seccao foi organizada pelo Ministerio da Guerra e pelo quartel-general francez, para a obtenção de photographias e cinematographias dos acontecimentos da guerra. O fim da guerra poz termo a esse trabalho, que logrou constituir uma vasta organisação e deixou uma avultada quantidade de material, de grande importancia historica aliás, que servirá para dar inicio ao Conservatorio Nacional Cinematographico.



Em vão se procurão cabelos mais brilhantes e bonros que os cabelos de Pickford, de Minter, de Vivian Martin, de Gladys Lesly



João Boia, que fez fortuna com os seus amigos



Os olhos tristes de Miss Murray, tão cheios de saudades...



Catilins a exhibir a sua indumentaria extravagante



Dorothy Dalton conquista o seu publico com um só dos seus sorrisos.

tada arte que pôde produzir a cinematographia.

Estamos, porém, inclinados a crer que, sejam quaes forem os esforços que façam os francezes para reaquiescitur o antigo prestigio na cinematographia, não poderão mais alcançar os americanos. O film americano, com as suas proezas do Far West e com os seus inimitaveis artistas da acrobacia, tomou conta do mundo. Desbancal-o parecee-nos impossivel, mesmo ao genio francez...

O unico paiz do mundo em que é exercida com rigor a censura cinematographica é o Japão.

O publico japonês, tal como o chinês, gosta immensamente das fitas de enredo empolgante, genero capa espadada, com crimes horrores, mysterios indecifraes, intrigas e violencias; nada ha de mais atrahente para o japonz do que ver um grande bandido a lutar desesperadamente com os seus perseguidores a socos, a punhaladas ou tiros; e tudo isso, é claro, deve passar-se a dois passos de um abysmo negro onde a acabam por cair os heróes da tragedia -- como acceteo em geral nas modernas fitas americanas.

A meticolosa policia japonesa, attendendo, naturalmente, á grande influencia que o cinematographo exerce na imaginação popular, resolveu prohibir terminantemente a exhibição de toda e qualquer scena violenta, em que haja assaltos, roubos ou assassinios, e exerce, nesse sentido, uma rigorosa e intolerante censura.

Os empresarios que não querem, como aliás, é muito natural perder as pelliculas que adquiriram por elevado preço, sujeitam-se ás exigencias da lei que os obriga a concordar com a censura, e exhibem, então, as fitas estropiadas e cortadas; cada cinema contrata, afinal, um "relator" especial que deverá, afim de esclarecer o publico, contar durante as sessões, os episodios contidos nos trechos condemnados.

Esse "relator" deve ser bastante habil para narrar, em poucas palavras, os acontecimentos cujo desenrolar no "écran" não foi permitido, e deve fazer as descrições com voz bem clara e em linguagem bem simples; muito longa, a orchestra pára e accendem-se as lampadas da sala!

E assim, com fitas incomprehensíveis, estropiadas pela policia e perturbadas pelos discursos, deve ser muito pouco agradável uma sessão cinematographica no Japão.

O sr. Honorat espera que o seu projecto mereça o apoio financeiro das proprias empresas cinematographicas, sem despesas para o Estado, pelo menos até que a França se tenha estabelecido financeiramente.

Conta com a cooperacao dos profissionais, de todos os principaes actores francezes de cinema, assim como dos autores, technicos, etc.

Os "films" artisticos produzidos serão enviados para o exterior, para serem exhibidos, não no intuito de estabelecer competição com os outros commerciantes, mas simplesmente para dar ao mundo uma oportunidade de assistir á mais requintada arte que pôde produzir a cinematographia.



Os olhos de Cacseno têm a mais expressão como o seu proprio dono.



O sorriso honesto e sympathico de Fambank garante-lhe a fortuna.

A cinematographia americana está resuscitando o romance da cavallaria, e é essa talvez a razão de seu enorme prestigio. Eis o que, a proposito do assumpto, escreveu Monteiro Lobato:

"O cinema americano renova, resurge a cavallaria andante. Dá-lhe fórmãs actuaes, logicas e modernas, conservando-lhe, porém o espirito."

Hart é o moderno Roldão. Suas proezas excedem ás do valoroso par de França que morreu em Roncesvalles. No começo, em suas primeiras fitas, limitava-se a vencer um inimigo, depois de luta corporal ao vivo, dum realismo electrizante. Não lhe bastou isso. Foi além. Passou a vencer dois, tres, dez inimigos. Hoje, Hart voga em plena phase rolandesa, a pharse aurea do paladino, quando enfrentava exercitos de 300.000 mouros e, relampagueando a Durindana, fendia craneos aos milheiros, deceppava cerce vinte cabeças de reis abandonados e punha afinal em desbarato a mourisma inextinguivel.

A ultima fita de William Hart dá a impressão dum capitulo da "Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França", posto em linguagem e ambiente modernos. Vence elle, sózinho, uma cidade inteira de bandidos -- dessas cidades de taboas, improvisadas no Far West pelo elemento "rascal" do plethora yankees. Estão todos os habitantes mãos da cidade reunidos na tasca de Sheriff, que é o chefe da malta, commentando, entre goles de whisky, os crimes que cometeram, quando se abre a porta e surge a figura, retezada de Hart, com dois enormes Colt nas mãos, engatilhados. Estarecimento geral. Assombro. Pavor. Os braços se erguem lentamente Hart, immovel, gela os bandidos. Seu olhar de fera magnetiza o Sheriff, que, vencido, ergue tambem os braços Na platéa a creançada delira em convulsões de enthusiasmo a ponto de fãisca electrica:

--- E' agora!

Na tela, Rolando continua immovel, e mantém immobilizada a mourisma de braço ao ar. Subito, num movimento brusco, ergue o revólver para o tecto e "casca" um tiro no lampião de petroleo. E outro, e outro e outro, em todos os bergas da tasca. O imprevisdo do lance estremece a creançada e leva ao apogeo o pavor dos mouros. O petroleo derramado inflamma-se. Chammafumarentas tremem pela sala. O rei mouro Ableraman-Sheriff, arrastado pelo desespero, mal quebra a immobibilidade, num gesto de defesa, cae incontinentemente varado pela bala mortal de Rolando. Situação horrosa: ou assados vivos no incendio ou varados pelo revólver de Hart! A creançada inteira está de pé, com arrepiado de cabelo, numa suprema tensão de nervos.

Mas a fumarada envolveu a scena e o desenlace ficou á mercê da imaginação de cada um. No ultimo quadro Rolando passa, a galope, com um vulto de mulher á garupa. Salva! Salva! E some-se, emquanto, ao lon-

ge, a cidade dos bandidos arde num incendio pavoroso...

E' pura cavallaria andante. E' idealismo industrial dos meliores quilates. Ensiná a generosidade, a defesa do innocente, o castigo do máo e a força invencivel da boa causa. Cervantes não matou a cavallaria. O espirito della persiste e, para honra da humanidade, está mais vivoideiro do que nunca.



Gloria Swanson, com seus penteados ultra-bizarros, dominou o mundo.



MINHA **M**USA

*Vi-te, a principio, sobre mim pairando,
Como subtil e dubia nebulosa,
E julguei-te uma imagem vaporosa
Que se apagasse ao zéphyro mais brando...*

*Mas, attento, fiti-te os olhos, quando
Vi que a fôrma tomavas de uma rosa;
Pasmei, depois, com ver-te mais formosa,
Numa expressão de estrella, rebrilhando...*

*Cego fiquei de vista deslumbrada,
Dentro do sonho em que ainda estou vivendo!
Pois essas variações, Musa encantada,*

*São no teu vulto que, hoje, enfim comprehendo,
Feições supremas de mulher amada
— Braços abertos para mim descendo!*

LUIS CARLOS.





A DANÇA "POI" EM CHIMEMATA

A LENDA DE HINE MOA'

A placida filha de esmeralda — um camafuro barbado, com perfis e linhas suaves — surge do verde lago de Rotorna, um lago com a preto de mar, cujas ondas se rebelam, como se quizessem invadir as terras e unirse ao vizinho Oceano Pacifico, empunhando ás suas margens, fúnebre o fogo subterrâneo e os vulcões encobriam a cratera inflammada.

Nessa *Hobos* celenica vivia um jovem guerreiro abandonado do norte, que a mãe generosa do velho Winkamé recolhera e unira á sorte dos seus filhos: Tutankai. Este era alto, musculoso, de pernas rijas e de cor escura; o seu rosto era um hieroglypho de linhas azues, uma tatuagem complendida. O sacerdote, que lhe fez a dolorosa tatuagem, entouo o canto de guerra: "Teu sofrimento é uma prova do teu valor; teus homens te obedecerão, e as mulheres, que te amarem, dirão: como és valente, Tutankai".

O sangue que lhe corria das feridas formava um lago rubro sobre a pedra do sacrificio. Mas o jovem guerreiro mostrou-se frio e impassível.

Além da collina, muito além, havia outra tribo guerreira e pastoril, Tutankai, que era curioso, arribou-se a ver de perto aquelles guerreiros da outra banda, e para lá partiu. Homens e mulheres, numa immensa charreia, executavam unos danças estranhas, com terríveis contorsões e batendo duramente o chão com os duros calcanhars. Foi ali que Tutankai conheceu a esbelta Hine-Moa, a caçta flor moori, princeza de quinze annos.

Hine-Moa era a unica filha do gigantesco rei Onukaria, que carregava aos hombros uma macca de jaspe verde, pesada como uma arrote, e com a qual já tinha esmagado trezentas cabeças de valkatos inimigos.

Todos os guerreiros amavam Hine-Moa, a virgem dos olhos negros.



Prinzeza moori.

Só Tutankai é que conquistou o coração da princeza; mas, como era plebeu, nem ousou em aproximar-se della. Os olhares que trocaram não passaram, porém, despercebidos ao velho e sanguinario chefe. Tutankai, pois, voltou á sua ilha de esmeralda, e quando, do alto da collina, olhou a vaga cidade de Owabata, ainda avistou o vulto fino de Hine-Moa, em torno do qual os ultimos raios do sol pousavam um timbo de ouro.

O pai de Hine-Moa, além de rude, era astuto e precavido. Suspeitando que a filha lhe fugisse, mandou retirar do lago todas as pirgasas. Todas as noites Tutankai, á margem do lago, soprava em sua flauta as suas canções de amor; e todas as noites, a princeza, attento o ouvido, tratava de adivinhar se que os sons daquella flauta lhe diziam.

Certa vez, a lua já alto, Hine-Moa tirou as roupas, atou as cinco dadas calças e lançou-se á agua, nadando em direcção de Mokoia e daquella musica. Atravessou o lago e poz o pé em terra. Tendo pavor de sua nudez, escondeu-se num fraguo. Momentos depois, o proprio Tutankai passou por alli com um cantharo em busca de agua; e ella, refugiada na sombra, falou:

— Dá-me uma pouca d'agua, ó tu, que passas.

Tutankai apresentou-lhe o cantharo, sem a olhar.

Mas quando ella disse: "Obrigado, Tutankai", este, surpreendido, perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou Hine-Moa, ó meu esposo!

E toda nua e palpitante atirou-se-lhe aos braços.

No dia seguinte, todos os habitantes de Mokoia se prepararam para os seus labores pastoris. Mas Tutankai não apparecia. O velho Winkamé enviou um dos seus filhos para despertar o retardado, que, minutos depois, regressou dizendo:

— Vi quatro pés na casa de Tutankai.

Muitos pastores e guerreiros, desejosos de conhecer a dona daquelles pés hospedes, levantaram a cortina da entrada e gritaram:

— Ehi! Tutankai! de quem são esses pés?

E Hine-Moa, a esposa, replicou:



Velho guerreiro moori.

— São os meus, o da princeza Hine-Moa, filha de Onukaria, chefe dos arawa de Owabata.

E toda a tribo, em freneticos gritos de entusiasmo, iniciou uma dança de gloria; os homens, uivando e lançando ao ar as suas altas lanças de ponta ferrada, e as mulheres, cantando os quadras na dança "poi", narraram com os seus gestos e adormes de barbara choreographia os amores de Hine-Moa e Tutankai...

MODELOS DE BELLEZA

Todo mundo conhece, por certo, Lina Cavalliere, ao menos de nome e atravez das suas photographias, destinadas a vulgarisar pelo mundo a

sua rara e perturbadora belleza. O que nem todos sabem é que ella, após a a sua carreira theatral, que foi u ma successão ruidosa de triumphos devidos ás suas graças phisicas e aos seus exceptionaes talentos artisticos, se recolheu a um convento. Porque, no fundo,



Lady Diana Maners, inglesa.

Lina Cavallieri, a despeito da vida intensa que vivia, cercada de luxo, de riquezas extraordinarias, da cõrte assidua de milhares de admiradores e adoradores, nunca deixou de ser profundamente piedosa e religiosa. Após cada espectáculo, esquecendo-se dos applausos que a atordoavam, fechados os ouvidos ás declarações de amor que lhe faziam os principes e os millionarios, fechados os



Lady Longhorough, australiana.

á belleza; mas com a condição de não ser aspero. A ventania só nos pôde fazer mal. Não se devem receber os perfumes no quarto de dormir. Empregados discretamente e de boa qualidade, têm acção feliz de calmante para os nervos e facilitam o repouso, condição absolutamente indispensavel á belleza."

Eis os mandamentos da belleza, segundo Lina Cavallieri:



Sig. Hortensia di Mignano, italiana.

olhos a todas as seducções exteriores, entregava-se ella, com humildade e unecção, ás suas preces.

Antes de entrar para o claustro, ella legou ás suas companheiras de sexo alguns conselhos sobre a belleza. Como isso deve interessar enormemente ás nossas leitoras, aqui transcrevemos suas palavras, que são, sobre o assumpto duma autoridade incontestavel:

1.º — O espezelho denuncia atenuamento da belleza? Repouso.

2.º — Para que a bocca se conserve moça faça massagens na linha que vae das narinas ao canto dos labios.

3.º — Faça frequentes massagens no nariz para conservar-lhe a fórma.

4.º — Para vencer o córado desagradavel que apparece no rosto, depois dos trinta annos, em-



Marquessa de Masserene et Ferrard, irlandeza

pegue compressas quentes até desaparecer.
5.º — Para evitar as rugas que se formam em torno dos olhos, banhe toda essa região, varias vezes no dia, em agua tão quente quanto lhe for possível supportar.



Mme. Andrew Percy Bennet, romena.

mentação, é preciso estudá-la de accôrdo com cada pessoa, mas, em geral, as fructas, todas as frutas, pela manhã, são excellentes para a tez.

Durma bem, mas não muito. Eu, se durmo menos de oito horas, sinto-me fatigada; se durmo mais do que isso, sinto-me ainda mais fatigada, pesada e estúpida."

Além destas indicações que são

6.º — Para conservar os olhos brillantes, banhe-os frequentemente com agua de rosas.

7.º — Para evitar o queixo duplo, papada, durma em travesseiros baixos.

8.º — Para refrescar a pelle o melhor é banhar-a com agua bem quente.

Quanto á ali-

ter que seja de optima qualidade, e, mesmo assim, convém tiral-o inteiramente com agua.

Apezar, porém, de todos os cuidados, ha epochas em que a cutis tem um máo aspecto. E' isso devido, ás mais das vezes, ao máo funcionamento dos intestinos e a infeções intestinaes. Isso produz espinhas, botões, ephélides e outros defeitos que afeiam a epiderme. Como é de ver, as medicações exteriores e os cuidados não são bastantes. Convém, neste caso, consultar o medico. Seja, porém, como for, é bom, ao lado do tratamento medico, usar sobre a mancha o seguinte preparado, que é de uma efficacia garantida:

Vaselina, 30 grammas.

Biodureto de mercurio, 1 grammia.

Esse preparado, que tem o aspecto de uma massa vermelha, deve ser usado á noite, ao deitar, mas com o cuidado de passar de leve sobre a mancha e muito pouco da massa, para não irritar a pelle. A sua efficacia é segura, mesmo que a mancha tenha por causa alguma enfermidade do fígado, congestão, calculos ou excesso de bilis. Quanto ás rugas que, primeiro se desenhám em torno dos olhos e depois ao redor do nariz e labios, não ha cuidados nem massagens que as apaguem se a mulher tem o habito de rir excessivamente, desse riso aberto que descompõe tanto as linhas. O riso, portanto, precisa ser moderado, e não só o riso, mas, sobretudo, os sestros careteiros, que são os peores inimigos da belleza. Para distrahir os olhos das nossas leitoras apresentamos nove exemplares de bellezas celebres contemporaneas. Muitas leitoras, ao examinar esses typos,



Confessa Stocker, chinesa



Melle. Gina Palermo, franceza.

realment: efficazes, outras ha que por nossa conta vamos fazer, para edificação das nossas gentis leitoras. Nunca se deve ir para o leito sem primeiro lavar o rosto com agua tépida, com ou sem sabão, conforme é a pelle gordurosa ou não. A necessidade de lavar o

dirão e o m s i g o que nem todos elles merecem a celebridade que gosam. Merecem-n'a, sim. São na verdade, mulheres excepcionalmente perfectas, embora a reprodução photographica lhes tenha apagado o relevo. Entre ellas ha uma chinesa, condessa Stocker, cujo ty-



Senhora de Lishourne, chilena.

rosto é imprescendível, porque o pó que, durante o dia, ficou acamado na pelle, entra fundamentalmente nos póros, e, ao cabo de alguns annos, acaba por mudar-lhe a côr e tornal-a aspera. O sabão é mis-

po parece ser chocante. Nós não podemos achar bello um rosto chinez, mas devemos nos adaptar ao meio e á raça de que ella é oriunda para podermos apreciar-a sem preconceitos.



EDUCAÇÃO PELO RYTHMO

Varias vezes temos feito sentir ás nossas gentis leitoras, os beneficios da educação physica no ar livre. E', porém, necessario, que essa educação obedeça a um critério scientifico, a uma methodologia racional, oriunda de seguras observações de índole physiologica.

Em New-York, creou-se, com successo, uma escola de gymnastica rythmica. E' seu fundador Deteroze. A differença do systema de Lacrozeano dos demais consiste na intelligente applicação de musica, como elemento esthetico e rythmico, no automatismo do movimento.

A musica é em geral ensinada por ahí antipedagogicamente. O alumno geralmente "vê" mas não "ouve". O principal a educar-se é o ouvido; não a vista. Por meio do ouvido é que a musica provoca imagens mentaes, impressões auditivas.

O systema Deteroze divide-se em duas partes: gymnastica rythmica (eurythmia) e educação do ouvido, (harmonia pratica). A divisão do tempo, (compasso), se indica por meio de movimentos com os braços; o valor das figuras expressa-se pelo movimento dos pés e do corpo, marcando-se em flexões dos braços, as divisões do tempo. Desenvol-

vidas essas figuras, torna-as complexas, podem logo os alumnos, simultaneamente, sem desharmonia, expressar tres rythmos diversos: com os braços, com os pés e com o canto. Os cantos são arias populares, simples, que servem para fixar o sentimento da medida, que mesmo muitos musicos ignoram.

A gymnastica rythmica, fortalece, regularisa e intensifica o systema nervoso e os habitos motores e desenvolvem o sentimento rythmico e musical, contribuindo para a formação do caracter. Aperfeiçoa a harmonia plastica dos movimentos, creando no cerebro o habito da precisão e da medida, como resultantes da actividade musculares de vista e do ouvido.

Ao mesmo tempo prepara a imaginação e o automatismo muscular para a interpretação plastica da musica, traduzindo-lhe com movimentos as emoções harmonicas. Concorre para espiritalizar a flança.

Esse methodo deveria ser adoptado em todo o mundo.



AMOR SENTIMENTAL

Não sei onde ella nasceu nem quem foram os seus paes. Sei apenas que, certa manhã, ao lado do barril de lixo que estava atraz da porta á espera dos lixeiros municipaes, estava tambem um cestinho. Quiz seguir adeante, mas parei e considerei uns segundos aquelle cestinho. Era novo em folha, de vime branco; e quando ia seguir, notei



Levantada a tampa, assomou uma carinha de gato.

que o cestinho se mexia. Intrigado, abaixei-me e tratei de examinar o conteúdo. Abri-o, não com as mãos, receioso de alguma surpresa desagradavel, mas com a ponta da bengala. Levantada a tampa, assomou uma carinha de gato, com seu focinho branco roçado de pelos negros. Tomei-o entre as mãos, olhei-o de perto. Era lindo. Só tinha brancas as patas e o focinho. Era um enfeitado.

— Serás feliz, disse-lhe eu, porque todos os filhos expostos são felizes.

Mas, que aborrecimento! Eu vivia só. Não tinha familia nem criados. Era eu mesmo quem fazia a limpeza da minha casa, e fazia minhas refeições num restaurant da cidade. Quiz repol-o de novo no cesto e ir-me embora. Mas advirto a tempo que, por viver só, era meu dever adoptar aquelle gracioso companheirinho. Adoptei-o. Era urgente por-lhe um nome. Qual? Occorreram-me tantos! Decidi-me por fim em baptisal-o por "Mocinho". Que idade teria elle? Calculei em dois mezes.

Como seria o seu caracter? Não gostaria que elle fosse melancolico, como coelho certos animaes da sua especie, que andam sempre mal humorados e pensativos. Não gostaria tambem que fosse passecador, como são quasi todos os gatos, que preferem as séstas em cima do muro ou do telhado do que nas almofadas macias da sua casa. Aprecio os animaes de habitos caseiros, sedentarios e de índole jovial. Para experimentar o genio de "Mocinho", pul-o no chão e atirei-lhe uma bolinha de papel. O esperto bichano lançou-se sobre a bolinha, apanhou-a com a patinha, soltou-a para apanhal-a em seguida. Tinha o genio alegre. Isso agradou-me. Levantei-o

de novo, aconcheguei-o ao peito e examinei-lhe a bocca arregaçando-lhe os labios. A brancura dos seus dentes aguçados destacavam-se nas gengivas cor de rosa. O animalzinho encolheu-se, aborrecido com aquella inspecção, sem suspeitar que a minha profissão é exactamente essa: examinar as boccas alveias para tratar dos alveios dentes. Sou cirurgião dentista e prothetico. E entrei a pensar que nenhuma das minhas clientes possuía dentes tão brancos e de tão perfeita implantação.

"Mocinho" aninhou-se sobre os meus joelhos, semi-cerrou os olhos, que tinham uma cor de topazio phosphorescente, e começou a ronronar, com sua ancestral e incuravel asthma, que annuncia a aproximação do somno.

Elle não era um filho exposto, porque as gatas, ao contrario de certas mães sem entranhas, não rejeitam os filhos. E mesmo que os rejeitassem, não teriam o cuidado de os prender numa cesta de vime e largal-os atraz de uma porta. Quem o collocou á minha porta foi uma mão humana guiada pela ingratidão. Elle estava assediado e gordo, o que quer dizer que a sua mamãe gata o havia cuidadosamente e o alimentou fartamente com o seu leite, sem cuidar, a pobre, que seriam esses os ultimos cuidados que havia de dispensar-lhe. Nessa manhã, a coitadinha, sentindo doer-lhe as tetas por falta da sucção do seu filhinho, havia de estar a procurar-o por toda parte, miando de pura saudade. "O amor de mãe é sagrado", dizem as mães egoistas, sem reflectir na dor que tambem sentem as mães gatas quando se vêm separadas dos seus filhinhos.

Mas "Mocinho" ha de ser feliz, jurei-o a mim mesmo. Havemos de ser amigos, como os que mais o são. Sou um celibatario, mas não tenho o coração fechado. Ao contrario, sinto-me capaz de todos os affectos. De resto, que custa amar um sérzinho inferior? Mas um gato será mesmo inferior ao homem? E' claro que o homem é superior aos outros animaes, mas parece-me tambem claro que o gato é superior ao homem. Senão vejamos: dois animaes vivos e livres vivem em minha casa, a saber: meu gato e eu. Desses dois um só trabalha, soffre, passa privações, fatiga-se para ganhar para a commuidade, e os fructos do seu labor, sem ser absorvidos por uma só, são

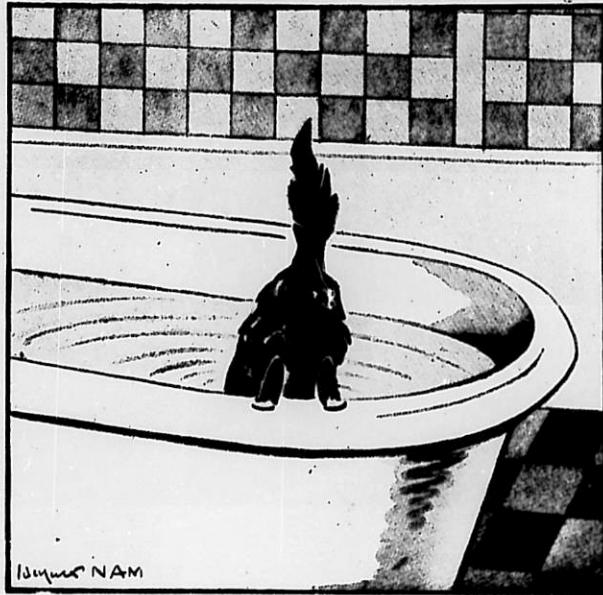


"Mocinho" era um gatinho de dois mezes

partilhados entre os dois. De modo que "Mocinho" come, bebe, dorme, vadia e se diverte á minha custa, sem as incertezas do dia seguinte e sem nenhuma responsabilidade nas despesas. Isso demonstra, por certo, que eu sou o seu escravo, e elle não o é meu de maneira alguma.

Eu preferiria que o animal enfeitado fosse uma gata.

Não sei bem por que, tenho mais sympathias pelo sexo opposto ao meu. E estas sympathias são tão espontaneas



O bichano escorregou e caiu no banheiro.

as contrariedades, para que vida tem seus lados amargos. elle não descubra que a As minhas contrariedades deixo-as na rua ou no meu gabinete, entre a cadeira movel e o armario de acidos. Ao lado de "Mocinho", na intimidade das quatro paredes que me isolam do mundo, só quero ter sensações de bem-estar.

"Mocinho" é terrivelmente curioso, dessa curiosidade propria da infancia. As creanças attendam muito para as pessoas grandes e a proposito de qualquer futilidade abrem a boquinha para pronunciar o invariavel "porque?" O meu bichano é tambem assim. Claro está que elle não me faz essa pergunta porque a linguagem dos gatos é diferente da linguagem humana. Mas o que é verdade é que elle espia todos os meus movimentos, e abre muito os olhinhos obliquos toda vez que faço alguma coisa que não está em meus habitos fazel-a. Ha dias estava em apromptando-me para tomar o meu banho. A larga banheira de ferro esmaltado já tinha a agua sufficiente, e a torneira,

que já está um pouco gasta, ainda pingava. O pingo, ao cair, formava um pequeno circulo, que se alargava e vinha morrer nas bordas do banheiro, enquanto outros circulos pequenos se formavam. O gatinho, que tinha trepado para o rebordo, poz-se a olhar, com uma ex trañha



Empressou a cauda com medo doquelle animal extranho.

curiosidade, aquelle phenomeno. E assim ficaria elle largo tempo, observando as ondulações da agua, se se não dêsse um incidente que eu estava longe de esperar. E' o



caso que, distraindo-se, escorregou para dentro da lacia e chafurdou n'agua, num pla! que me salpicou de gottas. Antes de salvá-o, diverti-me em vê-lo nadar. Nadava



Tinha séstas profundas.

prodigiosamente, aos saltos, e quando attingia as paredes do banheiro escorregava de novo para novamente nadar em demanda de outra margem. Abi está uma das muitas superioridades da intelligencia do gato sobre a do homem. O homem, para aprender a nadar, necessita de um longo aprendizado cuja maior difficuldade consiste em rythmar os movimentos para manter o equilibrio e, portanto, a fluctuação. Pois o meu bichano, sem que ninguém lhe ensinasse, possui superiormente a sciencia desse rythmo, revelando-se um nadador emerito, capaz dos mais extraordinarios records de velocidade.

Por fim, desilludido de poder safar-se porque as paredes do banheiro eram escorregadias, parou e soltou um "mião" supplicando o meu auxilio. Retirei-o d'alli, embulhei-o em minha toalha, esfreguei-o e expul-o ao sol. Desde então nunca mais teve curiosidades de subir para o rebordo do banheiro, tanto é verdade que, segundo affirma a sabedoria popular, gato escaldado da agua fria tem medo.

Mas esse medo tem um limite. E' o caso tambem que, uma vez, disposto a fazer eu mesmo o nosso almoço, comprei a um peixeiro que passava uma tainha, ainda viva. Percebendo eu que o peixe ainda abria a bocca, dei-me pressa em deitar agua num prato e pol-o ali para lhe prolongar a vida por mais alguns minutos. "Mocinho" nunca tinha visto um animal tão exquisito, e, ao vê-lo, arripion a cauda, todo assustado. Sem embargo, observando que o peixe estava immovel e só abria a bocca, arriscouse a examinal-o de perto. A tainha, com uma rabanada, salta fóra do prato... "Mocinho", aterrorisado, deitou a correr. Isso não impediu, entretanto, que, uma hora depois, não se regalasse elle com uma posta do peixe, já sem receio algum e com immenso appetite. Verdade é que a tainha, tratada a azeite e a molho de cebola, estava realmente appetitosa...

Outro traço da superioridade da intelligencia do gato

sobre a nossa: o meu gatinho, como, de resto, todos os seus correligionarios, quando está comendo defende o seu quinhão com uma série de roncões quasi aggressivos. E' o receio que lhe roubem o bocado. Nós rimo-nos desse receio, porque nenhum de nós disputou nunca um bocado ao seu bichano. Mas é um gesto perfeitamente justificavel. Se nós defendessemos a nossa reputação, a nossa felicidade e os nossos bens da calumnia, da inveja e da esperteza com o mesmo ardor e cuidado com que os gatos defendem a sua comida, é provavel que não fossemos sacrificados com tanta constancia pelos difamadores, pelos invejosos e pelos ladrões.

E ousamos rir-nos dos gatos! Elles é que deveriam rir-se de nós...

"Mocinho", depois de bem almoçado ou jantado, nunca dispensou a sua sésta. Elle comprehendeu, por certo, que a verdadeira digestão se faz dormindo. O homem, ser eminentemente estúpido, nunca comprehendeu isso, e logo que acaba de comer são a fazer o que elle chama "o seu chylas", cuidando que o movimento do corpo accelera a digestão. A observação affirma o contrario, mas o homem teima em obedecer mais á superstição que á observação.

"Mocinho", quando terminou um anno, estava verdadeiramente um moço. Mudou um pouco de genio. Nessa idade era preciso dar-lhe uma esposa. Os seus proprios silencias reclamavam a necessidade de possuir a sua cara metade. Ocorreu-me então que uma senhora, uma das minhas clientes, tinha uma gatinha nas mesmas condições que o meu gato. Convinha, pois, approximal-os.

Uma manhã, colloquei-o no mesmo cesto de vime, fechei-o, pul-o debaixo do braço e sahi. Tomei um taxi e mandei tocar para o remoto arrabalde onde habita a minha cliente. Que impressões experimentaria "Mocinho" durante o trajecto? Não o sei nem elle m'o disse. A impressão seria a de uma pessoa que, por travessura, fizesse uma viagem de olhos fechados. Prêgões, rumor de carros, campainhadas de tramways electricos, tudo isso denota que está na zona populosa; ventos frescos, silencio em torno, denotam que está atravessando um campo aberto; farfalhar de folhas, ventos barulhentos indicam que está trau-



"Mocinho" começou a uivar desoladamente.

sitando por um bosque... Assim estaria pensando o meu gatinho. O auto parou alguns minutos, fofonou de novo e deslisou rapido... Ao cabo de meia hora parou de

novo. "Mocinha", consigo, diria aos seus botões: "É? o termo da viagem. Onde estarei?"

A sua surpresa foi grande quando abriu a tampa e elle insinuou o focinho para fóra na curiosidade de ver onde estava... Estava na nossa casa, na mesma sala de jantar. Porque fizera elle aquella viagem inútil?

Eu explico. Fui á casa da tal senhora, deixando o cesto no auto, e contei-lhe ao que tinha vindo, isto é, levar o meu gatinho para fazer companhia á sua gata.

A dama ficou desolada.

— Fugiu-lhe a gata? indaguei, aborrecido.

— Não, está aqui, mas é um gato, e chama-se Lulú. Nunca tive gata.

Ora! Voltei pois para casa. O casamento de "Mocinha" ficou adiado para outra oportunidade.

Foi essa a razão por que "Mocinha", ao abrir-se a cesta, observou que estava em sua propria casa.

Aconteceu que, um dia, a dona de Lulú, tendo muita urgencia de falar conmigo, em vez de ir esperar-me no meu gabinete,

na cidade,

veiu á minha casa. Em

quanto eu me

preparava para

a receber,

a dama, que

já tinha en-

trado, poz-se

a brincar com

"Mocinha".

Encontrei - a

na sala de vi-

sita, sentada

no sofá com

"Mocinha"

no collo.

Exgottado

o assumpto

urgente que

a trouxera,

referiu-se el-

la a "Moci-

nho".

— Muito gentil a sua gata. Ficámos amigos.

Olhei para a dama, surprehendido:

— Gata! Este é o "Mocinho", de quem lhe falei, e e muito honradamente um gato.

A senhora sorriu.

— É uma gata, afirmou.

"Mocinha" era pois uma gata! Eis ahí uma revelação que me espantou. Pois si é gata, chamar-se-á "Mocinha".

Foi então que, pela primeira vez, adverti que os seus modos, a sua meiguice, a sua fina delicadeza eram attributos do sexo feminino. Não sei por que, olhei-a naquelle momento com mais affecto, com mais ternura.

A minha cliente, á despedida, ainda disse:

— Que homem distraído que é o senhor! Pensava que a sua "Mocinha" era um gato! É uma linda gatinha, e agora nada impede de fazel-a casar com o meu Lulú.

Acordámos portanto em fazel-os casar no dia seguinte. De facto, no dia seguinte, um creado da tal senhora trazia-me o Lulú dentro de um cesto.

Fechadas todas as portas para que o animal não fugisse,

descancei o cesto no meio da sala e chamei "Mocinha". A gatinha acudiu. Ao ver o cesto, sem suspeitar que alli dentro estava o seu prometido esposo, esfregou-se-lhe roncando e bocejando de preguiça:

— Aqui está elle, "Mocinha", aquelle por quem vives sonhando. Provera ao deus dos gatos que entre vós haja essa affinidade de sentimentos que faz feliz o matrimonio.

Dizendo isto, abriu o cesto. Lulú saltou. Que bello gato!

Ao ver "Mocinha", pronunciou um "mião" muito manso, muito doce, que era provavelmente um dythirambico significativo do seu amor. Mas "Mocinha", indifferente, nem o farejou. Virou-lhe a cauda e sahiu. Tentei apprximal-os umas tres ou quatro vezes. Na ultima, "Mocinha", impaciente, bufou e engrossou a cauda. Lulú, se a principio não lhe inspirou nenhum sentimento senão indifferença, agora já lhe inspirava antipathia e aversão.

Lulú voltou para sua casa.

Mocinha continuou a miar as suas aspirações sentimentaes. Por Lulú? Não. Por outro gato? É possível que não.

"Mocinha"

era como cer-

tas naturezas

contemplati-

vas, que têm

necessidade

de amar, mas

amam o ideal,

o intangivel,

o amor crea-

do pela ima-

ginação e fó-

ra das faceis

realidades.

"Deus quer

as almas aos

parees", disse

não sei que

poeta. Prova-

velmente o

poeta não se

referia só-

mente ás al-

mas huma-

nas, senão o

também ás de

todos os animaes que povoam a terra. Todos os séres vivem aos pares. É difficil ver, num jardim, voejando entre duas roseiras, uma só borboleta; são sempre duas, uma em busca de outra, ora batendo azas aqui, ora pairando acollá. Assim as borboletas, assim os insectos, assim todos os séres da criação.

Não gostei, portanto, que "Mocinha" fosse uma excepção á regra geral. Porisso forneci-lhe outras probabilidades de namoro, outros encontros, outros "lulús", de vária cor e tamanho. A todos mostrava ella uma repulsa invencivel. Se, a principio, os recebia com curiosidade, acaba por distral-os e bufar-lhes em pleno focinho, de cauda grossa.

Desanimei de dar-lhe um esposo. Por fim resignei-me.

Poderei eu, acaso, censurar-lhe o extranho proposito?

Eu mesmo, procurei algum dia a alma eleita para ser par da minha? Que o digam os meus quarenta annos solitarios. Quantos mocinhos não terão passado por mim, envolvendo-me com os seus olhos de cubica, sem que me tenha apercebido disso? Quantas!

MARIA ANGELICA.



A MUSICA E A DANÇA

É muito commum ouvir-se a uma moça esta phrase: "Não gosto de dança". Com esta affirmação, que ella

fluxo de sangue que lhe purpureou as faces e nas pã-cadas precipitadas e fundas do coração... Levantando-se, compõe as saias, poisa a mão esquerda, ao de leve, sobre o hombro do par, espera o compasso oportuno para entrar no turbilhão, e lança-se... Desse momento em diante, ella deixa de ser o que é, perde a sua personalidade e vae ser a espectadora ou protagonista de um sonho... Moças ha que, ao apprximar-se da casa onde vae dançar, vendo as janellas illuminadas e ouvindo a musica e rumor dos passos, se sente presa de uma commoção extraordinaria, como se, para além daquella porta que se lhe franqueia, a estivesse aguardando alguma coisa de mysterioso, alguma coisa de muito importante para o seu destino... E parece que assim é, parece que o destino aguarda as moças nos salões de baile. Geralmente é nestes salões, neste scenario de luzes e flores, onde as vozes são abafadas pelo rumor sonoro da orchestra e dos tacões que batem compasso no soalho, que se preparam os destinos: Ella e elle, que mal se conhecem, oham-se allí com uma visão de idealidade, visão de idealidade, como se não fossem creaturas que se encontram todos os dias, mas aureoladas e illuminadas de uma graça que os outros não têm. O affectos mais serios, esses que criam elos indestructiveis entre dois namorados, iniciam-se allí no elance de um rag-time. Mas a moça que dis-



ser que não gosta de baile, mente, mente a si própria mais que aos outros. Ella é como os dyspepticos, que não podem comer porque os seus órgãos de digestão são imperfectos; mas, sem embargo, confessam que têm fome. Ella é como os invalidos, que têm sempre uma admiração febril por todos os desportos physicos e não se sentem envergonhadas de confessal-a.

Quando uma moça affirma, acompanhando a phrase com um erguer de hombros desdenhoso e com um momo de labios, que detesta a dança, podemos estar seguros de que ella a ama mais que todos, com um amor que é tanto maior porque é irrealisavel. E' porque ella não tem a intuição pratica do rythmo e só o comprehende pela imaginação, é porque ella, sendo capaz de, pelo pensamento, executar as mais nobres e mais lindas figuras de uma dança, é impotente para as pôr em acção, realisando-as com os seus proprios movimentos.

E não se diga que isto é uma questão do apprendizado; não, porque se a execução material do passo é coisa que depende de um treino ou da indicação de um mestre de baile, ha algo, além disso, que o mestre não logra transmittir e que é a graça do movimento, a ondulação da figura...

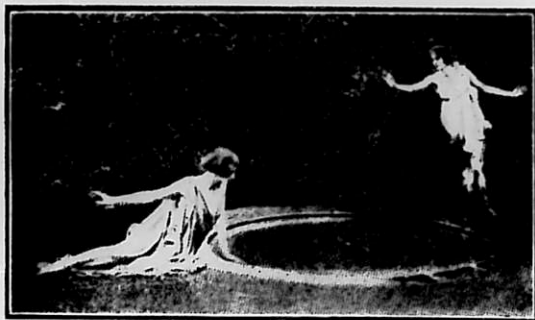
De resto, a dança, como a musica, não é apenas a disciplinadora dos sentimentos, é tambem a melhor escola da elegancia. A mulher, que conhece todas as subtilidades das danças de salão e que dança habitualmente, nunca se confunde com outra que não tem esse habito, embora sejam ellas vistas na rua, em meio da multidão; aquella terá uma attitude, que diriamos musical em falta de outro vocabulo, cheia de uma graça ondulante, rythmica, fazendo suppor que ella condescende em andar por uma necessidade material de se pôr em contacto com a terra; esta, ao contrario, mais affeita ao chão, tem o passo ou duro ou irregular, sem rythmo nem musica.

A definição mais precisa do baile está synthetizada nesse titulo com que um grande poeta methodico appellidou uma das suas mais inspiradas composições: o baile é um "momento musical".

Ha momentos em que o nosso espirito não quer intergrar-se na musica, e a melodia sóa em vão, se u nos commover e sem nos embalar: é porque a dor e as suas companheiras entram a occupar os nossos sentidos, annullando toda communicação, todo devaneio. Mas eis que a alma torna a ser a caixa harmonica que empresta intensidade a todas as cordas vibrantes. Então o espirito e seu envolvero vizivel vibram com as notas, accrescentando-lhes novas phrases e modulações. O "momento musical" nos arrasta. O corpo sente-se bello e são, os sentidos, felizes, o espirito, jubiloso, gosando a tristeza transformada em musica, vivendo a intensidade daquelle instante sublime, em que se reuniram, para gloria do homem, as melhores coisas do mundo.

E' tão embaladora a dança, tão absorvente, que quem dança perde a noção de tudo, até do ridiculo, que é o que ha de mais doloroso e chocante. Lembrae-vos do rei David, nú, dançando em torno da Arca...

Mas grande parte das nossas patricias mães de familia, principalmente do interior, têm em má conta as danças, a firmando que os salões de baile são ninhos de corrupção. Isso pôde ser verdade, mas tambem pôde ser falso. Tudo depende do meio, da moralidade das pessoas que se acham reunidas num salão. As mães de familia, pois, que prezam a innocencia das suas filhas, detem, em vez de lhes prohibir as danças, escolher a sociedade que hajam de frequentar. O horror á dança, que certas senhoras alardeiam, é menos um escrupulo em questões de moralidade do que uma absoluta falta de gosto, de senso esthetico, de sentido da belleza.



PORQUE CUPIDO É GÉGO



Eu vol-o explico.

Pela manhã despertou elle em seu leito afogado de petalas. esfregou os olhos somnolentos, que se abriram grandes e alegres como caudaes de luz. O pae Apollo, que já ia concludindo pelo céo do Olympo o seu plaustro inflammado, lançou-lhe alguns raios, que lhe douraram lindamente os cabellos anelados. Recolheu com cuidado as flexas que jaziam esparsas pela grama, enfiou-as no carcaz, collocou este ás costas, entre as duas azas, transparentes e delicadas como elytros, empunhou o arco, e sahii em direcção a um bosque.

O bosque era sombrio e farfalhante. O sol, penetrando entre as maranhas das folhagens, desenhava mosaicos luminosos e moveiços no chão verde. Corriam no ar, livremente, echos de suspiros, anseios de almas, rumores de beijos estalados no recesso das moitas...

Caminhou. Um grande lago de aguas quietas alli estava, adornado em sua superficie de algas verdes. Cupido debruçou-se sobre a agua e viu pela primeira vez naquelle espelho o fulgor dos seus olhos. Admirou-os longamente, enamorando-se da sua expressão e do seu brilho. Nisto, de um galho de salgueiro que estendia alli em torno a sua sombra melancolica, desprendeu-se uma folha, que cahiu no meio do lago. No ponto da queda formou-se subito, um pequeno circulo, que se

foi alargando, alargando, enquanto outros circulos se formavam. Observou então Cupido que o seu rosto, reflectido n'agua, se deformava, se tornava feio, ondulado tambem como a superficie da agua. Aborrecido, deitou-se á margem do lago; ao redor se fez um silencio muito propicio ao somno. Recordou-se então de que seus olhos eram maravilhosos, exactamente porque sobre elles pousara tantas vezes, em longos beijos carinhosos, os labios de Venus. Porisso é que elles reuniram em si todos os supplicios que têm os beijos das mulheres...

Cerrou as palpebras, que se iam fazendo cada vez mais pesadas, e adormeceu.

Uma escala de risos sonorizou chromaticamente os ares, passando atravez do silencio, como um raio de sol atravez da sombra. Alegres, palmeiras, soltos os longos cabellos sobre as espaldas brancas, cobertas de finissimas tunicas, aereas e vaporosas como nuvens ou como nevos, chegaram as nymphas á borda do lago. Na serenidade do grande espelho viram reflectir-se as suas fôrmas e sentiram o orgulho da sua belleza. Admiraram-se um momento, e, por fim, despojadas das tunicas subtis, que pareciam adelgaçar-se ao vento como um vapor, offereceram á agua o thesouro daquellas linhas perfeitas e daquelles contornos perturbadores.

recendo-lhes entre as nuvens, falou: -- Não tenhaes medo, que elle é cego. Tem olhos para não ver. Tomae conta delle e ide sempre com elle atravez da vida.

Quando Jupiter se calou, Cupido abriu os olhos. Abriu-os, mas nada viu...

E conta-se que, desde então, o Amor vae pelo mundo precedido da Esperança, garantido pela Promessa e guiado pela Illusão, que o leva por toda a parte, atravez de choupanas e palacios, de paizagens resplandecentes e gándaras nuas.

E ficae certos de que o pobresinho morrerá no dia em que essas tres chimeras o abandonarem...

Mas, ponhamos de parte essa linda e encantadora lenda grega, e façamos em torno do amor um pouco de philosophia barata.

O amor é realmente cego? E' possivel que elle o fosse naquelles bons tempos da Hella-da; mas hoje já o não é. Nós amamos mais com a razão, que tem os olhos bem abertos,

do que com o coração, que os tem fechados. Um creado de servir, quando o seu coração desperta, não o sente desperto pela sua patroa, do qual o separam mil obstaculos de ordem social. Quem lhe inflamma o coração é

a creadinha, sua companheira de copa e de tarefa. Da mesma fórma a formosa e rica patroa, quando sente a necessidade de amar, não procura o seu creado, embora seja este perfeito como Adonis, e sim o moço com quem se encontra em sociedade, que não tem nenhuma belleza, mas que está nas mesmas condições sociaes della. Todos amam, pois, com os olhos abertos.

Verdade é que se fala em reis que desposaram pastoras. Isso tambem pertence á lenda e não deve ser levado em conta.

De resto, advirta-se que o amor é um senti-

mento passivel de cultura. Isto se dá constantemente entre os casaes que são finamente educados.

CLARA DAS NEVES



A

agua, ao recolher aquelles corpos, despertou do seu lethargo.

Tres eram as nymphas: a Illusão, a Esperança e a Promessa, e foi esta ultima que, ao apoiar-se a um ramo de salgueiro, descobriu o addormecido cupidinho.

Houve um momento de alarme naquelle grey. O pudor embarcou-as um instante e só consentiram em voltar ao banho quando se certificaram de que o menino dormia. Depois voltaram a contemplalo de novo, e experimentaram então, no mysterio dos seus coraçãoes ainda virgens, uma fonte de ternura inexgotavel. Beijaram-no longamente e com taes excessos que o menino acordou e abriu os olhos... As tres, assustadas, não tendo para onde fugir e onde esconder-se, invocaram a protecção de Jupiter. Jupiter, appa-



Narciso, o vaidoso nune, contemplando a sua belleza reflectida n'agua, e depois transformado em flor por castigo de Jupiter. (Quadro de Juan Coosiera.)





As Perolas

— Maria! exclamou Marcos, verdadeiramente consternado. Perdeste o brinco!...

E Maria, lançando um gritinho de collegial assustada, levantou as duas mãos — duas borboletas brancas constelladas de pedrarias — ao rosado lóbo da sua orelha, orfã, com effeito, do brinco, gemeo do outro, que pendia da petala de rosa da sua orelhasinha.

A gentil e encantadora senhora — uma senhora de dezoito annos, que ainda possuia a graça fresca da me-ninice — despojou-se da ampla sahida de theatro com gola e canhão de marta zibellina, permanecendo vestida, se áquillo se podia chamar vestido, com uma vaporosa "toilette" de tule negro com bordados metallicos, presa aos hombros por duas tiras, deixando nús, decotadissimos, os hombros, o collo e os braços muito brancos e de linhas esculpturales. No pulso direito, um laço de veludo negro sustentava um regio camafeo, circundado de velhos brilhantes: do seu collo pendia um longo colar de perolas, e uma alta "aigrette", do paraizo, ornato do rico diadema que lhe prendia a cabelleira de ouro, oscillava e mexia-se dando uma graça de ave á sua airosa cabecinha.

Orfão estava, de facto, o delicado lóbo da preciosa joia, uma perola perfectissima, de oriente irisado, grande como uma avellã.

— Maria! perdeste o brinco!

Ella, muito serena, respondeu:

— "Tiens!"... E' verdade, perdi-o...

— Oh! E dizes isto assim, tão fresca!

— E como querias que eu disesse? Aos saltos, aos gritos, bramando e blasphemando? Oh! Marcos, não é esse o meu feito...

— E's originalissima. Deixas-me desconcertado. Mas, não sabes que se trata de um objecto que custou alguns contos de réis?

— Por certo que sei, mas não te rales, filho. Elle apparecerá. Ficou talvez na frisa do theatro, talvez no auto, quem sabe se entre os pellos da zibellina do "manteau"... Elle apparecerá com certeza. Se não apparecer, dou-te o outro brinco para o aproveitares num lindo alfinete de gravata.

— Mas, Maria, tu estás louca?

— Louca, porque, homem de Deus? Pretendes ver turbada a nossa lua de mel por causa de um futil objecto? Queres causar-me um desgosto, "o primeiro desgosto"? Certo que não. não é verdade. Marcosinho meu, meu anjinho?

Marcos estava estupefacto ante aquelle absoluto desprezo por uma joia de tanto valor.

— Demais, continuou ella, com um momo, eu não gostava desses brincos. Hontem, na cidade, vi umas perolas semelhantes, e expostas á venda. Isso me aborreceu. Antes, com o seu engaste em ouro, esses brincos me agradavam. Mas o engaste em platina e o ornato

de brilhantes em torno, tiraram-lhes toda a graça. Não te zangues, meu benzinho. Elle apparece...

— Porque affirmas que elle apparece?

— Porque não gosto dessa joia. As coisas desagradáveis nunca se fazem esperar.

O rapaz teve que se resignar, vencido pelos momos infantis e pelos carinhos da esposa.

Enquanto, porém, esta dormia como uma bemaventurada na camarinha fronteira, Marcos, dando voltas e viravoltas na sua, não conseguia conciliar o sonho. Não era o alto valor do objecto que lhe preocupava a imaginação, não. Era a inexplicável frieza da sua mulher.

E o demónio do ciúme (imaginem-se, que absurdo!) começou a interpor-se entre aquellas duas mocidades em flor, felizes pela sua belleza, pelo seu amor e pela sua fortuna. Aquella phrase "fazes um alfinete de gravata", sem saber porque, havia-se cravado em seu coração como um espinho.

— Porque Maria levou ambas as mãos á orelha que estava sem o brinco, e só a essa? Sabia que o tinha perdido? Contava, de antemão, que o ia perder?... Oh! que horrível idéa!

Uma idéa fixa rola-o por dentro, pungia-o.

— Um alfinete de gravata! Porque um alfinete de gravata? Se já tinha isso na idéa, está explicada a razão por que não sentiu a perda.

Alli mesmo, sobre o alto e sumptuoso tomador, sobre a rica toalha de renda que cobria a mesa de lapis-lázuli, estavam os objectos de Maria numa pittoresca desordem. Alli estava o leque, de varetas de nácar e escuras plumas de pavão real, e, ao lado, a bolsinha de seda com feixo de ouro onde fulguravam esmeraldas.

Os olhos de Marcos, como se tivessem a propriedade dos raios X, acreditaram ver, atravez do tecido, todo o conteúdo da bolsa. Persuadiu-se de que o brinco estava alli. Parecia velo-o, tocou-o.

Não podendo mais resistir á curiosidade, levantou-se furtivamente, cautelosamente, receando que algum estado das articulações do pé despertassem a linda adormecida.

Teve medo ao ridoçulo. Occorreu-lhe que, caso fosse descoberto, podia pretextar qualquer motivo... Pegou da bolsa, abriu-a, verificou-lhe o conteúdo: um frasquinho minúsculo de perfume, uma caixinha de pó d'arroz, as luvas, o porta-moedas, o lenço, um lençinho mínimo, finíssimo, com rendas Valenciennes e as suas iniciaes bordadas... E isto! Que é isto? Um nó na ponta do lenço... e alguma coisa escondida ali... Alguma coisa, sim, provavelmente o brinco... Ah! Alli estava o brinco! Que significava tudo aquillo?

Marcos esteve a ponto de gritar, de correr até ao leito de Maria e perguntar-lhe, como Othello á Desdemona: (Maria, rezaste as tuas orações?" e estrangulá-la depois, exactamente como o desvaído mouro de Veneza estrangulou a esposa. Enlouquecia.

Impoz-se o proposito de ser razoavel, logico, de interpretar as coisas pelo bom sentido... Não. "Aquillo" — não teve animo de dizer o nome — não podia ser. E o que não pôde ser, não é... Portanto, sangue frio, calma...

Mas, com toda a sua calma e o seu sangue frio, Marcos não conseguia dormir, enquanto ella, a perfida, dormia beatificamente, permitindo-se até a travessura

ironica de ronear um pouquinho, como uma gatinha satisfeita. Não. "Aquillo" não podia ser!

Levantou-se, tomou o seu banho e sahio para a rua. Quando regressou, ainda a sua mulherzinha dormia. Atraveu-se a despertá-la, fingindo, dominando-se.

— Maria, meu amorzinho... São onze horas. Levantate.

Acordou-se, espreguiçou-se e estendeu os bracinhos nús para abraçar o marido.

— Marcos, meu benzinho, como sou feliz! Estou hoje muito contente. Acabou-se o aborrecimento que te causei hontem? Não estás mais aborrecido?

— Claro que não, meu amor.

— Vês tu? E todos me diziam que tinhas má genio, que eras tão violento! Invejas, com certeza. Porque tu és tão cordato, tão homzinho... Oh! como te quero! Quero-te muito mais que a mim propria.

Um pouco desconcertado, Marcos respondeu:

— Bah! Porque havia eu de estar aborrecido? Por causa daquella ninharia, do tal brinco?

— Ninharia, dizes, mas ninharia de centenas de contos... Olha que é uma respeitavel ninharia!

— Não importa, mulherzinha da minha alma, porque não ha nada no mundo que possa velar com a sombra de um desgosto a nossa lua de mel. Tinhas hontem muita razão.

E tirando do porta-joia da mulher o regio brinco desaparelhado, acerescentou, arrojando-o no chão:

— Olha o apreço que me tenho todas estas bagatelas. E pison-o com o tacão uma vez, outra vez e outra, até convertel-o num resto informe.

Maria lançou um grito, que brotou do fundo do peito:

— Marcos! por Deus! Que estás fazendo? O outro brinco está commigo, está alli na minha bolsa.

— Como! Não o perdeste então?

— Não, bobinho, não o perdi. Foi uma travessura que fiz para te experimentar, para ver se ficavas zangado commigo. Queria convencer-me de que não és máo como me diziam. Procura o outro brinco alli, naquella bolsa... num lençinho.

— Devéras?

— Pois claro que sim, meu louquinho. Acabas de inutilisar uma das perolas mais raras que ha actualmente.

— Uma? uma só? Pois agora verás o que faço á outra. Olha...

E Marcos, rindo-se muito, deu ao brinco a mesma sorte que tivera o outro

— Marcos! Marcos! gritava-lhe a moça, transtornada. Tu enlouqueceste? Tenho medo de ti! Que desatino! Acabas de praticar um crime, atiraste fóra outra fortuna. Ah! meu Deus! Uma fortuna! Ainda se aproveitasses a perola para um alfinete de gravata!... Que lastima! Tudo perdido!

— Mas fica intacto o nosso amor, Maria.

— Eu é que fui uma louca, Marcos. Perdoa-me.

— Foste uma creança, uma creança adoravel, mas que esteve a ponto de causar-me um enorme desgosto... e tu mesma nem sabes porque...

— Não farei mais isso, Marcos

— Não farás, espero. Não o faças mais. Não me occultes nunca um só cantinho do teu coração ou do teu pensamento. E não chores, minha querida Maria, que a coisa não é para tanto.

— Sim, eu fui má para tí, muito má...

— Convenho em que foste má. Mas Deus perdoa os mãos. Olha, Maria, vou fazer um jogo de mãos. Vês estes restos inúteis? Olha-nos bem... Eu fecho-os na mão, abro a janella e zas! atiro-os para a rua.

— Tontinho, Podias aproveitar a platina e os brilhantes, que são de primeira agua.

— E as perolas tambem, porque, em virtude da minha varinha de condão, eu atiro tudo para o ar, assim... assim... e, por meio de um fio invisível, eu tiro do narizinho de minha mulher as duas perolas intactas. "Ei voilà tont!"

Maria, assombrada, recebeu em suas mãos os autenticos brinco, habilmente escamoteados, sem poder explicar o milagre daquella restauração.

Mas no bolso de Marcos estava a chave do mysterio: uma factura de joalheiro, que rezava assim: "Par de brinco de perolas, imitação, 308000.

Elle tinha escamoteado as joias verdadeiras e inutilisado as falsas.

VICENTE TEJADA



A ARVORE NUA

Languidamente,
na luz do poente,
vae-se uma folha, como lenta borboleta...
Mais outra vó
da arvore boa,
que fica sendo uma esqueletica silheta,
gesticulando
um longo, um brando,
um grande adeus de galhardia nua e preta...

Ah! não existe
nada mais triste
do que viver dizendo adeus... Mas quem me dera
viver dizendo
adeus, soffrendo
a dor sensual da arvore nua que ainda espera
languidamente,
na luz do poente,
a volta suage de uma suave primavera!

GUILHERME DE ALMEIDA

A ROSA DA TUA BOCCA

A rosa da tua bocca
Que é uma flor linda e viçosa,
Deixa beijar... Mas que a-neira!
Que idéa insensata e louca,
Figures dessa maneira!...
Vem cá, escuta, formosa:
Eu posso colher a rosa,
Sem fazer mal á roseira.

Ganhei-te um dia no jogo
(Que foi por sorte, querida,
Que chegaste á minha villa)
E a alma em febre, e alma em fogo,
Sinto, por isso, em revolta,
Porque sempre só jogo volta
O que se ganha no jogo.

LUIZ EDMUNDO

A ALCOVA MODERNA

De todos os cômodos de uma casa o quarto de dormir é o que caracteriza mais a personalidade do occupante. Ha muita differença entre o de uma dama rica e o de uma mulher de negocios. O quarto de um rapaz não se pôde com parar tambem ao de uma menina collegial. Cada um está de accordo com o individuo que o habita. Deve ter autes de tudo commodidade e ser o mais elegante possível. Assim se verá, por elle, se aquelle que o occupa tem bom

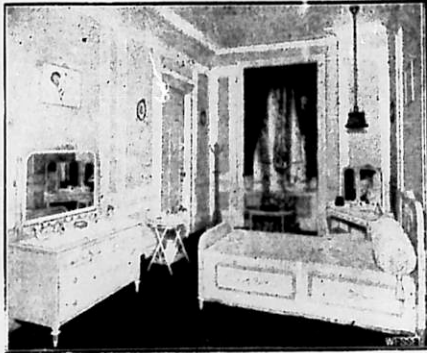


Original modelo de "abat-jour" para vela.

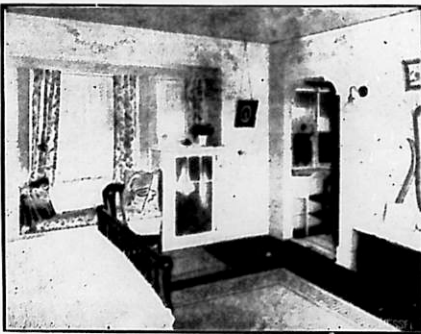
gosto, o que se não adquire com dinheiro.

Sob o ponto de vista hygienico, o quarto só deve ter dois moveis: a cama e a mesinha de cabeceira, e como unico adorno, um tapetinho á beira da cama, não muito felpudo, para não armazenar pó. As paredes necessitam ser calçadas e não forradas de papel, porque nas camadas de pó que cobrem o papel criam-se germes das mais variadas enfermidades. Para manter sempre renovado o ar, deve haver uma janella com veneziana. Os reposteiros, os tapetes, os cortinados, as sancafas, os quadros, tudo que sirva de deposito para o pó, deve ser banido. Só um quarto nestas condições é que pôde garantir a saúde. Mas, aparte a questão hygienica, que para nós é da maxima importancia, mas que para as senhoras elegantes é de importancia secundaria, tratemos do quarto elegante. É necessaria muita harmonia nas cores das fazendas, tanto para as que servem de estofa a mobilia como para as que têm outro emprego. O soalho encoberto é indispensavel, porque facilita o assio e tem muito mais effeito. São indispensaveis o telephone e uma lampada.

Quando á lampada, a luz necessita ser coada pelo "abat-jour", de seda, com desenhos artisticos. No alto desta pagina ha dois modelos elegantissimos, pelos quaes se podem guiar as nossas leitoras. A necessidade do quebra-luz se impõe porque no quarto é onde geralmente temos mais tempo para nos entregar á leitura, e o quebra-luz é uma garantia de protecção



As cortinas da janella devem ser da mesma fazenda e material que cobrem os moveis, o que dá ao cômodo um aspecto de harmonia.



Os moveis brancos combinados com rosa e azul, dão um aspecto alegre ao quarto de uma moça.

aos olhos, evitando a incidencia directa da luz, o que é sempre prejudicial.

A cores claras e meios tons são preferiveis. Para as senhoras aconsellhamos dois tons: o branco e o rosa, não o branco cru, mas o azulado ou levemente pardo. A cama pôde ser de ferro com esmalte branco ou coberta de dourado. Neste caso, todos os moveis precisam ser dourados tambem ou com frisos dourados. Ao pé



Lindo modelo de "abat-jour" para a lampada electrica.

da cama é sempre util um livan baixo, com estofa de seda ou couro. O divan servirá para as sestras ligeiras, para o descanso, para a leitura e ainda de evitar que se use a cama fóra das horas do repouso.

O indispensavel em todo dormitorio são duas coisas: a mais importante é o que diz respeito á ventillação. O quarto precisa estar perfeitamente ventilado durante o dia, tanto no inverno como no verão. Para que seja perfeita a ventillação, é conveniente deixar a porta e a janella abertas; e, no caso de não ser isso possível visto estabelecer demasiada corrente para outros cômodos, então deve-se fechar a porta e, como compensação, deixar a janella aberta por completo.

A outra parte importante para que o dormitorio seja ideal, é que este esteja o mais afastado possível da rua ou dos sitios não tão ruidosos como malsãos.

Uma coisa precisa ficar patente e é porisso que insistimos nella. Todo quarto necessita uma janella para a aria ou jardim, com veneziana, e á noite, durante as horas de repouso, o ar deve entrar livremente, porque, segundo preceitamos as regras mais conselhas da hygiene pessoal, nunca se deve dormir em quartos fechados, em ambientes cujo ar não seja constantemente renovado.

Na Alemanha e no Norte America, paizes em que a hygiene é tomada ao serio, os dormitorios dos collegios conservam sempre as janellas abertas.

PASTORAL

Tela de Boucher, existente no Louvre



Esta encantadora pastoral é uma das melhores obras de Boucher, o fino e elegante artista do século XVIII. Ella foi executada em 1768. Depois que esta tela famosa passou por diferentes mãos, foi adquirida no reinado de Luis XVI por conta da Corôa. Entrou então para o Louvre, de que faz parte, e ali figura na sala Seculo XVIII onde se encontra a maior parte das obras deste mestre.

Ao pé de uma arvore de fronde ampla e verde, desta-

cando-se vigorosamente sobre o azul do céu, um pastor e uma pastora estão sentados. O pastor e a pastora, como se vê, têm fina a figura e trajam com apurada elegancia, são camponeses de convenção, concebidos e executados consoante ao gosto da época e para um meio constituído de cortezãos que não faziam do campo outra idéa senão a que lhes forneciam os bosques magestosos de Versalhes.

O lindo pastor está sentado sobre um cômodo de grama,

um dos seus braços, passado em torno ao pescoço da amorosa rapariga, apoiá-se sobre o seu hombro; com a mão direita brinca com um passarinho captivo, tendo-se á direita da tela a gaiola aberta. Sobre suas pernas, vestidas de azul, cõe negligentemente a capa vermelha de que acabou de desembaraçar-se.

Ella, bem juntinho delle, um cotorelo descaçado sobre o joelho do seu companheiro, traé tecendo uma corôa de folhagens, muito distraída dessa tarefa, porque toda a sua attenção está voltada para o passarinho, que se debate em vão por escapar, ou talvez — o que é mais natural — para o formoso rosto do rapaz que a envolve toda com o seu olhar enternecido.

O rosto da mulher, de linhas puras e delgadas, levemente côrado e lindamente enquadado na dupla volta das suas tranças loiras, tem uma sedução empolante. Attentando-se bem nessa figura, não se advinha uma elyante marcação da Corte que, por tearessa, está representando um papel de pastora! Por certo que sim. Basta observar-lhe as mãos brancas, os braços torneados, de pulsos finos e redondos, os seus pés minúsculos, tacs como se usavam então, cuja pureza de contornos evidencia a pureza da raça. O lizo das roupas faz contraste com a humilde posição de zagalá. O corsage, de côr esmalhada e doce, largamente aberto no peito, e a saia, que parece ser de setim, não constituem seguramente uma "toilette" muito propria para miar ocellinhas para os seus pastos.

Entre os dois uma cestinha chata cheia de rosas, parece suggerir que esse par encantador não tomou muito ao serio a sua obrigação de pastorar e que se deixou absorver por uma tarefa muito mais agradável... As ocellas são extranhamente doccis, e tão doccis, que, á esquerda da tela, muito prudentemente delgadas sobre a retina, permitem francamente aos dois namorados a troca das suas mutuas affeições.

Que rara frescura que ha neste quadro, onde tudo está combinado para o prazer dos olhos, e que prodigiosa habilidade que ha na arte de Boucher, que joga com as cores como um verdadeiro magico. Nada de aspero, de contrastante, de chocante: o verde, o azul, o vermelho casam-se numa harmonia perfeita. E que sciência na composição! Todo o interesse da scena se concentra bem na figura dos dois jovens, mas deixa ao espirito bastante liberdade para gozar a belleza da paisagem e a phantasia dos pormenores.

Boucher aprazia-se em pintar pastores. Na sua obra, que é vasta, encontra-se grande quantidade de assumptos inspirados na vida campestre, ou, pelo menos, na vida convencional dos campos onde as pastoras empunham cajados entrelaçados de fitas e ostentam saias com "polonaises" tufadas. Essa é uma convenção que não illude a

ninguem, mas que todos nós aceitamos de bom grado porque a vida, naquella época, não se concebia sem elegancia e sem requinte e porque era odiosa tudo que não fosse bonito e perfumado. E estas contrafações de pastora, s são consagradas pela cidade e pela Corte; a moda recorre a ellas, e no proprio gramado do Triánon, symmetricamente delincado, ver-se-ão mais tarde herdades em miniatura onde as duquezas e as rainhas irão, por desfastio, fazer papel de camponezas e bater a manteiga, muito elegantemente cozeidas.

Na realidade, Boucher não foi senão o traductor do estado d'alma de uma época; e para o julgar com justiça é preciso conhecer as aspirações e os gostos da sua época e vê-la com os mesmos olhos com que a viam os seus contemporaneos. Só assim é que podem desaparecer as prevenções e só assim é que se pôde admirar, sem condições, as suas phantásticas concepções da vida camponia, só assim é que se logra ver irradiar, com todo o seu brilho, o prestigioso talento do artista.

Théophile Gautier, o divino Théo, escreveu a proposito dessas pastorales conceitos como estes: "Les 'Pastorales' de Boucher vous font entrer dans ce monde idyllique inventé par lui à l'usage du XVIII^e siècle, le moins champêtre des siècles, en dépit de ses prétentions bucoliques. Les montons sont savonnés, les bergères ont des corsets à échelles de rubans et des teints qui ne se sentent pas du hale campegnard, et les bergers ressemblent à des danseurs d'Opéra. Mais tout cela est d'une séduction irrésistible et d'un mensonge plus aimable que la vérité".

Boucher possuía um verdadeiro talento de pintor, de invenção inexgotavel, de facilidade prodigiosa e de uma execução que revela sempre o artista, mesmo nas obras menos cuidadas. E' verdade que elle abusou, por vezes, dos seus dotes preciosos, mas a probabilidade não é permitida senão aos ricos, e para que um individuo atire moedas de ouro pela janella, é preciso, antes de tudo, que as tenha.

Boucher abusou dos seus recursos de pintor. Abusou porque os possuía immensos. Durante a sua carreira de artista, que foi longa, elle gastou e malbaratou talento a torto e a direito.

Boucher pintou tectos, arcadas de portacos, tremós, retratos, mythologias, decorações d'Opera, modelos de tapessaria, paisagens, scenas campestres; fez ornatos para cruzeiros, para paramentos, para gabinetes, para cadeirinhas, para carroçagens de gala. Seu pincel malleavel e maravilhoso era apto para tudo. E fosse qual fosse o trabalho que executasse, mesmo os mal acabados ou rematados á pressa, em todos elles punha uma graça, um encanto, uma precisão e riqueza de colorido de que nenhum pintor da sua época era capaz.

O penteado



ções. Os cabellos secos tornam-se espessos, abundantes, brilhantes, um pouco rebeldes, é verdade, mas porisso mesmo mais proprios para os penteados de effeito.

Os papelotes e os frisadores para as mechas da frente são sempre officiosos,



A primeira coisa que uma senhora deve fazer quando precisar executar um gracioso e lindo penteado, é lavar a cabeça de vespera ou algumas horas antes. O assio da cabeça é uma coisa essencial. O cabelo que se não lava é humido, tem um aspecto pesado, uma cor pouco brilhante e perde muito na sua espessura. Com elle não se pôde absolutamente realisar um penteado bonito e de effeito. Para o assio da cabeça é preciso um sabonete de boa qualidade, porque os sabões communs, em que entra acralmente uma grande porcentagem de potassa, endurecem os cabellos e os tornam rebeldes. A agua fria tambem os endurece. Use-se a agua tépida e extrai-se rigorosamente o sabão. Não se devem usar nem oleos nem lo-



deses, que são as ultimas criações no genero americano e têm alcançado um exito extraordinario. O tamanho e a forma do pente devem ser escolhidos conforme o estylo do penteado. As leitoras, que observarem bem as graciosas, podem orientar-se por ellas.



porque os torna ondulados, e esses ondulaes são tanto mais interessantes quanto mais suaves se mostram. Para soirées ou theatro os pentes dão muito realce á cabellera. O cabelo liso só é aceitavel nas mechas, que nunca devem apparecer frisadas. As mechas de collegio usam os cabellos soltos sobre os hombros. Mary Pickford, a celebre artista de cinema, tornou muito popular este estylo, que foi adoptado por todas as meninas de dez annos.

O onteado é indispensavel para moças e senhoras. Nesta pagina apresentamos cinco mo-



Nossa Língua (Excerpto)

É dos nossos hábitos mentaes olhar a língua como coisa nossa, de cada um de nós. Cada um tem a respeito idéas e sentimentos pessoais, cada um a estuda e a trata como bem entende.

Este, orador ou poeta, encara a língua como um meio de expressão artística: o que sobretudo lhe interessa é aquillo que ella lhe possa dar em effeitos de sonoridade, de colorido, de pittoresco em romagens fulgurantes e novas para o pensamento alado.

Aquelle, espírito prático e inflexível, só busca na língua o vocabulário mais á mão e o mais claro, as construcções mais rápidas e mais comprehensíveis, para o desenrolamento seguro e expedito de idéas nitidamente encadeadas: o vocabulário novo, só por novo, não lhe importa; o vocabulário sonoro vale tanto quanto o fanho, o translucido tanto quanto o opaco; a phrase ondulante, esmaltada, rica de valores sensitivos e affectivos ao lado do valor lógico, parece-lhe inferior á enunciação directa e brutal do pensamento.

Aquelle outro, porém, já se afasta igualmente de um e outro dos precedentes: nem o commove a exploração artística, nem o exercicio pratico da lingua: estuda a sua grammatica; esta é que lhe fornece as unicas, deliciosas impressões que a lingua lhe pôde dar. Preocupa-o, antes de mais, verificar "o que é correcto" e "o que não se deve dizer". Devora, um por um, os volumes de Caudido de Figueiredo; o seu livro de cabeceira é uma grammatica expositiva; e quando se sente um pouco fatigado, não saciado, de taes estudos, então, para se espanejar ao sol da vida e recobrar a frescura exausta, vai para o campo ou para a praia levando na maleta, como unico repasto mental compravavel com um periodo de dieta e recreio, — a "Réplica" do sr. Ruy Barbosa. Não lê, porém, apenas grammaticas: tambem le coisas de litteratura, sobretudo de litteratura classica — Vieira, Bernardes, Frei Luis de Souza, Camões. Mas lê, de lapis em punho, para colher termos e locuções, para esgaravatar e armazenar modismos, variantes, rarezas, singularidades, todos os callos, todas as verrugas, todas os "cravos" da lingua classica: o mais é refugio, — o bagaço já sem pinga de succo aproveitavel. As idéas do escriptor, os seus sentimentos, a sua sensibilidade, o valor do seu pensamento e as qualidades do seu estylo, tudo bagaço. Recita-lhe as mais bellas poesias e os mais ricos pedaços de prosa: vibraes e gosaes, musicalmente, luminosamente penetrados pelos sentidos, pela imaginação, pelo coração, pelo entendimento; o vosso ouvinte, porém, impertubavel, ao cabo de tudo, só terá retido a impressão de algum torneio defeitoso de phrase, ou de algum pronome mal collocado. Já não é um homem: é apenas um grammatico.

A este degradado contrapõe-se um typo que se norteia por criterios diametralmente diversos, mas de exclusivismo semelhante: é o do homem fascinado pelo especialismo scientifico, que só vê, só quer ver na lingua a materia dos estudos glottologicos, qual um biologista que só considerasse util um rebanho como reservatorio de elementos de observação e experiencia...

Todos esses encaram a lingua sob o angulo das suas conveniencias, ou das suas inclinações pessoais. E, no-

te-se, a lingua satisfaz amplamente a cada um delles.

Ha, é certo, individuos exigentes que se queixam das insufficiencias do idioma natal; mas isto são aberrações do senso commun, felizmente pouco commun. A verdade é que a lingua, tal como está, satisfaz largamente a quantos quizerem servir-se della: ao literato, ao orador, ao poeta, ao scientista, ao philosopho, ao homem de negocios, ao jornalista, ao homem do povo; e satisfaz ainda, não menos largamente, a quantos precisem occupar-se della, ao que a examine, estude e aproveite como glottologista, como philologo, como psychologista, como lógico, como philosopho, como artista, como grammatico. A todos depara vastos recursos de expressão e immensa materia de conhecimento.

A lingua é como uma grande cidade, com a sua casarua varia, os seus monumentos veneraveis ou imponentes, os seus jardins ensombrados, os seus bairros centraes onde ensameia a multidão do vocabulário corrente, os seus bairros aristocraticos e silenciosos e as suas suburbarras bulhentas, os seus hospitaes onde se medicam os enfermos e onde se concertam os quebrados, os seus cemiterios onde jaz a caracassa dos que cahiram na luta, ou dos que se desgastaram simplesmente como quem morre de velho. Ahi vivem, nesta cidade tumultuosa, familias innumeraveis, nobres, prósperas e felizes umas, outras plebeias e soffredoras; cheias estas de vitalidade, procriando com rapidez que as transforma em verdadeiras tribus, tendentes aquellas a um esgotamento mais ou menos proximo. Ha individuos saudaveis e robustos, ha-os doentios e molles. Ha individuos oterosos e incançaveis, que carregam pencaes de idéas; ha-os que apenas se contentam de transportar o farrapo de um sentido muito tênue e muito vago; e ha-os que, como desoccupados, parecem vagamundear á procura de emprego. Estes impressionam pela vestimenta, como os elegantes da nossa especie; aquelles, como criaturas-médias e boas, só agradam pela sua accessibilidade clara e bonacheona. Pelas estradas que essa cidade lança á maneira de tentáculos, pondo-se em communicação com outras terras, cruzam-se vocabulos que vêm de outras linguas e que vão para outras linguas; e, entre a turba peregrina, de quando em quando, algum termo nativo de torna-viagem, com um ar de adventicio, trajado á moda de longinquas regiões.

Nessa grande "urbs", cada qual encontra, pois, a feição das suas inclinações, tudo quanto queira. Por infelicidade, cada qual não quer ver senão o que particularmente lhe toca. Cada qual procede á maneira do negociante ou do advogado, que, chamando á cidade "mercado" ou "fóro", acaba por se habituar a ver no tumultuoso e complexo organismo, unicamente, um campo de compras e vendas, ou um conjunto de tribunaes, de advogados, de serventuarios e de litigantes, — fechando os olhos a tudo o mais.

Ora, ha um "ponto de vista" (se é permitido um gallicismo quando se trata de assumptos de lingua) ha um ponto de vista que, sem excluir os outros, pôde aclarar cada um desses, com utilidade para os que tenham motivos para os preferir, e que deve ser o ponto de vista elevado e imparcial em que se colloquem aquelles que não tenham motivos particulares para partilhar nenhum modo de ver especial, ou só tenham motivos para cuidadosamente criticar todo modo de ver estreito e parcial.

Esse ponto de vista é o "nacional". — AMADEU AMARAL.

Prazeres proibidos, prazeres queridos



O decrepito e ultra-elegante dr. Clarimundo fazia uma visita matinal às suas roseiras. Apesar da hora matinal, elle estava rigorosamente bem posto. Os seus pouquissimos cabelos rescendiam a loções raras; a sua pelle de velho pergaminho estava cuidadosamente escanhoadada, massajada e coberta de uma camada branca de pó de arroz; o seu terço de jaquetão de flanela creme era irreprezível, e o vinco das calças tinha uma agudeza de gume.

Aquella roseira, que elle se poz a inspecionar, era preciosa. A cada uma das rosas tinha elle dado um nome, não nomes escolhidos ao acaso, mas escolhidos dentre os que lhe foram mais caros ao coração e á bolsa: Mlle. Clarisse, miss Edna, signorina Immacolata, señorita Mercedes, e outros. O dr. Clarimundo espalhou o seu coração por todo o globo e por todas as nacionalidades, tendo creado uma terrível reputação entre as mulheres de todas as capitais civilisadas ou não.

Naquella manhã o dr. Clarimundo estava melancólico: uma das rosas, que elle baptisara com o nome de Mlle. Clarisse, estava quasi murcha, e com as petalas salpicadas de pulgões verdes. Disse elle então de si para si:

— Que escarneo! dar eu o nome de Clarisse, tão fresco, tão aromal, a uma rosa murcha, infamada por parasitas! Quando a rosa envelhece, eu devo chrismal-a com o nome de uma mulher velha.

E sorriu, pensando que, dessa maneira, poderia exercer vinganças deliciosas contra certas damas maduras, que o distinguiram com o seu odio.

— Tu serás D. Clementina Carvalho! pronunciou alto, com voz bem clara, diante de uma outra rosa inteiramente murcha e já amarelada, que ainda ostentava a sua obesidade entre alguns esguios e graciosos botões.

— O doutor pronunciou o meu nome? disse alguém atraz delle.

Surprehendido, voltou-se. Velho como era e um pouco surdo, não ouvira os passos pesados e magestosos de D. Clementina Carvalho, sua desagradavel vizinha.

— E' verdade, tomei a liberdade de baptisar um formoso botão com o nome de v. exa.

— Obrigada! respondeu com secura a obesa senhora, que, sem comprehender precisamente de que se tratava, farejou uma ironia naquella homenagem.

— Que bons ventos a trazem por cá?

— Dr. Clarimundo, preciso do senhor. Poderá o senhor falar com seriedade ao menos um minuto? Póde cobrir-se. Não exponha tanto a sua calva aos ardores do sol. Como dizia, preciso do senhor. Nem de outra fórma se explica o vir eu incommodal-o em hora tão matinal.

— Já sei. Vem fazer-me uma citação. Onde está a contra-fé, minha encantadora official de justiça?

— Sempre graciejador!
— Sempre mal humorada, rosa de amor, rosa purpurea e bella!

— Isso é seu?

— Não, por Deus! Nunca fiz versos. Isto deve ser de Garrett ou de Vicente de Carvalho.

— Bem, dispense madrigaes. O senhor me vae prometter que falará commigo a sério.

— Prometto, minha senhora. De que se trata?

— Preciso do senhor, de um homem que teve todos os vicios e que consagrou a sua mocidade á bohemia, ao jogo, ao amor, ao vinho, á elegancia, a todas essas tolices e loucuras. Porque o senhor foi realmente um bohemio terrível.

— Ainda o sou, madame Carvalho, ainda não me aposentei da mocidade, a despeito dos meus setenta annos.

— Só?

— Oh! Como a senhora é cruel!

— Isso não vem ao caso. O senhor é o homem de que preciso.

— Porque, querida amiga? Quererá V. Exa. ser iniciada nas delicias da vida elegante? Acho que é um pouquinho tarde. Oh! não falo por V. Exa., falo por mim. Que novidades lhe poderá ensinar um velho Brummel, como eu, calvo, cheio de rheumatismo, encarquilhado? Eu sou apenas um phantasma. Poole, o meu alfaiate, já nem sabe como talhar as minhas andainas de fato, porque não acerta disfarçar a minha corcunda nem preencher com chumaços de algodão as lacunas produzidas pela minha magreza.

— Sei disso, mas não é de mim que se trata. Trata-se de meu neto, de Emilio.

— Sim?

— De Emilio. E' meu neto, mas a responsabilidade da sua educação está confiada a mim, porque minha filha

e meu genro tiveram a má idéa de fazer uma viagem ao redor do mundo, e não sei quando voltarão.

— Que idéa! Não ha nada menos distincto do que uma viagem desaa.

— O facto é que elles a fizeram, e eu estou desesperada. Quer que lhe falle com franqueza?

— Não, cara amiga, quando v.



exa. é franca, é tremenda!

— Seja como fór, serei franca. O senhor deverá ter notado que, desde que Emilio entrou em minha casa, nunca mais o convidei para os meus almoços.

— Notei-o, sim, mas não fiquei resentido. Lancei o seu procedimento á conta de um capricho, coisa perfeitamente justificavel nas damas...

— Quero ser mais franca. Não foi capricho, foi proposito.

— Bem eu dizia que V. Exa. é tremenda com suas franquezas!

— Pois o caso é que eu temia pôr Emilio, um menino de dezoito annos, em contacto com um homem como o senhor.

— Ora! porque?

— Por causa dos seus paradoxos, da sua liberdade de linguagem, da sua irreverencia em questões religiosas, das suas exquisites em questões de moral, das suas anedoctas de club, das suas recordações de bastidores, do pouco escrupulo com que o senhor encara as coisas mais sérias. Ora, uma companhia como o senhor seria de effeitos desastrados para um mocinho ingenuo e inexperiente.

— São opiniões...

— O facto é que eu cuidava que Emilio fosse inexperiente e ingenuo, e, ao contrario, sahii-me um pervertido. O senhor não imagina!

— Precocidades...

— Elle é o meu tormento. Vou dar-lhe um exemplo bem significativo. Elle descobriu no porão da minha casa um tamborete alto, de que meu defunto marido se servia quando estudava pintura. Pois o rapaz, ás cinco horas, em lugar de tomar uma chavena de chá, como eu, confecciona uma beberagem com whisky ou cherry-brandy, e monta no tamborete, para ter a illusão de estar num bar. E isso deante de mim, como se eu fosse uma creada de cervejaria!

— Que topete!

— O senhor, que é o mais irreverente dos homens, o senhor mesmo teve a exclamação: "Que topete!" Adivinhe agora o resto. O vinco da calça é uma coisa que o preoccupa; já não quer usar camisas senão de seda; monta a minha egua Lison, um animal tão mauso, proprio para silhão, e põe-se a obrigal-a a corcovear; pentea-se á americana, achiando os bandós até ás orelhas; estuda regras de jogo, as "chances" da roleta... Um horror! Com que fim? Para dedicar-se á bohemia, por certo. Ora, Emilio necessita trabalhar. Elle não terá um vintem antes da minha morte. Eu queria tanto que elle fosse advogado!

— E que posso eu fazer por elle?

— Tudo. Eu lhe explico. Não exerço nenhuma influencia sobre o espirito delle. A todas as minhas observações elle chama "burguezias", e com um ar, que só vendo! Não ha meio de trazel-o ao bom caminho. Todas as vezes que elle fala em seu nome, eu tenho tido o cuidado de desmoralisar o senhor o mais que posso. Perdoe a minha franqueza. Entretanto, é só pelo senhor que elle se interessa, pela sua elegancia, pelas suas conquistas, pelo seu passado, e com um enthusiasmo... Referindo-me ao senhor, tenho-lhe dito varias vezes: "E' um velho gamenho, um idiota."

— Obrigado.

— Perdoe-me. Elle acha que só o senhor é que tem gosto, humor, espirito, graça, elegancia... Um perfeito tolo.

— Na verdade, um tolo. Muito obrigado.

— E sabe o senhor o que elle fez ha dias? Surpreendi-o a beijar a mão de D. Celeste, nossa vizinha.

— Que mal ha nisso?

— Oh! ainda o pergunta! E que beijo! Agarrou no pulso da linda senhora e não queria arrancar os labios dalli.

— E D. Celeste, que fez ella?

— Mas não é della que se trata. Pouco me preoccupa saber o que, em tal occorrença, possa pensar uma viuva de trinta annos, que vae só á cidade e que se veste com tanto escandalo.



Dr. Clarimundo, a sua experiencia da vida é detestavel, mas é incontestavel. Venha ao meu socorro. O futuro do meu neto está em perigo.

— A senhora exagera. Não ha perigo-nenhum. Elle é tão parecido com a avó...

— Não se faça engraçado. Emfim, eu me dirijo ao senhor em desespero de causa. O senhor é tão engenhoso...

— Está bem. Vou-me occupar do menino.
— Oh! nem tanto! não é preciso tanto! exclamou, afflicta, a senhora, receiosa de approximar o seu neto daquelle velho tão vicioso.

E explicou:
— O que eu quero do senhor é apenas um conselho.

O dr. Clarimundo, que a tinha comprehendido, falou:
— Descance, minha senhora; eu não sou um máo homem. Tenho salvo muito rapaz do máo caminho. Olhe, convide-me a ir jantar amanhã em sua casa.

— Amanhá? Pois que seja. A's seis horas.

— A's seis horas e meia.

— E' muito tarde.

— E' a hora. Deixe a coisa commigo. Eu chegarei ás nove e meia, e prohibição absoluta de se sentar á mesa antes da minha chegada. Isso faz parte do programma.

— Sempre theatral! Já estou arrependida do pedido que lhe fiz. Eu peço-lhe um auxilio e o senhor propõe logo um "numero", como nos espectaculos de café concerto.

— Obedeça-me cegamente, minha boa amiga. Pela primeira vez na sua vida d. Clementina Carvalhosa baixou a cabeça. Despediu-se do seu vizinho e voltou para casa, a annunciar a Emilio que no dia seguinte o dr. Clarimundo vinha jantar.

O rapaz pulou de alegria.
Emilio era um bello mocinho, cheio de saude, vigoroso, com musculos de acrobata de circo, mas com um olhar indeciso. Semelhava-se muito, de facto, com sua avó, mas apenas physicamente, porque, ao passo que ella era decisiva e autoritaria, elle em todos os gestos só revelava indecisão e preguiça.

— Ora, bravo! exclamou o rapaz. E' a primeira vez que nesta casa se apresenta um homem distincto. Este dr. Clarimundo é o homem mais representativo da raça.

Para recebê-lo amanhã, vou comprar já uma gravata que vi na camisaria, uma original gravata branca com "petits pois" verdes.

Mas elle fez mais. A' noite, fez uma rigorosa inspecção em todas as suas roupas. O jaquetão estava a rigor, mas a calça tinha umas joelheiras que o desesperaram. Em honra ao sr. dr. Clarimundo de Godoy, arbitro de todas as elegancias, desde 1870 a 1920, o joven Emilio desfez febrilmente a cama e installou a calça entre as taboas e o colchão para lhe accentuar o vinco. Este processo empirico suppria, sem desvantagem, o ferro electrico. O rapaz estava prevenido para tudo.

D. Clementina recommendou á cozinheira uns pratos finos, e Emilio propoz que se preparassem uns "petits grains à l'oriental". Isto fez arregalar os olhos á cozinheira, que nunca ouvira falar em tal coisa.

— Como é que se faz? perguntou a mulher, já meio mal humorada, voltando a mexer as suas panelas.

Emilio ergueu os hombros, desolado. Mas, inspecionando o menu' consou-se logo, porque viu um "hormard à l'americaine", uns "pêches à la crème" e uns vinhos de boa marca.

— Até agora ainda não comprehendi a razão de todas essas recommendações de d. Clementina. Se se tratasse de um banquete, vá; mas um simples jantar! e para quem?...

— Para o dr. Clarimundo! falou, com uma carranca admirativa, o baboso rapaz.

A cozinheira, sorrindo:
— Que grande personagem! Um comensal de todos os dias, um velho amigo da casa...

— E' que você não sabe. Isabel, que o dr. Clarimundo é o mais fino "gourmet" do mundo, que ensinou receitas de cozinha aos maiores "mètres d'hotel" de Paris e Londres... Você, uma modesta cozinheira da roça, não sabe o que são essas coisas.

— Mas sei quaes são os pratos de que o dr. Clarimundo gosta, e elle tem feito os maiores elogios ao meu tempero.

A's seis e meia Emilio já estava impaciente. A's sete



horas já sentia fome. A's oito, soffria de caimbras no estomago e andava de um lado para outro, meio apprehensivo com tal demora.

D. Clementina, calma, lá os jornaes da tarde.

A's nove horas o pobre mocinho já tinha vontade de chorar.

A's nove e meia emfim o convidado appareceu, brilhante, elegantissimo, com o minusculo bigode envernizado de negro e reluzente, trajado com um impeccavel smoking.

— Nós já iamos deitar-nos, gracejou d. Clementina. Isto são horas de jantar?

— E' o protocollo, minha senhora, sentenciou o velho elegante. Nunca se janta antes das nove e meia. Pelo que vejo, o meu amiguinho Emilio nem teve tempo ainda de fazer a sua "toilette", porque o vejo em "te-que" de golf ou de tennis. Minha boa amiga d. Clementina, a senhora permite que um cavalheiro se sente á sua mesa sem estar de smoking? Mão habito! Sabe, d. Clementina, o que fez o seu Emilio a noite passada? Estou a adivinhar que elle poz a calça de baixo do colchão da cama. Em summa, isso não seria um mão systema se nesta cidade ainda se não vendessem p'ensas para calças; mas para esta operação, que é delicada, é preciso consagrar-lhe uma hora pelo menos. Tens ahí uma lousa e um gis, Emilio? Quero desenhar-te um modelo de calça dobrada. A tua tem dobras falsas. E' horrivel! E essa gravata? Foi comprada no mascate ambulante ou no mercado de verduras e carnes verdes. A gravata deve ser preta. Isso é gravata de loja de armario. E cuidas que ella é de seda? Absolutamente. E' de fibra de banana, mercerizada. E' ignobil! Deixa-me ver as tuas mãos. Ah! eu era capaz de apostar! Tu cortas as unhas em vez de as limar, e as limpas com uma lima de aço em vez de em-

não passarás nunca de um caixeirinho endomingado. O prazer exige uma educação, uma cultura. E a elegancia da "toilette"? Que coisa complicada! A arte de vestir-se é uma das artes mais subltis que ha. Começa-se pela grammatica, porque para tudo ha uma grammatica.

— E o penteado?

— Nem me fale! E' um problema. Quando morei em Paris no meu tempo de moço andei procurando, durante dois annos, um "coiffeur", um verdadeiro "coiffeur". Descobri-o. Fui uma madame Curie de qu'elle radium. Era mais que um artista, era um sabio; e como este sabio era modesto, nunca consegui reduzi-lo a vir commigo para aqui, mesmo mediante um ordenado elevadissimo. Em nossa terra não ha "coiffeurs", não ha noção do penteado. Esta é uma terra de botocudos, rapaz.

— E o baccara, dr. Clarimundo?

— E' o que ha de mais importante. Amanhã tu redigirás um questionario com estas perguntas, fazendo a cada uma dellas o commentario indispensavel: "Que é um ponto?" "Que é um bico?" "Que é que se entende por "queimar" uma carta?" "Quem é que tem direito ao "banco"?" "Deve-se pedir a cinco?"

— Ah! dr. Clarimundo, deve-se ficar a cinco?

— Tu é que me vaes responder a isso no questionario, mas de uma forma precisa, mathematica, indiscutivel. Farás tambem exercicios practicos de baccara. Olha, aqui estão dois baralhos. De as costas...

— Primeiro, traço-as...

— Ih! nada disso! A posição é outra, é outro o gesto, e é sobretudo outro o estado d'alma. E' necessario que faças duas horas por dia de exercicio durante um



pregar a espátula de madeira coberta de um forro de algodão embebido numa certa loção acida. Está bem. Jantemos.

Durante a refeição o dr. Clarimundo fez observações severissimas, e a cada uma dellas o pobre rapaz córava, acabrunhado. E' prohibido a um cavalheiro utilizar-se do espaldar da cadeira; é preciso beber com negligencia, sem exgottar o copo; o garfo e a faca devem ser usados segundo uma regra imutavel...

— E' que esta tarde eu tinha uma fome... observou humildemente o neophyto.

— Nunca se tem fome, nada menos distincto que ter fome.

— Appetite?

— Nem isso. O vocabulo é chato, é villão.

A's onze horas terminou o jantar. D. Clementina pediu licença para ir deitar-se. Encontrando-se só com Emilio, o dr. Clarimundo tornou-se doutoral, solenne:

— Parece-me que tens excellentes disposições para marcar o teu logar na vida elegante. Vaes, portanto, conhecer o que é o prazer; mas prohibo-te que te entregues ao prazer com uma anciedade de "parvenu". Se achas que é agradável ter uma vida de prazeres,

anno para aprenderes a "nonchalance" que distingue o "clubman" do frequentador de "tripot". Agora, saca a tua carteira e tira o dinheiro... Detestavel! Esse é o gesto do toucinheiro, mas nunca de um homem elegante. Passemos agora á conversação. Que é que entendes por um cavallo "cabochard"?

— Não sei, dr. Clarimundo.

— Então de que queres tu entender quando estiveres numa roda de amigos "lançados"? De philosophia? Ora, a philosophia tu aprendes num mez, ao passo que dez annos não bastam para te iniciares no jargão do hippismo. Convém igualmente que conheças a fundo todas as marcas de autos, todos os motores e todas as peças. Tens necessidade de uma pequena bibliotheca especial. Eu incumbo-me de montar-t'a e de indicar-te as materias de estudo mais urgentes. Desde já, tomarás assignatura de todas as revistas sportivas americanas.

— Mas eu não sei inglez...

— Oh! Estuda desde já o inglez, sem perda de tempo. Sem inglez não ha sport. Deves assistir a todos os matches de box com um technico... Tens sêde?

— Não, dr. Clarimundo.

— Então, toma outra garrafa de vinho. Bebe.

-- Uma gotta...
 -- Tres copos. Um gentleman bebe com abundancia e desembaraço.
 -- Mas faz-me tanto mal...
 -- Pois não bebas de um trago como se engulisses uma droga. Que vinho é este?
 -- Pomard 1890.
 -- Não, é Saint-Estéphan 1920. Qual! Precisas aprender tudo. Agora uma pergunta: o collete branco vai bem com o smoking?
 -- Muito bem, dr. Clarimundo.
 -- Heresia! o collete branco só se usa com casaca.
 -- E' o que eu queria dizer...
 -- Um verdadeiro elegante pôde empregar a agua de Seltz no café?
 -- Se gosta...
 -- Não, o emprego dessa agua é prohibido.
 -- Porque?
 -- Se começa com teus "porques" é porque não tens vocação. Porque é que as mulheres usam chapéo de palha no inverno e chapéo de feltro no verão? Porque se abrigam no verão e se dectam no inverno? Porque usas a bainha da calça virada se não reccias a lã-mã? E' uma questão de moda, de momento, de oportunidade. Agora reparo; porque é que estás cabeceando?
 -- Não sei, dr. Clarimundo. Acho que é somno.
 -- Um gentleman nunca tem somno, nunca tem sede, nunca tem fome. Tu estás condemnado a beber sem necessidade, a comer sem appetite e a dormir sem somno. Basta de conversa. Resumamos: estudo theorico da equitação; estudo pratico do baccará, calculo das probabilidades, fiscalisação sobre o croupier; estudo da chimica, composição do perfume característico por meio de outros perfumes; fumar tres charutos a seguir e dois cigarros com opio.
 -- Eu não supporto o charuto.
 -- Não te perguntei o que supportas. Gostas do champagne doce?
 -- Muito.
 -- Eu tinha adivinhado. Champagne secco, meu amigo: extra-dry. Vinho doce é para os convalescentes. Precisas analysar pelo menos duzentas bebidas americanas inventadas pelos barmen de genio. Sabes em que consiste a bebida chamada: "Stars and stripes for ever?"
 -- Não, dr. Clarimundo.
 -- E' um collegial. Se estiveres ao lado de uma senhora vestida de branco e quizeres commentar o tom daquelle branco, que dirás?
 -- Francamente...
 -- Não sabes quantas nuances tem o branco? Não sabes, por exemplo, o que é o branco "crayé?" Então como poderás conversar com uma senhora de sociedade? Em materia de theatro eu te darei o ultimo acto de uma comedia e incumbo-te de reconstituíres os dois primeiros actos. Como nunca chegarás ao theatro senão no meio do ultimo acto, é preciso que saibas reconstituir a peça pela imaginação, para poderes fazer-lhe a critica. Que dirás tu a uma actriz de sessenta annos?
 -- Digo: "Madame, que grande talento o seu!"
 -- Bobice! Deves dizer: "Madame, a sua belleza é perturbadora". E que dirás a uma joven actriz?
 -- Direi: "Admiro o seu genio".
 -- Isso é estupidez. Dirás: "Mademoiselle, a sua toilette é uma maravilha de concepção!" Agora, levanta-te. São tres horas da manhã. Não ha nada mais protocolar que um calix de cognac. Bebamos o nosso cognac.
 -- Dr. Clarimundo, o senhor não está um pouco fatigado?
 -- Se eu tivesse cincoenta annos menos, pedir-te-ia uma reparação por tal insulto.
 -- Quando, ás tres e meia da madrugada, o elegantíssimo dr. Clarimundo se retirava, encontrou no corredor d. Clementina, que o esperava com impaciencia.
 -- Irral como vocês tagarellaram! Pensei que não acabavam mais. E Emilio?

-- Está embragado, declarou o velho gamenho com doçura.
 -- Que bons exemplos o senhor lhe deu!
 -- Fique descansada, boa amiga. Eu já tinha adivinhado. Emilio não tem a vocação. Iniciei-o do melhor modo na bohemia elegante.
 -- Meu Deus! está perdido!
 -- Está salvo! Nunca mais elle terá velleidades de se tornar um dandy.
 -- Como se operou a transformação?
 -- Da maneira mais logica. A senhora gosta de ler o seu Chateaubriand?
 -- Muito.
 -- Mas gostava de o ler quando estudava francez? Não, por certo, e porque?
 -- Por ser obrigação.
 -- Eis ahi. Hoje a senhora o lê por prazer porque não é obrigada a isso. Olhe, minha senhora, eu não fumo porque meu pae, que detestava o tabaco, fornecia-me cigarros; não bebo pela mesma razão. Mas estou bem certo de que se meu pae me prohibisse de fumar e de beber, eu teria adoptado esses dois detestaveis vicios desde a infancia. Olhe, minha senhora, "prazeres prohibidos, prazeres queridos."
 O dr. Clarimundo, que já tinha vestido o seu sobretudo, abaixou-se, beijou a mão á sua velha amiga e sahio.
 D. Clementina, pensativa e vagamente apprehensiva, entrou na sala de jantar. Emilio, que roirara da cadeira e jazia sentado no chão, cabeceava a sua bebedeira. Ella despertou-o com precaução. O moço abriu os olhos, e articulou com difficuldade mas com convicção:
 -- Vovó, a senhora nem adivinha o que eu quero.
 -- Não, que é?
 -- Eu quero entrar para a Faculdade de Direito...

H. DUVERNAIS.

A SERENATA

Quem me acorda? Quem soluça
 Por esta noite de luar?
 E o coração se debruça
 Para melhor escutar.

Quem sofre tanto? Quem chora
 E vem me fazer chorar?
 Olho a janella — Lá fóra
 Vejo sombras a dansar.

Ha um choro, ha uma voz que morre
 Ou que fica a agonizar,
 Bem como o sangue que escorre
 De uma ferida, a sangrar...

E' um psalmo, um soluço errante.
 Que anda perdido pelo ar,
 Será o vento ullulante?
 Um cão que se poz a uivar?

Presagio de uma desgraça
 Que se faz annunciar?
 E' a serenata que passa
 E vem das bandas do mar.

Luiz Edmundo.

AVENTUREIRO ELEGANTE

Hora de encanto, no confortavel silencio de uma varanda cheia de luz. Terminára Amadeu d'Abarca o magnifico almoço e sentia a plena satisfação do homem que se vê a coberto de todas as necessidades de momento. Só de momento, porque o seu futuro vagava pelas incertas paragens da vida elegante e de chiméras. O seu espirito, porém, ao impulso exclusivo dos reflexos multiformes das impressões, a cha va sempre um argumento para lhe demonstrar que era o mais feliz dos mortaes. Algumas vezes, effectivamente, assim era, porque d'outras ficava immerso num pessimismo agudo e desesperador, incapaz de desenhar-lhe um raio de esperança que, fazendo-lhe cabriolas na phantasia, com reflexos de luz, lhe indicasse haver no "além", invariavelmente, um accidente imprevisto, que nos faz sobrenadar nos naufragios da vida ainda quando o mar bravo, imponente, sacuda a nossa debil barquinha como uma minuscula casca de noz, partido o mecanismo do leme e perdido a bussola nos violentos embates da lucta pela vida.

Em Amadeu d'Abarca havia um conjunto de personalidades que se fundia em uma só; uma pluralidade de caracteres tão varios e antitheticos que o habilitavam a viver em todos os meios, a representar personagens diversas, sem necessitar de um esforço de vontade ou de imaginação. Espirito desabrochado sob o ardente sol de Napoles, a Natureza forte, abrupta, cheia de seiva e de vida, puzera em sua alma todos os matizes e todas as côres. A sua vida era a representação d'aquella vida. Só se deixava dominar pelos agentes atmosphericos, experimentando seu espirito as mesmas variações do tempo. Nos dias de sol esplendente, era um passionnal nobre e effusivo; nas doces horas de primavera, quando o calor do sol tem reflexos de diamante, era um artista, que sabia conduzir a mente e a alma aos melodosos versos de um madrigal ou na regia sonoridade de um bello soneto burilado com a exquisita inspiração de um Petrarcha; adusto e intratavel nos dias de chuva, quando sua alma, como o céu, se cobria com a plumbea gaze do pessimismo; e si a neve e o frio faziam a sua aparição,

ao desencadear a Natureza sobre a terra o furor reconcentrado dos seus dias mais inclementes, então, apparecia o "snob".



E, enquanto levantava com uma das mãos o collar, seu riso crystallino e cheio de malícia, irrompeu na sala de jantar, cheio de alegria delirante.

Alma sempre vaga e incerta, á qual se uniam germens de generescencia, surgia com instinctos selvagens, e seus olhos tomavam um tom amarellecido, como si suas pupillas pretendessem revelar desejos insaciados na profundidade de seu espirito e desejasse verter as paixões de sua brutal natureza na taça de um refinado delicto de sangue no qual se fundissem o super-homem e o criminoso, que goza com a dôr alheia, que ouve o grito pungente de sua victima com aquelle deleite e extasis com que os grandes amadores de musica annuem as sonoras harmonias dos "Mestres Cantores".

Após a almoço, saboreava um delicioso café, deliciando-se com os volutos de fumo que se desprendiam do charuto, seguindo as suas evoluções, que se dilatavam como os pensamentos de sua phantasia a desentranhar todos os mysterios da vida de um fino e ana-

lytico scepticismo. Que eram na vida a arte, a virtude, o talento? Nada. Nada mais do que oculos de alcanço, crystaes que nos pinta a existencia com as côres das impressões momentaneas, sem que, jamais, pudessemos chegar a vêr a claridade da essencia do bem e do mal.

Após taes divagações, com que pretendia justificar sua conducta, sentia-se Amadeu feliz. Porque d'Albarca, ladrão de joias, unica profissão que se lhe conhecia, necessitava subtilizar até ao inconcebivel para achar justificação á sua conducta, separada de tudo quanto pudesse ser trabalho e nobre luta por conseguir um logar digno na sociedade.

Levantou-se para vestir a casaca, pensando fazer uma visita e ir em busca de aventuras que, em Nova-York não podiam faltar quando as procurava quem, como elle, roubava sorrindo e com o cynismo elegante do ladrão consciente de sua arte e possuido do seu valor.

Ja a sahir d'Albarca no momento em que se interpôz sua esposa Rosa Bellini, da qual escrava sua, mais do que mulher propria, elle se utilizava para effectuar suas operações nos hotéis e logares onde podessem chegar suas mãos.

* *

Rosa entrou fatigada e nervosa, como si tivesse acontecido algo de extraordinario.

— Onde vaes? — perguntou ella.

— Não sei, — respondeu Amadeu com um gesto vago e indeciso.

— Vem commigo? Reservo-te uma surpresa e careço de que me aconselhes o que devo fazer.

Tomou-o pela mão e o conduziu á varanda. Um pouco mais tranquilla, brilhava em seus olhos a satisfação de dar uma alegria ao homem de quem estava completamente enamorada e que conseguira fundir seu coração em seus proprios sentimentos, assimilando-se ao seu caracter, ao ponto de, em um só anno depois do casamento com d'Albarca, ser como que desdobraimento do marido.

Logo que chegaram, Rosa abriu uma pequena valise. Amadeu seguia os seus movimentos com impaciencia, como quem espera um singular acontecimento.

— Vê! E' um collar de perolas! Guardei-te a surpresa porque era meu desejo provar-te que não preciso mais de mestre. Soube dar o golpe em segredo e com segurança.

E' enquanto levantava entre os dedos o collar, seu riso crystalino e cheio de malicia irrompeu no perfumado espaço com louca alacridade. Amadeu, com um gesto de extranheza e de leite remirava a joia sorvia as suas brilhantes côres, que se diffundiam em um iris, fazendo-lhe vêr longinquo visões mais para além do brilho de suas luzes opacas em cabriolas emitindo argenteas scintillações.

— Bravo! Deixa-me vel-o! E' uma deusa pagan, que me offerece a taça do amor replecta de rutilante pedraria!

* *

Tomou o collar, mirou-o um minuto aos reflexos da luz e um gesto de contrariedade transformou a sua expressão de jubilo.

— E' falso! completamente falso! Conheço o collar, mas mesmo que não o conhecesse, bastar-me-ia este breve exame para saber que não tem sequer uma perola boa.

— Que dizes?! Será possivel?!

— Olha; vê bem. As perolas têm o brilho pallido e quando alguma d'ellas produz reflexos contra a luz, que é como melhor brilham, têm os efeitos crystalinos apagados.

— Mas como é possivel serem falsas si são de?...

— Já sei de quem são; mas, não obstante, são falsas. Uma perola boa deve ter as aguas com cambiantes de opala e não leitosas como estas; brancura immacula

observada de perto, e quando scintillam á luz os seus dioramas não de dar a impressão de um iris que revele todas as côres do espectro solar. O encanto das perolas boas está precisamente em não ter nenhuma côr determinada, em ser como uma phantasia desenvolta que percorra todas as idéas sem descançar em nenhuma, em ser como uma alma sedenta de emoções que quer levantar o véu de todas ellas. E este collar... vês que monotonia em suas scintillações!

— Vê bem, Amadeu: são boas! Em virtude da sua procedencia, não é possivel sejam más. Eu, que durante um mez estive preparando o assalto! Que desillusão!

— Conheço bem o que se relaciona com as joias, como o mais sabio em questões de pedras, porque ellas têm sido a minha maior affeição. E agora mesmo poderia narrar-te a historia de todas as joias que, durante annos e seculos, rodaram por palacios de reis e castellos de magnatas delusbrando damas e princezas que, enquanto liam os poemas de Byron, ou as espirituaes subtilidades do nosso divino Leopardi, contemplavam os irisados brilhos de suas pedrarias, doces poemas de luz que têm em cada reflexo um verso, em cada faceta um madrigal e no conjunto de um collar o livro do mysterio, o unico que não se pôde escrever porque ha de ser eternamente indito dentro d'esses suggestivos crystaes que evocam idéas de tão extrema sublimidade que nem mesmo Salomão poderia atrever-se a romper o véu da agua, do ar, do fogo, elementos que, encerrados nas planas superficies de um diamante, queimam os corações, exaltam a imaginação, e converteram em loucas as mulheres e em assassinos grandes homens de talento.

* *

— Pois tão grande crês ser o poder do valor das joias que possam levar aos extremos do crime ou da loucura?

— E mais ainda! muito mais! Para mim, a maçã bíblica que o diabo offereceu a Eva e Eva a Adão, não foi mais do que um diamante, o maior que jamais viu a humanidade; mas não se soube bem avaliar o divino paradoxo, passa por ser uma miseravel fructa a genesis do nosso odio e a origem do celeste anathema lançado ao mundo pela justa colera de Deus. As joias suggestionam tanto porque unem no menor espaço o maior coefficiente de belleza e, portanto, de valor; porque, sendo de um tamanho infimo, fazem-nos sonhar em immensos mundos; porque, sendo materia inerte, de traz das luzes de um rubi, nos parece descobrir o sangue subindo ao coração para exaltar as paixões.

— Mas haverá muitos que não se deixem levar por esse brilho enganador e ephemero?

— Enganador pôde ser que o seja, não, porém, ephemero; e si é enganador, nisso está a sublime verdade de seu encanto, uma vez que ninguém comprehende por que, ao contemplar o brilho da alegre pedraria no salão de uma "soirée" de gala, são as mulheres mais bellas, a musica mais acariadora e doce, o homem de mais nobre apparencia, a moçinha de ar mais algelico e de mais candura, e a primadonna, ao emittr as maviosas notas de uma romanza, por entre celicos gorgeios, parece que arrebatava as notas ás vezas de seu collar, que logo brincam nos engalanados decotes das elegantes damas, produzindo a harmonia da belleza, de uma belleza que é eterna, sem termo de comparação nem expressão litteraria que seja bastante sublime para cantal-a ou descrevel-a.

— Espera! Não te vás ainda. Sabes de quem é o collar?

— Já te disse que sim.

— E que queres façamos d'elle?

— Guarda-o. Esse collar nos proporcionará outro melhor, cujo valor seja bastante para nos remirmos de uma vez e esperar, á sombra do Vesuvio, uma morte tão doce quanto a que espero.

— E se indagam e dão parte á policia?



Com abstracção que lhe foi impossível dominar, contemplou o collar com extasis religioso. Helena recolhendo o revolver do chão...

— Oh! não receies de que o façam por uma coisa que não tem valor algum. Além de que pertence a uma família como a de Janés del Toro, que tem medo da justiça d'este paiz seja como fór.

— E como sabes? Como pudeste averiguar isso?

— Muito facilmente. Conheço a família Janés desde que se exilou em Nova-York, fugindo á perseguição de Carranza, o presidente do Mexico. Foi precisamente porque sempre esperei que algum dia fosse meu o collar de riquissimas perolas que usou no dia da inauguração da temporada na Metropolitan Opera House, que te apresentei á senhorita Helena como minha irman. E' uma joia de arrebatat! Pareceu-me naquella noite que sobre o peregrino alvor de seu seio, modelado em jasmims, se havia chrystalizado o rocio depois de se apropriar das côres do espectro solar. São de maneira brilhantes e formosas aquellas perolas que as de Ormuz, decantadas por Ruben Dario, empallideceu ante os dioramas que despedem.

— Como suppões que furti o collar?

— Nada mais simples. Foste devolver a visita que nos fizeram e, num momento de descuido abriste o cofre que está sobre o aparador da sala de visitas e te apoderaste do que acreditas ser uma joia. Já deverias, porém, ter comprehendido não poderem estar as pedras boas em logar tão publico.

— Logo, sabes onde guardam as joias de valor...

— Como não? Ha um mez que sigo a pista e espero dar o golpe seguro. O collar está no cofre do escritorio.

— E como se poderá subtrahil-o?

— Tolinha... Fiz-me apresentar á familia Janéz del

Toro, cujo pae e esposo sabes ter morrido luctando nos campos do Mexico contra as tropas federaes, na qualidade de Marques d'Abarca e como tal sou considerado; em virtude d'este titulo faço a côrte a...

— ...á senhorita Helena Janéz del Toro... cujo semblante te agrada mais do que as suas joias; e suppões que com isso lhe roubas o coração e o collar.

— Porque não?

— Porque eu o impedirei. — E ao proferir estas palavras, Rosa levantou-se com os olhos chamejantes de ciumes:

— Não ha motivo para te zangares tanto. Sabes muito bem que o meu destino está ligado ao teu, no amor e no delicto, e que juntos havemos de naufragar ou chegar ás praias da felicidade, onde vivamos sem perigos nem contrariedades.

— Sei tambem que tens uma alma de pagão capaz de enamorar-te de todas as mulheres lindas ainda que seja só para gozar o segredo das paixões e vér-lhes palpitar emocionados os corações, chorar de dôr, ou elevar as mulheres até á perversão do teu snobismo.

— E si não me apoderar do seu coração, como poderei possuir suas joias, que podem ser a tua e a minha felicidade?

— Não faltarão outros meios, a ti a quem basta intentar para obter.

— Por isso, intento sensibilizar um coração para obter um collar de perolas.

— Como, porém, eu creio ser mais facil conseguir o coração do que o collar, opponho-me ao teu projecto; não mais como discipula tua no crime, mas como mu-

lher, que não se resigna a sofrer os zelos que devem emanar de uma tão poderosa rival.

— Contudo, permitirás que continue o trabalho principiado, a elle te associando como collaboradora, para que não duvides da veracidade de minhas palavras.

— De que maneira?

— Sei já onde se guarda o collar, o que é alguma coisa. Dentro de poucos dias terei uma chave do cofre: e para isso basta-me sómente ver a fórmula e o tamanho da fechadura, fazer um "croquis" e encomendar a chave ao serralheiro. Depois te facilitarei os meios para penetrares na casa e te apoderares do collar, enquanto eu entreteinho a familia em alguma sala opposta.

— Não, Amadeu. Não quero mais que falles com Helena. Sem o querer, talvez sem que o pudesses evitar, fizste-me experimentar uns crimes que me torturam, porque agora odeio as suas joias, a sua belleza juvenil e, sobretudo, a sua innocente candura, que lhe permite gozar no mundo da innocencia em que eu vivia antes de conhecer-te. Não te quero perder, porque sei que aos homens iniciados em todos os prazeres e em todas as perversidades, mais pode dominar-os a serena doçura de um coração honesto e candido, do que a belleza e o talento de uma mulher que possa ser uma rival no campo da experiencia.

— E onde foste aprender essa subtileza philosophica, mais propria de Emerson do que de ti?

— Na vida fundida na lei dos contrastes, naquella em que nós somos os autores dos factos e os philosophos os commentadores. Enquanto não se me deparou uma mulher, como Helena, nunca pensei perder-te, mas hoje...

— E hoje muito menos; porque si continuassem as minhas relações, cedo ou tarde se viria a conhecer a farça da nossa comedia e acabaria no carcere meu episodio amoroso.

•••

— E quem me garante que pela mesma lei dos contrastes não faças nella desabrochar o interesse do amor e quando te supponha má e indigno te ame mesmo em razão dos teus defeitos? Não vivi eu no mesmo mundo de innocencia e, á medida que penetravas em meu pensamento, não te offercia o coração hypnotizada e vencida pelo abysmo de tua alma e pelo perigo que te rodeia a cada momento?

— Vamos! basta! Que te pões com infantilidades! Não é bastante prova da minha fidelidade que tu te apoderes do collar e que com elle fujaes na mesma noite, para onde jamais possa vêr a rival que tua phantasia engendrou?

— Entretanto, hei de resignar-me a que lhe faças a corte e tambem ajudar-te passando por tua irman.

— E quando assim seja não vejo outro meio para levar a cabo o nosso plano si não quizermos renunciar ao que será sem duvida a base de nossa felicidade. — Juras não me esquecer quando estiveres a seu lado?

— Como não jurar si és o prolongamento da minha existencia? Porque em ti amo a mulher e ao companheiro, e o amor que penetra o coração e chega ao cerebro tem a eterna serenidade do pensamento que ao fundir-se nos sentimentos converte em instinto o que principiou por habito.

II

O sol — após a primeira quinzena de Abril, — irradiava a doçura dos seus européus esplendidos, diluidos no ambiente como brilhante esteira luminosa. Os jardins e os parques, despertando do seu sono hibernal deixavam vêr a louçania de suas arvores fazendo-lhes o primeiro calor reverdecer os galhos nus que, pouco a pouco, voltavam a ser o abrigo dos ninhos do alegre passado.

A Natureza despertava sua catalepsia hibernal posada sob o peso esmagador do frio e da neve; accumulando seiva no fundo da terra que o calorico primaveril havia de levar a todos os extremos das florestas,

alegrando com a belleza e a harmonia da cor o que antes fóra ermo solitario que cobrisse a terra com o sudario branco da neve. E como compensação dos tristonhos dias anteriores, ao compasso do oriental despertar da Natureza coberta pela gamma multiforme de todas as facetas rutilas, a multidão irrompia os parques aspirando as campesinas emanações, comunicando força vital aos pulmões e alegria ás almas, que todos os annos recebiam a primavera com a eterna renovação de suas energias e optimismo que communicava o sol quando avança pelo horizonte sem que os opacos gazes de nuvens culbaram a eucharistica bençãem de seus opalinos raios.

O automovel de Dona Manuela del Toro avançava com difficuldade pela alameda principal do Central Park, quasi completamente cheio pelas varias filas de coches que acudiram ao primeiro festim da Natureza para render-lhe a homenagem de sua sympathia.

Dona Manuela e sua filha Helena, que occupavam a machina, iam reconcentradas em pensamentos que lhes criavam o seu temperamento meridional e que lhes enchia de sonhos a imaginação e de anhelos e nostalgia a alma.

Enquanto Dona Manuela mirava o accessó e repousava a mente em uma vesga de sol, sua filha Helena, como o carro de Apollo, guiava os cavallos da phantasia do Oriente para o Zenith e em rapida carreira deixava uma esteira de brilhantes sedas e perfumadas flores que irradiavam da idealidade de seus pensamentos.

Desceram da carruagem afim de embrenhar-se pelo parque em um passeio a pé, examinando de perto, toda a verdejante e olorosa plantação e os multicoloridos matizes das esplendentes flores.

— No final das contas não encontraste o collar?

— Não; nem me faz falta. Não valia nada e até me convergohava de que o usasses.

— Não é pelo seu valor; mas, porque convem saber o que foi feito d'elle; pois, bem podia dar-se o caso de succeder o mesmo com o collar de perlas boas.

— Ha muita differença... O collar bom continuará a estar guardado no cofre forte, ao passo que o outro andava abandonado por todos os cantos da casa.

— Não te occorre quem possa tel-o roubado?

— Quem vai roubar uma coisa que não serve para nada? Estará lá em algum lugar esquecido e, quando menos se pensar, ha de apparecer... Diz-me: Reparou hem no vestido azul que Rosa d'Abarca trazia hontem?

— Não reparéi...

— Pois, quero mandar fazer um equal. E' muito bonito. O peitillo branco sobre a blusa azul fóra um formoso contraste.

— Parece-me que pões demasiado reparo em tudo d'essa familia...

— Porque não? Si é uma familia tão distincta? E elle, o marquez d'Abarca, é muito sympathico.

— Sim; o teu typo!

— Quem sabe?... Com quem melhor podia eu me casar sinão com um homem como elle, que é elegante e distincto. E sobretudo, me agradaria um marido como elle para viver na Italia. Estou enfadada da America e tu tambem. Viver em Roma ou Naples, passar os invernos em Nice, seria meu ideal. Não lhe aborrece, como a mim, o peso d'esta vida uniforme de quasi isolamento?

— Porque não trataríamos de voltar ao Mexico logo, logo? Escrevia a teu tio Romão. Elle está em boas relações com o governo de Carranza e, sem duvida, poderá arranjar os nossos negocios, de maneira a podermos viver tranquilos e felizes em La Puebla ou Vera Cruz.

— Nem tranquilos, nem felizes poderíamos viver, sempre sob a ameaça de uma invasão das tropas rebeldes.

— E queres que me resigna a morrer fóra de minha patria e tua?

— Quem pensa em morrer? Estás indisposta. Nova York te faz bem e ainda tens diante de ti longos annos de vida... Ah!... E' o senhor Amadeu! Que agradável surpresa!

Amadeu as seguira em um automovel e aproveitou a occasião para uma mais sensível intimidade, sabendo, como mestre em coisas de amor, que as campinas e os jardins são sempre um estímulo para exaltar o sentimento nas mulheres e lançá-las pelo florido campo do romantismo.

— Sou eu que, ao encontrá-la, de novo, me lembro d'aquelles versos de Dante:

“Chi mai te vide volte ancora
Che non trovasse in te nuove bellezze?
— Si non é vero é ben trovato...”

— Porque a sua formosura, que em sua cara é, de inverno, uma delicada flor, aqui no Parque mais intensa se torna pela belleza do campo ao que empresta a senhorita nova e mais delicioso esplendor. Dona Manuela! aos seus pés me prosterno.

— O senhor é um mestre de galanteria!

— E a senhorita uma vendedora de sympathy! Que-ria ceder-me, ao menos, uns dois grammos?

— Custar-lhe-ia muito caro, e receio que se arruine!

— E' uma bella ironia, sabendo que não posso estar mais arruinado; resta-me, porém, ainda o título para pagar essa sympathy, si se pudesse comprar-a, e que ponho, desde este momento, á sua disposição.

— Por agora pôde guardá-lo, pois lh'a offereço gratuitamente, e ficarei muito satisfeita de que a aceite.

Adiantaram-se um pouco Amadeo e Helena de Dona Manuela e proseguiram o seu dialogo com juvenil alegria. Já o sol declinava para o occaso e como uma immensa opala que irradiasse milhares de facetas, o céu assimilhava-se a um stereoscópio em cuja augusta, serenidade vagavam as nuvens como enormes focos de algodão.

— E si em logar de pedir-lhe um pouco de sympathy, — disse Amadeo, — eu lhe solicitasse o coração, — conceder-m'o-ia?

— O coração não se dá... rouba-se! Veja si pôde...

— Pois espero rouhá-lo. Consente que fallemos amanhã, á noite, em sua casa?

— E porque não agora?

Porque preciso muito tempo e a conjunção da lua para que me acompanhe ao... assalto.

— Pois, seja; mas peça-lhe não levar gazia.

— Crê não ser necessario?

— Não; porque o coração abre-se mais depressa pela persuasão do que pelo assalto á mão armada ou pela violencia.

• •

Pouco depois deixava Amadeo a familia mexicana em sua elegante residencia de Riverside. O momento em que lá esteve foi sufficiente para conseguir seus propósitos. Conhecía já perfectamente a casa e num breve relancear de olhos pôde tomar as medidas exactas para encomendar a chave. A sua maestria era tão perfeita que lhe bastava uma observação á primeira vista para conhecer, ás mil maravilhas o mechanismo do cofre.

Seria amor o sentimento que nelle despertára aquella mulherzinha meiga, cuja voz de timbre harmonioso e em cujos olhos negros transpareciam as paixões indias fermentadas nos tropicaes bosques mexicanos? O caso era que diante d'aquella mulher, Amadeo se sentia melhor, mais humano, purificado de suas paixões, como si uma alma nova e outros sentimentos movessem suas paixões vehementes e as dominasse, levando-o á regeneração pela suggestiva sympathy que lhe communicava a graça e o espirito d'aquella mulher que sob o manto da innocencia sabia occultar a ironia fina e uma immaculada pureza debaixo do casticismo de uma phrase aguda, que envolvia em um olhar sagaz e apaixonal.

— E' o golpe decisivo e tu te encarregas de o desferrir. E sabes? — o collar está avaliado em 60.000 dollars! Com elle arranjarémos, pelo menos 50.000, em Nice.

Amadeo d'Abarea proferindo estas palavras, revelara a cobiza no brilho dos seus olhos nos quaes transparecia o abyssmo de suas paixões.

— Mas já combinaste bem o plano?

— Completamente. A's dez e meia daremos o golpe. A's onze saé um trem para Nova Orleans. Lá ficaremos até a partida do primeiro vapor para a Italia e, uma vez fóra d'este paiz, nenhum perigo pôde ameaçar-nos. Vê; aqui estão os nossos passaportes: Carlos Maria de Ninojosa, natural de San Sebastian, 29 annos casado, e Maria Santis de Ninojosa, de Roma, 24 annos. Eu posso, perfectamente, passar por hespanhol, não só aqui como na propria Hespanha, porque fallo o castelhano correctamente; tu italiana de nacionalidade e minha esposa.

— Bem; dá-me, então, as ultimas instruções.

— Eu irei ás nove horas. Procurarei manter a conversação até á hora em que vieres: dez e um quarto. Deixas o automovel defronte da universidade de Colombia, na rua 116 e faze que o “chauffeur” espere a nossa chegada. Vaes á casa de Helena e abres a porta principal com a chave que te dei. Si, por um acaso imprevisito, a senhora ou filha sahirem ao teu encontro, tu as comprimentarás affectuosamente, extrahendo encontrar a porta aberta. Si nada disto succeder, como é mais provavel, entras no corredor com cautella; e uma vez no “hall” interno, tomarás ás esquerda, e logo estarás no escriptorio onde verás o cofre. Nós estaremos na parte direita da casa, a mais de quinze metros de distancia e a noite não poderá chegar nenhum ruido, si agires com prudencia. Para que eu saiba o momento exacto de tua chegada, levás no bolso esta buzina de automovel que na occasião exacta de entrares, farás soar. Deixarás a porta bem cerrada, mas sem fechalla, para facilitar a sahida. Penetras no escriptorio e te apoderas das joias. Sómente dois minutos. Si nesse momento — o que não acontecerá, — sahirem ao teu encontro mãe e filha, repetirás a mesma comedia de haver encontrado a porta aberta.

— E a criadagem?
— Não fica ninguém em casa. Depois das oito termina o jantar e em casa só ficam mãe e filha.
— Não ha cães na casa ou no vestibulo?
— Só ha um macaco e o papagaio. Mas, o primeiro estará conosco e o ultimo levam-n'o á noite para os quartos interiores. A tudo previ e não creio que possa fallar.

— E quando sahirás tu?

— Calcularéi bem o tempo e, dez minutos depois de ouvir a buzina, sahirei e irei, immediatamente, procurar-te no logar combinado.

— E si, depois de termos o collar em nosso poder, dêssem pelo roubo, avisassem a policia e, na estação, ou em alguma outra intermediaria, nos encontrassem com o collar?

— Seria eu tão estúpido, que não tivesse pensado nisso? Vês esta caixinha de madeira? Lê: “Mr. José Boquera Sierra, — New-York Hotel, — New Orleans, — Samples without value.”

Quer dizer: amostras sem valor. Com este nome de José Boquera Sierra escrevi, hontem, ao proprietario d'aquella hotel dizendo-lhe que si recebesse alguma carta ou volume para mim que o guardasse. Logo que esteja de posse do collar, metto-o na caixinha e o deito na primeira caixa postal, sem a menor difficuldade, a receberei quando chegar ao destino. Supponhamos fossémos detidos em Nova-York: que provas encontraríamos contra nós? Nenhuma; atrazaríamos a viagem por uns dias, ao cabo dos quaes estaríamos com a joia em nosso poder...

— Bravo! E's um mestre neste negocio de roubos! O mais arguto dos agentes não poderá descobrir a pista do collar!

— Depende de ti só o bom exito. Has de medir até os segundinos, obrar com extrema cautella e, sobretudo, não te embarcares mesmo que te encontres no maior dos perigos. De mim posso dizer-te que quanto mais difficil é a situação melhor sei safar-me! Arrancaria o coração si tremesse diante do perigo! Sómente contemplando a perola central tremi quando a vi hontem, pela ultima vez! É uma alga sobre a esmeralda do Adriatico! As suas agulhas brilham e refulgem como chammas de um incendio! Vendo aquellas luzes cambiantes, prececu-me lóbrigar as bellezas do setimo paraíso descrito no Korão pela divina phantasia de Mahomet.

— Não te elevas tanto, que é possível descermos muito.

— A maior queda seria chegar á morte, e ella não me atemoriza. Dante, Petrarca e Leopardi lá me esperam, e com elles, que sabiam de amor e belleza, espero praticar sobre coisas de arte e quizá emular suas glorias com a composição de algum poema que cante em divinos versos as puras abstracções do espirito, quanto sonha com a ineffavel visão da cor! Muito sinto não ter nascido no seculo de Pericles. Prometteis teria sido meu dicipulo no templo de concha e ouro que dedicára á Deusa Belleza

IV

No salão granate da senhora Janéz resoavam as ultimas notas da "Dansa macabra". Os diabolicos compassos, aos quaes d'Abarca communicava a emoção do seu temperamento passional, cahiam nas almas excitando os sentimentos, como si foram os ultimos estrotores de um prazer que se consuma e quizera deixar no coração o profundo estygma de um delicto que fóra saturando a natureza de ansias de amor e de morte.

— Faça de uma maneira divina Amadeo! Imprime ás notas a sua propria personalidade, arranca-as do piano como si fossem paixões escondidas no mysterio do som.

— E Helena, ao pronunciar estas palavras deixava transparecer nas vibrações do olhar, a palpitante emoção de que se achava possuida

— Pois não sei tocar, — respondeu Amadeo, sem fingida modestia. — Recebi apenas algumas lições, e si a senhorita tem o ouvido um pouco fino terá observado que toquei mais por propria inspiração do que agastando-me á partitura. Com frequencia succede-me não poder tocar por não poder dar ás notas a harmonia que ellas requerem.

E dizia a verdade. Nelle eram os sentimentos que dominavam á intelligencia, e quando, em dado momento, sentia natural inspiração, matizava as obras dandolhes personalidade propria, com o que ganhavam em relevo quando perdiam no ajuste mechanico

— Eu penso — continuou Amadeo — que a partitura só deve conter um motivo musical escripto pelo compositor para que o executante desenvolva a sua intuição artistica. Assim as obras nunca seriam monotomas e ganhariam em espontaneidade e em inspiração. Esta mesma dança já a toquei; d'outras vezes, suave e melancholica; mas, esta noite...

E acercou-se de Helena como querendo communicar-lhe algo intimo, como que emocionado por suas proprias palavras.

— Esta noite, — o quê?

— Tenho séde de amor e em mim palpitam fundas emoções. Nunca tremi como agora. E eu a amo com um sentimento para mim desconhecido, como si fosse a ultima noite da minha existencia, tal como si desejasse absorver todo o encanto de sua belleza e morrer! Experimento, como nunca, desejos suicidas!

— E porque morrer quando a vida se apresenta tão cheia de esperanças? Quando essa emoção artistica

ainda nos póde acompanhar, mais cheia de luz, em Napoles e em Veneza!...

— Napoles... Veneza... As encantadas cidades da minha juventude, os paraísos do amor, cujas pedras são arte e historia! Vel-as-hei? Crê que as voltarei a vêr? Não suppões como eu, que sobre suas paredes a mão do meu destino deixou escripto em lava: "Lasciate ogni speranza? Porque hoje, esta noite, sinto que se me escapa a vida quando na senhora... em ti, a taça do amor é mais tentadora e guarda no fundo o segredo do mais supremo delicto.

— E porque esses anseios, porque esse pessimismo? Porque não vé as deslumbrantes luzes do amanhecer na aurora d'este novo amor? Que ha capaz de destruir as nossas esperanças quando tudo é juventude e vida, quando existe um mundo por vêr e uma mulher que ama?

— Sim, Helena, — tens razão... Mas eu não posso evitar as minhas impressões! Estão aqui, neste coração, que, umas vezes, tem delicadezas de menina, que me fazem chorar, e outras, violencias monstruosas, como si em mim morasse um selvagem primitivo, que quizesse gozar com a propria destruição.

— Pensa mal, Amadeo. Não é assim a vida, não póde ser assim. Essas emoções, essas cambiantes dos sentimentos são o caminho da infelicidade; — que digo! — as portas da loucura, que cerram á razão a senda dos doces sentimentos. Já leu Santa Theresza de Jesus? Leia o "Caminho da Perfeição", e o que a santa espera da Divina Misericordia, no céu, procure-o na terra; porque tambem neste mundo está o sopro de Deus. A santa doutora ensinar-lhe-á a dulcificar as suas impressões, e cada dia, si lava, á noite, o coração com o balsamo do bem, como a Phenix, renascera de suas proprias cinzas, e onde viu fogo queimando a loucura das suas paixões, verá renascer a alegre plumagem da ventura, e o mar terá mais suaves reflexos, a musica, notas mais ternas, a poesia, imagens mais acariciadoras e a natureza, particular pequenas, quasi invisiveis, mas como imagens da nossa propria pequenez, far-lhe-á chegar ao detalhe minucioso observado nas grandes coisas, nas quaes a belleza, o que têm de ethereo, de immaterial, de alma, é o unico doce e eterno. O resto, a materia bruta, sobre que caminhamos, theatro de tragedias que devemos converter num templo de bondade, no qual não admiremos a fórma, que nos incita ao abysmo e ao que foi e será incomprehenhivel, mas no fundo invariavel, á essencia das coisas, nas quaes, si vão menos virtude, perdida a fé nos ideaes, só acharemos o arcano insondavel que leva ao crime.

— Helena! quem falla em ti? E' o proprio espirito divino? Porque chegam ao meu coração as tuas palavras sem deixal-as passar pela fria analyse da intelligencia? Que poderosa força ha no que dizes, que decide á virtude e ao bem, de uma fórma que jamais cheguei a imaginar, tornando indestructiveis os seus conceitos? Tu me persuades e me fazes enamorado, e agora quizera viver eternamente para te amar, para lutar por ti, para converter em paraíso a tua existencia, para acabar os meus dias junto do teu amor, em um ponto ignorado onde a Natureza fosse a veste sublime que cubrisse o encanto de tua belleza.

— E porque não ha de ser assim? Que obstaculo póde haver ao nosso amor e á nossa felicidade? Acaso não nos encontramos no momento em que a vida palpita em nós com crescente força e sem que nenhuma nuvem possa empanar o céu de nossa mentira?

— ... Certamente...

Disse-o a tremer: tinha ouvido, na rua, a fatidica buzina, principio de uma nova existencia para elle e. contra o que pensava, em opposição ao que sempre succedera em identicas condições, estava embarçado, sem saber que mysteriosa força lhe havia feito perder o seu dominio, o frio poder que sempre o acompanhava. Procurou tranquillizar-se e consultou o relógio: dez, menos um quarto.

Rosa acudia com exactidão mathematica. Queria discurrir longamente de maneira a entreter Helena, como sua mãe estava absorvida na leitura de um livro; mas não lhe occorria uma idéa sequer, tal como si a sua imaginação se mergulhasse em profunda abstracção ou em desvario. Estava amantillado pela realidade do facto architectado dias antes. Finalmente veio-lhe um lampejo de razão: tocar piano novamente. Era o melhor que podia fazer nos dez minutos que suppunha devia durar o roubo. Com o ruído da musica, — pensou, — abafaria todos os movimentos de Rosa, tornando mais segura a sua acção.

— Queres ouvir um pouco de musica?

— Oh! como fór de seu agrado... Mas, parece-me agitado... Sente alguma coisa?

— Nada! Tuas palavras, meus proprios pensamentos, me aturdim! Creio, porém, que a musica acalmará meus nervos. Tocarei o "Nocturno de Chopin".

— E' muito triste. Toque antes a "Primavera".

— Tens razão. E' melhor.

As triumphantes notas sabiam do ignoto pensamento das cordas como lugubres phantasmas. Os cantos alegres, impetuosos e fortes, apagados e sem colorido, como cobertos pelos sombrios pensamentos do executante. Toda a sua acção era movida por mechanismo sem vontade. Num momento, no instante mais importante da sua vida, seduzido pela emoção, estava como que aturdido. Uma brusca reacção da vontade fel-o cair em si ácerca da grave situação em que se achava. Calculou o tempo decorrido desde que souu a buzina e, pretextando repentina indisposição, abandonou, rapidamente o domicilio de Helena.

Suppunha que Rosa tivesse effectuado o roubo sem nenhum incidente, embora encontrasse aberta a porta do "hall", com alarmante preocupação da parte de Helena, que o acompanhou até alli.

V

Rosa havia aberto a porta principal. Ninguém. Avançava cautelosa, comprimindo a respiração, caminho pé ante pé para não produzir o mais insignificante ruído. Primeiro ouviu o susurro da conservação; estava certa de que nada poderia succeder estando, como estava, Amadeo attento para impedir qualquer imprevisita sahida da Helena ou de sua mãe. Mas, de subito, as notas tremulas, quasi hesitantes, do piano deixaram-n'a cheia de espanto. Como uma sombra, apertou-se contra a parede. Não sabia o que fazer. Avançar? Esperar a sahida de alguém? Retroceder e dar por fraccassado o plano? Pela amplitude da casa resoavam as notas do piano como um vozio de phantasmas, de mysterio. Porque tocava Amadeu, privando-a de ouvir algum ruído que se fizesse e de se furtar a um occasional perigo? De novo recou até o "hall" e ia sahir, abandonando, definitivamente, a idéa do roubo. Já na porta, convencida do que acontecia e que seu medo provira ao imprevisito incidente do piano, avançou, novamente, com a mesma cautella. Sacou do bolso, então, o revolver que levava e, empunhando-o, deslizou muito silenciosamente. Deixou aberta a porta e accendeu a luz do escriptorio. O clarão da luz restituiu-lhe toda a audácia de que necessitava. Sorriu de que "in mente", chamou estupidez por ter tido receio, momentos antes. Aproximou-se do logar das joias e pousou o revolver no soa-lho, ao alcance da mão.

Um pequeno esforço e cedia a encantada fechadura do cofre que encerrava o collar. Pelo solo cahiram uns maços de papel e logo se ficou a descoberto uma caixinha de aço no interior da qual appareceu o deslumbrante thesouro.

No fundo da polida caixinha tinham as preciosas pedras caprichosas frizações; entrecruzavam-se brilhos que aturdiam a intelligencia e prendiam a attenção com suggestivo dominio. As esmeraldas reproduziam a cor attraente da agua-marinha, passando por toda a gamma dos azues; os rubins, como gotas de sangue, exerciam tragica attração, fazendo emergir inconcessadas paixões; uma saphyra coplava o azul do céu, criando angelicas visões; as ametystas, ante aquella catadupa

de luz, pareciam esmaecidas violetas sobre o rocio crystalizado dos diamantes; as opalas, azues, pardas, brancas, leitosas, alaranjadas, eram como um sonhador crepusculo em que se fundiam as luzes, chegando a produzir a loucura. E no fundo da caixinha, dominando o conjunto de pedras, muitas d'ellas por montar, appareceu o estuche que continha o collar.

Numa abstracção impossivel de dominar, contemplou-o em sagrado extasis...

Entretanto, Helena, que com infinita cautella penetrára no escriptorio, apanhava do soa-lho o revolver.

Helena, ao voltar da porta, com grande surpresa sua, encontrada aberta, reparou na luz que sahia do escriptorio. Descaçando os sapatos e deixando o kimono azul que a cobria, receando que o brilho de suas cores lhe denunciasse a presença, para lá se dirigiu...

Com um movimento brusco e rapido, que tirou Rosa de sua abstracção, apontou-lhe o revolver e, retrocedendo, olhando a ladra fixamente, que a observava com espanto e cheia de terror, chegou á porta. E alli encara-do-a com desprezo, entre ironica e sarcastica, disse-lhe:

— D'esta vez, cabiste na ratoeira! Não sabia que os marquezes d'Albarran eram ladrões!

E, sem mais nada, fechou a porta com estrepito, deixando encerrada no escriptorio a esposa de Amadeo.

Alguns minutos de duvida e vacillação provocadas pela imprudencia de Amadeo, ao tocar o piano, bastaram para desorganizar o bem urdido plano do ladrão de joias.

Ao chegar á raiz quiz Amadeo fazer um esforço de vontade para se tornar em absoluto senhor de suas acções, com a sua costumada equanimidade de caracter, desejando orientar-se de um modo fixo e agir com a maxima prudencia. Debalde, porém. Sahi-u de casa como si estivesse sonhando. Unas palavras concitando-o ao amor puro, querendo desterrar o enraizado de suas violentas paixões, chamando-o ao cultivo do "castello interior", incitando-o a que fosse pelo "caminho da perfeição, foram um caustico que lhe trouxeram á mente o passado e o futuro cheio de duvidas e brumas e que o mais agudo scepticismo não podia dissipar.

Em casa de Helena, duas vezes esteve a ponto de apresentar-se tal qual era, de revelar a trama do roubo, ficar humilhado ante a ineffável doçura da moça e desaparecer para sempre de diante dos olhos, buscando na lucta nobre a regeneração e o esquecimento do seu passado. Compreendeu que era tarde e que após ficaria uma mulher enganada, braço da sua vontade que ante a sua deserção, havia de protestar com violencia, disposta a não ser objecto de mofa.

Amadeo tivera querido desaparecer; que se acabasse uma existencia sempre cheia de desejos insatisfeitos. A principio, amou o delicto pela emoção do perigo; em seguida, quando soube ser possivel lutar contra as leis da Justiça, chegou a enfestar-se, e, por fim, na hora suprema de um dos seus feitos, pelo qual queria demonstrar a habilidade de sua maestria, uma voz de mulher, a mesma a quem queria roubar, faz-lhe ver uma vida mais real e desprovida de passionaes preocupações.

Chegou á porta da Universidade de Colombia onde devia encontrar a esposa á sua espera no automovel e lá não estava ella! No mesmo instante, veio-lhe a idéa do fracasso do roubo. Ficou, incoeso, sem saber o que fazer. Esperou alguns minutos, mais tempo do que necessitava Rosa para effectuar o roubo. D'esta vez, sentia-se impotente para lutar com a justiça. Deixaria Rosa no perigo imminente em que se achava e fugir para um logar onde jamais o descobrissem? Voltaria á casa de Helena, onde, certamente a policia estaria para prendel-o? Que lhe importava, em ultimo caso, a prisão, a deshonra, e mesmo a vida? E o conceito que formaria a seu respeito aquella mulher tão meiga, cuja voz angelica lhe tocára o coração como uma homilia

celeste? E seus passos conduziam-n'o, inconscientemente, para o caminho do perigo como si o empolgasse a atracção do abismo.

Que faria Helena á sua presença? Que horribeis anathemas não proferiria? E como impellido por uma força irresistivel eil-o a caminhar para junto d'ella para que lhe cuspiisse e maltratasse, para que o matasse sem se defender! Não; isso não! Seria para elle demasiado prazer acabar ás suas mãos, ser victima do seu furor; vel-a altiva e valorosa apontar-lhe ao coração, disparar e cahir por terra para sempre, abençoando a mão homicida.

Chegou á porta da casa de Helena. Na rua viu desusada agitação. Lá estavam os automoveis policieas. Ainda tinha tempo de fugir. Que fazer? Mas, a mesma ignorada força o attrahia ao perigo. Era uma atracção avassaladora, um dominio que não deixava pensar e que o levava como a um boneco mechanico. Avançou mais; fez sóar a campainha electrica. Apareceu-lhe Helena.

A mesma doce expressão, o mesmo oval do rosto de uma alvura de leite, o mesmo olhar tranquillo e de brilho sem fim dos seus olhos negrissimos. Sómente revelavam as scenas anteriores o desalinho dos cabellos cahidos sem grandes cachos e os hombros nu's, dando-lhe um aspecto mais ingenuo, mais infantil e innocente. Primeiro, contemplou-o Helena com assombro, duvidando de que fosse elle proprio quem se apresentasse tão espontaneamente; depois fallou-lhe:

— Fugia! fuja, immediatamente, sinão a policia lhe prende!

— Porque hei de fugir! Aqui fico, aconteça o que acontecer!

E enveredou pela casa a dentro, como si aturdido ainda pelos compassos da "Dança Macabra", buscasse alli a morte.

Um grito de surpresa da mãe de Helena denunciou a sua presença á policia.

Amadeo, seguido de Helena, que o mirava com assombro, penetrava até o salão grande, onde, momentos antes, sonhara com paradisiacas mentiras de amor.

A policia ia deitar-lhe a mão; mas, no mesmo instante, Amadeo apoderou-se do revolver, — o mesmo de Rosa — que Helena havia deixado sobre uma mesa.

— Para traz! o primeiro que avançar, mato-o! E dizendo isto, apontava com a arma o grupo de policieas, collocados ao pé da porta, enquanto elle se entrincheira por traz da mesa, os quaes esperavam, pallidos, sem sahir do seu posto, um segundo de descuido para lançarem-se sobre elle e prendel-o.

— Para traz! Vamos! para traz! e os fazia retroceder.

— Para traz! para traz! E os da policia na imminencia de uma morte certa, retrocediam, passo a passo. Assim percorreram o corredor. Uma vez na porta, gritou, imponente:

— Fôra! Rua!

Elle mesmo abriu a porta com uma das mãos, ameaçando a policia com o revolver que tinha na outra.

Sahiram. Amadeo ficou só com Helena, que a tudo assistira estupefacta.

Os seus olhos brilharam com os extranhos reflexos da loucura acces: Approximou-se de Helena, que fugia espantada d'aque e homem de uma magestade horrenda, e tomando-a entre os braços, beijo-a com paixão, com vehemencia, com loucura.

Helena, nem siquer pôde gritar. Aterrada, aturdida com o que se passava, olhava-o com terror.

Imediatamente a soltou e apontando o revolver ao coração, disse com voz demudada:

— Helena, quero, na morte encontrar o caminho da perfeição!

Apenas acabada a phrase, ouviu-se um estampido e o seu corpo cahiu exanime.

Em seus olhos ficaram ainda as cambiantes de uma opala, e de seu peito sahia o sangue em borbotões, manchando por completo o branco peito da camisa.

Em tropel vieram da rua os policieas...

A violencia d'aquelle homem, o seu impeto, a sua sede abrazadora de desconhecidos delictes, nada mais eram do que uma massa insensivel que, sobre a mesa anatomica daria logar a uma preleção scientifica sobre a composição dos tecidos e estudo do coração como orgam motor do systema sanguineo.

Do influxo moral que aquella viscera havia exercido sobre a intelligencia, a sciencia só poderia formular chimericas hypotheses.

F. DE S. SARRIÓN

A' QUIOMAR NOVAES

(Após o concerto da grande pianista brasileira a 1.º de Novembro de 1919).

Gloria, esperanza, riso, dor pungente,
Desejos vão,
Tudo o que coração humano sente,
Canta, soluça, brinca em tuas mãos!

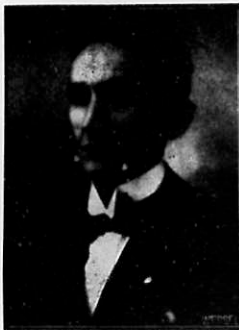
Exprimes a doçura das caricias
Do coração materno, ave do céu!
E logo empós o fogo das milicias,
A marcha dos heroes conduzindo o trophéu...

Então vemos as mattas brasileiras,
Rios, cascatas, sol, montanhas, ouro,
O eterno sabázi nas laranjeiras,
E os nossos Filhos — que maior thesouro?

E' a Patria que se orgulha nos teus dedos!
São vozes de Poetas, traduzidas
Nas vibrações dos multiplos segredos
Dos acordes, trinados e corridas!

São suspiros de amor da mocidade
Ou cançados gemidos da velhice!
E na pausa final, quanta saudade
Já sentimos de ti, flôr de meiguice!

Presciliana Duarte de Almeida.



O distincto jornalista sr. José Gomes, director da succursal da "Revista Feminina", em Natal, Rio Grande do Norte.



Originalidades de homens celebres

O "BOM" LA FONTAINE

"Le bonhomme" foi o appellido que lhe deram os seus contemporaneos. A attitude do poeta, de resto, justificava a alcunha. Durante muito tempo a bondade, a simplicidade e a obtusidade de La Fontaine foram axiomaticas. E' verdade que o fabulista tinha genio, mas é provavel que o ignorasse...

Em sua imaginação havia fabulas maravilhosas, assim como na seiva de uma arvore ha promessas de fructos perfumosos... Se La Fontaine pudesse ler, de além-tumulo, tudo o que, a proposito de seu genio, escreveram os seus criticos e biographos, por certo que havia de rir, elle, que, como hom filho da Champagne, gostava tanto das risadas francas e das troças ruidosas!

Entretanto, a critica de hoje não o fará mais rir. A critica moderna penetra as coisas muito a fundo e com immensa seriedade. Surprehendida com o contraste que se nota entre o seu espirito de observação, o seu grande bom senso, a sua reflexão atenta e prudente, a seriedade e amor com que tratou a sua arte e a especie da idiotia em que parecia viver, a critica perguntará se aquella idiotia não era simulada, se não foi uma mascara adoptada afim de obter, com o minimo de esforço, o maximo de paz e facilidades na vida.

Nem tanto nem tão pouco.

Nem é o "bom homem" da lenda nem é o "mão homem" da critica. Foi mais digno de lastima que de reproche.

Seu retrato não nos mostra um idiota, embora simulado. Em seus olhos grandes e vivos ha resplendores e tenebrosidades de genio. Seu nariz, de amplas cartillagens e de curva forte, dá-lhe a physionomia uma expressão de ave de rapina.

Verdade é que elle tinha instinctos e appetites de ave de presa.

Faltaram-lhe, porém, as garras e o bico...

Nos seus primeiros annos era indolente, apathico, sem vocação nem affeição alguma senão pelos prazeres. Pouco depois, quando sua intelligencia acordou, abrindo os olhos para as realidades que o cercavam, tornou-se esperto. Mais tarde, quando sua vocação se definiu, quando teve consciencia da sua arte, dedicou-se a ella inteiramente, fazendo della a sua mania, a sua obsessão, o seu vicio, o seu prazer, o unico fim da sua existencia. Foi então que, por astucia, simulou uma tal ou qual idiotia, desligando-se de tudo que não fosse a sua arte: trabalho, mulher, filhos, amizades, etiquetas e compromissos de sociedade... E não era máo, embora á primeira vista o pareça; mas, para não o julgar máo, é necessario perdoar-lhe muita coisa...

Em primeiro logar, para que possa ser julgado imparcialmente, é mister lembrar que elle viveu no seculo XVII, naquella seculo em que planou, por cima de tudo, o olhar imperioso de Luis XIV, que exigia se guardasse o decoro, a magestade, a dignidade exterior até nas mais desenfreadas orgias. Em tal seculo, onde as conveniencias eram tão bem guardadas, onde havia as hypocrias magistraes, é natural que a franqueza do seu caracter se rebellasse contra o meio.

Aos dez annos de idade, sem vocação religiosa e talvez com escassa fé, ingressou no collegio religioso de Reims. Mas o seu caracter indomavel começava a formar-se, e elle, negando-se a curvar-se á serena disciplina conventual e aos exercicios daquella congregação, abandonou-a ao cabo de oito mezes.

Seu pae, então, para fazer delle "qualquer coisa", dá-lhe o seu cargo que era o de inspector das aguas e dos bosques de Chateau-Thierry, casa-o com Marie Hericourt, mulher de muita belleza e não pouco espirito. La Fontaine acceteo o cargo e a esposa, ou melhor, as duas cargas, não por gosto mas por indolencia. Elle nunca a tinha amado, nem ella, caracter altivo, imperioso e aspero, soube fazer-se amar.

Em vão seu pae, que gostava immenso dos bellos versos, instou para que elle se entregasse ao estudo da Poesia.

No desejo paterno havia talvez o presentimento... dos vinte annos La Fontaine ainda não dá signaes da inclinação que, logo depois, havia de constituir a sua vida e a sua gloria. Mas elle aborrece os preceitualistas e os mestres cujas obras lhe caem nas mãos.

Um dia, por acaso, ouve uma ode de Malherbe, recitada, com emphase, por um official da guarnição, e isso acordou ás subitas a sua sensibilidade poetica, logrando mais effeito que os estímulos paternos, que a leitura dos poetas e as regras dos mestres. E La Fontaine começa por imitar Malherbe e a compor versos. Adivinhando a alegria que ha de causar ao seu pae — o que bem demonstra que não era máo — vae lh'os ler, e o velho, ao escutal-os, chora de puro jubilo!

Apezar desse exito, manifestado pelo applauso paterno, não se dá elle por convencido e vae ler os seus versos a um parente, que tambem cultivava as letras e em cujo gosto confia mais que no amor do pae. E o tal parente, juntando o louvor aos conselhos, põe-lhe nas mãos as obras classicas de Horacio, Virgilio, Terencio e Quintiliano. A estes livros acrescenta o joven poeta os de Rabelais e Marot e a "Astrée" de Dürpé, unicos autores francezes a que se afficçou. Um



empresta-lhe a sua alegria impudente ou engenhosa; o outro o adextra no estylo, e a obra do ultimo lhe pinta no cerebro as cores risonhas e variadas das suas imagens campesinas. Entretanto, como elle proprio disse, "divertia-se mais com os italianos". Lei o releu Ariosto e Boccacio, a quem amou particularmente. Para resarcir o tempo perdido, entregou-se á leitura e ao estudo dos classicos gregos. Platão e Plutarco fazem a sua delicia. De um e de outro se abastece de maximas moraes e politicas, aproveitando-se dellas, não raro, quando lhe convenem, sem se preoccupar com escrúpulos ou originalidades... Aristoteles exerceteo tambem sobre elle grande influencia, deixando em seu espirito uma semente... revolucionaria, que poucos, mesmo hoje, logram entrever em suas fabulas...

Desde então entrega-se de corpo e alma ás amadas Musas. Começa a pensar com tedio nas suas dissensões conjugaes. Dedicando-se exclusivamente e por completo á sua vocação e aos seus ideaes, cada vez mais se caracteriza a attitude, que por fim adoptou, de idiota e estupidéz. Para troçar com elle ou talvez para pol-o em brios ou ainda talvez para verificar se elle era capaz de um gesto de dignidade, seus vizinhos contam-lhe que sua mulher lhe é infiel, enganando-o com um militar de dragões que lhe frequenta diariamente a casa.

Menos por crer na calumnia do que como pretexto para aljar a carga matrimonial, vae, logo pela madrugada, á casa do official, obrigado a levantar-se, a acompanhá-lo, e, uma vez em campo raso, diz-lhe:

— Aconselharam-me que me bata contigo.

E sem lhe dizer porque, sem justificar o seu gesto intempestivo, arranca da espada e o obriga a pôr-se em guarida. Felizmente para elle e para as letras, acabou o lance como o de Corchuelo em "Don Quixote", e La Fontaine, depois de enfiar a espada na bainha e sentir o ridiculo do seu papel, reconcilia-se com o seu adversario. Vae á casa deste, e, sem advertir que demonstra, com uma candida ingenuidade, que não o provocou por ciúmes, declara-lhe:

— Já fiz o que o publico queria. Agora quero que venhas outra vez e todos os dias á minha casa sem medo que me bata de novo contigo.

Arrependimento? Não se sabe ao certo. Mas não é muito impropravel que, por essa fórma, quizesse elle por o fogo junto da palha para que, soprando o diabo, se ateasse o incendio, o que muito lhe convinha como pretexto para se desembaraçar da esposa, cada dia mais indifferente e cada vez mais inoffensiva, a despeito da sua notoria virtude. Verdade é que a virtude, quando não vem acompanhada de outros meritos, não basta para fazer a felicidade de um marido.

Houve um juiz que, em cada litigio, perguntava sempre: "Quem é ella?" Assim o biographo deve averiguar qual foi a mulher que estimulou o genio desse homem e por causa da qual elle conquistou a gloria.

Ora, na vida e na obra do poeta ha, de facto, uma mulher que exerce grande influencia sobre o seu genio e que até lhe inspira concepções revolucionarias: a duqueza de Bonillon, sobrinha do famoso cardinal Mazarino, mulher dotada de grande belleza e de um espirito eminentemente culto.

Desterrada em Chateau-Thierry, berço e residência do poeta, apressa-se em conhecer La Fontaine, attrahida pelo genero literario. Dá-lhe um acolhimento entusiastico e empresta-lhe um apoio carinhoso.

Muito sensível o poeta aos seus encantos e á sua alta generosidade, corteja-a assiduamente; e esforçando-se por agradar-lhe e penetrar-lhe mais facilmente nas sympathias, imprime nova direcção á sua arte, abandonando a licenciosidade dos primeiros tempos. E o Rei, de quem a duqueza andava assás descontente, é o alvo da sua critica e do seu odio, o heróe disfarçado das suas fabulas e contos.

No seculo XVII, onde eram tão respeitadas as hierarchias e as tradições, só La Fontaine e Molière é que têm a coragem, embora de fórma indirecta e velada, de fazer a critica dos costumes e da sociedade. Elles fazem a critica com astucias de raposa e prudencias de serpente. La Fontaine, em vez de escrever diatribes, como fará Voltaire mais tarde, escreve fabulas de apparencia inoffensiva. Quem poderá suspeitar que o leão da fabula é o proprio Rei-Sol?

A duqueza, encantada, identificada com o seu poeta, levava-o para Pariz logo que é decretada a sua amnistia e o hospeda em sua casa. Mas o bulício da grande cidade, as novas curiosidades de um e de outro esfriaram-lhe o coração.

O poeta não quer voltar ao seu rincão provinciano. Não pode tambem manter-se em Pariz, onde o prendem o desejo romantico de ficar perto da sua dama e a sede de prazeres e de glorias. Começam então as suas loucuras... Volta á sua provincia natal para liquidar a fortuna, bem pequena, valha a verdade.

Aturdido pela vida de prazer, arruína-se. Arruinado, mascara a sua situação, as suas intenções e propósitos com um ar de simplicidade inconsciente. Separa-se de sua mulher. Não sendo dotado de instincto de paternidade, abandona os filhos, certo de que não faltaria algum que adoptasse os herdeiros de tão glorioso nome. E foi o que succedeu.

Desligado de todo vinculo e até das preoccupações pessoais, entrega-se sómente á sua arte, deixando que o alberguem e o visitem as grandes damas, sem curar das humiliações que tinha de arrotar. Mme. de la Sablière, por exemplo, tendo desmontado a sua casa, disse: "Je n'ai gardé avec moi que mes trois animaux: mon Chat, mon Arien e mon La Fontaine".

O poeta tinha no animo a semente revolucionaria. Era,

sem o parecer, um revoltado. A sua aversão por Luiz XIV accentua-se cada vez mais, e de tal maneira que, através das suas fabulas, o publico descobre claramente a sua attitude hostil para com o Rei. Quando, pois, viu á luz a sua obra "Amours de Psyché et de Cupidon", correu o rumor de que era uma allusão a certos amores do Rei-Sol, e tão persistente foi, que o poeta, assustado da sua obra, se deu pressa em dirigir-se até ao Throno para o desmentir. E foi erido. Quem poderia suppor o contrario naquelle homem simples e bonachão a quem chamavam "le bonhomme"?

E o "bonhomme", á socapa, troça de todos e logra viver apenas para a sua arte, que era o ideal da sua vida, sem receiar que o incommodem. Aceita sem protesto e de bom grado a fama de estúpido que se propagou em torno da sua pessoa, e a explora até, algumas vezes por conveniencia, outras para desafogar o seu máo humor. Assim, convidado por uma alta personagem que pretendia dar-se importancia, tendo como comensal um homem de tão alto sem dizer palavra, depois do que dorme como um animal. Quando desperta, uma hora após, levanta-se estremunhado e mette-se num carro sem se despedir do amphitrião. Faz



a mesma coisa outra vez, mas desta ajunta o escarneo á grosseria: quando acaba de comer ferozmente, sem haver soltado um pio, levanta-se para sair sob pretexto de ter de ir á Academia. O amphitrião, desejando que elle se demore mais um pouco para lhe ouvir alguma coisa graciosa, replica-lhe que ainda é cedo e que para ir á Academia é bem pequena a distancia. Ao que La Fontaine respondeu, da fórma mais natural do mundo:

— Não importa, tomarei pelo caminho mais longo.

Pormenor interessante: Elle que para tudo necessita e pede conselhos, sabe dal-os muito avisados e prudentes ás pessoas da sua estima.

Xuma carta á mme. de Thiangs escapa-lhe esta sinceridade: "O publico, as amizades todas me fizeram empregar a pouca bilis que tenho".

E esta bilis o mergulha em meditações de que ninguém logra arrancar-o. Mais de uma vez foi visto um dia inteiro sentado debaixo de uma arvore, sem cuidar do sol, do frio ou da chuva.

Em certa occasião, em casa de Despreaux, durante um jantar, Boileau e Racine discutem ácerca de Santo Agostinho; e, ao ouvir este nome e como despertando, qual se não soubera de que se tratava, exclama, deixando-os estupefactos:

— Acreditam vocês que Santo Agostinho tivesse mais espirito de Rabelais?

Isso disse elle precisamente para molestar um dos presentes...

Tão difficil é arrancar-o das suas meditações como forçal-o a ouvir apartes aos seus discursos.

Discutindo com Molière e com Boileau ácerca dos apartes em theatro, condemna-os como illogicos e incoherentes:

— Como poderá uma personagem não ouvir uma phrase que foi dita ao seu lado e que foi ouvida por todo o theatro? O aparte é uma coisa absurda.

E na defesa das suas idéas, entra a discursar em altas vozes, a fazer gestos, sem dar ouvidos ás replicas, como é seu costume. Os outros, inclusive Despreau, para se vingarem, injuriaram-no, dizem-lhe coisas insultuosas. Apesar disso, e sem nada ouvir, continua a arengar interminavelmente.

Por fim, vendo que todos se põem a rir, La Fontaine, intrigado, pergunta a causa daquella hilaridade. A que Despreaux responde:

— Rimo-nos porque estou ha muito tempo a injuriar-te, sem que as minhas injurias sejam ouvidas por ti. Não é para admirar, pois, que em scena uma personagem não ouça o que a outra diz num aparte.

Como bom poeta e sincero, pinta-se elle, não como é, mas como quizera ser, neste verso escripto numa carta a mme. de Sevigné:

"... Mais quoi! Je suis volage en vers comme en amour..."

Elle cuidava-se versatil em amor. Não é verdade; foi sempre constante, sem o perceber. E' prova disso a influencia revolucionaria que influiu sobre elle a duquesa de Bonilhon, e que transparece em quasi todas as suas obras,

excepto naquellas que tomou ao "Pantchatantro" indú e a outros autores da antiguidade.

Quem poderia suspeitar intenções, propósitos revolucionarios naquelle "bom homem" a quem mme. de Sevigné comparava ao seu cão e ao seu gato? Entretanto, através das suas fabulas resalta a cada passo o seu protesto revolucionario. Em "Le chien et le roseau", por exemplo, se percebe que o canhão é o povo e o cavallo é o Rei.

O vento do Norte,

"... Le plus terrible des enfans
Que le Nord est porté jusque là
[dans ses flancs]"

é a tormenta revolucionaria que o fabulista — vate e propheta — presente, annuncia e talvez espera; é aquella tormenta revolucionaria que

"Fait si bien qu'elle déracine
Celui de qui la tête en ciel etait
[voisine]"

(que é talvez o Rei)

"Et dont les pieds touchaient à
l'empire des morts"

(que é o Rei e sua estirpe).

La Fontaine precursor da revolução franceza... Eis aqui um aspecto seu inesperado, que encheria de estupefacção a Jean Jacques Rousseau, o philosopho que pretendia que se banissem severamente da bibliotheca da juventude as obras do grande fabulista, porque elles predicavam, consoante ao autor do "Emilio", uma moral assás immoral, que dava sempre razão á Força e á Astucia.

La Fontaine revolucionario! Eis aqui um aspecto que levaria a confusão a todos os que permitiram que as suas fabulas inoffensivas andassem pelas mãos da infancia e da juventude... E' que La Fontaine enganou a todo o mundo. Elle não dava razão á Astucia nem á Força; dizia sómente que, na luta pela vida, entre todos os animaes, particularmente entre os homens, os fortes e os astutos levavam a melhor. Como elle não era nem podia ser dos fortes, encartou-se muito habilmente entre os astutos, e com tal exito, que conseguiu enganar a muitas gerações ácerca do seu verdadeiro espirito. Foi talvez Boileau o unico que, com sua sagacissima percepção, chegou a duvidar por momentos da "bonhomie" de La Fontaine, como se deprehende da sua carta a M. de Maucriot.

E' de crer que certas historias de disciplinas e mortificações foram uma piedosa invenção de mme. de Herward, a ultima protectora do poeta, que o estimou tanto e prezou tanto a sua arte, que conservou durante muitos annos a alcova em que falleceu o poeta, no mesmo estado em que elle a deixara. E os silicios que foram descobertos quando o amortalharam, tambem foram uma fria invenção daquella dama e do seu esposo. Talvez, ao lançar mão dessa fraude, pretendiam elles tornar a-

mavel na morte o homem que, em vida, nunca soube fazer-se amado. E' frequente pintarmos os nossos mortos, não com defeitos, por causa dos quaes, mais do que as suas perfeições, nos captivaram, senão com as virtudes e os attractivos com que quizeramos vel-os adornados para que os admire a humanidade inteira.



A educação nacional: aspectos femininos

(Conferência da serie promovida pelo Curso Jacobina, realizada no Salão do "Jornal do Commercio", em 16 de Setembro de 1920).

Já de outra feita falei sobre este mesmo assumpto, e considerei varios dos seus aspectos masculinos; diante de vós, só quero hoje considerar algumas das suas feições femininas.

Entretanto, se, apressadamente, convim em acceder ao convite generoso da illustre Directora dos Cursos Jacobina, foi principalmente por uma razão pessoal. Eu analysa por ser ouvido em uma assembleia de mulheres, para com ellas ajustar algumas contas. Accusaram-me, em livros de ficção que tenho escripto, de não as olhar com bons olhos. Preciso, pois, explicar-me. Não pretendo desenhá-las todas as mulheres, nos meus livros, apenas algumas, e que interessem á malicia das outras. Ora, as mulheres bonas, felizes, perfeitas, não fazem enredos, não dão intrigas, não têm romances. Para todos os lerem, é necessario que algumas, nem sempre bonas, nem boas, as vivam. Para servir as primeiras, procuro descrever as outras. Sempre, porém, umas e outras, foram e são, a minha preocupação. Agora o momento se offerecia para dizer tudo o que penso dellas, de todas ellas: e o que lhes ouvir:

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

Alinda com o risco de offender ás vossas preferencias litterarias, graçando com o autor daquelle delizioso romance de "Paulo e Virginia", que a todas já vos fez chorar, sem duvida, e, portanto, já vos fez agradecer a Bernarmino de Saint-Pierre, como é proprio dos bons corações... lembrara-me aqui um dos seus disparates. Tudo se criou na natureza para o homem, seu prazer ou sua conveniencia; até o melão, se tem pomos, é para ser comido em familia. Desistiu-o Deus ás talhadas, e assim a tudo na vida, criado e preparado para nós, e nós para Elle...

Desenha em dois traços, este dilata, um universo accessivel ao ridiculo, a caricatura da philosophia espiritualista, que é o transumpto mesmo de todas as religiões. É o "finalismo" que dá um destino ao mundo, e lh'o imagina um destino logico, indispensavel ao nosso sentimento ambicioso, e como é possível á nossa limitada intelligencia. Todo o movimento philosophico e anti-religioso, que vem do seculo XVIII para cá, exactamente consiste em demonstrar o absurdo e o ridiculo da finalidade, do mago irtractavel da positiva sciencia contemporanea. Entretanto, tão forte e decisiva é essa inclinação de nossa natureza, que todas as doutrinas materialistas da hora presente são civas das desse mesmo aluminado finalismo... Com effeito, a "evolução", a "selecção", a "defesa natural", a "lucta pela vida", o "processo intuitivo" dos mundos, as especies, dos homens, das idéas... são bellas e bonas concepções finalistas, porque pre julgam, e até nos concedem, uma perfeccibilidade de mau a me nos mau, de bom que tende inevitavelmente a ser melhor, e que chegará logicamente a ser optimo, termo ou destino desse finalismo scientifico que, sem o querer, se encontrará então, sorpresos ambos, com o finalismo religioso.

É isto, minha senhoras, se acontece a homens dotados de sentimentos oppostos, a idéas divergentes que se afastam no ponto mesmo da partida, é simplesmente porque a logica, mau grado de nossas repugnancias de sentimento, de nossos delirios de imixinação, é uma irrepresivel necessidade humana.

O homem é um animal logico. Desde a mais tenra infancia, quando lhe madrega a razão, que á primeira linguagem ballada ella torna logicamente regu'ar, até mais tarde, na vida, nos conflictos de sentimento com as mulheres, que elle accusa de illogicas, até nos proprios desvios e aberrações mentaes, que, por ironia, chama de loucos, "ilocos" ou "logicos", como parece ser a derivação. (*)

Se a controversa religiosa e scientifica prosegue, pró e contra o discutido finalismo, na vida, sem attender a estas idéas desamparadas, a acção que entretém o homem na natureza dá-lhe, desde os primeiros alvares de sua civilização, o mais radical e irremovivel dos finalismos, que é o outro nome da educação.

Que é isto, senão um caminho, e para um destino? Condição da natureza, os viventes, ás suas realidades pre-estabelecidas, e em perpetua mudança, de modo que viver é adaptar-se ao meio a que se veio, e em que se vive. Essa adaptação chega nos animaes a um adestramento que revela rudimento de razão, no adaptamento ás conveniencias. No homem se impõe, se conformam, aperfeição, e se aperfeccionam, em tenacidade, desejos, interesses, hábitos, disciplina, não sem premiações da educação. Para que? E porque?

"Educar" vem de educere, conduzir fora, além, guiar por diante, para o nosso destino naturalmente, que, se não foi determinado, vagamente o fixamos lá bem longe sem duvida, lá no que deve ser, ou é, a perfeição. Educar é conduzir ao ideal. E' o ideal a representação distante, inaccessivel, certamente, mas de que nos aproximamos sempre mais, de nossa propria perfeição.

O caminho não é direito, nem liso, nem facil, al de nós, mas tem alturas, boquições, alcantis, atrosos, precipícios, e não foi irreprecios, mas lá lhe prosegue e retorna o fio, sempre em frente, e embora com delonga e arredondamentos, impulsos e atrasos lá vai adiante, incessantemente. Um desses redemoinhos ou labyrintos

que nos fazem dar a volta ás lidas e aos prejuizos, sem progresso, numa controversia sem derivação de saída facil, ou solução prompta, sequer provisoria, são os multiplos problemas de educação feminina. De alguns, e por alto, que não quero nem vos fadigar, nem fingir o alente, que não tenho, vos venho hoje aqui entrever.

IRONIA E PIEDADE CONCEDIDA A'S MULHERES

Sabeis que são só animadas ou bem tratadas, no meos em certos momentos pelo vosso companheiro, sempre elle professor, e professa alinda, por vós, um infinito, e taçao, quando não declarado, desprezo. E' o nome real da ironia e da piedade, que são os desfares das manieiras com que vos tratam, mimo, caricia, ternura, sacrificio, que se devem ao ser fraco, innocente, mas, por isso mesmo, inferior -- é a franqueza do que elles pensam de vós... -- que nos dá entretanto a gloria do amor e a pre-veniência da descendencia...

Das alvares da philosophia antiga aos pensadores de nossa era, a opinião, com algumas variantes, é sempre a mesma, e essa. Dizia Xenarco, das cigarras, cujos machos têm o privilegio de cantar feliz gente, cujas femas não falam... Schopenhauer vos definiu, com aquella sua brutalidade allemã: animas de cabellos compridos e juizo curto. Não são grosserias de philofofos, que temem as mulheres, e as evitam com o insulto, é o pensamento declarado de todo o outro sexo, que alinda quando vos agrada e depende de vós, vos acarcia como a adoraveis criancas grandes, vos desdenha, conseguido o seu intento, como a caprichosas criaturas, que acalham por fatigas...

Fez assim o homem á natureza inteira: não lhes icscrep a regra commum. Excavou a terra, brocou as minas, extrahiu o carvão e o minerio para a sua utilidade; juntou as hervas e as arvores, disciplinou-as com a toia, aperfeçoou-as com a selecção, para maior rendimento de seus celeiros; domesticou os animaes, tratou-os com bons pastos, abrigos artificiaes, dando-lhes seguranças contra as feras, mas para lhes tirar a lá, o leite, o couro, a carne, que são as raizes daquella beneficencia. A mulher tambem, sua victima, deu traços, enfeites, zubaia, o amor como destino, a maternidade como dever, o lar como dominio, para lhes fazerem o conforto domestico, a delicia da vida, que incubia e cria, e faz homens aos seus filhos, outros homens como os paes, para as prender e tyrannizar, acarcia, e abusar dellas, as outras mulheres, inefinidamente. Até os poetas, que são homens fracos e sensíveis, mais capazes por essa condição de as comprehender e as estimar, até estes são como os outros: um delles, o que imaginou Eloi, a mulher-anjo, capaz de tentar a redempção de Satã, o que achou de melhor para dizer a mulher-mulher é chamá-la "enfant malade"... Criancas doentes, que outro, Castilho, desejaria ver todas em uma nau, e o piloto fóra ella... "triumpho eterno?", não escaparia uma só!

É não só sahios e poetas, mas até santos e devotos, que parece não sabiam o caminho do cu, senão fugindo dellas, tentandose com ellas, como se foram mesmo a imagem terrena do demonio. Foi talvez por isso, por uma reacção liberal, que se conta de um concilio, em Macon, que lhes concedeu, e não por unanimidade, mas por maioria, uma alma immortel: não a teriam até ahí! Sempre a Igreja se defendeu disto, mas se ella é instituição divina e infallivel, os paes e os sahios só ou foram homens, sujeitos, portanto, não raro, aos prejuizos humanos.

Criancas grandes, caprichosas, doentes, capazes de todos os males, até da perdição da alma... dos outros... ahí está o resumo de tantos seculos de civilização humana, a respeito das mulheres: se vos tratam melhor hoje em dia, carinhosamente, até como soberanas ephemeras de uma sala de baile, de uma noite de theatro, num encontro de rua ou na constancia do lar, não vos enganaeis... ainda nestes momentos é um engão a submissão, têm tenções deliradas os mimos, o culto é antol ou róle, com que vos prendem, para o que de vós desejam, porque na vida do homem não são ainda mais que um complemento, uma utilidade ou um delite. Se o assumpto não apparece ao gracoço, pela sua gravidade, eu vos diria quasi: apere de toda a civilização, mulheres, vós ainda não sois homens!

E, entretanto, tendes o direito e o dever de sê-lo, outros homens, diferentes delles, mas eguaes a elles, na paridade do gracoço, nos direitos e nos deveres, e não lhes deixeis favor por isso, senão reclamação do que vos expulsiu e, cumpre, vos restitua.

A SUPPOSTA INFERIORIDADE DAS MULHERES

Não será, porém, com afirmações vans que vos convenceréis, e que nos convenceremos disto. Vejamos os factos. O primeiro e o maior, iniludivelmente, é que a natureza vos fez menores, mais fracos, menos intelligente, e por isso, physicamente, mentalmente, inferiores aos homens.

A anthropologia, que vos pesou e mediu nas varias racas da terra, achou, constantemente, esta differença entre homens e

mulheres da mesma estirpe no mundo. Entretanto, entre os grandes Patagônicos, Escandinavos e Siamenses, e os Japoneses e Sibirianos, não estabelecida, por isso, a superioridade anthropologica dos pesados e membrados, sobre os ágeis e resistentes: para sermos logicos, por esse criterio, estabeleceríamos a superioridade das mulheres patagônicas e escanavas sobre os homens do Japão e do Brasil, pois, de facto, os excedem, em peso e dimensões. Este criterio, pois, do metro e da balança, da proporção do corpo humano, não pode dar um indicio da vantagem relativa.

Foi, principalmente, para o órgão da intelligencia que se voltou a attenção dos homens sabios, que até acham o argumentado, a inoperiosidade feminina. Pesado o cerebro de numerosos homens e mulheres, da mesma raça, e do mesmo nivel social, encontra-se, inludivelmente, uma differença, para menos, no millo feminino. Sabeis que esta sorte de estudos se faz pelo que chamam medidas, isto é, relações que servem a apreciação, e nem sempre são um indicio da verdade. Até, neste proposito, ha uma divertida vingança que o acaso, parcial por vós, tomou de um grande sabio, que representava este ponto de vista de homens. Foi com o physiologista allemão Blichoff, incapacitado em demonstrar a inferioridade feminina, pela exiguidade cerebral das mulheres. Para nós o peso dessa viscera seria 1350 grammas; para vós, apenas 1250, ou 100 grammas de differença, para menos, o que justificaria o "juizo curto" de Schopenhauer. Pois bem, a ironia foi que, morto Blichoff, levado á balança o seu cerebro, pesava somente 1245 grammas, o que demonstra que o cerebro de um grande homem pode ser mais reduzido que o da media das mulheres, o que demonstra ainda que este criterio de pesada, em que se firmara o sabio germanico, é ridiculo, e demonstrado, quem o diria? pela sua propria natureza, pois era 5 grammas mais leve, abaixo mesmo de uma subalteridade, decretada por esse mesmo facto...

A verdade é entretanto outra: o corpo do homem é mais pesado que o das mulheres, mais delicadas de estrutura, de cerca de um decimo no todo, e portanto, em cada uma de suas partes, no esqueleto, nos musculos, nas visceras, como tambem numa delleas, o cerebro não significando isto que, a coração feminino, por exemplo, seja inferior, sendo em peso, ao de um homem, pois que o seu corpo todo é menos um decimo mais leve que o do seu companheiro, mas, cerebro e coração, normaes e perfectos, uns e outros. Se o peso do esqueleto tivesse como função a intelligencia, não poderíamos jamais comprehender como a particula minima do ganglio encephalico das abelhas e formigas attingiu a tamanha perfeição, nem como a abundancia cerebral dos elephantes e rhinocerontes não lhes deram a primazia na natureza. A verdade é ainda que na mesma especie o peso do cerebro, nas suas grandes oscillações, provem da variavel quantidade de agua que possui a viscera: mais ou menos humidade, é, portanto, não menos ou mais intelligencia. A contrapartida desta verdade será no seguinte facto: é na idade de 14 annos nas mulheres, de 15 annos nos homens, que o cerebro humano attinge o seu maior peso, e, evidentemente, não é nessa idade, feliz idade toma de menina-e-moça, a idade da calca comprida e do primeiro cigarro, que os homens e as mulheres, esses mesmos julgados no decorrer de sua vida, são mais intelligentes.

O peso do cerebro não é, pois, nem no homem, nem na mulher, nem comparativamente nas racas, nem nas outras especies animadas, um indicio do valor intellectual. Mais que a quantidade de substancia, na qual domina a agua, é não a cellula nervosa, sobreleva a qualidade, esta não se pesa... esta não tem outro criterio senão uma inferencia, e uma consequencia. E' a inferencia a substancia sobre, ou cinzena, que pode ser mais ou menos espessa, e o manto cerebral tanto maior quanto mais progrediu nas acisturas e circumvoluções, melhor irrigado por uma circulação activa, melhor intercomunicado pelas vias que se cruzam no corpo calloso... Uma consequencia é o genio humano, que deriva desse cerebro melhor dotado de nervosios, mais marmorizado por irrigação, mais accessivel ás communicações, mysterio transcendente que de algumas cellulas, sangue, lymphá, vibração nervosa, faz isto, o milagre do genio, do pensamento, da invenção, da acção, da virtude, do sentimento, toda alma sublime e divina do homem.

Evidentemente, as mulheres não descobriram a America, não cathequizaram continentes, não inventaram a imprensa... uma longa servidão na qual ainda perduram, embora os grilhões sejam hoje de rendas e fitas, e que as deixavam de muitos dos seus deveres e de todos os seus direitos, impede-lhes o preparo para a capacidade, e as iniciativas para o exito: contudo, excepções que alli demonstram como as Joannas d'Arque, as Catharinas de Sienna, as Madame Perdu Ceric existem. Mandadas numa subalteridade civil, num resguardo civilmente, prisioneiras bem tratadas, mas vigiadas, deram-lhes apenas o consolo espirital da religião e a servidão domestica e da vida as aliamos, reservadas ao nosso prazer e ás nossas conveniências, na sombra do lar que passamos a encarcerar como o seu unico ideal e o destino magnifico que lhes cabe.

No Oriente, sabeis como não ainda ellas inclassuradas nos harems ou nos diarcas, até da vista humilde, preservadas, igorantes, ociosas, lascivas, agrupadas como um rebanho que explora, com a sua violencia e o seu egoismo, um pastor. Deu-lhes o Christianismo a liberdade no Occidente, sobretudo conferiu-lhes uma dignidade que não tinham, permitiu-lhes uma educação que as vae gradativamente emancipando, do jugo militar em que, principalmente, a subalteridade educativa as manteve e ainda as mantém, até agora.

OS VETOS DA FAMILIA E DA EGREJA

Desfaçamos, desde já, um equívoco, em que por ventura a franqueza, um tanto diffido nestes assumptos, nos parece entreter. E' a familia. Quando se fala de familia, os homens e as mulheres desinteressadamente por ellas, e pela sua perfeição e gritam logo que se quer é simplesmente destruir a familia. Se vêm a causa mais parada, como as mães emerosas e fiéis, amecam-nos como os dilaemas da Egreja, suppondo-se então um baluarte inexpugnavel. Entretanto, minhas senhoras, não se trata nem de destruir a familia, nem de contrariar a Egreja. Então as mães emerosas, dependentes, incapazes? Então, na sociedade conjugal, háo de ser ellas sempre o socio mantido, expellido, reduzido ao silencio, incapaz de deliberar, sem direitos justos, sem resultado, que se diz e é reconhecido cabeça do casal, usa abusa discretamente? Será a mulher a eterna menor, pela qual delibera não podem ser boas esposas e mães emerosas, e não se casam, e não se respalpa? Eu sei que em materia de direito civil, muitas dessas acquisições estão alcançadas, embora com penoso esforço, mas sei tambem que a equalidade civil não foi ainda conseguida e não será talvez para os nossos dias, em que a lei ainda é feita ao pelos homens. Em que se prejudicará a familia, quando os esposos logarem direitos iguaes que lhes cabem para a acção commum de manterem o lar e de educarem os filhos? Como exercer esse direito sem a educação que prepara o conhecimento para os deveres e as suas licitas possibilidades? Sabem os homens muito bem que é a subalteridade de educação e de instrução da mulher o maior e mais nocivo dos vetos que a subalteridade civil domestica em que vivem e da qual só escapam, pelo escandalo e pela doerem, as raras victimas que preferiram a má fama ao soffrimento, á afronta, á delapidação dos seus bens e de suas forças, de sua mocidade e de sua belleza, pelos seus conjuges, com que se eganaram. Sei tambem que o amor, infinitamente mais frequente do que o nosso scepticismo ou a nossa ironia fingem não acreditar, corrige, nesses lares injustamente organizados, pela lei, estas, a desagualdade civil e social, e as prisões carceres, e os seus filhos delitas, tão occupadas pelo sentimento que, ainda que se abrisse a porta da prisão, não sairiam, como certos passaros dos montes e das montanhas, a galinha. Da gaiola doirada do casamento só poderiam sair os conjuges infelizes, e para estes, por causa dos outros, tem a lei a porta leme trancada com as sete chaves da indissolubilidade do vinculo, o escandalo publico a osar, a desprecação certa a prever, interesse a malbaratar, juizes, imprensa, advogados, amigos, a affrontar... E entretanto, para não chegar até ali, o meio mais certo seria a justiça equanime dos direitos e dos deveres, e a educação prática e capaz, que dá independencia e capacidade, para julgar e escolher, deliberar e fazer-se respeitada.

Depois, se a educação para viver bem é necessaria no casamento, mais ainda para viver sem elle. E, minhas senhoras, no Brasil, mais da metade da população nullo é de solteiros. Das brasileiras casavas apenas casam hoje em dia, 44 %, o que é numero muito baixo, comparado com as proporções europeias; em França, por exemplo, 70 % das raparigas são casadas. No Brasil, a media, ainda 50 %. Nós estamos muito aquém, e nossa terra onde predominam, em numero, os homens. Essas 66 brasileiras em 100, sem a protecção de um marido, e ainda que a tivessem, não devem ser educadas, para se bastarem na vida com um officio honesto, ellas que têm aptidões comparáveis ás dos homens, e que em muitos os excedem, por capacidades inherentes a sua natureza? Estes convencioes que a emancipação educativa e, portanto, economica, da mulher brasileira, será o meio de facilitar-lhe o casamento, porque a este ella terá a colaboração de auxiliar e de socia de seu marido e não, como é ainda agora, na immensa maioria dos casos, de dissipadora, mais ou menos activa, do bens do casal. A educação da mulher concorrerá, assim, para a prosperidade da familia.

O problema religioso nunca se oppôs ao da emancipação civil, e para chegar até ali, educativo, da mulher. A santidade dos sacramentos não exige, nem a subalteridade dos crentes, nem o injusticia de suas relações respectivas. A Egreja, interprete autorizada das Sagradas Escrituras, nunca repudiou os principios de democracia egualitaria, ainda na sociedade dos sexos, que é a familia, nem impediu jamais que a esposa, dotada de todas as graças da presença e da sedução, fosse atilada, clarividente, preparada para a perfeição, que é o outro nome da boa educação. Permitti para prova e para vos dar o agrado de uma diversão, que vos recita aquella idylle religiosa, em que se diz: "Ella é mais sabida dos homens", esboçou nos "Proverbios". Reparei bem como nenhuma das reivindicações femininas, civis, sociais, pela independencia do trabalho feminino, pela emancipação intellectual da mulher, ali feita e devida, se acha resumida na perfeição da mulher, ali feita e devida, e do trabalho com a industria de seus mios.

"PROVERBIOS" C. 31 V. 10 E SEQUINTES:

A mulher forte, quem a achará? Seu prece excede a tudo o que vêm de remotas distancias e dos ultimos confins da terra.

O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de desposos. Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. Deusa lá o vinho, e o trabalhou com a industria de seus mios.



A co-educação na Alemanha. A aula de grammatica num jardim.

Fer-se como a nau do negociante que traz de longe o seu pão.

E se levantou de noite, e repartiu a presa aos seus domesticos, e o sustento ás suas aias.

Considerou um campo, e comprou-o; plantou uma vinha do fructo das suas mãos.

Cingiu os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braco.

Tomou-lhe o gosto, e viu que a sua negociação é hóia; a sua candelaria não se apagará de noite.

Ella metteu a sua mão a colzas fortes, e os seus dedos pegaram no fuso.

Abriu a sua mão para o necessitado e estendeu os seus bracos para o pobre.

Não temerá que venha sobre sua familia os rigores da neve, porque todos os seus domesticos trazem vestidos forrados.

Ella fez para si moveis de tapeçarias; ella se vestiu de finissimo linho e de purpura.

Seu marido será illustre na assembléa dos juizes, quando estiver asentado com os senadores da terra.

Ella fez delicados lençoes, e vendeu-os, e entregou um cintio ao cananeu.

A fortaleza e a formosura é o de que ella se reveste, e ella rirá do ultimo dia.

Ella abriu a sua bocca á sabedoria, e a lei da clemencia está na sua lingua.

Considerou as veredas da sua casa, e não comeu o pão ocioso.

Levantaram-se seus filhos, aclamaram-na ditosissima; levantou-se seu marido, e louvou-a.

Muitas ajuntaram riquezas; tu excedestes a todas.

A graça é enganadora, e a formosura é vã; a mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada.

Daê-lhe do fructo das suas mãos; e as suas obras o louvem na assembléa dos juizes".

A mulher forte, portanto, deste ideal religioso — quem a achará? pergunta o Propheta... — é temente ao seu Deus, amante a seu marido, desvellada a seus filhos; é provida a seus criados e caridosa a seus pobres; não come ociosa o seu pão, e é solícita a sua casa e consagrada ao seu lar; entretanto, apesar disso tudo, não lhe esquece que é mulher, formosa sem ser vã, graciosa sem nenhum engano, e por isso se veste de finissimo linho e de purpura esplendida, e vive entre tapeçarias, sem nunca lhe minguar o conforto; mais, como as mulheres todas deviam ser capazes, suas mãos delicadas sabem trabalhar, fiam o linho, tecem a lã, fazem os moveis domesticos e até lhe sobejam lençoes

e alfaias, que ella vende, e tempo ainda para plantar a vinha; considera um campo, compra-o, explora-o; tomou-lhe o gosto, e sua experiencia da vida e dos negocios sabe por si deliberação, viu que a sua negociação foi hóia — sua educação instruída nas artes e nas sciencias deu-lhe boas idéas e bellas palavras, com que abriu a bocca á sabedoria e por isso a aclamam seus filhos, e a louva seu marido, e admiramos todos nós, e vós, minhas senhoras, vós a deveis invejar e imitar.

E' a mulher completa, como deve ser, e não apenas como a vemos ainda hoje em dia, tantas vezes, uma fracção de mulher: a mulher domestica, prisioneira de seu lar triste e sem horizonte, ou a mulher da rua que passava de luxo, a afronta e a immoralidade nas festas, nos theatros e até nas egrejas; a mulher operaria, que, obrigada pela concorrência do salario, se enfalça, adoece e morre, ou a mulher-boneca que apenas sabe enfeitarse, gastando o que póde e o que não póde, do labor de seus paes, maridos, parentes; a mulher ignorante, incapaz, pueril nos gostos e nos propósitos, e que é apenas uma criança grande caprichosa, ou a mulher vaidosa, fátua, que uns conhecimentos superficialles subiram á cabeça, e entonteceram, no pedantismo, de intolerancia preciosa... Pedacos delictuosos de mulher, esses todos, que não chegam a ser uma mulher, digna desse nome. Aísta disto, ou tudo isto, equilibrado por compensações justas, para que um sér harmonioso e perfeito saia desses esboços feios e truncados. Ora, é justamente a educação o meio de fundir todas essas disparidades e incongruencias, porque a educação é, na definição de Kant, o desenvolvimento humano, em toda a perfeição que a nossa natureza comporta.

Como se educará a mulher forte? Foi o que vos vim dizer, e ainda não me deixaram fazer. Entremos em assumpto.

EUGENIA E PUERICULTURA

A primeira regra da educação da mulher, como do homem, deve ser a que se refere á saúde, e á saude dos que devem vir, e que serão depois de nós, com o que preparamos a geração de amanhã, mais feliz do que a nossa, porque lhe preparamos constante e conscienciosamente a felicidade. E' a "Eugenia", a moderna arte ou sciencia que se preoccupa com uma raça humana saia e feliz, e começa, para obtê-la, em procurar a saúde e a felicidade daquelle d'onde ha de vir. Um dos seus capitulos, no qual a tenra infancia das escolas terá collaboração, é a "puericultura", no que se refere ao trato aos irmãosinhos mais tenros, ajudando no proprio lar as mães e aprendendo para o futuro o divino mister de mãe. E' um delicioso e indispensavel ensino que as crianças aceitam como brinco, porque é com outro brinquedo de bonecas, agora nessa idade e na escola, que a vida trocará por outras vivas,

e então felizes, sabido como se deve tratar. Em todas as grandes cidades da Europa se começa a ensinar isto, nas chamadas "escolas de mães", e, na América do Norte, em quaisquer escolas primárias.

Os meninos fazem exercícios gímnicos e militares, com o que preparam vigor e caráter, as meninas fazem gymnastica e puericultura, com o que conseguem também vigor e essa forma criadora, do patriotismo. Não foi sem propriedade que Roosevelt pôde chamar à maternidade o serviço patriótico obrigatório das mulheres, como os homens tem o seu serviço militar obrigatório, para defender a Pátria, que ellas criaram. As mulheres de Timor, a possessão portuguesa do Extremo-Oriente, segundo refere o meu douto amigo Agostinho de Campos, chamam no seu dialecto, poeticamente, e verdadeiramente, à maternidade, "nos" "guerra". É de facto, pelo risco, pelo sofrimento, pelas victórias sublimes e também, ai de nós! pelas decepções cruéis. Essas serão diminuídas, se a futura mãe tiver aprendido, desde a escola, todos os cuidados que se dão a um recém-nascido ou um bebê, abrigo, aseo, vestuário, alimentação, sono, diversões... Na escola seriem de ensaio os bonecos, o que é um brinco, com que aprendem para a vida. Nem se diga que é extemporâneo, porque uma boneca é o primeiro brinco desejado por uma criança, nem que é malicia precoce, porque essas meninas assim instruídas podem e devem no lar molestar dos pais prestar esses auxilios aos irrequietos mais tenros, que é preciso pensar, cuidar, vestir e entreter hygienicamente.

Cuidar da saúde de outras, é ser levado a pensar e a cuidar em tudo que se refere à própria saúde. Reflexivamente, tal educação hygienica resultará proveitosa à própria alumna. Não vos esqueça esta recommendação, que eu já adverti, e já advertida entre nós: no paiz pedagogico por excellencia, na Norte-América, o ensino da puericultura nas escolas e nos collegios de meninas é uma diversão, nunca omitida, e a mais encantadora das disciplinas, que preparam e educam para a vida.

A CO-EDUCAÇÃO DOS SEXOS E O MAGISTERIO FEMININO

O trato com os bebês, hoje bonecas, nossos irmãos e nossos filhos amanhã, o trato agora com os nossos camaradas de escola e de collegio, irmãos, conhecidos, amigos, collegas, o homem que amanhã a vida oferecerá a cada uma, que pretenderá com ella a felicidade. É o problema da co-educação dos sexos, na escola primaria sobre o qual ainda se discute muito. Ha uns moralistas maliciosos que o condemnam, pensando logo uma porção de coisas feias, que attribuem ás crianças. Ha uns religiosos zelosos que o temem, e o evitam, concededores profundos da maldade humana, que desejam assim olvidar, desde esses annos mais tenros. Devo logo declarar que a Egreja não tomou partido neste assumpto, sendo a maioria de seus membros, contrarios a outras, porque nos Estados Unidos da America ha numerosissimas escolas catholicas mistas, ou de co-educação. Ha apenas um debate scientifico ou pedagogico a ouvir, para resolver.

Untra a co-educação, ha a natureza diversa das crianças dos dois sexos, a que um mesmo regimen escolar poderá não convir: ha as relações de sexos oppostos, que se podem impregnar, precocemente, de malicia, promovendo temporas reacções sexuaes em cada um delles; ha o prejuizo das meninas que se tornam desconfiadas com o exemplo e a camaraderagem masculina; ha o maior talvez dos meninos e rapazes que se abrandam e levisitam no acolhecho do ameno trato das mulheres... são os argumentos em contrario, de leigos e profissionaes contra a co-educação. Vejamos a importancia delles.

Na primeira e na segunda infancia não são pedagogicamente diferentes os sexos, e como no lar materno, em que a mãe é o ideal educadora dos fillos e filhas, a professora é a mulher substituta dessa função educativa, exactamente, por um regimen impregnado de virtude, honestidade, franqueza, polidez e acatamento, ensinar ás criatrinhas de um e outro sexo o mesmo comportamento, que será o dever reciproco na vida, e isto no lar domestico entre irmãos, como na escola, sua prolongação, entre camaradas. É certo, e todas as mestras de escolas mistas podem depor, que os meninos, nestas condições, são menos grosseiros, violentos ou desalbridos, e as meninas perdem um pouco daquella timidez, reserva, disfarce, que eram de seu caracter original. Devem ser cultivadas desde pequenos taes qualidades, que serão não-valores na vida, quando mais tarde, inevitavelmente, e na época muito mais perigosa das reacções sexuaes, e não conhecidos um pelo outro, se vierem a encontrar? Os homens brutos, grosseiros, violentos que ha por ali na sociedade, essas raparigas incapazes de serem reducidos, porque um tempo não foram educadas, são aquelles meninos que cedo perderam mãe, não tiveram irmãos, foram ensinados por homens, e não conheceram as mulheres sendo depois de rapazes, para as desleixar e, presa-a a timidez e o cynismo dessa puerilidade viril, para as maltratar e brutalizar. Alastados de todo o convívio masculino, com uma repressão cultivada pela educação que as deixa desamparadas à primeira imprudencia na sociedade, essas raparigas, sequestradas não podem olhar a vida com desassombro, não podem sequer escolher o seu par na vida, porque são prisioneiras de pretender. Os sexos não se conhecem cedo na escola, como no lar? Porque se não corrigirão violencias de um e timidez de outros, qualidades tão nefastas nas relações reciprocas? É justamente função educativa inspirar-lhes o respeito mutuo e derivar-lhes a attenção pelos jogos, exercicios adequados, cultura physica intensiva e progressiva, praticas e conhecimentos necessarios, que, em vez

de malicia precoce, lhes dê a polidez adequada, que é o mais certo caminho de se estimarem e respeitarem, porque melhor aprenderão a se conhecer.

Os adversarios da co-educação são pedagogos de vista curta, que exageram o perigo de promiscuidade escolar, esquecendo-se que a escola deve preparar a vida, que elles se limitam a evitar um sequendo mal na escola, antes de serem por isso mesmo mais tarde, quando, irremissivelmente os sexos até então desconhecidos se vierem a encontrar, para as represalias de mútua curiosidade. Se as crianças de um e outro sexo fossem todas destinadas ao saliteo da escola, para a sequestração nos conventos, seria logica tal pedagogia, porque preservaria qualidades nativas de um e outro sexo para a vida reclusa dos claustros; mas a escola continua a lar e deve preparar para o mundo; porque pois, na época da infancia, não se conhece, e não se quer conhecer, o que deve vir do primeiro, e não deve descontinuar a outra, e se enledeca à harmonia delles, para a felicidade de viver? A co-educação se me oferece como uma necessidade educativa imprescindivel, porque necessaria, e natural, e social; resta que os pedagogos e mestres empunhem todos os esforços de sua intelligencia, sentimento, actividade, por que as relações entre as crianças de sexos differentes sejam impregnadas de pureza de pensamento, e de accção, que é qualidade indispensavel de toda educação digna deste nome.

A co-educação, que é geral nos paizes protestantes, sobretudo na Alemanha, na Suissa, nos Estados Unidos, tem entretanto nellees mesmos adversarios, e um pedagogico de maior merito, Stanley Hall, autor do formidavel inquerito sobre "Adolescencia". Ora, não é principalmente a malicia sexual que elle julga o defeito da co-educação, mas sim porque os rapazes, co-educados com meninas, se tornam mais violentos, mais orgulhosos, mais a impetuosidade e a violencia, que a vida requer... A co-educação facilita mais tarde o casamento: entre as co-educadas, 28 % casam, enquanto que, das alumnas de collegios femininos exclusivos, as nubentes são apenas 22 %. Os homens co-educados são os que casam mais cedo, e são os mais numerosos: esses maridos americanos idolatram as mulheres, fazem-lhes todas as vontades, solteras que aprenderam a conhecer, e, portanto, as estimar, ao mesmo tempo de amar. Não é este um reclamo magnifico pela co-educação? Necessariamente, com essas qualidades, o co-educado dará menos encontros nas ruas, respeitará mais ás mulheres dos outros, menos vezes será campeão dos desportos, e menos vezes terá encontros com as ousas e aventuras dos outros violentos e brutos, e, por isso, arrogantes e temerarios... É essa virilidade que se deseja para o homem, que vive no mundo apenas para ter uma esposa, muitos fillos, e fazer-lhes felizes, com o seu trabalho e os seus bons costumes, e não viver a lar ponta-pis, a destratar a damas e cavalheiros, e casar para divorciar por insupportavel, embora capaz de ganhar premios e mesmo conseguir uma fortuna?

Quanto a malicia dos sexos que pode existir, mas que não existirá numa escola em que a professora for justa, e incapaz, de sua missão educadora, só direi uma palavra. Ella é de um grande escriptor allemão, João Paulo Richter: "Para garantir os costumes, aconselharei a co-educação dos sexos. Dois rapazes bastam para preservar douze meninas, e duas meninas para a parte, e ainda menos naquellas em que só elles existem..." A minha experiencia é que a maioria das escolas primarias masculinas é depravada, e mais ainda, quando são dirigidas por professores. A pedagogia primaria é uma função feminina.

Isto que parece um axioma, quasi assim geralmente acciuto na America do Norte, como de vera ser entre nós, teve entretanto uma imposição de facto e não uma decisão de preceito. Foi por occasião da Guerra de Secessão que, chamados ás feiras os professores, homens, as mulheres professoras os substituíram e, com tanta vantagem, que ficaram quasi privilegiadas para este ensino. O mesmo se vai dar agora em França, na Alemanha e na Italia. Entre nós, o caso é comparavel, tão poucos homens temos para tão immenso paiz, tão solicitados são elles para actividades muito mais lucrativas. Pode-se, pois, dizer que, a menos não seja o caso de uma rara vocação, e então de um sacrificio, o brasileiro que se destina a professor primario é uma fracção de homem, que precocemente capitula diante da vida, estalando logo annos e decadas ensinando, para alcançar algumas centenas de mil reis, ao calmo de uma existencia. Por isso mesmo, elles tem isto como achegos e fazem outra coisa, negocios, empresas, ou politica, como em França, e são, portanto, minus professores. O avesso é também verdade: as raparigas que se destinam ao magisterio primario, que não quiseram ser apenas dependentes filhas, irmãs e esposas, e, com uma personalidade, conseguiram uma cadeira digna de mestra para de sua vida, não fazerem o seu lar, constituem uma selecção dentro no proprio sexo e d'ahi se compoem para continuar a reira, e que honram a escola primaria brasileira. Do meu testemunho publico ao do Distrito Federal, que tive a felicidade de conhecer no trabalho, de estimar ainda depois das relações officiaes, e de admirar sempre.

O ENSINO PROFISSIONAL E O ENSINO SECUNDARIO E SUPERIOR

Depois da escola primaria, a escola profissional e o collegio secundario. Começa apenas a escola profissional a ter entre nós a sua verdadeira significação. Dois exemplos, entre outros de S. Paulo e do Rio Grande, podem ser citados com ufania. Um é a Escola Domestica de Natal, a que Henrique Castrianno, um poeta que deixaram consagrar-se á accção, e a realiza com todo o seu grande coração, a que empresta as virtudes de adminis-



A co-educação nos Estados Unidos. Uma aula de historia.

trador e pedagogo. É uma escola de donas de casa e de mães de familia, providencias domesticas que hão de ser para a abundancia e o conforto feliz do lar. Depois, ou ao mesmo tempo das acquisições indispensaveis de cultura, ás artes e sciencias domesticas, a direcção e o menio da familia, tudo isto um corpo de mestras e mestras delictas e inspiradas, propagam a uma multidão de meninos e moços brasileiros, com tal felicidade, que a benemerita instituição está a exibir a imitação de uma centena de outra... espalhadas pelo Brasil.

O outro, foi a feliz reforma que no ensino profissional deste Distrito operou um lucido e bemfazejo espirito, o de meu illustre mestre o Prof. Azevedo Soares. Das velhas escolas profissionaes, em que pobres meninas recebiam uma instrucção inadequada e aprendiam artes sumptuosas irrelevantes para sua condição — bordados a ouro, piano, canto, dança... — fez essas colmeias de actividade proficua e productiva, repletas de raparigas que ali aprendem como ganhar a vida com trabalho, competencia, honestidade, alegria, sabendo linguas, mathematica, contabilidade, dactylographia e stenographia — para caixas, caixeiros, guardalivros, empregadas de escriptorios, sabendo desenho, modelagem, artes decorativas, corte, costura, com que saem floristas, costureiras, modistas, colleteiras, capellistas, artesãs e artistas das rendas e bordados, de mantos e chapéus, sem esquecer as prendas domesticas, indispensaveis ao lar... com que são hoje disputadas pelas officinas e fabricas de artigos femininos do Rio de Janeiro. Se vós quiserdes, minhas senhoras, enlevar um instante, no que consegue um labor de raparigas bem dirigidas, passe ali pela Praça da Republica e entre na Escola Rivaldavia Corrêa, por exemplo: sahireis convencidas que um milheiro de taes institutos são immediatamente necessarios ao Brasil, para a sua felicidade.

O ensino secundario feminino falta consistencia, que lhe dão programas e institutos adequados. Nos collegios privados, só a direcção de excellentes mestras, leigas ou religiosas, alguma coisa é tentado ou feito no prosseguimento do curso primario: um exemplo é este curso Jacobina. Não tem nome o desenvolvimento que adquiriu em França, Alemanha, Norte-América, que demonstra como as nossas camaradas de outro sexo tem a capacidade para esta sorte de estudos, que preparam uma cultura indispensavel à vida e permitem as seleções devidas para o ensino superior.

TYLORISMO EDUCATIVO

Já ouvistes falar no Tylorismo, isto é, essa prodigiosa invenção technica americana que estuda cada industria e cada trabalho, evitando-lhe as operações inúteis ou nocivas, dispondo tudo, com a maior economia de tempo e de esforço, o maximo de produção e de rendimento. Pois bem, ha aqui que pensar num "tylorismo educativo". O homem é igual a mulher, mas ambos differem um do outro, conhecendo-se bem, para os entenderem ao que melhor convem ás suas respectivas aptidões; em vez da concurrencia absurda dos sexos, o auxilio mutuo dos sexos, na

produção e no rendimento social. Ha, pois, que considerar com o auxilio da physiologia e da psychologia nessas differenças que orientam as respectivas capacidades.

Para o bem, como para o mal, na invenção e na criação artistica ou scientifica, nas iniciativas e reformas individuais ou collectivas, como para a desordem, a anarchia, as revoluções, os crimes, somos, os homens, graças a um maior poder de synthese das impressões recolhidas, elaboraçao subjectiva dos conceitos transcendentales, mais capazes do que vós, as mulheres. Por exemplo, até para a poesia, que é tanto do vosso gosto, somos nós os homens que a fazemos de preferencia: no inquerito de Vives, um acervo de milhares de provas, dominam na composição poetica os homens, numa proporção de 71 % contra apenas 29 % do vosso sexo; ao contrario, as mulheres compoem a prosa, numa relação de 61 % contra 39 % do sexo opposto: se vós mais poetas, para nós, sóis mais prosaicas convosco mesmas. É que sois analyticas, objectivas, concretas. Toiças sentidas e reflexas; sahem ver, ouvem bem, attendem admiravelmente, guardam com perfeição, palavras, gestos, impressões, porque a attenção é mais firme, a percepção mais segura, a memoria mais exacta, com o que elaboram menos facilmente as acquisições da experiencia, tanto essa extrema sensibilidade e multiplica perceptivamente vem a realsover e a se contrariar quando é das syntheses subjectivas, de que menos critica e invenção, iniciativas e attitudes originaes, de que temos vantagem. Ha que tirar proveito dessa differença.

Todos os dias, a proposito dos menores incidentes da vida o confronto dos sexos se realiza. Passam pelas ruas um par, e cruzam transeuntes, assistem a scenas e accidentes, trocam palavras e propositos: momentos após, ao calmo da excursão, o homem pouco sabe do que viu, ouviu, sentiu, mas tira inferencias geraes. "Estas ruas estão intransitaveis", "a circulação vai num augmento crescente", "a direcção dos vehiculos deve ser tal ou qual", "as raparigas são cada vez mais peticulas e petulantias", "os rapazes sempre e mais grosseiros e atrevidos", "já não se pode mais passear a pé pelas avenidas do Rio de Janeiro", e outras coisas, deste jaez. A mulher, ao contrario, não conclue nada, mas sabe tudo, porque num rapido olhar detalhou todos os vestallos das outras, que pode reproduzir com uma incrível fidelidade, ouvia a flor dos labios, ou a meia voz, todas as admirações indiscretas que despertou no seu caminho, reparou nas attitudes delles e dellas e pode dizer em que termos affectivos estão taes e quaes, que parecem mostrar, mas já se entendem perfeitamente.

Esta perceptividade, preciosa tantas vezes, terá seu inconveniente, todavia: o noticiario desse passeio atravez de uma rua afanada de grande capital, com pitoresco, exactidão, malicia, insinuações, quasi revelações sensacionais, — não poderia fazer o artigo de fundo que deve dar a impressão conjuncta, a apreciação geral dos costumes urbanos, os reclamos pela melhor educação dos pees, para a maior facilidade de transito das viaturas. Seja, pois, cada um com a sua aptidão, que se não excluem.

hem ao contrario: todo o mal da educação dos sexos tem consistido em lhes promover uma competência lastimavel, e até irrisoria: redija o noticiariista as suas deliciosas noticias, conclua o redactor chefe seu artigo de fundo, ás vezes presumido: só assim o jornal será interessante.

Alis a um assumpto feminino mostra melhor como a propria vida se incumbem de formar este conceito, que a educação deve aproveitar. Sabeis o que é uma grande casa de costuras, uma grande modista, como ainda não os temos, mas os tem privilegiadamente Paris, que impõe a moda ao mundo. Poder-se-ia pensar que um destes formosos trapos que vestis foi imaginado por uma mulher, e realizado por outras. Puro engano. Quem os imagina, e desenha, e ás vezes costura, é o homem, — ha até vestidos-tailleur, — homens que tem a concepção mental, vê-o no conjunto, no que tem de original, no que tem de seductor, na apreciação complexa; quem o realisa no detalhe, de côr, de côrta, de estafete, de grêto, de maneira, de disposição, são mulheres: finalmente, são ellas que a esses trapos variegados, imaginados, desenhados, cosidos e aderçados por tantos e tantas — os fazem viver, e invejar, e cubicar, por vós todas, filhas de Eva. Se é assim na arte feminina por excellencia, a industrial, porque não será no mais, e não faremos tyriorismo na educação, que nos conduza a uns e outros para os estudos e applicações profissionais, em que melhor se ostentem, e mais fructifiquem, as nossas respectivas aptidões?

As sciencias que se elaboram nos laboratorios exigem syntheses mentaes a que não sois inclinadas, mas a elles, além de collaboradoras nas experiencias e observações, indispensaveis e decisivas, a que sois propensas, podéis prestar: o concurso da philantropia, na belleza confortavel do lar. Detestais a patria que agride outras patrias, e deveis desamar os homens que matam outros homens; não sereis pois, soldadas nem artilheiros, mas podéis ser medicas e enfermeiras. Os vossos talentos particulares fazem de vós, em nobres e uteis profissões, superiores aos homens, aos quaes entretanto quereis fazer competencia, naquellas ás vezes em que elle é naturalmente superior a vós...

Por occasião da grande guerra deveu ser o homem substituído pela mulher em milhares de empregos, indispensaveis á vida; notaram os politicos e administradores como o vosso sexo é ainda ali admiravel. Os homens na industria, spós quinze dias de trabalho, um mesmo e monotono trabalho, reclamam outro, e se não lh'o derem, ameaçam de grêve; ás mulheres convem este, sempre o mesmo constante trabalho, e só reclamam quando as querem mudar, ainda para melhor, e choram, então, que é a maneira dellas fazerem grêve. Com um operariado feminino, as industrias estariam sempre tranquillias, sem innovações, sem renovações, sem revoluções; não haveria mais grêve, mas a sabotagem, nem anarchia, nem socialismo; seria, porém, eternamente explorada pelo capitalismo, como sois ainda hoje pelo sentimentalismo, com que o homem vos mantém em uma afrofosa minoridade, privando-vos da responsabilidade, para não vos dar a emancipação, impedindo-vos a educação, que é o caminho certo da vossa liberdade.

Alis, o pobre homem é aqui um illudido pelo proprio erro. O destino da vida, a sua finalidade, não é viver, isto é procrear; como para os outros viventes da natureza, mas viver feliz, com saúde, conforto, abastança; no lar de sua companheira e de seus filhos, e esse ideal humano não será realizado sem o concurso intelligente, e instruido, e capaz, da mulher. Nos países novos e para isso a educação tecnica, e intellectual, da metade do sexo, mais do que immensas possibilidades estão em ser, menos necessaria, o desperdicio dessa immensa força é uma criminosa loucura. A utilização della exige a emancipação civil, humana justa a seus meritos, e reconhecimento de suas capacidades; será a maioria da plena libertação e da mutua concordancia, de um par que tem de viver a vida e cumprir se auxiliarem num accordo honesto, para vencer a vida. O homem se emancipa de governos archaicos, politicamente; economicamente de oppressões exploradoras; cumpre que não esqueça essa obra ainda tão grande de reparação e de rehabilitação, maior ainda da que a victoria sobre as castas dirigentes, e sobre as oppressões do capital e da força militar.

A educação, para chegar até ali, terá que evitar necessariamente os extremos do empirismo rudimentar, que até agora apenas as faz domesticas e servilias, como a cultura desorientada e presumida, que as torna pedantes e aulicadas: será uma obra de educação sem preconceitos, com enderços exactos ás aptidões respectivas, em escolas, cursos, conferencias, onde se debatam todos os problemas humanos, por homens e mulheres, e mas para mulheres, partindo desde principio, que tem elles e ellas direitos e deveres iguaes, porque são iguaes, applicação e direcções differentes porque tambem o são, affectiva e mentalmente, pois só assim se harmonizarão, completados, para a victoria, para a victoria na vida.

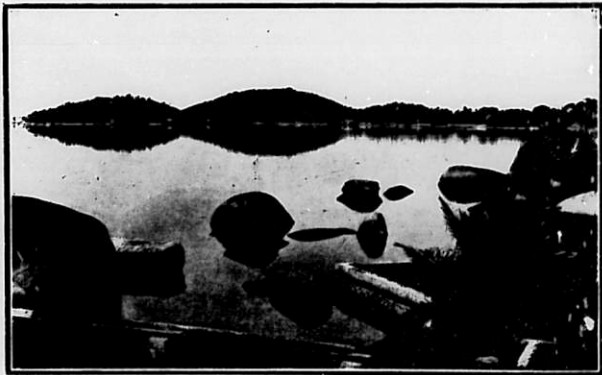
As letras sagradas nos deixaram, num passo do Evangelho, uma quasi parabolica, que resume esse ideal de educação da mulher. No lar de Lazaro havia duas irmãs, que ambas serviam ao Senhor; andava Martha afanada no menucio da casa, com os passos diligentes e as mãos habéis, a preparar o conforto domestico, com que havia de honrar, com decencia e felicidade, o seu hospede; Maria era a graça da presença, a solicitude da attenção, a intelligencia do entendimento, o prazer incomparavel da comprehensão, com que enlevava aos que a viam, ouviam por ventura, se não suscitava pensamentos nobres e elevados. Realizavam, juntas, esse milagre, que havemos de ver, alguns vez já, mas é forçoso que vejamos todas, para a felicidade geral: todas as mulheres, feitas Marthas e Marias a um tempo, com o coração, com a vontade, com a intelligencia, desenvolvidas e perfelto pela educação, a acharem a finalidade da vida para aquelles a quem se dão todas, corpo e alma, felizes nessa abdicção, e a quem elles devem não só correspondencia de amor, podem mais, uma alta estima e uma immensa admiração.

AFRANIO PEIXOTO.

(*) — A phantasia etymologica, se o é — e não será descabida em materia de tanta imaginação, como seja a derivação philologica — pertence a Capistrano de Abreu, humorista nas horas vagas.

Não ha talvez no mundo um trecho de terra tão maravilhosamente bello como essa pequena e encantadora ilha do Paquetá. De um lado descortina-se a bahia do Rio de Janeiro com seus ilhéos e farelhões disseminados, e do outro lado, o mar largo, confundindo-se, na distancia, com o horizonte...

O chão que se pisa, nessa ilha, é todo de areia branca a que se misturam conchinhas minusculas. Pelo aspecto da terra, dir-se-ia uma charneca esteril, uma gandara; entretanto, é prodigiosa a sua fertilidade. Desse chão de areias alvas e quentes emergem altissimas palmeiras, com sua larga fronde balouçante, e os bosques, os souts de verdura estão sempre frescos, como se uma primavera perenne e immutavel presidisse



Ilha do Paquetá

aquella intensa vida vegetal, num delirio orgiaco do verde...

O verde, ali, tem tonalidades surprehendedentes.

CHRONICA DE VICHY

Vichy, a reputada estação de águas, regorgita de gente actualmente.

Ha toda uma onda de **touristes** cosmopolitas a cruzar-se através do frondoso parque de castanheiros onde funcionam as celebres fontes minerais que servem tambem de ponto de palestra e... de **potins**.

As verdadeiras mundanas elegantes as que se prezam de o ser, exhibem a moda nos seus requintes de faeircice os mais ousados; não usam colletes, deixando perceber as fôrmas do corpo através dos vestidos finos, fumam cigarros em esguias piteiras de ambar e trazem nas mãos, além do cachorrinho de raça, que é indispensavel, uma bengala moderna, muito simples, presa por uma correntinha de couro guarnecida com

enfeites de osso. Os **almofadinhas** trazem roupa cintada ou paletots de sport, de côres vivas, rajadas de preto, andam sem chapéu, sem gravata, com camisas molles, de collarinho aberto sobre o peito e, em vez da bengala trazem sempre a raquette de tennis e, por ironia talvez... fumam menos do que as senhoras.

Vê-se muita excentricidade e snobismo nesse recanto curioso, onde a vida é um turbilhão e onde o jogo at-



VICHY — Galerias

certos dos musicos ambulantes, o programma da orchestra, nos kiosques, o **footing** dos que querem emagrecer e não se cançam de andar, o **flirt** de uns e de outros, a admiração que produzem as morenas nesse meio de tanto louro, os folguedos das crianças que, aqui, gozam de muitos attractivos e a exquisitesce dos costumes de certos estrangeiros — arabes, turcos, chinezes, egypcianos, indianos, etc., vestidos á moda

trac e retém os mais ingenuos, dando-lhes momentos de angustiosa emoção. A par disso, ha aqui um excesso de luxo e um desperdício de dinheiro que não se pôde comprehender bem agora, depois de tanto sofrimento.

E o interessante é que não se vê nenhum vestigio de guerra, nem aqui, nem em Paris, onde estive algum tempo. A vida está cara, é verdade, paga-se agora o triplo do que se pagava antigamente, mas, não falta coisa alguma, ha de tudo e as vitrines tentam os mais apathicos pelas suas belliss-



VICHY — Rua Wilson

mas exposições de arte, de joias, de flôres, de toilettes e objectos femininos, de chapéus, de bonbons... que sei eu? de tudo, de tudo...



A' margem do Ailier

dos seus paizes. O programma das festas é tão vasto e profuso, que occasiona "l'embarras du choix".

Os melhores actores, artistas, cantores e actrizes aqui se acham fazendo a nossa delicia, levando bellas operas com scenarios deslumbrantes de mil e uma noites, operetas, peças de these, comédias, vaudevilles, revistas e espectaculos variados.

Os concertos succedem-se com frequencia e, ainda ha dias tivemos um magnifico, sob o patronage da Marechale Foch, em beneficio das viuvas e dos orphãos de guerra, no qual tomaram parte artistas de valor como Marcella Demongeot, Suzanne Cesbron, Mendels, Lucien Fugère, Lapeyre, Sabran e Rosni Derys que declamou maravilhosamente versos de Victor Hugo. Esse concerto, que foi terminado por um bailado interpretado por celebres bailarinas do "Convent Garden, de Londres", foi seguido de um baile, nos salões do Caçino, onde todos, que se cotisaram, divertiram-se até pela madrugada.

A dança é uma mania universal actualmente. Aqui dança-se a toda hora e em toda a parte, no hall dos grandes hotéis, nas casas de chá, (dancing tea) nos restaurantes da moda, nos cabarets, nos clubs e nos Casinos. E ha profissionaes elegantes que se exhibem, professores que se annunciam e mundanas que exercem a

as toilettes presas aos hombros apenas por finas "brételles" de pedras ou de fitas, deixando as costas, os braços e collo completamente nus, o que não deixa de ser tentador... para os rapazes, sobretudo, que ainda não estão "blasés". Nesses decotes, que lembram os das divas dos films americanos, as joias fulguram com intenso brilho, mórmente as perolas, que estão na ordem do dia. Vêm-se collares e "sautoirs" bellissimos, verdadeiras fortunas que delectam a vista e, como complemento ás toilettes, grandes leques de pluma, espalhafatósas, de cores vivas, que emprestam certo realce aos vestidos vaporosos da noite.

Como capricho de moda, ha as toilettes com anquinhas do lado, armadas com arame, que vestem bem as magras mas que despoetisam as gordas.

A' noite as toilettes são bellas e variadas e vê-se um pouco de tudo: vestidos "lamés", dourados ou prateados, toilettes de seda estampadas em cores diferentes, modelos de velludo broché, de taffetà, de tulle, de jersey, de tricotina, de crepe da china, de foulard e vestidos "perlés" e "failetés". Durante o dia ha mais simplicidade no vestuario, mas, mesmo assim, muita elegancia nos vestidos proprios para a estação, frescos e primaveris.

As corridas e o grand prix trouxeram muita gente de



VICHY — Passeio á margem do Allier



VICHY — Villa Sévigné

sua sedução nos enleios das danças modernas... perigosamente fascinantes.

E os decotes então?! Esses são respeitaveis, sendo

fóra para assistil-as e durante alguns dias foi esse o assumpto predilecto em quasi todas as rodas. Felizmente que em Vichy, ha por bem dizer, tantos hotéis

quanto çasas, o que facilita a entrada e sahida dos innumerados hospedes, alguns delles de importante posição social e politica.

Assim é que tivemos aqui o grande Clemenceau que veiu fazer a sua cura como qualquer pacato burguez, tendo sido sempre muito homenageado e aclamado pelo povo, que abria alas para a sua passagem, dando-lhe vivas. Apesar de bem velho, pois conta 79 annos, a sua apparencia de robustez encanta e a sua cortezia seduz ainda mais.

Nosso estadista sr. Nilo Peçanha aqui esteve tambem e os dois homens de estado visitaram-se muito cordalmente, o que causou boa impressão á colonia brasileira, aqui em villegiatura.

Uma das curiosidades de Vichy são as risonhas villas, dentro de jardim, sombreadas e perfumadas, repletas de trepadeiras, de balcões floridos, de arvoredos e. que trazem o nome de flôres: "Villa des Lilas et des Roses", ou então "Villa des Fougères et des Lys", porque aqui, geralmente adoptam dois nomes tanto nos hotéis como nas vivendas.

Mesmo sahindo-se de Vichy e fazendo-se excursões de automovel pelos arredores, sente-se o mesmo carinho do povo francez pela sua habitação de campo, pela belleza de seus parques, pela conservação de suas estradas e das suas pequenas florestas, enfim pelo maior esplendor da natureza que aqui é muito trabalhada pela mão do homem.

Ha sempre muito banco onde ha planta e onde ha sombra, mesmo nos logares os mais afastados. E, como elles respeitam os passarinhos! Esses são familiares e se approximam dos estrangeiros com uma confiança que encanta.

Nos logares mais pittorescos, perto das cascatas, das grutas, dos rios, dos parques, ha sempre photographos amadores que gostam de exhibir a sua pericia tirando chapas alegres, em poses de brincadeira, o que bem prova o inalteravel bom humor francez. Em torno dos parques, ha cinema ao ar livre, floristas que vendem das flôres da estação e que sabem tão bem dizer: "Manz'elie, achetez-moi des fleurs", fazendo valer a

sua mercadoria com uma graça que me deleita, vendedores de jornaes que apregoam as folhas do dia e taboleiros avulsos onde estão expostos certos objectos como: trabalhos de senhora, rendas, lembranças de Vichy, copos graduados para as aguas, bonbons e miudezas enfim, que chamam a attenção e que são sempre vendidas.

A maior attracção, porém, são as antiguidades, que estão na moda e que são vendidas por uma exorbitancia. As vitrines mais sumptuosas sabem expôr com graça certos moveis antigos, quadros, objectos de arte, miniaturas, camafeus, gravuras, tapeçarias, toda uma legião enfim, de objectos que datam dos seculos anteriores. E é preciso ver-se o ar de devoção com que os connoisseurs e colleccionadores das taes antiguidades as contemplam, mirando e remirando-lhes o encanto, avaliando-lhes o preço, a edade, a proveniencia e o valor.

Ha aqui varias indústrias interessantes: a dos "cuvres d'art" que é feita com o envolturo das balas de canhão e que forma bellos motivos sobre varios objectos; a dos crystaes de Vichy numa variedade encantadora, exhibida num pavilhão especial todo envidraçado e a dos objectos de contos e de pedras, formando collares, pulseiras, cintos etc., trabalhada pelos soldados invalidos.

Ha tambem uma exposição permanente de quadros em diferentes casas especiaes inclusive na "Villa des Arts, pertencente a um rico colleccionador. E ha alguns tão bellos que se tornam irresistiveis!

Os dias aqui voam vertiginosamente, com tanta coisa bella para ver e admirar e com tanto passeio pittoresco a fazer pelos arredores; e, como estamos no verão, as

tardes se prolongam de tal maneira que se tornam quasi infindaveis, causando admiração a ns. tropicaes, que tanto saboreamos a doçura dos crepusculos, que é sempre tão poetica, que leva o espirito a meditações deliciosas em paizes de sonho, onde tudo é doce, ameno e... risinho.

PRIMEROSE.

Julho de 1920.



VICHY -- Grupo de crianças passeando á margem do Allier.

MANHÃS DO SERTÃO

Cálmo, esplende o luar... vem longe o dia.
Nuvens de prata correm céos em fóra;
Soluçã a brisa trefega e errada
Entre os palmares que a campina enflora
Rescende o laranjal em flor... e, fria,
Derrama a lua, pelo espaço agora.
O seu pallor referto da harmonia
(que chamam longe os bandolins da aurora...

E os sabiãs, aos fulgidos clarões
Que echem de fogo os céos d'estes sertões,
Trillam versos dos seus sonetos de ouro...

E em longa fita argentea, vê-se um rio
Rolar num leito de cascalho louro,
Soh um véo de neblina, albeite e frio...

ERIC CURADO.

AS ORCHIDEAS

As orchideas são as plantas mais decorativas que existem. Pela sua originalidade, pela extravagância dos seus feitios, pela sua imensa



A esplendida "Cattleya Minutlo"

variedade de coloração, pelo seu brilho, pela sua sump-tuosidade, deixam a perder de vista todas as demais flores. A rosa, por exemplo, é considerada a rainha das flores. De facto, a riqueza das suas petalas, a



"Laeliate Autumnalis"

de muitos seculos, a vem distinguindo. Mas ponha-se ao lado da mais bella rosa uma magnifica "cat-

leya", e toda a nossa attenção se volverá, deslumbrada, para esta, porque tem sempre um aspecto raro, um ar de luxo excessivo, um quê de riqueza soberba, que humilham as mais bellas flores que lhe fiquem ao pé.

As variedades de orchideas contam-se, em todo o mundo, por milhares, e a metade, pelo menos, dessas variedades encontram-se no Brasil, quer na zona temperada, quer nas zonas torridas do sertão do Norte. A sua cultura, entre nós, é facilima. é mais facil do que talvez as mais vulgares das nossas plantas de jardim. Basta colhel-as nas mattas, cortando-as com o páo em que nasceram, e transportal-as para a nossa casa. Não precisam mais cuidados. Como se alimentam do ar ou da evaporação da agua, não offerecem, como as outras plan-

tas, a difficuldade da escolha da terra, da adubação propria, da enxertia, das regas e outros muitos cuidados que obrigam o floricultor a um constante trabalho para as conservar. Isso quanto ás orchideas dos nossos climas. Quanto ás especies exoticas, já exigem mais cuidados, que, de certo, são recompensados largamente.



Orchidea "Warner"

O que é de lastimar é que, no Brasil, onde as variedades equivalem a quasi todas que produz o globo, as orchideas não tenham cultivadores. Em S. Paulo, por exemplo, ha umas quatro ou cinco pessoas, e entre ellas, segundo estamos informados, o dr. Ramos de Azevedo, que se dedicam carinhosamente a essa cultura. E' extranhavel que em S. Paulo, que é a terra por excellencia das flores, sejam tão descuradas essas formosas plantas ornamentaes. O

mesmo não se dá na Argentina. As damas da "élite" argentina amam apaixonadamente esse genero de plantas. Entre ellas destaca-se a sra. Maria Luiza Tornquist Barreto, que, desde muitos annos vive a estudar essa cultura. Nas soberbas estufas que possui, tem ella mais de tres mil especies de orchideas catalogadas, cifra que, naquelle paiz, não foi attingida por nenhum colleccionador ou industrial. Indubitavelmente, ellas constituem uma das familias mais interessantes e originias de todo o reino vegetal. Demais, quasi todas as orchideas exhalam um aroma suave, que recorda ás vezes o heliotropo, o muguet, e ás vezes se apresentam com um perfume inimitavel e inconfundivel.

O cultivo das nossas especies é, como dissemos, facil; mas certas variedades exóticas, principalmente as das zonas frias, requerem, para a sua conservação,

estufas, e, para florescer regularmente, cuidados especies e meticulosos que só uma pessoa dotada de observação e de paciencia, é que os póde pôr em pratica. Algumas variedades são passíveis de hybridação.

A familia das orchideas tem representantes em todas as partes do globo. Encontram-se nas zonas glaciaes e solitarias da Siberia, no velho e novo continente e fazem o encanto das selvas virgens nas regiões dos trópicos. O genero "cattleya" tem a supremacia, e é isso devido á sua maravilhosa belleza. Para o cultivo das cattleyas é necessaria uma estufa com temperatura conveniente e muito arejada.

Essa planta tem tal importancia, que a literatura que em torno della se tem escrito, attinge alguns milhares de volumes. Só isso dá bem a medida do seu valor.

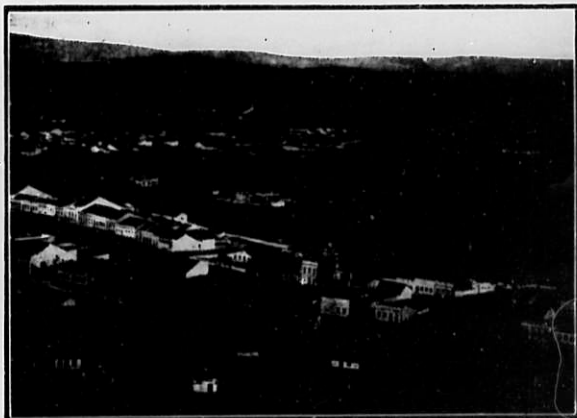


"Labiata Autumnalis"

CARUARÚ

Caruaru' é uma das cidades mais interessantes e pittorescas de Pernambuco, e muito recommendavel pela excellencia do seu clima e pelo bello aspecto de saude dos seus habitantes.

Essa cidade fica situada á margem esquerda do rio Ipojuca a 557 metros de altitude. E' uma das primeiras cidades daquelle prospero e adeantado Estado. E' muito moderna, conta vinte e seis ruas muito largas, rigorosamente alinhadas e assejadas. A municipalidade toma ao serio as necessidades da cidade e porisso não poupa esforços e dinheiro no interesse de alindal-a, de dotal-a de confortos, lançando



mão de todos os recursos ao seu alcance para que seja o mais efficiente possivel o serviço de hygiene. Os melhoramentos que se lhe têm introduzido ultimamente são notaveis.

MARAVILHAS ELECTRICAS

PORQUE NÃO TER EM CASA UTENSÍLIOS QUE FACILITEM O TRABALHO?

Estas páginas serão de immenso interesse para as leitoras, e da sua leitura podem muito bem aproveitar para o conforto, economia e hygiene da sua casa. Na



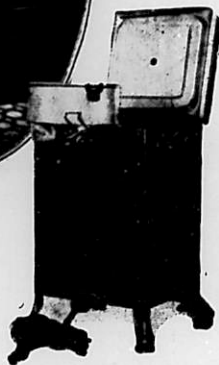
primeira gravura vêm as leitoras uma moça em sua czinha, ao pé da sua estufa electrica. A utilidade dessa estufa é indispensavel em todas as casas. Geralmente nós usamos, como combustivel, a lenha. Ora, a lenha apresenta muitos inconvenientes, principalmente nas capitães, onde cada vez mais está rareando, devido á devastação das florestas, e o seu preço já está attingindo uma somma exorbitante. Além disso, o seu maior inconveniente é o excesso de fuligem que forma e de fumaça. As panellas e utensílios que estão em contacto com o fogo de lenha ficam cobertos de uma crosta negra, cuja limpeza é difficil e penosa. O carvão tem os mesmos inconvenientes, acrescendo ainda o do preço, que é mais elevado. O gaz pobre ou de agua, que se usa nas cozinhas, tem as desvantagens do seu perigo, que consiste em deixar aberta uma torneira de escapamento, o que pôde ocasionar incendios e explosões, sem falar no perigo, constatado a miúdo, de entrar muita agua na composição desse gaz, o que tem provocado casos fataes de intoxicação.

As vantagens do emprego de uma estufa electrica são muitas, além do seu assio e da sua hygiene. As vasilhas, que se poem na estufa, não se sujam, e nem é preciso laval-as por fóra, porque se mantêm tão limpas como se não fossem usadas. Preparado o alimento e collocado na estufa, esta começa automaticamente a cozer-o, podendo-se, após alguns minutos, isolar a corrente electrica, o que não obsta a que o alimento continue a cozer-se a fogo lento. Esta especie de estufa, representada na gravura, não requer que se retire o disco para aquecer, e possui, de resto, um regulador automatico de calor.

Um utensilio tambem de summa utilidade para toda dona de casa é um aquecedor electrico para agua, o qual se colloca sobre uma mesinha de serviço de chá e presta serviços inestimaveis em qualquer hora do dia. A utilidade desse apparelho é indiscutivel. Ha momentos em que uma dona de casa, que não tem cozinha a gaz, necessita preparar á pressa um chá ou ferver uma pouca de agua para umas compressas quentes em caso

de enfermidade, e se não tem espirito de vinho e um fogareiro, ver-se-á em sérias difficuldades. Um utensilio, como esse que se vê no alto da segunda gravura, é, portanto, indispensavel.

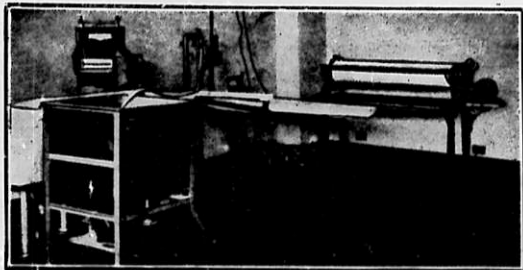
A lavagem dos pratos é tambem uma coisa que causa terriveis embaraços a uma dona de casa, quando é ella mesma que se vê obrigada a fazer o serviço da cozinha, á falta de cozinheira. A falta de cozinheira é coisa de que todas as senhoras vivem a queixar-se, e não sabemos quando acabarão essas queixas, porque os governos municipaes, em nosso paiz, ainda não curaram de organizar os empregos



domesticos, fazendo obrigatorio o uso da caderneta para cozinheiros e copeiros, a exemplo do que se faz nas capitães europeas. Por isso as mães de familia

são forçadas constantemente a exercer esses serviços grosseiros, dos quaes o peor é a lavagem dos pratos,

que sacrifica a delicadeza das mãos e o polido das unhas. Entretanto, essas dificuldades cessariam de todo se se adquirisse uma machina, como essa que se vê em baixo da segunda gravura, a qual não sómente tem a vantagem de lavar e secar os pratos, senão tambem a de servir de mesa de cozinha quando está



com a tampa fechada. Demais, é um movel muito gracioso e decorativo.

Agora, tratemos do assumpto mais importante da hygiene domestica. O paiz em que a hygiene publica é tratada com mais rigor, é a America do Norte. Nova York é uma cidade organizada sob moldes higienicos modelares. Lá não se usam vassouras de fibra ou cerda nem espanadores de penna. As vassouras de piassaba ou outras queresquer que se usam no Brasil, constituem um constante perigo para a saude. Basta dizer que ellas têm o destino de levantar o pó, que está no chão, para fazel-o entrar nos nossos pulmões ou fazel-o subir para ficar acamado nos quadros, nos reposteiros e em todos os objectos que estão collocados acima das nossas cabeças. Nesse pó residem colonias de bacterias produtoras das mais variadas infecções e enfermidades, como o typho, a tuberculose e outras muitas. Se o pó das ruas não é tão perigoso, porque está em contacto directo e perenne com o sol, que é um dos melhores microbicidas, o pó domestico está sempre habitado por germens causadores de doenças e epidemias. De resto, espanar o pó que está sobre um movel ou varrel-o do soalho é o mesmo que transportal-o de um logar para outro, sem o tirar do mesmo ambiente, accrescendo que uma respeitavel porcentagem delle entrou a fazer parte do nosso organismo penetrando pelas vias respiratorias. A maior parte das enfermidades de que nos queixamos são provenientes do pó domestico. Resta ainda o recurso, para evitar esse mal, que é passar um panno humido no soalho em vez de varrel-o. Mas esse processo, que é, de facto, mais asseiado, acaba por apodrecer o soalho e comprometter o proprio vigamento.

Nenhum outro invento de uso domestico economisa tanto trabalho, evita tanto canção e garante o asseio e hygiene como uma boa vassoura de sucção. Uma casa, embora toda illuminada por electricidade, como a maior parte das casas em quasi todas as cidades do nosso Estado, não estará á altura dos tempos que correm, se não possuir este engenhoso aparelho, tão facil de manejar, e com o qual se obtem um magnifico resultado, pois penetra em todos os cantos da casa e deixa em

sua passagem a mais esmerpulsosa limpeza nas habitações, nos corredores, nas escaldas, etc.

A lavagem da roupa é tambem um problema. O serviço das lavadeiras só excepcionalmente é que satisfaz. Se a lavadeira se recommenda pela alvura com que apresenta as peças de roupa, é, ainda assim, passivel de censura por outras coisas, como, por exemplo, a falta de uma peça que consta do rol, a troca de uma peça por outra, um rasgão produzido pelo varal de arame farpado... Esses são ainda os inconvenientes menores, sobre os quaes a mãe de familia é obrigada, não raro, a fazer vistas grossas para não ferir as susceptibilidades exaggeradas da lavadeira... As lavadeiras, nas capitales, são exigentissimas e têm o direito de ser assim, porque não ha concorrencia na praça. As mulheres do povo difficilmente condescendem em exercer essa tarefa; e muita razão têm ellas, justificavel na constante falta d'agua, nos longos dias sem sol e na falta, em seus quintaes, de espaço bastante amplo para córar as roupas. Porisso as donas de casa são forçadas a sofrer todas as faltas da lavadeira, pelo receio de lhe desagradar. Ora, esses inconvenientes desapareceriam se se adoptasse um dos ultimos inventos electricos, que é uma machina para lavar roupa, que possue grandes e indiscutiveis vantagens: economisa largas horas de arduo trabalho, gasto de energia, impertinencias da lavadeira, etc.

E assim, uma senhora que se apetreche, em sua casa, de todos estes utensilios e de inumeros outros que já se encontram á venda em nossa capital, poderá facilitar grandemente as suas tarefas domesticas, economizando o dinheiro que despende com ordenados e creados, e mantendo em seu interior o maior asseio e a maxima hygiene.

Além dessesapparelhos, que, como se vê, são de immensa utilidade, e, mais tarde, quando foram vulgarizados, serão de utilidade impredcivel, outros ha, muitos outros, electricos ou não, destinados a facilitar o trabalho de uma dona de casa.



PROCESSOS DOMESTICOS
DE SE FAZER CONSERVAS

Colocação em banho-maria dos diferentes frascos.

O processo de se fazerem conservas de frutas, como peras, figos, marmellos, laranjas, maçã, etc., generalisaram-se de tal maneira, que é uma pratica corrente na economia domestica.

A maior parte das donas de casa usam processos, mais ou menos engenhosos, e todos elles, como se sabe, baseados no processo inventado por Nicolas Appert em 1864, o qual consiste em submeter á acção do banho-maria a substancia que se quer conservar, contida em bôitões, garrafas ou vasilhas hermeticamente fechadas.

Mas acontece a miude que, quando por distracção ou inadvertencia, fica alguma abertura, embora imperceptivel, na tampa, ou que a vasilha não esteja inteiramente cheia, de modo que o conteúdo não deixe, como é de rigor, espaço vazio no interior, forma-se o mofo na conserva e deita tudo a perder, máo grado o tempo, o esforço e o dinheiro empregados em sua confecção. O mofo é uma vegetação esbranquiçada, que se manifesta, a principio, em fórma de uma pellicula, que vai cada vez mais tornando espessa e que, sobre ser repugnante, altera o sabor da substancia alimentar.

Porisso é de elemental prudencia obser-



A caçarola de banho-maria.

var que a calda ou conserva guardada na vasilha não soffrer nenhuma alteração, e para esse fim acaba de ser creado um novo e utilissimo aparelho chamado barometro



Colocação do barometro indicador.

avisador, que consta de um tubo de vidro de tamanho diminuto, que, antes de se proceder á esterilisação do conteúdo, ou seja, antes de submittello ao banho-maria, se col-



Barometro indicador do estado das conservas.

loca de modo que se possa ver, por fóra, a conexão do tubosinho com a vasilha.

Se o tubosinho se enche de liquido, é uma prova de que falhou o processo de esterilisação por estar mal fechada a vasilha e ter a tampa demasiada permeabilidade.



Um novo aparelho para a confecção domestica de conservas, em pleno funcionamento.

E' preciso então emendar o erro e repetir a esterilisação, pois, em caso contrario, se deixaria a perder a conserva em pouco tempo, o que é uma coisa sempre lastimavel. Quando no barometro avisador ou tubosinho de vidro não apparece liquido ou este é muito escasso, demonstra que terminou a operação e só é necessario manter a vigilancia ordinaria sobre a vasilha, attendendo sempre no barometro.

No caso de não se querer repetir a operação, porque isso se torne incommodo, deve-se consumir immediatamente a calda, desde que se receie, mais tarde, alguma alteração na substancia.

Este novo invento é o meio mais seguro e simples de resguardar as conservas dos riscos de ficarem alteradas.

A's nossas leitoras, que se dedicam a esse genero de trabalhos domesticos, que são tão uteis quanto economicos, aconselhamos fazer uso desse novo aparelho, incumbindo qualquer estabelecimento do genero de mandar vir da America do Norte.



Acto de tampar os frascos de conserva com a cobertura.

OS DOCES DECORATIVOS

Antigamente, isto é, de uns trinta annos para traz, quando em S. Paulo uma nobre familia abria os seus salões para uma grande festa de casamento, de bapti-

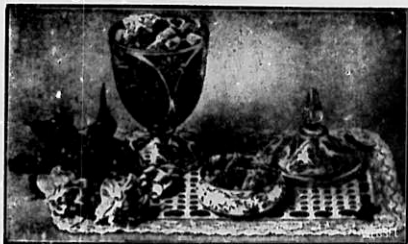


REFRESCO DE GENGIBRE E AMORAS SILVESTRES

Com grammas de gengibre em conserva; dois copos de agua; meio copo de assucar; amoras pisadas; gelo moído.
Com estes elementos faz-se um refresco esplendido. Junta-se agua e assucar á gengibre em conserva, e ponha-se em lugar fresco por meia hora. Ferva-se lentamente numa caçarola por 15 minutos. Misture-se tres colheres deste xarope com meio copo de caldo de amoras. Esfrie-se e sirva-se com gelo moído. É uma bebida de raro sabor.

sado ou de anniversario, encommendava, com alguns dias de antecedencia, os doces a uma doceira, que era sempre uma senhora cujos talentos eram por todos proclamados. Havia-as então famosas, mas quem possuía o segredo dos doces decorativos eram as freiras de Itu'...

As variedades que então se faziam não eram muito numerosas, mas, em compensação, recommendavam-se pelo seu aspecto decorativo e, o que mais é, pelo seu delicioso paladar. Tornaram-se famosos os doces feitos á maneira de flores, cujas petalas eram lascas de cocos. Com essas lascas, as finas e inspiradas mãos das



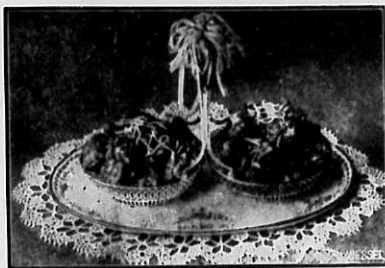
DOCE YUM-YUMS

Ferva-se durante cinco minutos meia chicara de mel de trigo; meia de mel de "maple"; meia de puré de ervilha; uma de assucar e tres quartos de chicara de agua; depois ajunte-se duas colheres e meia de gelatina dissolvida em meia chicara de agua morna e coza-se. Mexendo sempre até ponto de fio. Retire-se do fogo, ajunte-se meia colher de extracto de hortelã e deite-se em pratos. Deixe-se á noite em lugar fresco, corte-se em fatias e cubra-se com assucar crystallizado. É um magnífico doce.

religiosas confeccionavam lindas e repolhudas rosas brancas, com seu recorte de petalas tão perfeito, que dir-se-iam rosas verdadeiras, vendo-se-lhes os filamentos do centro e admirando-se-lhes a delicadeza dos rebordos. As folhas verdes, de vario tom e tamanho, cuidadosamente recortadas, as hastes, os botões, as corollas amarellas, tudo era trabalhado com arte tal, que os comensaes, por mais gulosos que fossem, tinham pena de enterrar os dentes naquellas maravilhas; e os mais galantes dentre elles enfeitavam a lapella da casaca com um botão de rosa desse doce. A arte daquellas doceiras não se resumia apenas á feitura de rosas. Executavam outras flores tambem, como lyrios brancos, margaridas, damas-entre-verdes...

E com ellas armavam formosos ramilhetes, que mergulhavam num vaso, que era tambem feito de assucar com desenhos de gemma de ovo para fingir de dourado.

Como é de ver, esses doces eram de um lindo effeito decorativo. Geralmente ninguem lhes tocava. Os doces destinados a satisfazer a gula dos comensaes eram



DOCE DE BATATA

Deite-se numa vasilha um copo de puré de batata e junte-se, mexendo, meio copo de assucar; meia colherinha de extracto de limão com um copo de "corn flakes" bem pisadas e outra de chocolate em pó; presse-se a massa em uma lata untada de manteiga e colloque-se em lugar fresco durante 24 horas. Corte-se em forma que convenha e resultará um doce magnífico.

os fios de ovos, as cocadas de calda, os rebuçados, os pães de lot fofos e perfumosos, as queijadinhas e poucos mais. Poucas eram as variedades, mas que perfeição de factura, que cheiro, que sabor!

Os paulistas daquelles tempos saudosos tinham uma grande distincção e viviam muito compenetrados da sua compostura. Quando eram convidados a uma festa tinham o cuidado de se apresentar jantados e fartos, e sentavam-se á mesa como se cumprissem um dever. A mesa, as virtualhas, os vinhos constituíam um prazer secundario, apezar do amphytrião pôr nesse particular o maximo dos seus cuidados. O que encantava aquelles graves senhores e melancolicos rapazes era sómente a companhia das damas de collo alto e anquinhnas tufadas.

Hoje, o contrario é exactamente o que se dá. Os

moços paulistas, incontinentes e trafegos, pouco interesse acham na companhia das senhoras, e as suas

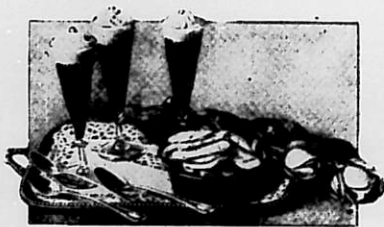


DOCE DE CENOURA E COCO

Misturem-se duas colheradas e um quarto de gelatina com quatro colheradas de agua. Ponha-se um copo de calda numa vasilha; juntem-se-lhe um copo de leite; faça-se ferver tudo até o ponto. Retire-se do fogo e junte-se meio copo de puré de cenoura e outro tanto de coco ralado, gelatina, meia colher de manteiga e uma colherinha de extracto de limão. Bata-se até que endureça e deixe-se dentro de uma vasilha untada de manteiga. Guarde-se toda a noite em lugar fresco. Este doce é de um paladar inéfito e agradável.

preferencias se voltam especialmente para a qualidade dos liciores e das comensinas.

Já não ha as doceiras d'antanho. Os doces, actualmente, são feitos, não segundo receitas, como antes, mas segundo formulas chemicas; e as doceiras foram substituidas pelo chimico industrial, nas usinas... Os doces, tornados productos industriaes, para o consumo em grosso e para a exportação, perderam de todo o sabor. O amarello com que são tingidos não é obtido da



AMBROSIA DE CAFE

Meio litro de café bem forte; meio copo de assucar; seis gotas de extracto de amendoas; dois copinhos de leite frio; algumas raspas de noz muscada; gelo moído; creme batido. Deixe-se que o café esfrie antes de se lhe juntar qualquer coisa. Depois de frio, juntem-se-lhe assucar, o extracto de amendoas, a noz muscada e o leite. Sirva-se em vasos altos e esguios, com gelo, e adornado, por cima, com creme batido, que lhe dá um zapendido sabor e ao mesmo tempo que um aspecto elegante.

gemma do ovo, mas de tintas; o chocolate é fabricado com sangue de boi... e o resultado dessa modificação, imposta pela civilização, são as horrendas perturbações gastricas, é o envenenamento...

Basta examinar a estatistica de mortalidade em nosso Estado para se constatar que a maior parte do obituario é devido ás doenças do aparelho digestivo. O envenenamento produzido pelos comestiveis de toda especie, lataria e doces, causa mais victimas que a tuberculose ou que as mais tenazes endemias e devastadoras epidemias.

A's nossas leitoras e amigos aconselhamos a que, quando derem festas em casa, façam os seus doces na sua propria cozinha. Os nossos doces nacionaes, que se recommendam tanto pelo sabor, não se caacterisam, é verdade, pelo seu aspecto decorativo. Nestas paginas offerecemos alguns elementos para servir de ornato a uma mesa de banquete familiar. Basta a leitora attestar bem em cada uma destas gravuras e procurar guiar-se por ellas, para obter um lindo aspecto em sua mesa. Concorrem para esse effeito a qualidade dos crystaes, a belleza dos vasos de flores e outros elementos ornamentaes.

Não aconselhamos a que, por economia de trabalho, recorram aos bonbons e pralinés industriaes, porque



NOVA COMBINAÇÃO DE SUCCO DE UVA

Meio litro de succo de uvas; 4 colheradas de caldo de laranja; 3 colheradas de caldo de limão; pelacinhos de abacaxi; meio copo de assucar; sal; noz muscada; gelo moído. Machucam-se algumas folhas de hortelã e agrega-se-lhe o succo de uva, o limão, a laranja, o abacaxi, o assucar, o sal e a noz muscada. Se, acaso, se lança mão do abacaxi em conserva, que tambem é muito proprio, deve-se usar menos assucar.

estes, sendo fabricados para o consumo em grosso e preparados de maneira a não se alterarem com o tempo, têm, em sua composição, muita materia chimica e muitos acidos, que, sobre lhes roubar o sabor, agem como irritantes sobre a mucosa do estomago, produzindo gastrangias e outras perturbações gastricas.



CHA GELADO COM GELATINA

Algumas folhas de hortelã; dois copinhos d'agua; dois e meio copinhos de gelatina; meio copo de caldo de laranja; chá gelado e gelo moído. Fize-se a hortelã e junta-se agua. Agregue-se a gelatina dissolvida em caldo de laranja. Deixe-se ao fogo. Ponha-se a esfriar em bandeja. Quando estiver bem frio, corte-se em quadradinhos regulares. Sirva-se cada quadradinho em um pires com gelo.

Mais vale uma queijadinha, de cor crestada, do que um lindo praliné colorido e translucido.



A NOITE DE NATAL, DE CORREGIO

E' este um dos mais famosos quadros de Antonio Allegri, denominado O Corregio, emulo de Raphael. Nessa obra-prima não ha um pormenor que não seja digno de attenção. As figuras centraes estão maravilhosamente tratadas, e a theoria de anjos e cherubins, em posições caprichosas, na ancia de ver de perto o Menino-Deus, é verdadeira mente magistral.

Para a "Revista Feminina"

Chamamos a attenção das nossas leitoras para o artigo que nos enviou de Saragoça a illustre escriptora hespanhola sra. Concepción Hernández de Roca. A "Revista Feminina" não tem, como campo de propaganda, apenas o nosso paiz: senhoras intellectuaes de outros paizes já começam a interessar-se por ella, e muitas, dentre as mais distancias, nos têm offerecido espontaneamente a sua collaboração.

A sra. Concepción Hernández de Roca inicia a sua collaboração neste numero, tendo-nos prometido enviar outros trabalhos sobre assumptos que dizem respeito ao movimento feminista na Hespanha e sobre outros assumptos da actualidade. Ella não é uma simples amadora das letras; é uma verdadeira escriptora, de nome feito, possuidora de um estilo proprio e caracteristicamente pessoal.

Em deferencia á maior parte das nossas leitoras, que não estão familiarizadas com o idioma hespanhol, resolvemos traduzir o artigo para o portuguez. Elle:

Chegou ás minhas mãos a "Revista Feminina", e é com verdadeiro deleite que folheio as suas paginas e leio os seus artigos. Encontro nella um fiel reflexo da alma da mulher: comparo-a a um pharol poderoso que pudesse servir-nos de guia neste, em que vivemos, mar de confusões e de duvidas. Devemos, pois, applaudil-a sempre, e ainda mais agora que, em nome do feminismo — nem sempre são — se escreve para a mulher, incitando-a a que comprehenda e cumpra novos deveres, com doutrinas reprováveis no fundo, enganosas na apparencia, empregando argumentos pouco rectos e fazendo a mulher aberrar da sua principal missão. Se estas theorias vencessem, se entrassem a dominar o espirito feminista, se nós, fascinadas, cahissemos como passaros no alcapão, má causa seria, na verdade, a do feminismo, que, com suas liberdades e immoralidades, viria augmentar os males de que soffre a nossa sociedade. Temamos o erro que se arraigou nos homens, mas temamol-o mil vezes mais se se assenhoreou da alma da mulher.

A mulher, intellectualmente, pôde ser tanto como o homem; para isso só bastará que dedique a sua vida ao estudo; politicamente, pôde cumprir seus deveres com tanto criterio como o homem; moralmente, é superior a elle. Nas penitenciarías o elemento mascu'no predomina num coefficiente notavelmente maior. A nossa resistencia nas desgraças do lar, nas provas em hospitaes, falam eloquentemente. não em favor dessa resistencia, mas da nossa grandeza de alma.

Não advogamos pela superioridade da mulher; nem, como certo feminista, chegamos a qualificar os homens de "raça grosseira e inferior": mas se cuidamos que nosso va'or social é igual ao do homem, temos que nortear nossa marcha de accordo com a evolução dos tempos, e reclamar Justiça á lei, a essa lei que favorece a elle principalmente porque foi feita pelo seu absolutismo, a essa lei que nos obriga a pagar e nos veda de pedir, a essa lei que nos concede intelligencia para responder por um crime e não nos outorga o pequeno direito de emitir o nosso voto nas eleições, a essa lei que nos obriga a pagar contribuições e a dar os nossos filhos á guerra, e que, em cambio, nem nos deixa intervir na indicação ou suffragio daquelles que nos hão de governar, nem nos dá voz para protestarmos — caso fosse preciso — contra a politica de um tyranno.

Entretanto, embora reconhecendo os nossos direitos, as nossas bondades naturaes e os recursos das nossas fa-

culdades intellectuaes, não devemos esquecer nosso sexo nem nossa missão.

Temos, é certo, que reclamar nossa intervenção na politica, e podemos exercer cargos em maior numero que o homem, mas o nosso centro de actividade é sempre o lar, esse é o nosso reino, esse é o nosso santuario: ahí se hão de manifestar a nossa bondade, a nossa arte, a nossa intelligencia.

E' um mundo bem pequeno essa sociedade resumida que se chama familia; nelle somos apenas viventes: entretanto, os nossos defeitos ou as nossas bondades são exemplos para os nossos filhos. E esses rasgos de bondade ou de máo gestos, que, a principio, na aurora da vida, não passam de leves traços, vão ganhando força, consistencia através dos annos, e a recordação, as lições aprendidas na infancia, são as que geralmente conduzem o homem, ou á gloria, ou ao heroismo, ou ao martyrio, ou á deshonra.

D'ahi a razão por que, antes de tudo, a mulher deve viver para o marido, para os filhos, para a felicidade dos que com ella compartilham a existencia.

Cumprindo bem estes deveres, já ella cumpre os mais importantes como cidadã.

Para que um paiz seja grande, prospero, é mister que se reúna o esforço de todos os seus filhos. A união faz a força.

Essas inclinações de solidariedade, digamos antes, de amor, iniciam-se na familia, as familias formam a sociedade e as sociedades formam as nações, e, portanto, é mais sensato o feminismo que admira a mulher crente, enamorada do seu lar, intellectualmente instruida, do que esse outro feminismo que nos guia para os atelieis e para as officinas, para as fabricas e para os comicios. As facinadas pelo desejo de amontoar ouro, não farão outra coisa as mulheres senão viver triste e fríamente, sem haver gosado a ventura principal e unica na vida: o amor e o calor do lar.

Nas grandes cidades estrangeiras separam-se os conjuges pela manhã; entregues a seus afazeres, come cada um no restaurant mais proximo do logar em que trabalha, e elles não voltam a encontrar-se senão á noite, no lar tornado frio, pouco confortavel, que não pôde ser cuidado pela esposa, porque esta, vencida pela fadiga, não teve forças para isso.

Vivendo de tal sorte, cresceram, é certo, as economias, mas naquella casa não se verão flores nem jarros nem bordados femininos a alindar... Numa palavra, está vasia de alma de mulher.

Se orientarmos nossa vida por esse caminho, sahiriamos da "esclavidud del moio y del trapo" como disse nossa insigne Pardo Bazan, e cabiriamos na do dinheiro, ainda mais odiosa. Tolas seriamos se abandonassemos o reinado do lar e o trocássemos por uma tyrannia cem vezes mais absurda.

Porisso, a "Revista Feminina" me encanta, me attrae, e porque nos proporciona literaturas, feminismo, labores, receitas de cozinha, porque leva boas sementes ao nosso coração e bellos entretenimentos ás nossas mãos, porque é poderosa e é poetica, como o espirito bem equilibrado da mulher.

Concepción Hernández de Roca.

Saragoça, (Hespanha), Setembro, 1920.

EM PLENO SONHO, lindo volume de versos da poetisa brasileira d. Maria Eugenia Ceiso. Ultima novidade. Um elegante volume. Preço, 4\$500, registrado. Pedidos a esta redacção.

BENARES

A CIDADE SAGRADA DOS HINDÚS

A Spencer Vampré

Benares, a sagrada "Kasi", o "Lotus do Mundo", a "Méca dos Hindús", — considerada como a mais antiga cidade de toda a Índia, — occupa uma grande area sobre a ribanceira que a domina em semi-circulo, sendo banhada, n'uma extensão de quatro milhas, pelo Ganges.

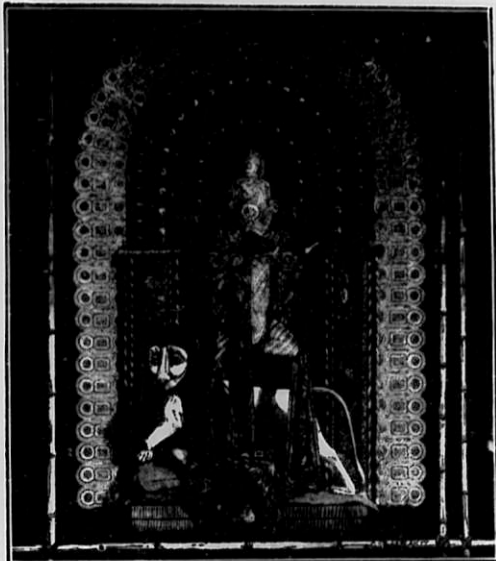
Achamo-nos na séde da Índia brahmanica, onde Buddha, no sexto seculo antes de Christo, veio prégar a sua doutrina reformadora, e onde tambem, desde os mais remotos tempos, se interpretam e estudam os "Vedas", os "Puranas", os "Oupanishahs" e outros livros sagrados.

Reza uma das velhas lendas do Oriente, na sua simplicidade ingenua primitiva, que Brahma e Sivah tiveram, um dia, uma grande disputa.

Brahma dizia-se superior a Sivah. Vae d'ahi, este, tomado de colera, corta com um alfange a quinta cabeça de Brahma, tornando-se, por tal facto, hediondo criminoso, pois Brahma era tido como pae dos brahmanes. A cabeça do Deus, porém, ficou adherida á mão criminoso de Sivah, que, para se ver livre de tão horrendo signal, sahio em peregrinação, de cidade em cidade, de montanha em montanha, de templo em templo, na pratica das mais

severas penitencias. Tudo, porém, fóra em vão, até que encontrou "Kasi", onde teve fim o seu fadario.

Desde então passou Benares a gozar do fóro de lugar sagrado por excellencia, pois só ahi se encontram a paz absoluta da consciencia e, — o que mais é — a segurança da salvação eterna.



A Deusa Kali



Tipos de leiteiros hindús

carregam, philosophos e resignados, balouçando como thuribulos as trombras, sob o rythmo cadenciado da

Eis-nos perdidos no dedalo de ruas que se estiram em colleios de colera, e onde o velho casario mal se equilibra, projectando para fóra as varandahs tecidas de bambú. Nas praças — o movimento febril da multidão; o evouçar das gazes dos turbantes que dirieis, ao vel-o, um enxame alvoroçado de borboletas polychromicas a fugiem todas as direcções: ora num vôo ra pído, pairando altas, seguindo cavalleiros soberbamente armados; ora, molles, somnolentas, em voejos sobre o dorso dos camelos; ora, em extase, repousadas á sombra dos banyans — figueiras sagradas — onde, mudos, se acocoram homens e mulheres; ora crepitando, em redemoinho, á vasca do vento, no alto dos palanquins que os elephantas

marcha vagarosa... E através d'aquelle formigueiro humano, seguimos sob o **brouhaha** dos grêgões dos mercadores de objectos de cobre; da monotonia plangente de canticos sacros e ladainhas; do ronco surdo e rouco de buzinas, tambores, **xingas** e **tam-tam**; da lamuria humilde de estropiados, leprozos e mendigos; dos silvos agudos das flautas de bambú dos vendedores ambulantes, a nos offerecerem talhadas de melões e de melancias, mangas, laranjas, fructas de conde, mangustins, folhas de betel e gulozeimas que provocam engulhos — bôlos verdes cobertos de moscas, tigellinhas de arroz e mel polvilhadas de cannella e noz moscada, beberagens de herva-doce e gengibre, enquanto se esparramavam, no fundo das bandejas, com o aspecto repugnante de cataplasmas, pudins viscosos de açafraão...

No angulo dos muros, no alto das paredes, nos vãos das portas e das janellas, nas bases de cimento das fontes publicas, — por toda a parte enfim — nichos em que se adoram deuses disformes, verdadeiros monstros como **Agni**, deus do fogo, com duas cabeças e quatro braços, acompanhado de um carneiro; **Indra**, "o primeiro dos deuses", a quem coube separar os campos verdes do céu azul e consolidar a terra ignea, pae do Sol e da Aurora, das aguas e das montanhas, cavalgando, garboso, o elephante Airavata; **Parvuna**, o horrído Parvuna, equilibrando sobre os hombros o peso de dez cabeças; **Varuna**, deus das aguas; **Pavana**, deus do vento; **Cartikeia**, deus da guerra; **Yama**, deus dos infernos; **Couverá**, deus da riqueza; **Cama**, deus do amor; **Sôma**, a lua; **Swachtri**, o "primogenito dos deuses", o deus das bellas mãos e dos braços fortes; **Savitri**, a deusa das mãos de ouro; **Mritiu**, o sombrio deus da Morte; **Brahma**, unico e externo, deus que precedeu a Creação, "senhor absoluto de todos os mundos", seguido dos inseparaveis companheiros que constituem a **trimurti**, a trindade brahmanica: Siva que destrôe e Vishnú que conserva; **Lakchmi**, a suprema belleza, a Venus indica, a esposa sagrada de Vishnú, vivendo da adoração das mulheres casadas, a quem protege; **Krichna**, o astuto, o "poderoso", esmagando com um dos pés a cabeça maldita de Kaluya — a terrível serpente que se vê escabujando com a lingua de fóra; **Krichna-Govinda**, "deus pastor", apascentando o gado no som de uma charamella bucolica; **Sourya**, deus do sol; **Ganesh** — filho de Siva e de Parvati, — deus glutão, pantagruelico, bezuntado de cinabrio, cabeça de elephante, o ventre obeso e tympanico, como um odre; **Hanuman**, o popular e sympathico Hanuman, deus dos macacos, que o adoram no templo de **Durga** e que nos acompanha por toda a parte, sorrindo todas as vezes que o reverenciamos; **Kali**, a negra e apavorante figura de Kali, que, em tripudio, desgrenhada, n'um rictus demoniaco, ergue, em furia, uma cimitarra embebida em sangue, enquanto se lhe vê pendente do pescoço um rosario macabro de crâneos humanos; corpos nubeis de deusas e semi-deusas secundarias, de androgynos enroscados de serpentes...

E assim, na nauseabunda e sagrada Benares, ante as nossas pupillas atonitas, continuam a perpassar, horrendos e invenciveis, tragicos e grotescos, no feiticismo delirante de um culto barbaro, nichos, altares,

templos, pagodes e deuses, deuses e mais deuses...

A quando e quando, porém, somos obrigados a parar aqui e alli, deante dos poços sagrados, d'onde se desprende um bafio morno, fetido e repugnante, de flores apodrecidas, que os deus não dispensam lá do fundo negro das cisternas em que jazem, e em volta das quaes a multidão semi-nua a mais e mais se adensa, n'um transpirante apertão, a entoar preces, hymnos sagrados, enquanto, sob as tendas de lona de largas listras vermelhas, latoeiros percuteem laminas de zinco e de cobre, que se transformam em tachos, em amphoras, em vasos...

E á proporção que proseguimos, gruda-se-nos aos pés uma lama esverdeada e escorregadia, á qual se misturam fermentações putridas de rosas brancas e jasmims florescidos na vasa do Ganges, com cuja agua os fieis aspergem os idolos, as virgens, os visitantes, os touros sagrados que ruminam tranquillamente, interrompendo o transitio nas calçadas, no meio das ruas e, até, nos corredores das casas...

A porta dos bazares — um mundo de cousas religiosas: rosarios, pedras sagradas, collares de jasmims para a ornamentação dos idolos, figas de madeira e de marfim, amuletos, talismans de toda a sorte: — **Jagannaths**, **subhadras**, **balabhadras** — missangas de contas e vidrilhos, "olhos de boi" moinhos de oração, grosseiros emblemas phallicos — **lingas**, **yonis**, — oleographias vistosas em que se exhibem torpezas de rituaes impudentes, gravuras coloridas de carantonhas de deuses que nos provocam, irreverentemente, o riso.

Nas frontarias dos templos, cobrindo-as de alto a baixo, desenrolam-se, em painéis catholicos, pinturas bizarras em que predominam, em indigo muito vivo, as scenas phantasmagoricas do "Ramayana" e do "Mahabaratta"...

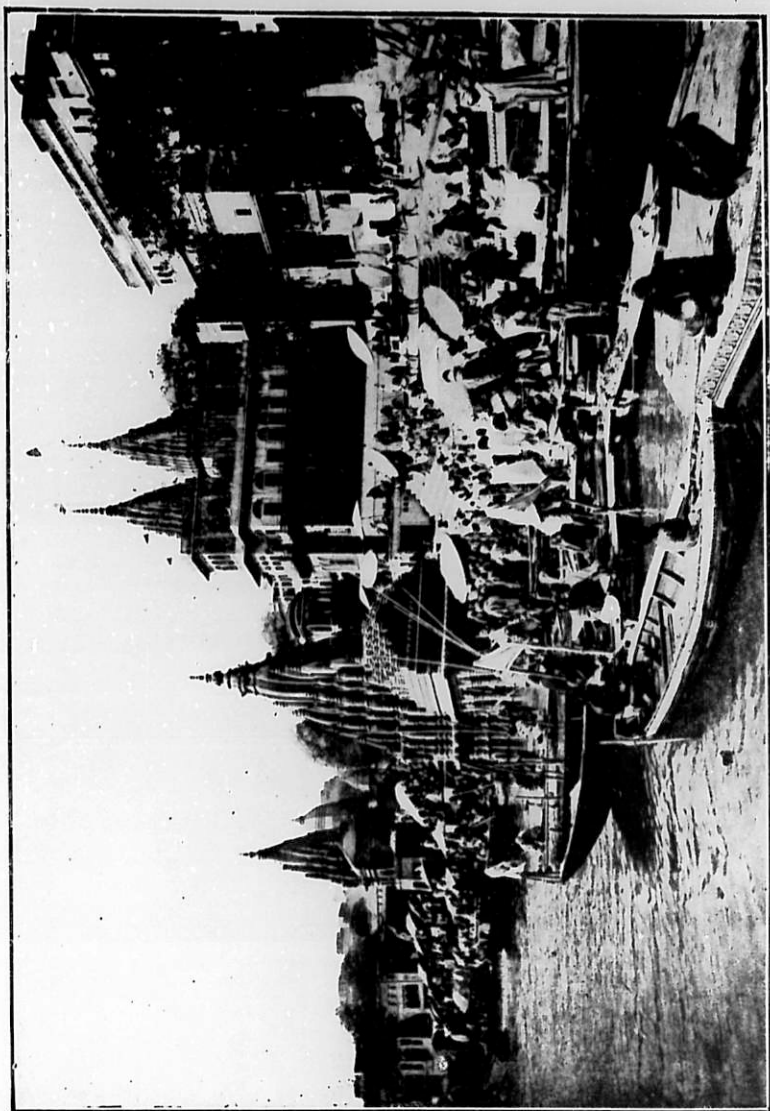
O banho sagrado no Ganges

Depois dos traços fugidios com que procurei descrever a vida da mais tradicional das cidades da India, preparemo-nos agora para o espectáculo mais empolgante que possa ser dado a olhos humanos contemplar: — o que nos apresenta o Ganges, o rio sagrado, o "rio Deus", á hora matinal em que cem mil dos seus fillos o vão adorar, bem como ao sol nascente, por entre canticos e preces, banhando-se em suas aguas.

A's seis horas da manhã, installados num **dongi** — barcaça impellida a varejões por hindús, — eis-nos balouçados pelas aguas do Ganges que se estira amplo e magestoso, torvelinhando nas correntezas, para se espriar depois, n'um bocejo largo, sobre as dunas do deserto, onde affloram, aqui e alli, bancos de areia, em que repousam, somnambulos e traigoeiros, os crocodillos.

Temos, deante de nós, a magnifica successão de palacios, pagodes e mesquitas, de torres e templos, de minaretes e cupulas, de pilares de pedra e columnas de marmore, ricamente esculpidas, mergulhados no rio, blocos gigantescos de templos antiquissimos tragados, de um sorvo, pela voragem das aguas...

Milhares de parasoes tecidos das fibras do junco e do bambú veem-se sobre as rampas, sobre os immen-



HEXARES á hora do "Bambas Sagrado"

sos dagráos de pedra que descem até o Ganges e que nos dão, á certa distancia, a impressão de cogumellos gigantescos vegetando á beira d'agua, e alastrando-se, como productos de uma flora extranha, phantastica, verdadeiramente indiana, por toda a parte por onde se volva o olhar!

Na suavidade da manhá luminosa, na limpidez de christal do céo que se arqueira em tons de turqueza, — toda uma multidão de velhos brahmanes, de fiéis, de peregrinos, de padres, de mulheres e crianças, de convalescentes, de estropiados, de cegos, de moribundos, — entregam-se ás devoções da fé imutavel, eterna, dos seus velhos deuses.

Sob os parasoes recitam os brahmanes textos sagrados do Rig-Veda; Soudras de cabeça raspada, deixando apenas no alto do cocoruto alguns fiapos de cabelo, rezam meditativamente; donzellas, enroladas em veos de cores vivas, mergulhadas até á cintura, erguem, em extase, os olhos ao céo, habuando preces; collam-se-lhes ao corpo as roupas ligeiras e a agua, com carinhos e volupias de estatuário, molda-lhes então a graça peeminina dos torsos e dos seios, dos ventres e das coxas... Vemol-as assim, sob a luz diffusa, e os seus corpos se nos apresentam com a correção linear das amphoras perfectas...

Numa recentrança do rio, inteiramente apartadas das demais, aggrupam-se as viuvas, consideradas como párias, séres impuros, abominaveis, com as quaes se deve evitar todo e qualquer contacto. Trazem o cráneo raspado inteiramente a navalha, a fronte coberta de signaes vermelhos e amarellos essas velhas horrendas e decrepitas, verdadeiras harpias, de metterem medo. Rezam fustigando, com uma varinha, a agua.

Taes infelizes, comquanto vivam segregadas de todos, ao ponto de só se reunirem entre ellas á hora do banho e da alimentação, têm, todavia, hoje, a vida protegida por uma lei do Governo inglez que prohibiu, em 1829, o *satismo*, ou *sutty*, — culto barbaro

até então em uso, segundo o qual as mulheres eram queimadas vivas sobre os cadaveres dos maridos.

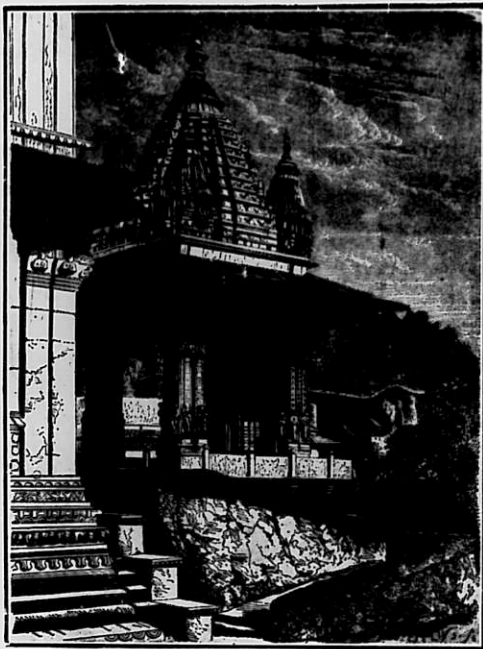
Alheios absolutamente ao mundo, á vida, olhando a agua, immoveis, meditativos, descarnados dentro dos nichos em que jazem embutidos nas paredes dos templos, surgem-nos as figuras repugnantes dos *fakires* esqueleticos, horribeis, macerados pela pratica continua dos jejuns, os corpos nus cobertos de cinza, as vertebras salientes dobradas em arco; a cabelleira immunda cahindo em tranças compridas até ao meio das costas; as barbas esqualidas, descendo em anneis, como serpentes, até o concavo do ventre.

Eil-os de cocoras, absortos, espiritualizados nas visões luminosas do sonho intimo, em que talvez se corporizem os effluvios do ether impalpavel, a luz radiosa do céo intangivel, a propria essencia das cousas, até que elle possa entrar, emfim, no seio perfeito, todo amor, de *Brahma*, o "absoluto" "o que não é nem causa nem effeito, nem isto nem aquillo, nem passado, nem futuro, nem sombra, nem corpo, nem cór..."

Sob as arcadas: de marmore do palacio do 1.º ministro Dharbunagar, reu-nem-se, em attitudes de Buddha, — pernas e braços cruzados — os *sannyasi* — homens santos — velhinhos que são adorados por todos os habitantes de Benares, pelos peregrinos que affluem que lhes vêm pedir conselhos, seguindo-lhes as praticas.

E o *dongi* sobe, vagarosamente, vencendo a força da correnteza, beirando as muralhas dos templos que se succedem, dos palacios de marmore que se multiplicam, dos pagodes conicos resoantes de sinos, do mesmo passo que vamos assistindo ao maravilhoso espectáculo do banho sagrado no Ganges, onde uma multidão sombria de corpos nus ondula, o rumor confuso dos canticos que confundem n'um córo mystico, prolongado e soturno.

Vaccas sagradas ruminam, meditativas, debaixo das arcadas marmoreas dos palacios, reflectindo-se n'agua; myriades de pombos e perequitos enchem o espção



O Kiosque de Ouro, em Amber

em revoadas festivas; macacos espiam-nos, curiosos, dos telhados das casas; corvos brancos grasnam, empoleirados, de azas abertas, nas arvores, nos obeliscos dos templos, nas cimalthas dos mirantes, no alto das columnas e cornijas, nos vertices das torres...

Subito, porém, desperta-nos d'aquelle sonho, ou melhor, daquelle pesadelo, o sussurro das vozes humanas que se converte em clamor: E o disco aureo do sol apparece, a pouco e pouco, na linha do horizonte afastado e o Ganges doura-se todo, como imagem de Buddha, á irradiação da luz ..

E os dois mil e tantos templos de Benares badalam então, festivamente, os sinos. Soam os gongos e re-tumbam os tam-tam...

E no ardor mystico das orações, nos extases da infinita Fé, o echo das vozes se propaga no crescendo magico de um coral extranho...

Benares — setembro, 1914.

CYRO COSTA.

(Do livro inedito "Visões da India").

INVERNO



Cynes alvos, boiando, como blócos de neve; aguas paradas, lagos quietos, lisos; barcos abandonados, singrando á tóa; vélas rasgadas, perdidas, sem leme, sem rumo... Arvoredo desgalhado, galhos desfolhados, folhas mortas, murchas pelos caminhos desertos, silenciosos. Nem uma flôr, nem um fructo, nem um ninho...

E o orvalho é frio, gélido, cristalino, é como uma conta de gelo, é como uma lagrima gelada a chorar a saudade do sol!

Fogem, ao longe, no azul, as ultimas andorinhas, medrosas, num tatarar de azas, á procura de beirais mais quentes. A terra é como uma pobre velhinha que, tremula de frio, se esconde, se embrulha, cheia de arrepios, no manto niveo da neblina. O mar está todo branco, como se fosse feito só de espumas; o céu está todo cheio de flóccos e as estrellas quasi desmaiam em gottas de luz. No vento sibilante vem o soluço das cegonhas, aves dolentes das ruinas, das nevoas, das alamedas marmoreas.

Chóra, no silencio nevado, o soluço longo de um sino... Inverno! E tu, dolente, passas... Vens de algum jardim fanado pela neve. E's branca e fria, indifferente, impassivel. Passas... Não vês a labareda de meu amor, não te aqueces á chamma do meu olhar! Nascestes, talvez nas paragens sombrias das eternas garóas, e eu choro e grito e clamo á tua gelidez perenne:

— Haverá uma alma dentro deste marmore divino?!

ARMANDO WETHER

O segredo de Guido Reni

Todos ou quasi todos os habitantes daquelle bairro vizinho ao Pincio se puzeram em movimento, ardendo em curiosidades; e de todas as casas sahiram em tropel creanças e mulheres a correr em direcção á ponte de Molle, ao ver, por entre o dédalo de vieillas que conduziãz então ao Vaticano, arrastar-se aos solavancos, as carruagens de Sua Santidade Paulo V, deslumbrantes de reflexos sob os violentos reverberos do occaso. As madeiras envernizadas, os adornos de bronze e ouro, a

interrompida pelo saque dos imperiaes e pela peste. As reconstrucções retomavam o seu fio, não com menor impulso, e estimuladas por uma serie de thiaras illustres e todas amantes da arte. O povo já assistira á construcção dos aqueductos da *Acqua felice*; vira terraplenar as asperezas da *Trinità del Monti*; deslumbrara-se com a nova mansão pontificia de Letran, em substituição á primitiva; vira elevar-se os obeliscos da Praça de São Pedro e do Populo e collocar deante do Quirinal os dois colossos de Phidias e Praxiteles... Mas, havia tempo, a corrente constructora mudara de rumo, encaminhando-se até as collinas... No Pincio é que não constava ao povo se tratasse de nenhuma construcção... O que motivava, pois, o apparecimento alli das sumptuosas carruagens do Vaticano?



Um dos do grupo, pondo em pala a mão na testa, para melhor fixar a vista, gritou aos demais...

prataria dos animaes emplumados, tudo reluzia ao sol. Atraz seguiam os lacaios, vestidos de velludo e ouro. A luxuosa comitiva chegara, envolta no pó das ruas e atroando os ares com o rumor das rodas pesadas, a certo sitio, indo deter-se junto ao rio.

Ninguém sabia de que se tratava, e toda gente, arregalando os olhos curiosos, indagava e alvitrava respostas. "Porque se mostrava o Santo Pontifice por aquellos sitios?" "Iria elle collocar a primeira pedra de algum novo palacio?" "Que novo monumento ia ser erigido?"

A Cidade eterna atravessava então uma dessas phases de reconstrucção urbana, iniciada annos antes e

— Precisamos dar-lhe uma lição em publico.

— Esta recepção que lhe offerce Sua Santidade é um insulto para todos nós.

— Enviar-lhe as suas carruagens como se se tratasse de um monarcha ou de um embaixador!

— A um pintorzinho que tem mais vaidade que genio!

— E' preciso assoviar-o.

— Fica para a primeira oppor-tunidade.

— O escandallo vae eccoar até em Tivoli.

— Veremos se elle guarda, de uma vez por todas, o pincel na escarcella.

— Mas nada de precipitações!

— Não, será no momento preciso em que elle subir para a carruagem pontificia.

— Está dito!

Houve uma pausa. Um dos do grupo, de subito, pondo em pala a mão na testa para fixar melhor a vista, gritou aos demais:

— Alerta! Alli vem elle!

Approximava-se, envolta numa nuvem de pó, uma carruagem, tirada por duas mulas. De um dos dois carros pontificios apeou-se então um cardeal, muito vivaz de movimento e de expressão, coberto do seu amplo manto de purpura, e acompanhado de um joven de trajas negros. Ambos adiantaram-se ao encontro da carruagem, que, em sua carreira, encurtava cada vez mais a distancia, indo parar junto á ponte. Della desceu um homem, joven e robusto, com a mão apoiada no copo da espada. Vestia-se com extrema elegancia e eram ricos os adornos do seu traje. Alguem, que o conhecia, lançou-lhe o nome:

— Guido Reni.

Era, de facto, Guido Reni, o pintor favorito de Sua Santidade, que regressava a Roma, depois de uma longa viagem por terras estrangeiras.

E immediatamente, quando Guido ia subir para a dourada da carruagem, o grupo de mancheos escarninhos partiu uma assuada colossal, que ensurdeceu a gente que por alli ainda transitava.

O pintor fez o gesto de desembainhar a espada, mas

o cardeal conteve-o a tempo, dizendo-lhe com doçura e acalmado-o com um sorriso melífluo:

— Que vaes fazer? Aos detractores deve-se responder com o desprezo. Alguma valvula se ha de conceder á inveja. Não os reconheceste, ou, pelo menos, não suspeitas quem são? Serão os discipulos de Caravaggio?

II

Estavam sentados num banco de pedra cujos braços terminavam em duas mascaras, como as que eram usadas pelos antigos actores romanos, e á sombra de um grande pinheiro, que os cobria com a sua larga fronde. Não longe daquelle sitio murmurava a fonte do Santissimo Sacramento, construída recentemente pelo mesmo Paulo V, cujas boccas imitavam os seis cirios do ritual. A não ser esse rumor, muito peculiar em toda a Roma, nada mais se ouvia nas amplas alamedas ensombradas de arvores e por entre as moitas do jardim.

Todo o Vaticano repousava na macia sésta outonal. O pontífice Paulo V estava sentado numa attitude tranquilla. Tinha descoberta a cabeça, e os seus trajes brancos assemelhavam-n'o ás figuras de mármore que decoravam o jardim. Seu interlocutor, pelo contrario, mostrava-se inquieto, levantava-se a cada momento, sentava-se de novo, mexia-se, dando mostras ora de impaciencia, ora de terror.

— Creio que exaggeras, meu filho, e se eu não conhecesse a tua modestia, suspeitaria que a vaidade é que te obriga a ver inimigos em toda parte.

— Oh! Sua Santidade pensa que os meus temores são filhos do orgulho?

— Quando um homem se cuida muito alto...

— Oh! não, Santo Padre, não é a soberba que me cega. Sou, de facto, perseguido, Tenho inimigos que me odeiam, não somente porque o publico me favorece, mas porque Sua Santidade me distingue com a sua preferencia. Mas eu não sou o unico... Estes rancores são communs entre artistas, e são rancores profundos, aleivosos, que matam, não lealmente, á espada, mas na sombra, á traição.

Guido Reni guardou silencio por um instante, e continuou logo, com maior azedume:

— Não sou o unico, repito. Ticiano nunca se punha ao trabalho sem a sua adaga á cintura; Giorgione, antes de sahir para pintar os seus frescos, dissimulava sob a capa uma couraça de aço; mestre Dominiquino morreu numa emboscada... Mas ha alguma coisa peor que o punhal, é o veneno. E é disso que me arreceio...

— Bem, mas quanto a ti — interrompeu-o amavelmente o pontífice — já te dirigiram, acaso, uma ameaça? Não estás sob a guarda da minha policia?

— Tenho recebido anonymos, advertencias dos meus amigos, e, apesar da vossa generosa e poderosa protecção, Santissimo Padre, tenho medo de tudo. Alhão quer-me mal, Caravaggio odeia-me... Ambos dispõem de grandes recursos.

— E que pensas fazer?

— Fugir.

— Fugir! Para onde?

— Para Napoles. Allí pintarei em socego, a occultas de todo o mundo.

— Tá! tá! Que illusão! Em primeiro logar gosas já de sufficiente fama para não poderes occultar-te, e em segundo, ha lá tambem pintores: o Espagnoletto, o Caracciolo...

— A esses não faço sombra. Deixar-me-iam viver em paz. Vou-me embora, vou-me embora.

Paulo V fixou-o com attenção, e comprehendeu que



Oh! Quanto vos devo, santo padre!

o maneo, de aspecto preocupado, não tinha o valor necessario para a luta. Não insistiu, portanto.

— Seja como quizeres, meu bom Henrique — exclamou, dando ao pintor seu verdadeiro nome de baptismo — Vae-te, já que assim o dejes. Contra as idéas fixas não ha conselhos que valham. Quando pensas partir?

— Depois d'amanhã, o mais tardar.

O pontífice permaneceu um minuto pensativo, e em seguida falou, sorrindo, com um sorriso entre malicioso e affectuoso:

— Cuido que não andarás muito farto de dinheiro...

— Não muito. Tenho pintado pouco estes ultimos mezes, e vendido menos. De resto, tenho algumas dividas...

O papa sorriu de novo, com meiguice.

— Amanhã passarás pela minha thesouraria, e eu darei ordem para que entreguem o necessario.

Guido, ao ouvir estas palavras, ajoelhou-se, commovido, aos pés do pontífice, murmurando, com os olhos ennevoados de pranto:

Oh! quanto vos devo, Santo Padre!

III

Ja certo prelado, um dos que mais haviam advogado a causa de Guido Reni perante Sua Santidade, por uma rua do Transtevère, quando, da janellinha da sua carruagem viu sahir o pintor de uma casa mal afamada, onde, segundo era voz publica, se jogava desbragadamente. O bom dignatario ficou dolorosamente surprehendido com o aspecto devastado do artista.

E' certo que já tinham escoado bastantes annos, mas não tantos que transformassem aquelle galhardo e formoso Guido Reni em um velho de hombros corcovados e passo incerto. O elegante de outros annos,

só tinha agora andrajos para vestir-lhe a nudez. O dignatário não ignorava a verdade. Guido jogava, Guido malbaratava a vida por aquellas casas onde se arruina a fortuna e a saúde.

O prelado chamou-o, fazendo parar a viatura.

— Guido! Guido!

O artista, assombrado, abriu muito os olhos, na surpresa de se ver ainda lembrado por um magnata, e reconheceu o cardeal, que lhe abriu a portinhola do coche, convidando-o, por signaes, a approximar-se,

— Ven cá. Aonde vaes?

— Para minha casa.

— De onde vens?

— Da praça de Fermi.

— Pois se quizeres, levo-te em meu coche,

— Monsenhor, não sei se devo... Não estou muito

apresentavel...

Cuido que não mereço a honra que dispensaes... Receio até sujar as almofadas.

E mostrava as suas roupas manchadas de pó e desbotadas pelo longo uso

— Ora, não te importes com isso. Sobel!

Guido Reni subiu, occultando-se a um canto, e alli permaneceu, mudo, meditativo, como envergonhado de si mesmo.

— Tenho visto muito pouca coisa do teu pincel — falou o prelado, compadecido daquelle humilhação.

— Não pintas mais?

— Melhor fóra que não pintasse! — replicou elle sombriamente — Pinto muito, pinto e c e s sivamente, mas para o vulgo e por baixo preço. Já não tenho tempo de deter-me em obras difficeis, porque necessito de dinheiro, de muito dinheiro...

Conheço-me bem e conheço melhor a minha situação. Estou perdido. Ninguem mais se recorda de mim.

— Mas porque precisas de tanto ouro?

— Sois discreto, Monsenhor, e fingis não saber de onde venho.

Uma commiserção, mais funda ainda, reflectiu-se no rosto do alto dignatario.

— Pois bem, sim, falemos com franqueza. A homens como tu deve-se falar claro. Sei que jogas, que estás dominado por esse vicio infernal. Não tens vergonha dessa debilidade? Porque jogas, querido amigo?

— Para esquecer! Para esquecer, nessas commoções fortes e terriveis, o tumulto que me vae n'alma.

O prelado, depois de um silencio:

— Que é que estas dizendo? Que segredo se occulta em tua vida?

— Um segredo que me acabrunha dia a dia, uma ferida aberta, que dolorosamente lateja e que não ha nada que cicatrize.

— Não me atrevo a pedir-te que me reveles esse se-

gredo, embora não seja apenas a curiosidade que me move o interesse para contigo...

— Para vós, Monsenhor, não devo ter segredos. Vou dizer-vol-o d'aqui a instantes.

O artista permaneceu um minuto silencio.

— Sim?... fez o dignatario com doçura.

— Sim, se em vez de me deixardes á porta da minha casa, quizerdes subir commigo até á minha mansarda...

— Oh! de boa vontade.

Não trocaram mais palavras, permanecendo um ao lado do outro, o cardeal intrigado com a aventura e forçando as mais disparatadas hypotheses, e o artista mergulhado em seus sombrios pensamentos e com os olhos fixos no tapete do coche.

— Chegámos. E' aqui disse Guido Rine, olhando pela janellinha.

O coche parou a uma ordem do prelado, e ambos desceram deante de um obscuro e mesquinho portal.

IV

Uma mansarda, onde o sol entrava pelas lacunas de telha, quasi nua de trastes. Os poucos moveis que ainda o brexistim, revelavam a miseria. Nas paredes, alguns esboços a carvão, manchados de humidade ou descorados de sol. Em alguns cavalletes decrepitos, quadros de varios tamanhos, todos inacabados, obra de decadencia, feita á pressa, sem aquella nobreza e segurança de linhas que caracterisavam a mão do mestre.

Guido, ao entrar, sorriu tristemente.

— Não olheis estas mesquinhasias, murmurou, confuso.

Em seguida, tirando a coberta

a uma grande tela, patenteou ao surprehendido prelado um magnifico retrato, uma verdadeira obra-prima, que representava uma formosa mulher em todo o vigor da sua juventude.

— Não a conheceis? E' Beatriz Cenci, a que o povo romano chamava a bella parricida. Não vos lembraes della? Foi condemnada á morte por haver morto o seu proprio pae, um pae infame, e em defeza da sua honra. Pintei-a antes de subir ao cadafalso, enamorando-me della loucamente. E eternamente enamorado, não sei mais que faça para afogar minha desventura.

Não disse mais. O cardeal, não encontrando palavras para consolar aquella paixão desvairada, nada disse tambem, limitando-se a apertar com commovido affecto a mão do desgraçado pintor.

AFFONSO NEVA.



Não sei mais que faça para afogar minha desventura.

A carestia da vida

Os leitores estão bem ao par da altura a que subiram os preços das comestíveis, dos bebestíveis e das roupas. E' um fim do mundo.

Os primeiros, mesmo os do primeira necessidade, subiram tanto, que já se pensa seriamente em lhes dar caça por meio de flotilhas aerças; os segundos, os que "trepam", embora não passem no nível da cabeça, é quasi impossível alcançá-los, e quanto ás roupas todo mundo sabe quanto é difficil adquiril-as por preços supportaveis. Uma pessoa, que queira manter a sua linha de elegancia, necessita ter ou fortuna ou falta de vergonha: fortuna para poder pagar os preços assustadores que lhe cobra o alfaiate ou a costureira, ou ausencia de vergonha para calotear esta ou aquelle.

Haverá coisa mais tremenda que estrear um terno novo? Essas estréas, hoje, se reduzem a reedições da mesma roupa depois de reformada e tingida pelo tintureiro.

Ha dias ia eu preocupado com estes pensamentos affectos á bolsa, quando esbarrei com um velho amigo, meu ex-collega de reparação e hoje agente de negocios.

— Narciso! exclamou elle, dando-me uma palmada no hombro. Que é que tens feito?

— Vivo, eis tudo, limite-me a responder.

— Vives, logo comes.

Esse "vives, logo comes" parece tão logico como aquelle velho conceito de não sei que philosopho "pensa, logo existo". Mas não é a mesma coisa, porque a



E o Diabo explica: Cidadãos, não é questão de escalas, é questão de aeroplanos para alcançar o alto preço da vida.

as suas calças.

— Já as notaste? Todo mundo as nota. O salmão é uma cor muito moderna...

— Mas isso é odioso! Calças de gabardine de seda! Tu queres impor o teu luxo a uma população que morre de fome! Isso custou-te pelo menos um conto de réis.

O homem abriu muito os olhos. Logo, mudando subitamente de expressão, explicou-me, num sorriso:



Dis-se que na America do Norte ha certos laboratorios que "alambicam" liquidos comestiveis. E' isso possivel a julgar por alguns transeuntes, que andam ás guinadas pela rua.

semelhança entre esses conceitos é apenas philosophica, mas na realidade não existe semelhança nenhuma. Se é bem verdade que eu vivo, não é muito verdade que como. Comer é um problema quasi insolúvel.



E' assim que devemos tratar as creadas para que se dignem prestar-nos os seus valiosos serviços...

— Nada disso. Eu te conto, mas não digas a ninguém. Vou revelar-te o meu segredo. Minhas calças não são novas.

— Como não são novas? repliquei ao mesmo tempo que as examinava apalpando a fazenda.

— Não são. Ou melhor, são calças novas... de um "manteau" de theatro de minha mulher. O "manteau" sahio da moda, e ella tathou isto com a fazenda pelo avesso.

Os animaes voadores

Os naturalistas têm observado e descrito certas espécies raras de mamíferos, reptis ou peixes de organismo adequado à locomoção aerea, cujo estudo, como o da ave, tanto influiu para o progresso da aviação.

Se admitirmos a theoria transformista das especies, segundo a qual o orgão é consequência da necessidade da função por exigencias do meio ambiente, vemos corrolhorada em parte pelo facto dos mamíferos e reptis voadores deverem esta circumstancia à indole arboricola dos seus ancestraes, que passavam a villa saltando de rama em rama, pelas arvores da selva à busca de alimento ou para escapar à perseguição dos seus inimigos. Entre elles se encontra um cuja pelle abdominal extensa e em forma de membrana, que abarcando a cauda e as quatro extremidades, constitue uma especie de pára-quadras que permite ao animal lançar-se dos mais altos galhos de uma arvore até ao solo, com movimento apenas passivo. O animal planca, e, com a ampla membrana que distende, offerece ao ar a sufficiente resistencia para attenuar a força de gravidade. Em rigor, estes mamíferos não podem ser classificados entre os voadores, pois o seu movimento é de natureza intermiliar entre o salto e o voo, e, consoante a terminologia da aviação, é o voo planado. Ha diversos modos de planar, desde o esquivo brasileiro, que, sem membrana especial, forma o plano com a cauda ampamente distendida ao dar o salto, até o animalário da Africa, cuja membrana, chamada *patagium* pelos naturalistas, comprehende a cabeça, a cauda e as extremidades. [Quasi todos os mamíferos arborícolas pertencem à especie dos roedores, cujo alimento especial são as folhas das arvores em que vivem. Entre os mamíferos planadores descritos pelos naturalistas, citaremos o supetaro de Cachemira, o escloptero da Asia e America Septentrional, o temio do Japão e da Malasia e o animalário da Africa.]

A ordem dos marsupiaes — cujo exemplar mais conhecido entre nós é o gambá ou impropriamente chamado raposa — offerece-nos tambem algumas especies planadoras, como o petaro, o ariel, cujas membranas se fecham e se abrem, em forma de guarda-chuva, segundo as necessidades do animal. A membrana se junta a desmesurada extensão da cauda,



Casal de morcegos durante o somno.



a) O petaurista taguanonides, que, mercê da membrana alliforme da sua pelle, dá saltos consideraveis. b) Animal voador da America do Norte. c) Sarigueia da India que voo de rama em rama.

em feitto de plumachão, que serve para dirigir a queda.

Nos bosques das ilhas da Malasia habita o galloptero, cuja membrana se estende dehaixo do seu corpo em tal disposição, que quando trepa de galho em galho, parece envolvido numa capa, e que, ao cair, se abre, á maneira de um perfeito pára-quadras e é revestida de um tecido muscular como as membranas dos morcegos.

Entre os reptis voadores ha o "ptychozoon homaloccephalum", que possui uma membrana ao longo do corpo e tem as patas em palmomas, como as aves nadadoras. O dragão foi sempre considerado como um animal fabuloso e que nunca existiu senão nas lendas e nos braços d'armas. Pois, ao contrario do que se pensa, é um animal que vive. Encontra-se o dragão na India e na Malasia e a sua forma é uma transição entre o lagarto e a tartaruga, e é dotado de uma carapaça ossa dehaixo da qual encolhe

ou desprega as suas membranas; essas asas, cuchiando-se de ar, servem para formar o voo do chão até ás arvores. O dragão voador tem as patas deanteiras muito curtas e as trazeiras largas e delgadas. Outro reptil saurio voador é o chlamido, assim chamado porque em torno do seu pescoço tem uma especie de capa membranosa, que, em estado de repouso, se encolhe á maneira de chaile, e, em actividade, se estende amplamente, servindo de para-quadras para o animal. Entre os ophidios parece que só ha um typo voador.

O batrachios têm tambem curiosos representantes no grupo dos vertebrados voadores. Sirva de exemplo a rá chamada "racóforo", que vive nas arvores e tem nas quatro patas outros tantos pára-quadras, pois os dedos são muito longos e dispostos em feitto de varetas de guarda-chuva sobre uma larga membrana. Graças á esta disposição, voo essa rá de uma arvore á outra ou salta pausadamente para o chão das mais consideraveis alturas.

[Quasi todos os vertebrados resumem a sua accão locomotora em planar passivamente, sem bater o ar, como as aves. Os unicos mamíferos que imitam, em seu aereo movimento, os passaros, são os chiropteros, de cujas numerosas especies o vulgo só conhece o indoffensivo ou util morcego, contra o qual a ignorancia de outras eras desatou as iras populares, representando-o como symbolo diabolico pela semelhanca que tem a membrana das suas patas com as asas que a iconographia religiosa poz nos homoplasas de Satanar. Os chiropteros, como se sabe, têm os dedos summamente largos, excepto o polegar que é curto, e estão ligados entre si e as patas abdominaes por meio de uma membrana extremamente flexivel com que fendem o ar em voo variado e caprichoso, como um vendalador passivo.]

O populacho odeia o morcego e acredita que elle é uma transformação do rato velho. É uma ignorancia e uma injustica, porque é um animal muito util para o homem. O odio contra o morcego tem o seu fundamento no parentesco zoológico com o vampiro. É o vampiro, que se assemelha immenso com o morcego, aproveita-se do somno do homem ou das creanças para lhes sugar o sangue, fazendo-o com tal delicadeza, que as não desperta. Mas o morcego não é responsavel por esses delictos; e, ao contrario, vive de comer larvas, perceijos e outras seavandias que infestam as casas. A zoologia sempre affirmou que o morcego é cego, levando talvez pela irregularidade e incisão do seu voo e pelo costume que tem de só se mostrar á noite e esquivar-se do sol. Entretanto, ao contrario do que a sciencia sempre affirmou, podemos ga-



O vespertilio murinus em attitude de repouso.

ranzir que esse chiroptero é dotado de uma vista muito aguda. Foi até, não ha muito, feita uma experiencia nesse sentido. Deixaram-se estenderam linhas muito finas, observou-se que o animal voava desembarralhadamente, desviando-se dos obstaculos com uma rapidez que um passaro provavelmente não teria.

O naturalista Campbell effectou na Italia innumeras observações, de que se infere concludentemente que o morcego devora uma incalculavel quantidade de certos insectos, muito mais perigosos para o homem que as feras do deserto, porque são activissimos propagadores da febre infecciosa, endemica nas costas mediterraneas, da malária, da febre amarella. Além disso, o morcego alimenta-se de percevejos, que são transmissores do bacillo de Hansen, causador da morphia ou lepra.

Muitos processos têm sido inventados pelos hygienistas para o exterminio do mosquito, como a petrolisação das aguas estagnadas, sobre cuja superficie as fêmeas desovam enchendo-as de larvas o cultivo de certas plantas aquaticas que dificultam a vida das larvas, e sobretudo a propagação dos animaes insectivoros, entre os quaes occupa o primeiro logar o morcego.

Este animal vive nas covas, nas fendas dos muros, nas anfractuosiidades, onde precisamente se refugiam os mosquitos. Estes, porém, não atacam o morcego, porque, segundo parece, não gostam do seu cheiro caracteristico, ou porque este animal tem a sua pelle resguardada pela penugem, que é espessa e foia. Campbell calcula que um morcego adulto devora uns quinhentos mosquitos por dia, e portanto é de justiça que esse tão varoso cooperador mereça do homem a mais constante protecção. Com effeito, Campbell aconselhou a construcção de corticos de feito pyramidal, de cerca de seis metros de altura para servir de habitação ao morcego, mas não em contacto com o chão, para impedir o accesso aos reptis que fazem do morcego o seu repasto preferido e habitual, apparear da rapidez do seu vôo.

A idea de Campbell realçou-se em Mitchell, nos Estados-Unidos, onde abundam as aguas infectadas, e o resultado foi excellente.

Além dos mamíferos e reptis, tambem os peixes nos offerencem alguns exemplares de vertebrados voadores, que saltam em vôo curto sobre a superficie da agua para escapar á perseguição dos seus inimigos. Entre os peixes voadores são conhecidos o ductilópero e o antolante dos rios africanos, cujas grandes asas lhes permitem realisar vôos de vinte metros.

Carta a Anna Rita Malheiros

Saudações Cordiaes.

Tenho lido interessadamente os vossos magnificos artigos, publicados na primeira pagina, da "Revista Feminina", e lidos pela mais exigente sociedade d'aqui do norte, onde o sol é mais ardente e onde o espirito asaz deveria sel-o.

Vossos esforços e defezas, em prol da mulher brasileira, têm sido consideravelmente altruistas e consideravelmente observados, pelo espirito pernambucano, que milagrosamente ainda vive: é verdade que desligado dos grandes centros da cultura intellectual e material, litteraria e social da brasileira.

Creio no entretanto que muito breve, poderemos partilhar da grande victoria que marcha para nós e que, a seu encontro já partistes, crente e firme do triumpho,

Sim. O espirito pernambucano continuará a ouvir as

ossas palavras de expressões sinceras e ideaes altaneiros com o fim de preparar á futura geração nacional uma sociedade mais nobre, um lar mais santo e um espirito mais arraigado.

Continuaremos a seguir os vossos acertados passos e os vossos reformadores exemplos, porque os vossos nobres e patrioticos sentimentos nos faz relembrar a fulgurante filha dos Potyguaras, (Niria Floresta), que soube tão bem como o cantor Theos, cantar a aria de sua terra natal, deixando na alma patricia, um orgulho todo elle natural e uma saudade tão igual a de Raphael Pinheiro, quando elle dizia:

"A saudade é o rouxinol magoado e doído a cantar em a noite dos corações solitarios a cavatina dolente da separação; lenço branco palpitante de magoas das almas desunidas".

Relembramos ainda Anita de Souza que lhe succedendo, deixou gloriosamente o nome ante a rythmica lyra da poesia nacional, e ultimamente, Palmyra Vanderley, espirito lucido da estirpe Norte-Rio-Grandense, não só pela suavidade das rimas como pela amplitude da visão.

Acreditei, que a mulher do Norte, se sente feliz em servir o vosso palpitante protesto, e não lhe custará ser solidaria á causa que defendeis — o feminismo —.

Acceptar os cumprimentos do vosso admirador

HERMES CALDAS BISAR

Recife — 7 — 10 — 20.



O estimado cavalheiro sr. Antonio Lemos, negociante em Sergipe e a exma. sra. d. Elisabeth de Araújo, aos quaes a nossa revista presta, desta fórma a sua homenagem.



A distincta senhora d. Marianinha de Paiva Branco, esposa do dr. Horacio Branco, clinico em Peira Branca, Minas. Esta senhora, que representa o escol da sociedade local, é uma das mais dedicadas amigas desta revista.



A Carlos Malheiro Dias

(Do livro inédito: "Episódios da Vida Errante")

"Tout l'art du poète n'est que l'assembler des souvenirs et de convier des fantômes. Aussi y a-t-il une tristesse attachée à tout ce que nous écrivons. Je ne parle, bien entendu, que de ce qui est senti. Le reste n'est qu'un vain son."

Anatole France.

Não, não sei por que motivo... O facto é que n'esta minha vida de contemplativo insaciado, sempre tive um inconcebível feticchismo pela lua. Até hoje não posso vel-a assomar no céu, que me não quele extasiado em contemplá-la.

Em menino, era com os olhos em alvo, sonhando já, que ouvia contar, minha Mãe, que S. Jorge n'ella habitava. Depois, ao desfolhar da minha adolescência, muitas confidencias lhe fiz, com o coração a saltar dentro do peito, palmilhando, por horas mortas da noute a cidade deserta, — emquanto latiam, aqui e acolá, os cães pelos quintas; tresnoitados cucurritavam os gallos, — e ella, que tudo parecia immaterialisar, serena ia roçando a sua cauda de luz pelo beiral dos telhados.

Mais tarde, viajando, — de quantos logares, os mais diversos e amenos, a sós, em phrases romanticas, não confabulei com ella? I... Muitas vezes, em pleno oceano, nostalgicamente debruçado da amurada baloçante de um paquete, vendo-a redonda, quasi immovel, n'uma assumção divina, suspensa do firmamento constellado de estrellas...

Pelos multiplos e inspirativos aspectos da Italia nas suas transfigurações poeticas, descuidado não posso demorar meu pensamento, que, desde logo, branca a não veja, na diaphana musseline da sua tunica de escumilha, á hora elegiaca do aveludado cair das tardes de Maio, vagarosa surgindo por detraz dos montes acamados de neve da Grogna, de São Martino, de S. Primo! Isto em Menaggio, na feracissima Lombardia, alastrada de capellas de flores, á beira do lago de Como, todo elle, em mysterioso sortilégio de amor, a fremir de insofridos desejos, que religiosamente encensavam os beijos aflorantes das olea-fragrans.

Como me ellas acodem, e, por um magico prestigio de imaginação, fiel as revejo, as lyricas noites silenciosas de Veneza, sob a emoliente unção do luar!... Na ermada praça de S. Marco, acompanhado de minha sombra, que,

embuçada como um doge, de lado, se me ia projetando pelas paredes, era palpitante de emoção esthetica que ouvia eu resoarem, por entre vaços sussurros de vozes inarticuladas ao longe, pesados e cadenciados os meus passos no polido do seu lagado legendario... Os palacios, dealbados de livores cadavericos, dormiam, em sublime mudez, fechados como enormes cenotaphios. Limpido era o docel do céu que se fazia remoto fugindo para o alto, de onde, elevada ao zenith, me sorria a lua cheia. E tal suggestão de belleza, de encanto sobrenatural, ella, por tudo allí espalhava, que eu, tremulo, arfando desordenadamente, anhelava por interrogar de perto e desvendar a doirada esphinge de sonhos doirados, que, em sustido enxame, adejavam em derredor de mim...

Em doces quebreiras, sempre na mesma amorosa plenitude de extases, — de quantos outros logares mais, a sós, elegiacamente, não confabulamos ambos?... De uns, tão risonhos e floridos no dilatado da sua festiva alegria; outros, de tão ascetico aspecto, na taciturnidade da sua melancolia!...

□ □

Aberto aqui, diante de meus olhos, se encontra um pequeno volume de versos, "*A sombra dos cyrestes*" é o seu titulo. Se pudesseis imaginar de que sinistro luar de Sexta-feira santa os vi amortalhados, uma madrugada, — esses cyrestes?

Foi em Davos-Dorf na Suissa, na terra dos tuberculosos. N'um dos annos de grande desalento de minha vida. Era eu muito moço ainda. Por doces peccados commettidos, havia sido para alli deshumanamente exilado.

Meus dias, passava-os, no sanatorio, solitario na varanda do meu quarto, reclinado, dentro de um sacco de pelles, sobre uma chaise-longue, respirando com o espirito embriagado n'um largo vôo para além, o ar fino das montanhas espiritalisadas de neve.

A proposito d'essas montanhas, entre meus guardados preciosos, uma linda carta possuo, que me escreveu um dia, Jacques Richepin, filho do glorioso poeta Jean Richepin. Depois de commentar, com enternecida affectuosidade de irmão a enfermidade que me acabrunhava, dizia-me, procurando suavisa-la: — "*Et ces hautes montagnes qui vous redonnent la santé doivent en même*

temps vous apporter au coeur la consolation de leur rêve et de leur beauté."

E ellas, com effeito, traziam-me sim esse consolo! Impediam que se me exhaussassem as lagrimas no coração, renovando-m'as por vezes mais sentidas ainda!

Nunca, porém, maldisse meu Sofrimento! Ao contrario, Era compungido que me prostrava diante do seu altar. Porque a tristeza de que me sentia possuído como que me hipertestivava a sensibilidade, e, mais subtil, a tornando esta mysteriosa harmonia, — ingenua sim, mas divina, — que sempre coexistiu entre a Natureza e minha alma.

Assim foi que, logo depois de alli installado, religiosamente recolhido me puz a amar o valle, que, pela minha frente, no dilatado da sua ampla e silenciosa concavidade, se desenrolava a perder de vista, inteiramente branco, com os casaes de Platz ao longe, — brancos tambem como torrões de assucar. A curva sinuosa do caminho de ferro, dos caminhos apartados, por onde acompanhavam, meus olhos extaticos, os trens a deslizarem ao som rythmico dos guizos, dos cincreiros. A igrejainha da aldeia com o seu zimbório a oriental, em forma de mitra de bispo, a faiscar sob a poalha do sol. O cemiteriosinho que derramadamente ondulava pelo dorso macio de uma collina com as cruzes das suas regelidas sepulturas meio tortas, a chorem dos braços longas lagrimas de estalactites.

Em noites de algido luar, por sobre elle, vagarosa passava a lua. Passava, velada na mortalha do seu disco de nuvens, como uma virgem nostalgica do mystico perfume de um sonho agonisante.

— Bom dia, vizinho!

— Bom dia, vizinha!

Era assim que nos cumprimentavamos pela manhan, quando abriamos a janella do nosso quarto. Não nos viamos. Na varanda, separava-nos um tabique de madeira.

— Como passou a noite? — indagava eu.

— Assim: não muito bem. E meu vizinho?

— Mais ou menos como a vizinha. Estive acordado até muito tarde: ouvi tossir muito uma pessoa no andar de cima.

— Eu tambem ouvi. Foi o De Metz, coitado! Certamente outra hemiptose que teve... Mercê de Deus é cousa que me não acontece ha bem tempo.

Quem me fallava d'esse modo, era uma rapariga franceza. A loira Antoinette. Formosa, de senhoril compostura, com um corpo esguio á feição de um lyrio, e dois grandes olhos profundos e enigmaticos.

Quando, juntos, de passeio sahiamos, se, por entre um languir de palpebras amortecidas, demoradamente me ella fitava, — era colhido de um ca'frio, com dobrada compaixão, que me perguntava a mim mesmo: — "Por que será assim feito o olhar do tysico?... — Dir-se-ia que, no abstrahido da sua meditação transpassada de saudade, estampa elle, na retina, a mysteriosa visão de um immenso luto indefinido.

E ella, então, pobre Antoinette, — em quem tão tenaz se lhe arraigava o mal, — embora, por vezes, philosophicamente, procurasse encicar o implacavel do seu destino, alcanço, em trejeitos de soberana indifferença os seus encontros; animando nos labios, galhofeiro e frivolo, o seu sorrisosinho de parizense, — alli estava, para lhe desmascarar o affectado da sua dissimulação, da sua pseudua sinceridade, o fundo insondavel do seu olhar de uma obs'inação sombria.

— Mais um lindo dia vamos ter hoje! — continuava ella do outro lado do tabique.

— Mais um lindo dia, sim! — repetia eu d'aqui.

E, como seguidamente, sem intervalo, por mais de um mez, elles assim se multiplicassem, disse-lhe uma manhan, arrancando do peito um alto suspiro:

— E' para que mais saudades tenhamos d'este mundo ingrato, quando d'elle nos formos, em plena primavera da nossa vida, que nos perseguem d'este modo os lindos dias!

Antoinette fez um movimento brusco na cadeira:

— Que é isso?!

E acudiu pressurosos:

— Não tem o direito de fallar assim! Falla' como se já estivesse incorporado ás nossas fileiras, — ás fileiras dos prisioneiros da Morte!

— Dos prisioneiros da Morte? ! Que significa isso? Não o comprehendo.

— Como? ! Não sabe? ... Espere-me. Já lhe vou ali explicar: sinto-me mal, hoje, á sóz aqui.

E, momentos depois, abrindo-se a porta do meu quarto, entrou-me ella, agasalhada n'um pesado peignoir de lá cinzenta, que, direito, lhe cahia sem uma prêga até aos pés. Pareceu-me mais alta com os cabellos desnastrados pelos hombros, as faces pallidas, desfloridas, — ella que tão bem as sabia disfarçar sob os artificios da toilette.

— Porque esse desleixo? — pensei. Logo, porém, uma extranha magua lhe descobri no olhar immovel, longinquo e profundo.

Ainda assim, n'um bem composto gesto heraldisco, estenteu-me fina a mão, que conservei na minha algum tempo. Foi, ao depois, com uma voz de agonia que me disse:

— Faz, hoje, cinco annos, minha filhinha. E eu que não posso ir lá beija-la...

Uma lagrima fugiu-lhe então do canto dos olhos. Rolou-lhe como uma perola ao longo do nariz. Constrangido, sem que me occorresse uma palavra de consolo, que lhe pudesse proferir, limitei-me a baixar a cabeça, a franjar a testa. Antoinette, tirando do bolso um lençosinho de seda, levou-o aos olhos: assoôu-se duridamente; repetiu em seguida:

— E eu que não posso ir lá beija-la!

— Um pouquinho de paciencia! — balbuciei então, fazendo-me carinhosos, abraçando-a á altura dos hombros.

— Para o anno, quem o sabe?

— Oh! Para o anno!...

E, acercando-se da varanda, instintivamente voltou o olhar quebrado, quasi extinto, para o cemiteriosinho, sobre a collina, afogada na neve.

— Para o anno?... — murmurou, — Só Deus o sabe onde estarei!

Um bando de pardaes, que se agrupava sobre uma brioche, alli esfarelada no chão, uma nega de sol, levantou, n'um rufo de azas, um vôo barulhento. Meio fanhosa ainda, considerou Antoinette:

— Pobre De Metz! Razão tem elle nas suas queixas! E' o senhor quem lhe rouba os amigos. Os unicos amigos que tem!

— Eu? !... Roubo-lhe os amigos?...

— Rouba-l'hos pois não, desviando para aqui esses pardaes. Não vão elles mais vital-o como iam outr'ora. E era tão gracioso vel-os a debicarem migalhas, por entre as paginas do seu livro aberto. Dizia De Metz enternecido, olhando-os: — "São meus leitores!... Como amam elles os meus versos!..."

— Não me diga; De Metz é poeta?...

— Não o sabia?... E' poeta sim. E um bello poeta!

Mudando de tom de voz:

— Oh! céos, e eu, que já imaginava, que lhe havia emprestado o seu livro de versos, — "*M' sombra dos cyprides*", prefaciado por Mauricio Barrés, da Academia Franceza.

— Não, nunca m'o emprestou, assim como nunca me disse que fosse elle um poeta.

— E' o cumulo! Onde tenho andado com a cabeça!... Oh! Faço empenho em que o conheça através dos seus versos, e que o conheça tambem pessoalmente, se fór possível. Vae ver que alma tem elle! Que delicadeza! Oh! é um santo!

— Sabe-lhe versos de côr?

— Sei-os, pois não. Oiga estes em que pinta elle a chegada da primavera a este valle:

"J'entends le gazouillis d'alouettes légères
Ruisseau au zenith, vibrant, joyeux et clair,
Et l'essaim des bourdons sonores emplir l'air,
Guidés par leur instinct vers les fleurs printanières."

E Antoinette, sustendo-se, balauçou tristemente a cabeça:

— Pobre De Metz! Não alcançará, por certo, a primavera este anno!

— Está tão mal assim?

Trabalhos de arte feminina

BORDADO PARA
PARAVENTO,
Figs. 1 e 2

Até agora temos offerecido á curiosidade das nossas leitoras bordados classicos ou imitação de bordados classicos, como renda de Veneza, ponto de Hespanha, renda Cluny e muitissimos outros, e entre elles o estudo completo das reñgas de Irlanda. Bem sabemos que nem todas as leitoras se dedicam a labores de agulha e estão habilitados a aprenhel-os guiando-se por nossos ensinamentos; mas, a verdade é que a maior parte das nossas leitoras, principalmente aquellas que pertencem á alta sociedade, mesmo sem se dedicar a bordados, interessam-se vivamente pelos nossos artigos, não para acompanhar as lições mas para se familiarisar com os diversos generos de renda, para conhecer os diversos estylos, para ficar aptas enfim a distinguir entre o bordado legitimo e a imitação. Porque uma senhora que é apontada como possuidora de um fino gosto artistico, que tem responsabilidades em seu meio social, que se gaba de ter bem



Bordado para paravento, Fig. 1

brou ella então este simile, que é bastante caracteristico: ella era como certas pessoas cujos conheci-

educado o seu senso de escolha, necessita conhecer, nem que seja ao menos pela vista, todos os generos de renda e principalmente as classicas, que são sempre tão ricas de suggestões historicas e recordações poeticas.

Se as nossas lições não as orientam a ponto dellas pegarem da agulha e entregarem-se á tarefa, têm ao menos o merito de lhes educar a visão. A proposito disso occorreu-nos uma carta que nos escreveu, ha tempos, uma senhora paulista, conhecida nesta capital pela sua apurada elegancia. Disse-nos ella, na interessante missiva, que, habituada a ornar o seu interior com stores, centros de mesa, toallas, rendas e outros bordados comprados nas casas que vendem estes artigos, affez-se de tal maneira a esses artigos industriaes, que os preferia até aos artigos legitimos, não estando, pois, habilitada, por carencia de cultura propria, a apreciar estes ultimos. Lem-

brou ella então este simile, que é bastante caracteristico: ella era como certas pessoas cujos conheci-

— Muito mal!
 — E porque não sahe d'aqui? Não vae para a Italia, para a beira de algum lago?...
 — Meu ingenuo amigo! — sorriu-se ella. — Elle lá póde sahir d'aqui!
 E, baixando a voz, como a confiar-me um segredo, disse-lhe a voz:
 — Não me referi, ainda ha pouco, aos prisioneiros da Morte? Pois De Metz é um d'esses prisioneiros! Assim como eu tambem o sou! D'aqui, não podemos mais arredar o pé; não nos podemos aventurar a descer até Kloster: — Ella nos não deixa passar em meio da serra!
 — Ella, quem? !
 — A Morte!
 — A Morte?! Como assim? !
 E o desvaireado dos seus olhos faziam-me mal. Arrega'ei tambem os meus.

— Porque, se tentamos a viagem, Ella nos acena de longe. Como que nos diz: — "Não passareis" — E é a deitar sangue pela bocca, a gritar por soccorro, por misericordia, que precipitadamente voltamos para aqui!
 — Será isso possivel? ! !

E, aturdido, titubei: amparei-me á guarda de meu leito, invadido de um pavor inexplicavel:

— Meu Deus! E se fosse eu tambem um d'esses prisioneiros!

Antoinette continuava:

— E' o que lhe digo: não minte! Ainda, ha cousa de um mez, foi o que aconteceu a um russo, a um tal Eliesco. Sabedor da sua desgraça conjugal, das infidelidades da sua Anastassia, que elle tanto estremecia; incitado pelo ciuime, resolveu tornar á patria. Queriu vingar-se! — "Mato-a!" — annunciava a todos os seus compatriotas. — "Mato-a!" E preparando as suas ma'as, afiou o seu longo cutello de moujik... Partiu uma manha... Sabe onde foram encontra-lo, sem sentidos, tombado por terra, n'uma poça de sangue?... Junto de uma sebe, ao lado da garsinha de Bad Sarnau, não muito longe d'aqui... Nevava, e o seu corpo quasi que já desaparecia debaixo da neve...

E, depois de uma pausa, tragicamente, com os punhos cerrados:

— Oh! o horror que tenho a estas montanhas!... São lindas, não é verdade?... Pois deverião chamar-se: — "as montanhas malditas!"... Quantas tragedias intimas, não alimentam ellas!... Aqui exilados, somos considerados, lá fóra, uns párias!... Abandonam-nos a familia, os amigos! Se, a começo, nos visitam, nos escrevem, — depois, é completo o esquecimento! Não nos respondem mais as cartas!... Meu marido, esse, então, limita-se a mandar-me, ao fim de cada mez, um cheque, dentro de um env'olpe, para as minhas despesas. Não me dirige uma palavra de carinho, de affecto...

E, deixando-se escorregar a uma cadeira, cruzou os braços sobre uma mesa; debruçou-se a chorar copiosamente:

— Sei que já constituiu um outro ninho: na sua vida nada mais sou!

— Antoinette!... — murmurou compassivo, tocando-lhe docemente nas costas; pela primeira vez a tratei por "tu":

— Então, que é isso?... Não te deixes acobrunhar assim! Tu que sempre me pareceste tão corajosa, tão resignada!... Que podemos contra o nosso infortunio! Ha outros bem mais infelizes, acredita!

N'isto, bateu alguém, de mansinho, á porta.

— Entre! Quem é?

E a porta abriu-se de vagar. Era uma irmã de caridade muito nova ainda, rechonchudinha, de bochechas côradas.
 — A senhora Antoinette, faz favor, está ahí? — perguntou-me n'uma voz humilde.

— Está sim.

Antoinette, sem se voltar, endireitou o corpo:

— Que deseja?

— E' o senhor De Metz que me pediu que a viesse chamar.

— Está bem, já lá vou.

E a religiosa retirou-se.

— Que vem a ser isto? Nunca vi uma irmã de caridade

aqui no sanatorio. Irão, por ventura, substituir as enfermeiras leigas?

— Não, — respondeu-me Antoinette. — A irmã de caridade, quando aqui apparece, é porque a Morte anda a rondar o quarto de algum doente. De Metz deve estar passando mal... Até já!

E, levantando-se, sahii apressadamente.

□ □

Nunca se me espellou, na alma, em tão amargurada tristeza, o crepusculo, como o d'essa tarde. O som diffuso das Trindades, que badalava um sino em Platz. O esvahido rumor de gonzos dos trenós que recolhiam a passo.

Diluiu-se, n'um derradeiro alento, ao longe, nimbava o sol de uma luz dourada o cabeço branco dos montes, e a lua, de uma serenidade ineffavel, n'um outeiro ao lado, á minha esquerda, senhoreando-se a pouco e pouco do céu, ascendia por elle, redonda e bojuda.

Mais tarde, antes de me retirar da varanda, n'ella demorei meus olhos rasos de lagrimas. Perguntei-lhe de mãos trançadas como n'uma prece:

— Dize-me! Serei eu tambem um d'esses prisioneiros?...

E tu me não abandonarás nunca, não?... Virás sempre visitar-me aqui?...

□ □

Fechando a janella, dei-me, dormindo logo depois, pesadamente.

Alta hora da noite, fui despertado por um ruído extraño no andar de cima, no quarto de De Metz. Passos precipitados, moveis que se arrastavam. Transido, sentei-me na cama, á escuta. Ouvi distintamente, através do soalho, pronunciar a voz chorosa de Antoinette:

— Senhor, tende-lhe piedade! tende-lhe compaixão!

Em seguida, durante largo espaço, tudo pareceu adormecer de novo n'um silencio profundo. Recostei-me. De repente, poder, pela casa, echou um grito lancinante, que me fez bater forte o coração. Dei um salto sobre o tapete. N'um desvanecimento da doida, repeta a voz de Antoinette:

— Morto! Morto! Elle morreu!

— Enverguei, então, meu robe-de-chambre, e foi a tactear pelas paredes no corredor, ás escuras, que cheguei até á escada, galgando-lhe ás pressas os degrãos.

No patamar do andar superior, parei a tomar alento, e fiquei extatico! Nem mais um ruído! Recobrára tudo o silencio primitivo.

Suppondo-me victima de um pesadelo, hesitei em proseguir; estava já prestes a descer, quando se entreabriu a porta de um quarto e, diante de mim, — ó santo Deus! — sentindo arriparem-se-me as carnes, divisei, á luz frouxa de uma vela, como que o lu'rido espectro d'aquella Morte, que, em meio da serra, espalmando no ar a mão descarnada, dizia aos seus prisioneiros:

— "Não passareis!"

Era uma mulher esguelhada, mettida n'um camisolão branco, — magra, cerosa, ressequida e esburgada como uma caveira, — com um tom terrroso nos olhos covados, o nariz fino, cartilaginoso, e, nos labios, um rictus sinistro, que lhe descobria, espaçados nas gengivas, negros tócos de dentes lurados. Avançou um bocado o corpo; estendendo o castiçal, fitou, algum tempo, o ouvido no corredor deserto; voltou-se, em seguida, desaparecendo mudamente como uma sombra.

Não sei, então, que mysteriosa força me impelliu em direcção ao quarto de De Metz. Empurrando-lhe, de leve, a porta, fui entrando.

Antoinette, que me presentira os passos, levantou-se d'ao pé da cama, onde, de joellho, rezava, ao lado da irmã de caridade.

— Tu por aqui?! — disse-me.

E, sacudida de soluços, devorada de pesar, cingiu-me pelo pescoço, apoiando a cabeça de encontro ao meu hombro; acrescentou:

— Sabes? Elle morreu!

Não vi o cadáver; não tentei vel-o; estava coberto com um lençol. Exarada em sonhos, porém, n'uma reستا de luar, he lobiuguei a alma immortal de poeta, contemplando o seu livro de versos, — "A sombra dos cyrestes", — alli abandonado sobre uma mesa.

Trabalhos de arte feminina

BORDADO PARA PARAVENTO, Figs. 1 e 2

Até agora temos offerecido á curiosidade das nossas leitoras bordados classicos ou imitação de bordados classicos, como renda de Venueza, ponto de Hespanha, renda Cluny e muitissimos outros, e entre elles o estudo completo das rendas de Irlanda. Bem sabemos que nem todas as leitoras se dedicam a labores de agulha e estão habilitados a aprenhel-os guiando-se por nossos ensinamentos; mas a verdade é que a maior parte das nossas leitoras, principalmente aquellas que pertencem á alta sociedade, mesmo sem se dedicar a bordados, interessam-se vivamente pelos nossos artigos, não para acompanhar as lições mas para se familiarisar com os diversos generos de renda, para conhecer os diversos estylos, para ficar aptas enfim a distinguir entre o bordado legitimo e a imitação. Porque uma senhora que é apontada como possuidora

de um fino gosto artistico, que tem responsabilidades em seu meio social, que se gaba de ter bem



Bordado para paravento, Fig. 1

brou ella então este simile, que é bastante caracteristico: ella era como certas pessoas cujos conheci-

educado o seu senso de escolha, necessita conhecer, nem que seja ao menos pela vista, todos os generos de renda e principalmente as classicas, que são sempre tão ricas de suggestões historicas e recordações poeticas.

Se as nossas lições não as orientam a ponto dellas pegarem da agulha e entregarem-se á tarefa, têm ao menos o merito de lhes educar a visão. A proposito disso occorremos uma carta que nos escreveu, ha tempos, uma senhora paulista, conhecida nesta capital pela sua apurada elegancia. Disse-nos ella, na interessante missiva, que, habituada a ornar o seu interior com stores, centros de mesa, toalhas, rendas e outros bordados comprados nas casas que vendem estes artigos, affez-se de tal maneira a esses artigos industriaes, que os preferia até aos artigos legitimos, não estando, pois, habilitada, por carencia de cultura propria, a apreciar estes ultimos. Lembrou ella então este simile, que é bastante caracte-

mentas musicaes não passam de valsas, rag-times e outras musicas de dança, fortemente rythmadas e pauperrimas de idéas melodicás, e que, porisso, não logram comprehender as bellezas de uma composição de Beethoven ou de Debussy, de rythmos pouco accessiveis a ouvidos mal educados. Com a leitura, porém, dos nossos artigos sobre bordados classicos — confessou ella — adquiriu um novo gosto, uma visão mais educada e hoje está apta a distinguir entre a imitação e o producto industrial, entre a falsificação e a verdadeira arte. E terminou assim a sua carta:

“A leitura dos artigos da “Revista Feminina” não teve para mim nenhum proveito de ordem pratica, porque, não tendo nenhuma noção, por mais comensinha que fosse, de bordados, não podia pretender aprendellos com o auxilio da simples leitura; mas della tirei um immenso proveito intellectual, porque me familiarisei, mercê da observação de cada detalhe descripto e de cada phase da execução, com todos os estylos e generos. Se não fosse essa revista, eu continuaria a perseverar no máo gosto, de que hoje me envergonho”.

Esta missiva vale por um documento, e é com

verdadeiro desvanecimento que aproveitamos esta oportunidade para a transcrever.

Mas a imaginação dos creadores desse genero de trabalho, não podia ficar adstricta ás fórmulas classicas, que, se são nobres e distinctas, são, ás vezes, cançativas pela repetição dos mesmos motivos e pelo aspecto convencional dos seus desenhos.

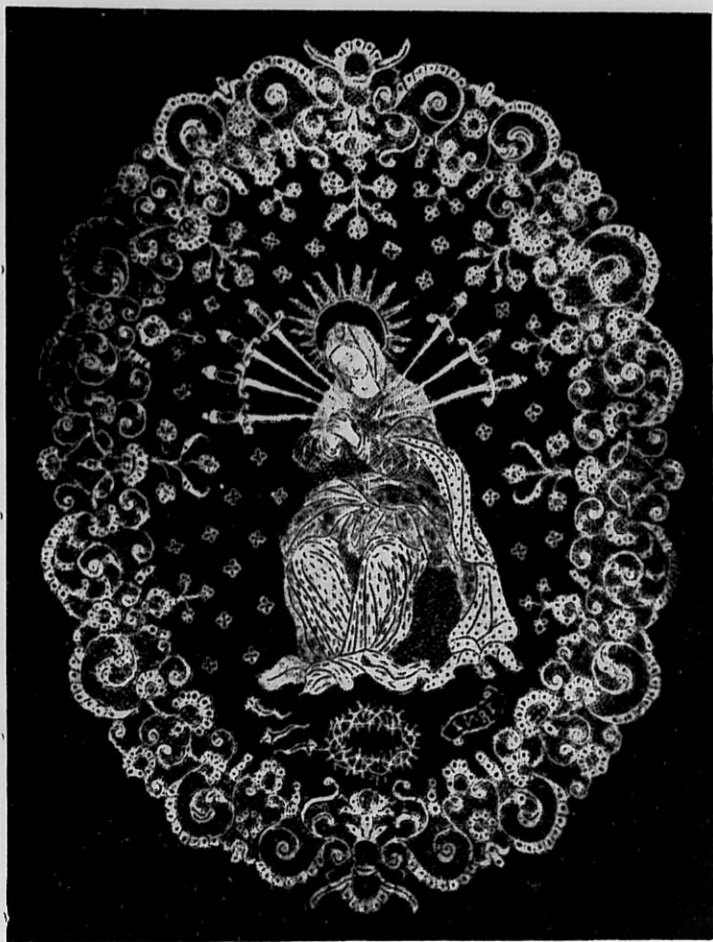
E é porisso que offerecemos hoje, nestas paginas, bordados inteiramente novos, absolutamente ineditos, fóra das fórmulas classicas, e cheios de uma empolgante originalidade.

Muitos modelos de biombos e paraventos temos apresentado á apreciação das leitoras, em bordados, em gouache, a oleo e com decorações dos mais variados generos; mas nenhum delles é tão interessante como os que se vêm nas Figuras 1 e 2. Trava-se de uma arte nova, ou melhor, do “art nouveau”, tendo sido aproveitadas nella os melhores elementos do genero, como aspecto de effeito e como graça de desenho. Como se sabe, o “art nouveau” é sempre incoherente, e porisso é em vão que se procuraria logica nos diversos motivos de-



Bordado para paravento. Fig. 2

corativos que ornam esses paraventos. Procure-se nelles somente o effeito de conjunto e a graça do



Renda religiosa, Fig. 3

desenho. Estes dois grandes paraventos revelam uma encantadora simplicidade em suas formas. A abundância de detalhes, descosidos entre si, e que enchem a superfície dos paraventos, e, o que mais é, a variedade com que são tratados, é o que torna estes dois modelos superiormente apreciáveis. Observem-se esses desenhos enlaçados, essas linhas que se multiplicam, que ora se procuram, ora se evitam, essas massas que ora se penetram, ora se

desviam. Os ramos e as folhas, os botões e as flores, as linhas e os grupos de desenhos não são senão um cenário para dar relevo à figura humana. Tudo ahi é irreal, é phantasmagórico, lembrando signaes de um symbolo desvairado.

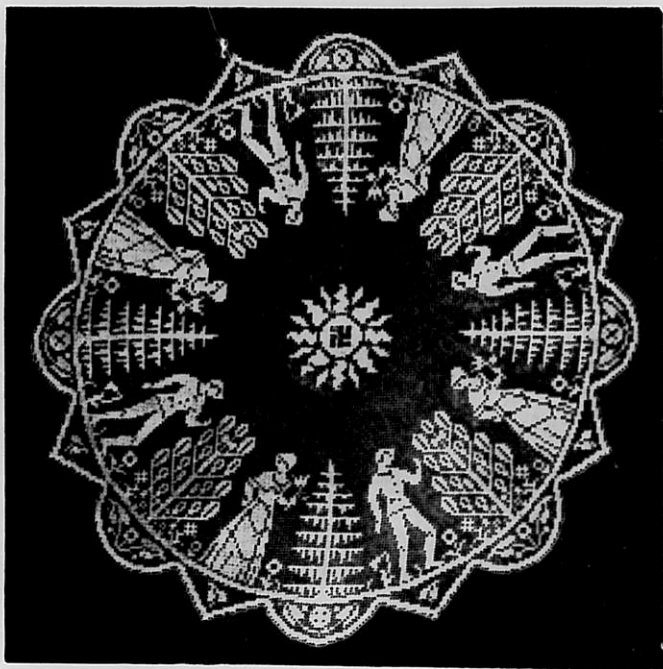
Entretanto, attente-se nesse labyrintho de linhas e de cores, e ver-se-á surgir delle idéas poeticas, cheias das mais extranhas suggestões.

RENDA RELIGIOSA. Fig. 3

Essa renda, representada na gravura 3, é, no genero, uma das coisas mais bellas e encantadoras que conhecemos. Como é de ver, não faltam desenhos para rendas de egreja, e com cunho religioso; mas este modelo é penetrado de um mysticismo tão intenso, que, quem o observar attentamente, se sentirá vencido pela sua religiosidade. Tudo concorre para esse effeito: a delicadeza do material empregado, que deve ser o mais fino possível, a figura central, que é tratada com uma arte verdadeiramente pictural, a fórma geral, o enquadramento e

das vestes, principalmente nas mangas e parte do collo, as largas dobras da saia e do manto. Em torno da figura ha outros elementos indispensaveis, como a corôa de espinho, a inscripção da cruz no alto do Calvario, os lyrios symbolicos da pureza de Maria e as pequenas cruzes postas irregularmente como a lembrar uma constellação; e todos esses elementos, cuidadosamente tratados, concorrem para dar maior realce á figura central. O enquadramento, a moldura, feita com pontos mais fechados, é de uma graça encantadora.

Esta renda deve ser aproveitada para ornatos de egreja, como toalha de altar, etc.



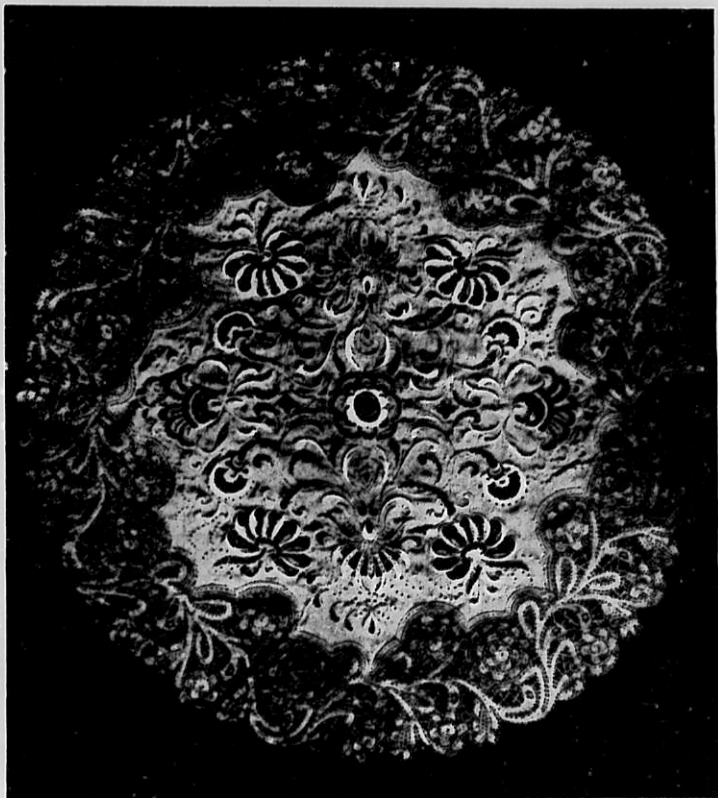
Toalha em trabalho de rede. Fig. 4

cada um dos pormenores decorativos. A attitude da Virgem tem muita unctuosidade, o que é de admirar, sabido como é que os desenhos de rendas são sempre convencionaes e que os recursos para se obterem desenhos por meio do bordado, são muito fracos. Entretanto, a despeito da escassez de recursos, pôde-se apreciar a perfeição da figura, a delicadeza

TOALHA EM TRABALHO DE REDE, FIG. 4

"Pedido de amor" é o titulo desta renda, que é a mais recente criação da arte allemã. E' feito em antigo filet e em ponto de tela, que, como sabem as nossas leitoras, têm sempre um aspecto nobre e alcançam o mais franco successo.

O material é escolhido dentre o mais fino. Se,



Centro de mesa, Fig. 5

acaso, fôr executada com material, já não diremos grosseiro, porém menos fino, o effeito seria desastrosos e não daria absolutamente idéa desta renda, que, seja qual fôr o aspecto sob que seja examinada, é sempre graciosa e suggestiva.

O grupo dos dois namorados é repetido tres vezes. A attitude do moço é de quem supplica e a da dama é de quem fica indeciso. Os pés da planta, de onde a dama colheu o seu ramalhete, são convencionaes e geometricos; isso, em vez de roubar a graça ao desenho, dá-lhe, ao contrario, maior interesse decorativo, sobretudo porque faz contraste com as figuras, que são tratadas com cuidados fóra da convenção. Como se trata de um bordado moderno e que quer caracterisar-se como tal, modernas são as figuras, vestidas á moda da epoca presente.

A moldura, em angulo e em semicirculo, tem muita propriedade, o que se não daria se ella fosse toda em angulo.

A moldura é feita em tecido tão transparente como o que foi aproveitado para o fundo; entretanto, se se quizer fechar mais o bordado da moldura, tal como se fez na Fig. n. 3, o effeito seria talvez melhor. O motivo do centro pôde ser supprimido, sobretudo se essa toalha fôr aproveitada para uma mesinha redonda e o centro ficar occupado por um vaso, uma estatueta ou qualquer outro objecto de adorno.

CENTRO DE MESA, FIG. 5

Este centro de mesa é extraordinariamente ele-

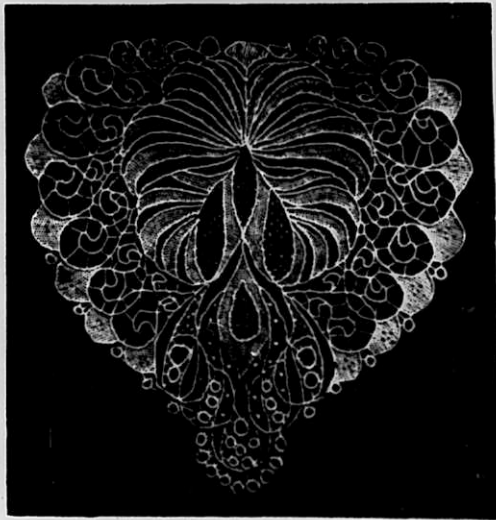
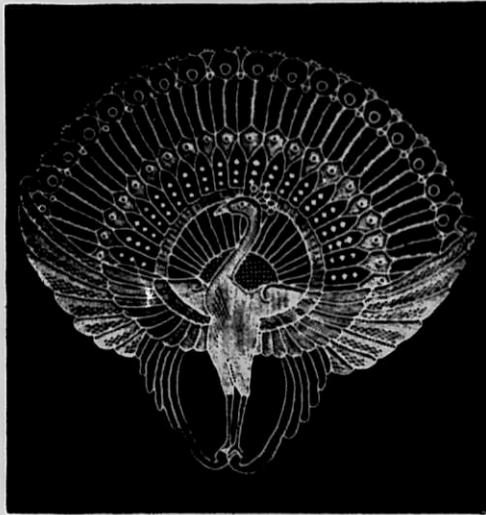
gante. Este bordado, ao contrario dos representados nas gravuras sob numeros 3 e 4, tem o enquadramento mais aberto, mais transparente que o centro. E' nisso que reside uma das suas principais originalidades. Os motivos centraes, flores, folhas e hastes, são symmetricos, e valem menos, como desenho e elementos decorativos, que os bordados da moldura.

O effeito de conjunto é que é maravilhoso.

ENTREMEIOS, Figs. 6 e 7

Quasi todos os modelos que apresentamos nestas paginas, subordinadas ao titulo geral de "Trabalhos de arte feminina", são creações da "Academia de Rendas Pless", e estes entremeios o são tambem.

O motivo da Fig. 6 é um pavão de cauda aberta. Esse motivo é de uma graça sem par. O segundo, da Fig. 7, é mais simples. Entretanto, ligando-se estes dois motivos, pôde-se obter um riquíssimo entremeio para um vestido de luxo.



Entremeios, Figs. 6 e 7

Este é um lindo trabalho de rede, que se executa com os mesmos elementos com que se executam os labores sob numeros 3 e 4. O material empregado, como, em geral, em todas as creações da "Academia de Rendas de Pless" é sempre finissimo. É um "chemin de table" que se impõe pela sua graça e originalidade. As figuras são egypcias e inspiradas no amor. A dama oferece um fruto, empunhando - o com a mão esquerda, e o homem, num gesto de supplica, estende a mão para o receber. E' uma reconstrução da poetica lenda biblica de Adão e Eva no Paraíso. No centro, enroscada na arvore do bem e do mal, vê-se a serpente. Os dizeres e a data em baixo não têm importancia, podendo ser supprimidos ou substituidos por outros.

Todos os elementos desta renda, que emolduram ou dividem as tres figuras, são delicadissimos e distribuidos, com muito gosto.

PEQUENOS CENTROS DE MESA, Figs. 9 e 10

São muito graciosas estas toalhinhas de filet.

A representada pela figura 9 offerece mais difficuldade. O passaro e as folhas são distribuidas com muita arte de composição. A representada pela figura 10 é de muito mais facil execução porque os seus desenhos são symetricos, mas nem porisso deixa de ser interessante.



Chemin de table, Fig. 8

Ellas servem para centro de mesinha, para cobrir albums ou o jarro d'agua na mesa do toucador.

para estandarte de sociedade ou para outro fim, é preferivel que se gaste mais um pouco e se in-

PRECE, Fig. 11

Este trabalho, como o representado na gravura 3, é destinado como ornato de igreja. E' um trabalho que se recommenda pela sua belleza e pela sua riqueza. O fundo é de seda pesada, branco marfim. As figuras devem ser tratadas com muito rigor de desenho, não só em suas proporções, como em cada um dos seus detalhes. De uma nuvem, que se vê no alto, desce o Espirito Santo a inspirar a oração. A aureola da santa deve ser de ouro brilhante, assim como tudo mais será bordado com fios de ouro. Entram nesta composição diversas fazendas de seda com variadissimas cores, todas muito delicadas de tonalidade. As franjas são em ouro maciço e o suporte em ferro forjado, levemente dourado, o que dá muito realce a este extraordinario trabalho.

Permittam-nos as leitoras alguns commentarios a proposito deste ultimo trabalho. Em geral, os bordados que, em nosso paiz, se executam sobre seda e ouro, são detestaveis como desenho, são verdadeiros mostrengos. E isso é para lastimar porque para a confecção desses bordados gasta-se tempo, trabalho, dedicação e um grande capital. E' pena realmente que o capital, a dedicação, o trabalho e o tempo sejam desperdiçados em pura perda. Em pura perda, sim, porque um mão trabalho de arte, por mais dispendiosa que fique a sua montagem, não tem nenhum valor. Ora, se se tem de executar um labor dessa natureza, como o que representa a

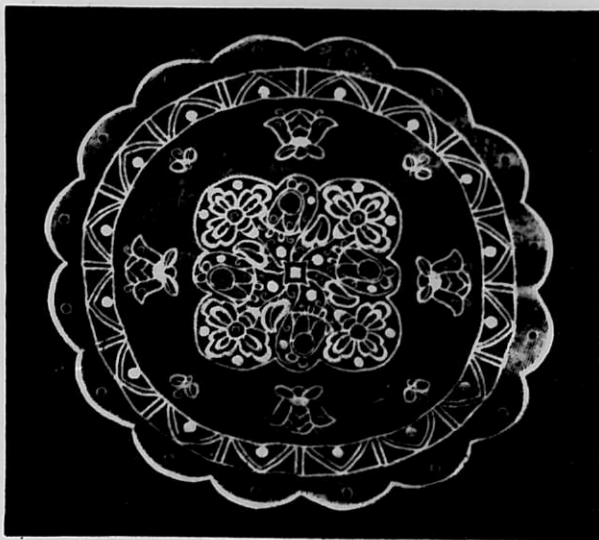
fig. 11, ou outro qualquer, destinado

cumba a um bom desenhista a tarefa de fazer as figuras centrais, em bom desenho, com todas as tonalidades claramente indicadas. Neste caso, o trabalho da bordadeira se resume em cobrir o desenho com seda, ouro ou prata. Só assim se pode obter um bordado apreciável.

Mas, em geral, entre nós, é a própria bordadeira ou outra qualquer pessoa, que não tem noção nenhuma de desenho, quem se incumbem de traçar as figuras centrais, obtendo-as por meio de decalque. A coisa sae invariavelmente imperfeita, e, na maior parte dos casos, monstruosa. O próprio decalque, nas mãos de uma pessoa inhabil, não é tão facil como á primeira vista parece. Por meio do decalque obtem-se apenas as linhas e as proporções, mas as subtilidades do desenho escapam infeitamente á mão do decalcoador.

Uma advertencia

Nunca se deve bordar tão fechado e tão firme, que se não



Pequenos centros de mesa, fig. 9 e 10.

possa ver cada ponto. O bordado não é uma variante do desenho ou da arte plastica. E' de máo gosto bordar tão fechado e tão duro

que pareça um traço ou um modelo de gesso. O encanto do bordado consiste, em grande parte, não nos desenhos, não na cor, mas sim na vida dos quadros, no entrelaçamento dos fios, na trama da sedá, da lã ou da linha. Pois tudo isso perde-se no bordado muito espesso, e até a própria fazenda perde muito da sua belleza porque ficam diminuidos os seus movimentos, a sua ductibilidade e macieza.

Attentem tambem as bordadeiras neste conceito: o valor de um modelo não depende da quantidade de motivos. Pouco é melhor que demais.



Prece, Fig. 11

Em geral, um bordado, com uma enorme quantidade de motivos, tem o merito apenas passageiro de impressionar a vista; mas logo que o observador começa a examinar os elementos constitutivos desses modelos, vê que tudo aquillo foi feito sem criterio e sem arte. Ora, uma bordadeira que se preza e que quer ter alguma responsabilidade em sua arte, não deve lançar mão desse recurso de illudir, isto é, de

impressionar a vista pelo excesso de motivos, pelo excesso de cores, pelo excesso de ornatos de todo feito, e dessa maneira occultar as lacunas do desenho, a falta de proporções, etc.

Poucos motivos, bem tratados, executados com grande capricho, valem muito mais que um accumulo de motivos mal concebidos e mal distribuidos.

Contra a moda

A fascinação da moda chegou ao ponto de se impôr maestosamente sobre toda e qualquer argumentação sensata. Referimo-nos á moda do calçado das senhoras e senhoritas da nossa sociedade.

Os defeitos mais communs dos sapatinhos do bello sexo resident na sola — que nunca tem a forma e o tamanho da planta do pé — e no rosto do sapato que sóe ser demasiado estreito, especialmente na ponta, de modo que os dedos devem conservar-se agrupados e sobrepostos.

Desses defeitos nascem muitos males: callos dolorosissimos, dedos estropoados e encolhidos, unhas encravadas, articulações deformadas, doloridas, sujeitas facilmente ás lentas inflammções.

E como se isso tudo não bastasse, a moda quer que os sapatinhos das senhoras e senhoritas tenham os saltos altos e estreitos de maneira que o pé é impellido para a frente e a pessoa está sujeita a perder o equilibrio ao menor empurrãozinho ou tropeço.

Esse calçado obriga o pé a ficar numa posição demasiadamente inclinada, de modo que só a parte anterior do pé é que tem de supportar todo o peso do corpo.

Essa posição anormal do pé obriga parte dos musculos a ficar na inercia, e impede a regular circulação do san-

gue, causando frequentes sensações doloridas que se reflectem no coração, e produzindo cansaço e difficuldade de ambulação com consequente anemia e deficiencia physiologica e, até certo ponto, tambem mental da pessoa.

Além disso, esses sapatinhos fazem adquirir, ás "elegantes" que os usam, aquelle andar particular, que nos faz lembrar a figura e o incidir dos trampoleiros.

E' preciso, pois, combater essa moda perniciososa, afim de evitar todos esses males que deprimem a energia physica e psychica das gerações actuaes e, mais tarde, fatalmente, das gerações novas.

Eugenistas, educadores e todos aquelles que, realmente, se interessam pelo melhoramento e aperfeiçoamento da raça humana, esforcemo-nos afim de fazer desaparecer tudo quanto tende a deprimir, a debilitar o corpo e o espirito da humanidade!

E como tudo, na vida, tende a se disciplinar á ordem, ao equilibrio e ao dever, assim tambem a moda deve despir-se de tudo quanto fór nocivo á mulher e obedecer ás leis da saude e da hygiene.

CLEMENTE QUAGLIO.

Um homem de letras

Conheci René Thiollier na Faculdade de Direito. Em meio áquelle numeroso grupo de estudantes, gárrulos e alacres, que enchiam o saguão do velho convento de S. Francisco á espera das aulas, elle tinha um relevo de moço fidalgo entre villões de behetria. As suas andanças de facto, a sua alta elegancia, a sua belleza varonil, as suas unhas polidas a esmalte faziam um violento contraste com aquelles moços de tez encardida, botinas cambadas e paletots coçados nos cotovelos. Era em 1904 e frequentavamos então as aulas do terceiro anno. Eu já tinha por elle, antes mesmo de lhe ser apresentado, uma sympathia calorosa. Admirava-lhe o garbo e o apuro da "toilette", e essa admiração cresceu de vulto quando soube que René Thiollier fizera o seu curso de humanidades em Paris e versava com facilidade em lingua franceza.

Eu não era um máo estudante, e interessava-me pelas materias juridicas, não por prazer, mas pelo proveito futuro que me adviria dellas. Eu não contava, para a luta da vida, com outra arma senão o canudo de bacharel e vivia na illusão de que, conquistado o canudo, me seria facil colher os triumphos. O que eu não podia acreditar é que René tomasse ao serio o seu curso de direito. Acreditava, antes, que elle quizesse fazer-se bacharel por ser então de bom gosto anteceder o nome com o supersticioso titulo

de doutor, e só porisso, porque não eram, por certo, as dolorosas contingencias materiaes que o forçavam a alisar os duros bancos academicos. Seus paes, o sr. Alexandre Honoré Marie Thiollier e d. Fortunata de Castro Thiollier, pertencente a uma velha familia paulista e representante da mais pura nobreza local, eram pessoas de grande fortuna. Entretanto, ao contrario do que eu pensava, René revelou-se-me um dia um estu-

dante convicto e esforçado. Foi o caso que, necessitando eu algumas notas sobre um ponto de direito civil, que me parecia complicado, recorri a elle. E elle então, risinho e benevolo, discorreu abundantemente sobre o assumpto, com a segurança de um cathedratico, citando textos e autores e emitindo tambem a sua opinião pessoal em opposição á opinião do lente. Foi dos melhores estudantes daquelle turma. Enquanto nós nos contentavamos de "passar" nos exames, felizes por poder galgar, embora aos arrancos, os cinco penosos degraus do curso, elle caprichava em brilhar e em colher as primeiras notas. Nos exames, enquanto nós respondiamos ás arquições dos lentes como os laçaios respondem aos amos, de olhos baixos e voz tremente, elle tratava-os de igual para igual, falava-lhes sem pestanejar e com voz forte, dando-se até ao supremo luxo de discordar d'elles para provocar discussões.

A nossa amizade, iniciada na Academia, fortaleceu-se a travéz dos annos. Foi elle quem me apresentou a Baptista Cepellos, que consideravamos então o melhor dos nossos poetas. Naquelle epoca foi grande a influencia do poeta sobre o espirito de René Thiollier. E essa influencia foi bastante salutar. A conselho de Cepellos, começou a interessar-se pelos mestres da nossa lingua, e leu-os, leu-os todos, desde o cavalheresco e pesadissimo Jorge Ferreira de Vasconcellos até Castello Branco. O cultivo dos classicos disciplinou-lhe o estylo, aguçou-lhe o senso da analyse.

Durante o seu curso de direito, René já collaborava nos jornaes, revelando promessas ao futuro.

Se René Thiollier não possuísse fortuna e fosse obrigado a fazer literatura para conquistar o pão, esse pão amargo que é o unico que a literatura promete a quem



Um dos ultimos retratos de René Thiollier

teima em viver della, o seu nome teria, por certo, uma grande evidencia. Elle tem ao serviço da sua fina sensibilidade e da sua imaginação, sempre ardente, uma lingua ductil, clara, muito apurada. A sua sensibilidade é de tal fórma aguçada, que me dá a mim a impressão de que elle traz uma lagrima á flor dos olhos, sempre prompta a reflectir não só a commoção que lhe vai dentro senão as commoções exteriores, tanto elle se doe pelas proprias dores como pelas dores alheias. E é esta sensibilidade que elle leva para as suas composições, para os seus contos e novellas.

As suas primeiras tentativas literarias fel-as elle em francez, lingua que sempre cultivou com egual carinho com que cultiva o vernaculo. Mas, exactamente porque preza superiormente os dois idiomas, tem René

Collaborou, com assiduidade ás vezes, na "Ilustración Sud Americana", de Buenos Aires, no "Diario Popular", no "Jornal do Commercio", na "Cigarra", na "Panoplia", na "Revista Feminina" e em muitos outros jornaes.

Depois que se formou em direito, voltou novamente a Europa, onde se demorou alguns annos. Em Paris, privou com muitos escriptores e poetas. E essas preciosas amizades que conquistou lá, mercê do seu talento e da sua estranha sedução pessoal, não deixou que esmorecessem e mantem-n'as até hoje. Ruben Dario queria-lhe muito e chamava-lhe seu "incomparavel amigo". Henri Barbusse, o ardente creador d' "O fogo", referindo-se a um artigo que elle publicara a seu respeito, escreveu-lhe uma carta em que, entre outras



René Thiollier em sua bibliotheca.

o maximo cuidado em não misturar ao portuguez expressões ou idiomatismos francezes. Tem horror ao gallicismo, um horror quasi supersticioso, e é sempre com uma tal ou qual repugnancia que lança mão de um vocabulo francez e o encarta em nossa lingua e só o faz excepcionalmente, quando não encontra em portuguez o vocabulo correspondente, ou quando este não traduz, com a precisão que elle reclama, a idéa que quer externar.

René Thiollier não precisa viver das letras. Elle cultiva-as como se cultivasse rosas, por prazer, sem essa necessidade imperiosa que se impõe ao profissional. Entretanto, a sua producção, esparsa por jornaes e revistas, é grande e daria para encher alguns volumes sobre todos os generos, critica, novellas e phantasias.

coisas bonjeiras e amaveis, lhe diz: "Varios escriptores do grande e magnifico paiz de onde me vem o vosso artigo, testemunharam tambem a sua sympathia pelo meu livro de guerra; mas eu colloco a vossa apreciação entre as mais preciosas e as mais importantes". Desde então, nunca mais o eminente escriptor publicou um livro que lhe não enviasse um exemplar com dedicatória affectuosa.

René Thiollier não possui apenas um grande talento literario, mas muitos talentos. E' tambem um bravo pianista e interpreta os mestres com muito sentimento e com um colorido muito característico e pessoal.

Ainda está na memoria de todos o ruiloso successo que alcançou, não ha muito, no Theatro Municipal, o "Contratador de Diamantes", de Affonso Arinos. A

convite da exma. sra. d.^a Antonieta Prado Arinos, viuva do saudoso escriptor, accetou o papel de Ouvidor naquella peça. A imprensa da capital foi unanime em elogiar a sua interpretação. "O seu trabalho é notavel", assim se expressaram alguns jornaes; "René Thiollier representa como um verdadeiro artista", disseram outros. Representou ainda, no mesmo theatro, a "Ceia dos Cardeaes", de Julio Dantas, com um exito surpreendente.

E' um finissimo "diseur", que sabe alliar á clareza da voz e ao effeito de certas intenções, a intellig'encia do gesto e a nobreza da attitude.

Como orador tem colhido vasta messe de applausos em mais de uma opportunidade. Não ha muito, escolhido para paranympo de uma turma



René Thiollier, sua esposa e filha

de alumnas do Collegio Staford, pronunciou um magnifico discurso, que foi publicado no "Jornal do Commercio".

René Thiollier casou-se em S. Paulo, em 1910, e voltou para Paris, onde residia.

Seu pae, que era francez e foi um grande amigo do Brasil, pediu á familia que queria ser aqui enterado. Fallecido em Paris, foram os seus restos mortaes para aqui transportados. Depois do fallecimento de seu pae, veio René definitivamente para S. Paulo, passando a residir em companhia de sua mãe, na "Villa Fortunata".

"Caliban" é o titulo do seu livro de contos, que brevemente entrará para o prelo. Publicará em seguida um volume de impressões de viagem, intitulado "Episodios da vida errante".



Parte do jardim da "Villa Fortunata"

REVISTA FEMININA

Claro está que esses dois volumes não constituem toda a sua bagagem literária. Ella é bastante vasta e daria fartamente para uma meia dúzia de volumes.

Mas René nunca soffreu de pruridos de publicidade, nunca pensou, provavelmente, em reunir em livro a sua copiosa colaboração que enviava para os jornaes. E se, agora, se disoos a publicar "Caliban" e "Episodios da vida errante", é menos para satisfação do seu prazer de publicidade do que para attender ao pedido dos seus amigos.

Demais, os homens de letras que, de anno a anno, não costumam dar balanço á sua produção e a conservam na gaveta ou a deixam esparsa pelos jornaes e periodicos, acabam por nunca mais a reunir em livro. E isso é explicavel, porque, á

medida que o espirito vae evoluindo, enriquecendo-se de novas idéas e conhecimentos, a produção vae ficando velha. Foi isso que, por certo, aconteceu com este escriptor.

Se elle, por qualquer necessidade, justificada por contingencias da vida, houvesse de pôr hombros á tarefa de publicar todos os seus trabalhos sobre os multiplos assumptos que tratou, teria de executar uma verdadeira empreza de Hercules, pesada e complexa. Teria, em primeiro logar, de fazer uma devassa nos archivos dos jornaes e periodicos, para descobrir a sua collaboração, de que nem talvez conserva mais a memoria; e feito isto, ver-se-ia forçado a dar-lhe novo estylo, de accordo com a sua últi-



René Thiollier no papel de Oavidor, na peça "Contratador de Diamantes", de Alfonso Arinos.



René Thiollier, paranymphe de uma turma de alumnas do collegio Staford.



Réné Thiollier e sua exma. esposa no seu salão.



Um trecho do parque da "Villa Fortunata".

ma e definitiva "maneira". Por isso resolveu elle considerar perdida a sua producção da primeira mocidade, que, diga-se de passagem, é, por muitos titulos, interessante, e que muito se recommenda pela sinceridade e pelo calor juvenil. Para enfeixar, pois, em volumes, não quer elle recorrer senão aos seus trabalhos recentes, que são os unicos pelos quaes se interessa.

Toda vez que se lê, num jornal, um artigo de René, pode-se ficar certo de que esse artigo não foi espontaneamente offerecido ao jornal, senão reiteradamente solicitado pelo redactor. E não se diga que elle produz com difficuldade, não: a sua producção é facil, corrente e abundante. Elle escreve com uma invejavel facilidade; e, quando se sente empolgado pelo assumpto, necessita, não raro, pôr um dique á fonte das suas idéas, receioso de se tornar prolixo. E só depois de escripto o artigo, é que o vae analysar, encher as lacunas, substituir certas expressões por outras mais precisas e suggestivas, verificar o effeito da pontuação. Nessa tarefa, sim, elle demora-se longamente, risca, concerta, restaura novamente as linhas riscadas, e quando relê o artigo, passado a limpo pelo seu dactylographo, é sempre com desconfiança e receio que elle o entrega ao jornal. E' um inccontentado.

Ruben Dario, que o conhecia de perto e com quem, a miude, trocava idéas sobre assumptos literarios, disse-me uma vez:

— Este René é um homem original. Se elle tem tantas idéas, algumas das quaes surprehendes pela sua finura



René Thiollier, segundo uma caricatura de Brito.

e originalidade, porque não as lança ao publico? Porque as guarda consigo ou só as transmite aos amigos intimos? O homem de idéas precisa viver no livro, para o grande publico, e não no conceito que delle forma a sua estreita roda de amigos e conhecidos.

René tem, de facto, idéas. Verdade é que ha muita gente que tambem as tem, mas a quem faltam recursos para as plasmar em boa prosa. Mas René tem idéas e tem tambem estylo para as enroupar com garbo e ornatos. Nada lhe falta para conquistar uma reputação e extendel-a para além das fronteiras.

Elle é, sobretudo, um estudioso, um lector incançavel. Todas as novidades que chegam de França, sobre politica, sociologia, critica, religiões, obras de ficção ou obras de combate, tudo elle lê, e está ao par de todo o movimento intellectual de França.

Dentre os grandes escriptores e poetas francezes, muitos ha que com elle se correspondem, com intimidade e affecto; mas nunca recorreu elle a essa correspondencia para se valorisar, e só accidentalmente é que, entre amigos intimos, a ella se refere.

Falei, linhas atraz, da sua sensibilidade. Elle é sensível e bom. Quem mal o conhece ou o conhece apenas de vista, cuidal-o-á um individuo que só tem a preocupação da sua elegancia exterior. A elegancia de René Thiollier é um habito, um meo habito, que nada tem que ver com o seu feito espiritual. E' simples, chão de maneiras e de trato. Não é um "poseur" e e nunca o foi, e a prova disso é a sua ex-



René Thiollier em seu salão.



A esposa e filha do René Thiollier



Na escada que dá para o jardim

que teve tanta fulguração durante o ultimo periodo da sua vida, desapareça de todo. E é pena, é realmente pena, porque Cepellos foi verdadeiramente um poeta e dos melhores.

Ninguém encarnou a epopéa dos "bandeirantes" e a tratou com tanta commoção e heroismo como elle. Elle é, pois, um poeta eminentemente paulista. Baptista Cepellos tinha indole de sobrececho, era um originalão, orgulhoso e quasi sempre intratavel. A sua roda de amigos era pequenissima, quatro ou cinco rapazes que

cessiva modestia, o seu retrahimento, o seu temor de pôr-se em evidencia quando uma necessidade a isso o obriga.

Foi dos melhores amigos do desditoso poeta Baptista Cepellos, ou, antes, foi o seu melhor amigo. Morto o poeta, á proporção que se iam descaidando da sua memoria os que o estimavam em vida, René, ao contrario, manteve-se sempre fiel a essa memoria, e ainda se refere ao nome do infeliz camarada de outros tempos com uma grande saudade e com uma commovida ternura.

Foi elle quem lançou em S. Paulo, não ha muito, a idéa de se erigir nesta cidade uma herma que perpetuasse o nome do poeta dos "Bandeirantes", e para estimular a generosidade dos paulistas, abriu a subscrição com uma quantia, não muito vultuosa para não offender o pudor dos contribuidores modestos, não muito mesquinha que não bastasse para as despesas inicias.

Não se sabe em que ficou essa justa e piedosa iniciativa. E' provavel que a subscrição parasse com o seu primeiro subscriptor... E' o signal dos tempos. Hoje só se rendem homenagens aos politicos, e nunca aos poetas, e muito menos a poetas mortos.

Quasi se pode dizer que Cepellos está esquecido. Os seus livros ficaram, parece, nas primeiras edições. Se este silencio continuar por mais alguns annos, é provavel que o nome do poeta,

se lhe mantinham fieis, e era enorme a phalange dos seus adversarios. Entre estes havia os que o odiavam com motivos justificados, mas a maior parte delles o distinguíam com o seu odio gratuito. Parece que essa ogerisa quasi geral que havia contra o pobre poeta: ainda não se apagou e dir-se-ia que é ella ainda que está fazendo hoje, após a sua morte, essa campanha de silencio. Dir-se-ia que é ella que não consente que se proclame o nome do poeta, que se lhe perpetue a memoria e que se faça ouvir a sua voz, sempre arlente e

inspirada... René Thiollier. porém, conservou-se-lhe fiel. Para o amar em vida, teve, por certo, de perdoar-lhe, a cada passo fraquezas e impulsos; depois de morto, ama-o ainda mais.

Essa dedicação põe bem em evidencia o caracter e a pura bondade do novellista do "Caliban".

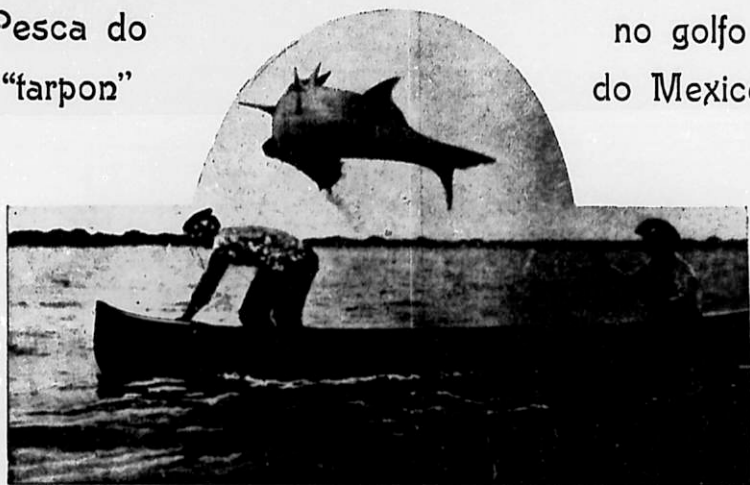
Dentre as suas qualidades, como escriptor, que são notaveis e muitas, a observação é uma das que tem mais apuradas. Elle vê aspectos, anota gestos e grava attitudes que passam despercebidos aos demais; e só depois que os vê, os anota e os grava, é que o seu leitor se dá conta a si proprio de aquellas attitudes, aquelles gestos e aspectos lhe eram familiares, sem nunca, porém, lhes ter dado attenção.

E só o verdadeiro artista é que consegue isso.



Pesca do
"tarpon"

no golfo
do Mexico



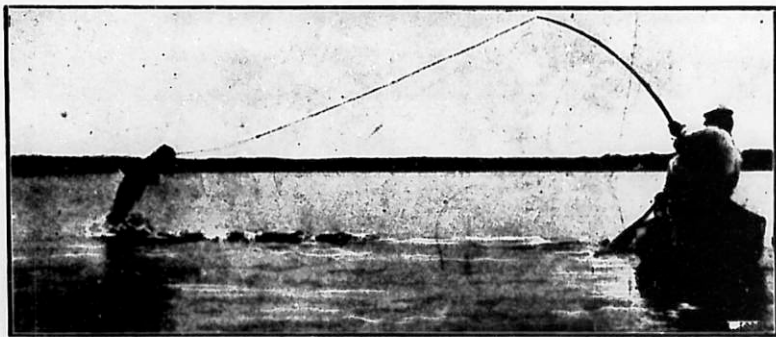
De um interessante artigo do sr. A. G. de Linares, tiramos as seguintes e curiosíssimas notas de viagem, referentes à pesca do "tarpon", o monstruoso peixe do golfo do Mexico.

Acabavamos, Mr. A. Dimonch e eu de percorrer juntos o mar das Antilhas e tomavamos algum descanço em uma praia, quando Mr. Dimonch disse:

— Imagino que não acredite que a pesca do "tarpon" possa comparar-se com uma caçada ao tigre. Pois vou fornecer-lhe uns dados que o tornarão de minha opinião. Tenha em mente que um "tarpon", ao alcançar seu pleno desenvolvimento, pesa 200 a 250 libras...

— Ha, porém, "tarpões" pequenos...

— Ha, sem duvida. Nunca, porém, foram vistos. Desde o mez de Março, nestas agüas, começam a apparecer os "tarpões" adultos. Depois desaparecem. Fica no mysterio o logar onde procream ou se recolhem. Além do que eu disse a respeito do peso e da corpulencia destes monstros, junte-lhes a agilidade e a ferocidade. A sua força é tal que mal se sentem presos pelo anzol, arrastam a canoá a reboque, durante horas e horas. A's vezes essas correrias duram um dia inteiro, sendo a embarcação de ferro e tripulada por dois homens. O mais terrivel, durante esta caçada, é que se revolvem, saltam e acommettem os pescadores sahindo d'agua e



saltando sobre elles, cruzando junto das suas cabeças, de uma para a outra banda, espadanando com a cauda e distribuindo pancadadas que nada ficam a invejar aos mais formida-

na durante a pescaria, na esperança de que uma pancada do "tarpon" vire a canoa. Ai de quem, nessa occasião, cahir n'agua...

Convenceu-me este argumento e ma-



veis soccos dos grandes "boxeurs"... Ouvido isso, tomado pela curiosidade, perguntei a Mr. Dimonch:

— Mas, amigo Dimonch, esse celebre "tigre da agua" não seria facilmente fígado com um solido arpão?

— Um arpão? Oh! meu querido... Não dirias semelhante despropósito si tivesses visto de perto um destes peixes! O "tarpon" está revestido por uma invulneravel couraça de escamas, duras como aço. Não ha ponta que as vare.

Observei ainda, com um resto de scepticismo:

— Sim, tudo isso é interessante mas não vejo tanto o perigo. Além da possibilidade de se levar uma rabanada, ou de que o peixe faça sossobrar a lancha, nada mais vejo que possa constituir perigo de morte.

Gravemente, Mr. Dimonch acrescentou:

— E' que o meu amigo esqueceu-se dos tubarões... Os tubarões que rodeiam a barca seguem-

tutei commigo: de facto; a pesca do "tarpon" era um perigoso desporto.

De todos os desportos perigosos, os que oferecem mais riscos são os da agua. A caçada ao tigre, nos juncaes da India, ao urso branco, nas steppes da Siberia ou ao leão, nos desertos da Africa, é de facto arriscadissima, mas convem advertir que o caçador a faz de olhos abertos e pisando a terra firme. Resta-lhe os recursos de correr, defender-se

a tiro ou facada, trepar a uma arvore; ao passo que o pescador, cahindo na agua, é uma presa facil, porque os braços, com que tem de defender-se, estão occupados em nadar para obter a fluctuação.

Tudo isso, porém, nada importa para certos homens, cujo unico prazer consiste em affrontar perigos e este prazer é tanto mais intenso quanto os perigos são maiores.

A vida é uma luta constante. E ai dos homens que acceitassem a vida sem luta, contentes de passar por ella, como diz o poeta, "em branca nuvem"...



O SEGREDO

I

Na idade de treze annos já Fidelino era admirado por todos os amigos dos seus paes. Não o admiravam sómente por suas prendas e habilidades, mas tambem por seu caracter inflexivel, sem deixar de ser meigo, sua indole teimosa, sem ser desagradavel. Desde peque-

no mostrou uma accentuada vocação para a musica, para o desenho, e para as letras. Um trecho musical que ouvia, guardava-o de cór, com todos os seus pormenores melodiosos e effectos de interpretação; nas horas vagas, punha-se a desenhar com o seu lapis paisagens ou figuras, revelando um gosto surpreendente para a caricatura, e em certas horas occupava-se em fazer composições litterarias, em fórma de novellas ou simples divagações. Gostava de cantar, e a sua voz tinha um lindo timbre, que era a inveja dos outros meninos. Era um encanto vel-o em sociedade. As moças, convidavam-n'o a cantar ao piano, e elle, com um grande desembaraço, cantava trechos de operas, cançonetas, adaptando a voz ao genero musical, como um verdadeiro artista. Elle era a primeira figura dos salões; as moças e os moços, por mais bonitos que fossem, apagam-se perto d'elle, não só por causa dos seus dotes artisticos, como da sua vivacidade e do seu espirito. Como desenhista, não era menos notorio o seu talento. Elle não viu o mar senão uma vez, e desde então, tendo comprehendido toda a grandiosidade do Atlantico, vivia a desenhar ondas revoltas ou esteras de espuma atraz de um transatlantico negro. Era assim Fidelino. Dizer que era um bom estudante, seria um exaggero. Vadio como poucos; nunca sabia as lições. Entretanto, quando era indicado para recitar uma poesia, dizer um monologo ou escrever uma dissertação sobre qualquer assumpto, o proprio professor não podia deixar de applaudil-o e elogial-o perante toda a classe, apezar das queixas que tinha contra elle. O professor

tinha o appellido de "Don Pancho", appellido que lhe poz Fidelino e que pegou. A principio, essa alcunha, que calhara tão bem ao professor, por causa do seu typo hespanhol, não era conhecida senão entre os estudantes. Mas, como a bocca dos meninos não é reservatorio muito proprio para guardar segredos, a alcunha espalhou-se para além dos muros do collegio e entrou ao dominio publico. Em pouco tempo os fornecedores do collegio, os amigos do professor, as familias dos alumnos, todo o bairro emfim já não dava ao professor o seu verdadeiro nome e só o conhecia por Don Pancho.

Fidelino dedicou ao professor estes versos que tiveram a sua celebridade:

Se um typinho barri-
[gudo
Apparecer muito ancho
Já se sabe que é Don
[Pancho
Com sua barbiga e tudo.

Oculos usa por manha
Ou a esconder um ter-
[ço.
Sem ter nascido em
[Hespanha,
Tem um typo de hes-
[panhol.

Todos lhe temem o
[dote
Quando aos pulinhos
[avança.
Mistura de Don Qui-
[chote
Com um pouco de
[Sancho Panca.

As suas satyras contra o professor não se resumiram nestes versos. Dedicou-lhe tambem um soneto em que lhe chamava "burro", molestando, desta fórma, tanto ao burro como a Don Pancho. Como se vê, a sua satyra era uma espada de dois gumes...

Tantos talentos artisticos davam-lhe uma grande ascendencia entre os seus condiscipulos e amigos, sendo sempre commandante das façanhas e terrevies traversuras da meninada do seu bairro. Mas com o nosso heróe se dava o que se dá com os artistas de fama; não tinha muito tempo para se dedicar aos seus caprichos. Os seus papás occuparam-n'o a miudo, ora para receber as visitas, ora para recitar num salão, ora para cantar em outro; e o reverendo Beltrão, que lhe gabava a bella voz e a clara dicção latina, incumbia-o de cantar no coro, nas festas da igreja. ou a ajudar a missa, aos do-



Espiavam por cima dos muros para descobrir os segredos da vizinhança

mingos. Tudo isso era um martyrio para Fidelin, mas elle não se atrevia a desobedecer aos mandatos paternos, apesar dos conselhos de alguns amigos mais travessos. D'mais, em todas as festas, elle sempre colhia louros, em fórma de applausos, de beijos que lhe davam as senhoras e de frutas e bonbons em profusão.

Os avós de Alice, que eram um respeitavel casal de americanos, queriam ouvi-o cantar, e para isso, enviaram um convite especial aos seus papás, offerecendo-lhes uma pequena festa. Assim foi. Mas succedeu que, nessa noite, estava o menino muito contrariado, porque a festa coincidia com uma reunião de rapazinhos em que ficou assentada a fundação de um jornal. A palavra dos papás já estava dada. Era forçoso ir á tal festa. O que, em parte, o consolava era encontrar lá a velha amiguinha e collega Alice.

Alice era uma americanasinha que por pouco não nasceu na Virginia, flexivel como uma espiga de trigo, loura e muito branca. Era linda e possuia uma intelligencia muito brilhante.

Quando chegaram á casa da familia de Alice, e depois de saudações de estilo, commentarios sobre o tempo, criticas ás ultimas modas de "toilette" e outras frivolidades de salão, Fidelin, em pé ao piano, de frente para os ouvintes, cantou. Cantou uma modinha muito sentimental, em andamento de schottisch, fazendo soar as syllabas com muita clareza e tirando effeito de voz encantadores. Mas os velhos americanos exigiram delle outras exhibições. E Fidelin cantou canções napolitanas, com um accento muito caracteristico, disse monologos, versos, até que, por fim, os velhos, depois de lhe elogiar calorosamente as prendas, lhe deram liberdade. Alice, que o esperava a um canto da sala, chamou-o, de mãos dadas, para a sala de jantar. Deu-lhe maças e offereceu-lhe um calix de licor. Ambos beberam ás escondidas, muito risinhos e alegres, enquanto a gente grande, na outra sala, falava do seu talento para a arte do canto e na necessidade de o mandar estudar no conservatorio de Milão. Um senhor opinou pelo conservatorio de Paris. Um outro, de immensa barba negra e crespa, professor de piano e azedo critico musical, affirmou que fóra da Alemanha não havia musico. E dizia estas coisas sacudindo as jubas, das quaes se desprendia, enfarinhando-lhe a gola da casa-ca, a caspa esbranquiçada.

II

Na sala de jantar o joven par, inteiramente esquecido de etiquetas de sociedade, ria e palavra em amistosos camaradagem.

— Nós vamos publicar um jornal, ou melhor, uma revista — disse Fidelin com certa seriedade, que, ante os olhos da menina, lhe dava uma importancia de homem de negocio, de redactor e de outras coisas grandes que ella imaginava.

— Uma revista? — foi a interrogação que ella fez, abrindo muito os olhos claros e num sorriso que lhe illuminou o rostinho côrdo.

— Sim, uma revista, que se publicará sob a minha direcção. Serei o editor e o redactor. Esta noite iamós tratar desse negocio, mas...

— E... como se vae chamar? — indagou Alice, já enthusiasmada, com esse enthusiasmo facil e sincero das creanças e dos artistas.

— Pois exactamente disso que iamós tratar esta noite. Ainda não sabemos o titulo. Pedrinho disse que se deve chamar "Juventude", mas esse nome não é do meu agrado. A gente grande não lhe dará importancia. Gonsalinho propoz "Alerta". É um nome claro, apropriado, mas dá-me idéa de coisa de guerra...

— Porque não escolhemos nós um titulo? — alvitrou Alice tirando lapis do bolsinho e sentando-se á mesa.

— Você sabe... — continuou ella, depois de molhar a ponta do lapis á ponta da lingua — uma revista não deve chamar-se como as outras revistas, quero dizer, não deve ter um nome vulgar, um nome que se pareça com o dos jornaes que você recebe, como "A voz do povo", "Gazetilha literaria", "O correio da tarde"... Jesus! que nomes!

— Pois esses são os titulos apropriados — fala o rapaz com certa emphase.

— Porém, como a revista é nossa, — e Alice já se contava entre os redactores — ponhamos-lhe um titulo que nunca foi visto. Nós não nos devemos guiar pelo que faz a gente grande.

Fidelin encarou a sua amiguinha com certo respeito, e começou a tomar-a a serio. Alice pareceu-lhe uma creatura singular, cheia de originalidade. Ella, sem bem o comprehender, sentia a commoção da originalidade. Alice tinha por elle um aspecto novo e raro. Ella, de facto, naquelle momento, muito recolhida na sua idéa, adquirira uma belleza espiritual...

— Vejamos pois. Que nome você propõe? — falou Fidelin, olhando-a com curiosidade.

Ella vacillou um pouco, levantou os olhos ao tecto, como a buscar inspiração, e lançou:

— "O Segredo".

— Que! Pois vamos chamar "O Segredo" a um periodico quando o objecto do mesmo periodico é publicado tudo para que não haja segredos? — protestou elle, com um certo sorriso de superioridade com que pretendeu demonstrar a sua autoridade na materia.

— Pois ahí é que está o "que". A nossa revista não publicará essas coisas que sejam verdadeiramente secretas, porque publicamos o que publicamos todos os jornaes e revistas, não tem graça e é coisa que todo mundo sabe. O bom é publicar o que não se pôde publicar...

— Sabe... que essa é uma boa idéa — concordou Fidelin, num sorriso onde havia um pouco de veneno.

— Naturalmente! exclamou a menina com toda a candidez propria dos seus dez annos, e sentindo-se como instinctivamente dona da situação.

— Bem. Mas, — replicou Fidelin — nós não podemos publicar muitas coisas porque somos creanças e não sabemos muitos segredos.

— Isso é o que você pensa. Nós sabemos mais segredos que a gente grande, porque, como somos creanças, a gente grande conversa perto de nós sem nos dar importancia, e dizem coisas que eu nunca vejo publicadas nos jornaes que você recebe.

— Lá isso é verdade — disse Fidelin, muito admirado das coisas que sabia Alice.

— Demais — continuou ella com um ar convicto — temos de publicar tudo que seja segredo e que venha ao nosso conhecimento.

— Está dito.
E rindo alegremente:
— Que successo!

III

E quando Fidelin apertava a mão de Alice num gesto de enthusiasmo, entrou o avó na sala de jantar, e pondo as mãos sobre as cabeças do joven par, perguntou sorrindo:

— E... de que estão falando estas futuras... glorias?

De que successo se trata?

— Vovó, nós vamos publicar uma revista onde diremos tudo o que sabemos, todos os segredos alheios.

— Sim, senhor, tudo o que soubermos, doa a quem doer.

— Muito bem! muito bem! Vocês publicam a revista, e eu forneço o papel, os typos e um pequeno prelo.

— Sim? exclamaram os dois ao mesmo tempo.

— Sim, meus filhos — respondeu aquelle homem que estendia a sua paternidade a todos os amigos de sua filha.

Elle tambem já redigira um periodico na sua infancia, e conhecia as docuras e incentivos dessas illusões que encorajam a meninice para maiores empresas. Depois de reafirmar o seu offerecimento, encaminhou-se, rindo, para a sala onde annunciou, encaminhou-se, rindo.

A mamã de Fidelin, com uma satisfação de mãe orgulhosa de seu filho, falou:

— Ha dias já que ouço aos meninos essas questões de revista.

— Coisas de creanças — accerscentou a avó de Alice, como a querer justificar a inutilidade da empresa com a puerilidade dos autores.

Na sala de jantar ia ardente a discussão entre os dois. O periódico estava feito. Chamar-se-ia "O Segredo"! Com tal padrinho, já não havia lugar para duvidar. Fidelin, ao tirar do bolso inotação da jaqueta uma carteirinha para fazer umas anotações relativas ao caso, deixou cair um retratinho seu, que ficou esquecido sobre a mesa. Alice notou-o. Mirou-o attentamente, sem chamar attenção do seu amiguinho distraído, e, depois de olhar em torno, collocou o cotovelo sobre o retrato, dissimuladamente, e pouco a pouco o foi attrahindo para si até empalmal-o. Escondeu-o habilmente no seio. E continuaram a conversar. A's dez horas da noite a voz rouca do avô veio annunciar-lhes que as vizitas se preparavam para retirar-se.

— Vamos a ver, vamos a ver essa revista! — disse o pae de Fidelin quando ambos entraram na sala.

As duas creanças olhavam-se alegremente.

— Pois boas noites, senhores periodistas — falou, envolvendo-os num abraço carinhoso, a avó de Alice.

IV

Naquelle noite Alice teve uns sonhos muito exquísitos. Via-se numa gondola de madreperola toda incrustada de rubis, esmeraldas e outras gemas preciosas, deslisando suavemente á flor de um lago cujo fundo era a concha azul do céu invertida. Além dos lindos peixinhos dourados que pareciam flexas de luz fulgindo em torno da gondola, avia maravilhosas espalmanas em cima as plumagens multicores, cruzando de uma margem á outra, illuminadas por um sol pallido. Tudo em redor era bello. A paizagem tinha um verde tão brilhante, como se cada folha fosse envernizada. Mas ella começou a sentir muita fome. Não faltavam arvores carregadas de frutas bordando as margens do lago. Havia frutas de todas as cores e tamanhos, e o seu sabor se fazia adivinhar pelo aroma que exhalavam. Para as colher, não precisava senão remar para alcançar a margem. Mas o remo fluctuava na agua, á distancia do seu braço. Teve séde. Quando tentou pôr a mão na agua para a recolher e a beber em goles, recuou-a com medo dos peixinhos, que ameaçavam para ella, aggressivos. Os peixinhos afastavam-se; então, batendo as mãos n'agua, á falta de remo, conseguiu dirigir o bote, para outra margem. Mas, ah!, um grupo de meninos, armados de flexas, apontava para ella, obrigando-a a tomar outra direcção. Todos esses meninos tinham azas nas costas, e eram eguaes aos cupidiños que ella já tinha visto nos livros illustrados. Os cupidiños, abrindo as azas, voaram para ella, atirando-lhe flexas. Alice, desesperada, sentiu que uma

flexa lhe atravessou o coração. A dor foi tão grande, que a obrigou a soltar um grito estridente.

— Alice! Alice! Estás com pesadelo?

Alice saltou da cama e foi correndo para a cama da vovó, mettendo-se entre as cobertas, toda encolhidinha de medo.

— A causa do pesadelo — disse a velha — foi essa historia da revista. Creança a fazer jornal! Que coisa disparatada!

A essa recordação do jornal, occorreu-lhe o retratinho de Fidelin, e o seu coração começou a bater como o de uma pomba assustada.

Fidelin, á sua parte, não teve sonho nenhum, mas acordou-se tres ou quatro vezes durante a noite, pensando que já era manhã. Estava impaciente por que chegasse o dia. Quanta coisa tinha elle de fazer! As lições não o preocupavam, mas a revista, o programma a traçar, os artigos a escrever, tudo isso mal lhe deu

tempo para dormir. Por fim levantou-se. Partiu para o collegio mais cedo que de costume, para annunciar aos seus amigos e compañeros de redacção, que já tinha pelo machina, papel e outros utensilios typographicos. Inutil dizer que essa noticia fez sensação. Foi um verdadeiro dia de festa, e festa estrepitosa!

Á tarde, apresentaram-se na casa de Fidelin uns oito ou dez colleguirhas, uns serios, compenetrados, outros ruidosos e travessos, mas todos animados pelo mesmo ideal.

— Bem, — começou Fidelin — tenho tudo para começar a revista. O nome será "O Segredo". É um nome excellente, porque não ha periodico que se chame assim. Demais, vamos publicar os segredos de todo mundo.

Depois de uns breves e eloquentes commentarios, Fidelin annunciou em voz alta:

— Vamos ver quem será o presidente.

— Claro está que é elle! exclamou um dos petizes.

— Sim! sim! concordaram os outros.

Apuradas as coisas, sahio Fidelin presidente e um tal Chiquinho, secretario. Os outros foram nomeados redactores, auxiliares de redacção e reporters.

— Vocês sabem que o nosso programma é publicar todas as coisas secretas?

— Pois claro! Para isso é que somos redactores d'"O Segredo".

— Aguce bem o ouvido em sua casa, para que ouça bem e possa trazer-me novidades, recommendou Fidelin a um fedelho, estendendo a sua recommendação a todos os demais.

— Ah! sim! — gritou um — ouvi hoje a mamãe dizer



Enquanto Alice se retirava, mal-humorada, Rosalinda disse o segredo ao ouvido de Fidelin.

á creada, em voz baixa para que papae não a ouvísse, que outra vez que ella entre com flores, será despedida.
— Ah! outra noticia mamãe despediu a Josepha porque não sahia do escriptorio de papá, a varrer, a limpar o pó, que nunca acabava! E... essas coisas nunca saem nos jornaes.

— Ah! vociferou um outro, um rapazito de dez annos, muito magro e com voz esgançada — titio hoje passou uma grossa descompostura em tia Amelia, porque tia Amelia não soube explicar quem lhe deu um frasco de perfume que estava escondido atraz do toucador.
— Pois naturalmente que teremos noticias — affirmou o presidente.

— Bem. E quantos numeros vamos mandar vender pelas ruas?

— Uns... cincoenta, não?

— E quanto caberá a cada um?

— Uns trezentos réis! — respondeu o secretario, que já tinha feito o calculo. — A revista se vende a tostão. Os vendedores ganham dois vintens em cada numero, e o resto, dividido entre nós, dá exactamente trezentos réis para cada um.

— Mas nós temos o numero de graça... Son-os os redactores.

— Pois de certo!

— Alguns dias depois estava redigido e impresso "O Segredo", que, no domingo seguinte, foi apregoado pelas ruas do arrabalde. Nas primeiras horas ninguem se importou com elle. Mas um menino, que o leu por acaso, mostrou-o ao pae; este, escandalisado, andou a mostrar-o a outras pessoas, ao pharmaceutico, ao agente do correio, ao director do grupo escolar... Tres dos redactores apanharam uma sóva tremenda, e juraram nunca mais se metter em coisas d'"O Segredo".

V

A irmã de um dos redactores teve um ataque em consequencia de uma noticia, que dizia assim: "Eu estava escondido atraz do reposteiro e ouvi minha irmã Candoca dizer ao seu noivo que tinham que casar-se logo porque a mamãe não estava mais disposta a aturar namoros em casa". E o noticiarista assignava muito arrogantemente: "Manoclitto".

Todo o bairro soube do escandalo.

Manoelito recebeu uma forte reprehensão dos paes e um puxão de orelhas do futuro cunhado.

Outra noticia: "Descobri um segredo importante. Papae e mamãe, quando recebem vizitas, estão sempre separados; mas quando estão sós, andam sempre juntinhos e de mãos dadas. Papae quando fala com mamãe, faz vozinha de creança; mas perto de vizita, fala com voz grossa.

Quem escreveu esta noticia não foi castigado porque teve a prudencia de não assignal-a.

Emfim, o periodico, que era hebdomadario, sahio tres domingos consecutivos, produzindo escandalos em todas as casas, de tal modo que muitos chefes de familia tiveram de intervir no sentido de sustar-lhe a publicação. Tudo foi inutil. Mas, a verdade é que todos os auxiliares da redacção, com medo das consequencias, retiraram, ficando apenas em campo Fidelin e Chiquito. Sobre os hombros destes é que recahia toda a responsabilidade, e elles tambem, receando as consequencias, trataram de attenuar o programma, publicando apenas noticias mais ou menos ingenuas e inoffensivas. Entretanto, apesar da modificação, a revista continuava a publicar coisas secretas, não como antes, mas discretamente veladas, de modo a não comprometter a redacção nem as pessoas envolvidas nas noticias.

VI

Ao cabo de tres mezes "O Segredo" tornou-se famoso no bairro. Dos cincoenta exemplares que se tiravam, passou a cem, a cento e vinte... Fidelin e Chiquinho não tinham mãos a medir. As familias do bairro esperavam o domingo para ler o jornalico, com ansiedade ás vezes. Reportagem não faltava aos dois jornalistas. De toda parte lhes vinha, em fórma de cartas anonymas.

Elles escolhiam as noticias, recusavam as que lhes pareciam grosseiras, attenuavam algumas, ampliavam outras, e assim iam elles ganhando o gosto pela profissão.

Quando não recebiam noticias interessantes, que diziam respeito á vida alheia, iam elles proprios buscá-las, trepando aos muros dos vizinhos para surpreender intimidades; para descobrir segredos. Tornaram-se temidos em todo o bairro.

VII

Uma tarde, Fidelin e Chiquinho, que andavam, como sempre, de ouvido alerta e olho aberto, para "saber coisas", passaram em frente da casa de Alice. Esta estava conversando com Rosalinda, na varanda que dava para o jardim. Ellas, muito alegres e risonhas, convidaram-nos a entrar e a sentar-se com ellas ali. A conversação se entabulou logo a proposito d'"O Segredo".

— Estou muito aborrecida — disse Alice fazendo um arzinho de momo, que a tornava mais linda — porque depois que o auxiliei, eu com vovó, para que publicasse a revista, nunca mais você veio cá e nunca deixou que meu nome fosse publicado.

— A culpa não é minha, Alice, mas do seu avó, que me disse que não queria ver o nome da neta publicado no jornal. Elle tem razão. Eu tambem, como amigo que sou de você e pelo bem que quero ao seu avó, não gostaria de ver o seu nome publicado.

— Está bem. Desde que "O Segredo" deixe de ser um jornal indiscreto e vovó consinta, você deixa que eu publique umas coisas?

— Deixo, sim — falou Fidelin com um olhar carinhoso para a sua formosa amigainha.

Rosalinda, que até então estivera calada, falou tambem:

— Pois eu, que sempre li "O Segredo", ainda não encontrei nelle uma noticia interessante. Sim, porque que importa a mim saber os segredos da gente grande? Que me importa saber que d. Fulana despediu a creada, que Sicrano e Beltrano não se casam mais, que dois namorados estão de arrufos, que o pharmaceutico, quando está doente, vae comprar drogas em outra pharmacia? Tudo isso são noticias sem importancia. "O Segredo" seria mais interessante se publicasse segredos dos seus proprios redactores e de toda gente meuda da nossa idade. Isso sim.

— Pois nós tambem damos noticias da gente meuda — contestou Fidelin com certo azedume.

— Ora! que noticias! umas sem savorias! disse Rosalinda, sacudindo os hombros.

Rosalinda, depois, com um olhar malicioso:

— Eu é que sei de um segredo...

— Qual? qual? — interrogaram ao mesmo tempo Fidelin e Chiquinho.

— Um segredo importantissimo.

Depois de uma pausa:

— Bem, mas, como é realmente um segredo, eu quero que Alice se retire para eu dizel-o só a vocês.

Alice levantou-se e foi encostar-se á grade da varanda, enquanto Chiquinho tirou do bolso um caderninho para tomar os apontamentos. Alice, á distancia, fingia indifferença, mas, no fundo, estava seriamente amuada.

— Póde guardar o seu caderno, chiquinho, porque o segredo é só para Fidelin. Afaste-se um pouco.

E enquanto Chiquinho, com um gesto de desdem, aguçava o ouvido para apanhar algumas palavras, Rosalinda, pondo a mão em concha na bocca e approximando-a da orelha direita de Fidelin, falou:

— Amanhã, na aula de geographia, entregarei a você um livro... nesse livro está uma carta de Alice, que é um verdadeiro segredo.

Estas palavras dizia-as ella tão baixinho, que teve de repetir para que Fidelin ouvisse. Este, quando percebeu bem, ficou radiante de alegria e começou a bater palmas.

— Muito bem! muito bem! — foi a sua exclamação. Quando Alice se reuniu ao grupo, tinha no rosto uma

expressão de enfado. Chiquinho também estava calado e aborrecido.

Pouco depois dissolveu-se o grupo.

VII

No outro dia, no collegio, Fidelin não fez outra coisa senão buscar oportunidade para se encontrar com Rosalinda, para que esta lhe passasse o livro. E assim foi. Rosalinda, em certo momento, deu-lhe um livro, que elle recebeu fingindo uma indifferença glacial.

Que surpresa! que segredo! Aquillo, sim, era um segredo digno de ser publicado, porque tinha todos os caracteres de um mysterio... Mas... a quem se referia Alice na carta? pensava elle. Na verdade, aquillo não eram manifestações de um affecto, de um amor... eram coisas que faziam no coração e queriam florescer nos labios como uma primavera de illusões; segredos presentidos pela alma, emanações mysteriosas de um mun-

apprehensivo. Mas Fidelin sentia a necessidade de vencer aquelles escrúpulos, por amor do proprio programma. A carta tinha de ser publicada, sobretudo porque era o segredo mais secreto de quantos lhe tinham cahido nas mãos.

Enquanto no espirito de Fidelin se debatiam estas questões entre a sua consciencia e o seu dever, consciencia, que o obrigava a guardar a carta, e dever, que o forçava a publical-a. Alice e Rosalinda empenhavam-se numa briga renhida. Rosalinda, dando-se ares superiores, alardeava, deante de Alice e de outras meninas, que ella também cooperava com segredos para a publicação da revista.

Alice, que a ouviu, respondeu-lhe ao pé da letra, também a sua intriga:

— A mim me parece que Fidelin não necessita do teu auxilio... Agora... se te referes ao Chiquinho... esse não pôde passar sem ti.

E ria, ria de riso desafinado, que lhe sacudia a cabeça e os hombros.



Não abra a medalha, pelo amor de Deus!

do desconhecido, o amor emfim, apenas balbuciado, mas já ardente...

Fidelin lia e relia a carta e comprehendia que aquillo era um grande segredo, um segredo tão fundo, que elle não podia decifrar. Entretanto, tinha esperanza de colher mais algumas informações, informações mais claras, mais precisas, para bordar nos commentarios em torno da carta ou para descobrir quem era o feliz galã daquella secreta aventura...

Elle estava ansioso por saber toda a verdade. Era claro que se tratava de um namorado. Quem seria elle? Uma das linhas dizia assim: "...eu quizera ser uma açucena do teu jardim para florir deante da tua janella..."

"Janella de que? — indagava, com os seus botões, Fidelin...

Entretanto, Fidelin não divulgou logo a noticia. Escondeu-a de Chiquinho, apezar da insistencia deste em sabel-a. Elle teve receio de publical-a, não só por um certo respeito que a sua amiguinha lhe inspirara, como porque ella era uma das proprietarias do jornalco. Se publicasse a nota, poderia magoal-a, e isso deixou-o muito

— Não, não me refiro a Fidelin! — contestava-lhe Rosalinda, com a voz sibilante.

— Pois te repito que Fidelin não precisa de ti nem da tua ajuda. Disso sei eu melhor que tu... melhor que ninguém!

— Ah! sim? pois a coisa é essa? — retrucou Rosalinda dando um passo á frente numa attitude de aggressão — Pois então vou ser franca. Até agora tenho tido umas considerações contigo, nem sei mesmo porque, mas agora a coisa fia mais fino. Vou ser franca, vou escarrar a verdade na tua lata! Vou dizer tudo!

— Pois diga, "sua" boba! provocou Alice, pallida, recendo alguma imprudencia.

— Está em poder de Fidelin uma carta de uma menina, que "quizera ser uma açucena para florir de baixo de uma certa janella"... E dizer que não tenho ajudado Fidelin!

— Atrevida! atrevida!

Mas Alice não pôde dizer mais nada. A voz embargou-se-lhe na garganta e as lagrimas empanaram-lhe os olhos. Com vergonha de ser surpreendida a cho-

rar, voltou as costas e deitou a correr. Em caminho lembrou-se de ir para casa e contar ao vovô aquelle atrevimento de Rosalinda. Mas, ao mesmo tempo, occorreu-lhe que lhe faltaria a coragem para dizer ao avô aquellas coisas, que ella, a si propria, não confessava com clareza...

Como ella se sentia humilhada! Foi esse o seu primeiro disabor na vida. E a vida, nesse momento, pareceu-lhe tão amarga!

Alice tinha, de facto, um segredo, mas era um segredo em que ella não queria que se bulisse e que considerava differente de todos os demais, por ser só seu, por ser profundamente intimo. De repente, porém, sentiu que o seu coração se alliviava, acalmado por um grande consolo, pois lembrou-lhe que na tal carta não havia referencia a ninguem, a nenhuma pessoa determinada. Assim pois, pensou que Fidelin nunca saberia do seu segredo, e, como tinha certa ascendencia sobre elle, era-lhe facil obter de novo, a carta.

Sem mais reflectir, dirigiu-se para a casa de Fidelin e penetrou resolutamente na salinha, que fazia ás vezes de officina e redacção. Sem um gesto de saudação, approximou-se de Fidelin, que estava sentado á mesa a escrever um "artigo de fundo", e falou-lhe com a voz muito tremula:

— Dê-me a carta que lhe deu a Rosalinda!

— Que carta? — perguntou o menino, olhando-a de um modo que o trahia — Que historia de carta é essa?

Ella, porém, sem dizer mais nada, agarrou-o com a mão esquerda e tentou metter a direita no bolso interno do seu casaco onde suppunha devia estar a carta. Fidelin oppoz-lhe uma moderada resistencia, e conseguiu,

embora com algum esforço, abotoar o casaco. Alice, vendo que estava frustrado o seu intento, olhou para o pequeno prelo e atirou-se a elle para o dismantelar e empastelar os typos Chiquinho teve tempo de impedir-lhe o gesto, segurando-a pela cintura, enquanto Fidelin, temendo algum fracasso, levou para outro commodo o pequenino prelo e as caixas de typos, fechando-o e tirando a chave. Mas aconteceu que, enquanto Chiquinho a mantinha presa pela cintura, rompeu-se a corrente de ouro que ella trazia ao pescoço, indo rolar aos pés de Fidelin. Este abaixou-se para a apanhar, enquanto a menina gritava, desesperada, para salvar tambem da curiosidade de Fidelin, aquelle novo segredo.

— Não abra a medalha! Pelo amor de Deus! — gritou.

Fidelin nem cuidava de abrir a medalha, mas, como ella, ao cahir, se abriu por si mesma, elle olhou-a e viu o seu proprio retrato colado no fundo de ouro. Contemplou-o um segundo, sorriu, empallideceu, e, tirando do bolso a carta, entregou-a a Alice juntamente com a corrente, dizendo:

— Alice, tudo isso é seu...

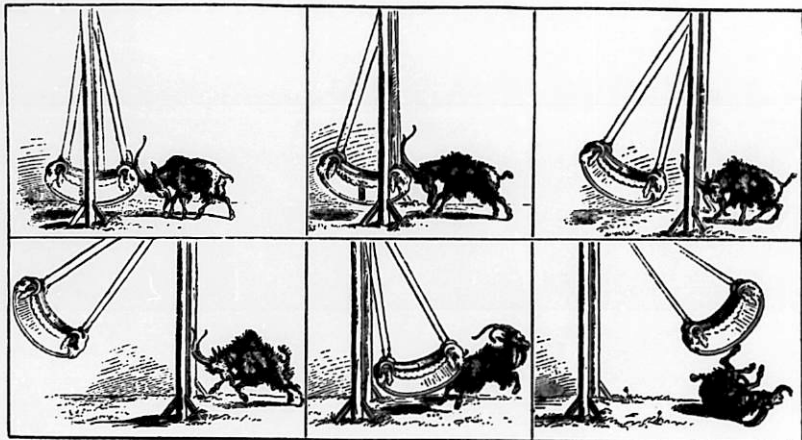
A linda menina, ainda córada do esforço que fizera, apertou entre as suas mãosinhas aquelles objectos preciosos, com receio de os perder. E ao sahir daquella casa, parou ainda á porta, e ali, acariciando a carta contra o seio, falou baixinho, pensando que estava só:

— Este é o meu segredo!

— E o meu! falou uma voz tremula atraz della.

A. M. VILLAMIL

O BODE E O BALOIÇO



O bode é o mais teimoso dos animaes. Vive a dar cabeçadas, o que o approxima de certa especie de homens, que só dão cabeçadas na vida. Enquanto, porém, estes não se corrigem nunca, o bode, por meio do processo acima, corrige-se para sempre...

O riso é proprio do homem

O rir é um verdadeiro dom de Deus. O rir faz bem sempre, diz o proverbio, e, realmente, a alegria, fonte do riso, é o balsamo da vida.

Rabelais já o dissera: "O riso é proprio do homem". Pestalozzi affirmou tambem: é dado ao homem exprimir a sua alegria; mas os homens abusam de tudo; elles corromperam até esse dom celestial.

- O sorriso de um malvado é horrivel como sua alma.
- O sorriso da doida é triste como a sua loucura.
- O sorriso que esboça o maroto é tão maroto como elle o é.

Não confies, disse Levater, no homem que nunca viste sorrir de boa mente. Com effeito, se o riso é ingenuo, prova tranquillidade de consciencia, a bondade e felicidade de espirito dos que sorriem, que juizo devemos fazer dos que assim não procedem?

— O riso deve ser moderado, para que elle se não desvirtue.

— Todavia, boas mães, não temaes que vossos filhos riam immoderadamente; é preferivel deixal-os rir do que perderem o habito do riso.

Isso será um facto que prova fraqueza das facultades physicas e moraes.

Será, sem duvida, um grande mal, não sómente em si, mas tambem poderá ser proveniente d'uma desordem continua e de males consideraveis.

— Si amais vossos filhos conserval-os alegres, porquanto o seu sorriso é um sorriso innocente.

— Ah! quantos meios não ha para os destrahir!

Deve-se afastal-os dos brinquedos inconvenientes e dar-lhes diversões agradaveis. Tendes os honhons, brinco e todas as atracções de bom grado; é uma arte, arte sem consistencia, sem regra fixa e destituida de logica que irá porém sempre lhes modificando os instinctos.

Esses meios são facéis e simples: a pureza do ar; a simplicidade da contrição; os movimentos naturaes necessarios á saude, nunca reprimidos e raramente excitados — as forças empregadas conforme se fizer mistér e nunca exaggeradas.

Eis, bondosas mães, como deveis conservar a alegria, o sorriso e as côres bellas dos filhinhos.

Eis como virão a ser homens bem constituídos de corpo e alma.

— Mães: pensae bem na profanação, no innominavel crime que commetteis, quando reprimirdes as expansões de uma innocente alegria, cujos germens sagrados destruis!

Ficaes scientes de que na infancia nunca se desvia a expansão duma alegria ingenua e jamais os labios rforiraram em sorrisos abertos de malicia ou parvoice.

Feliz o homem cuja candida alegria não tem sido alterada. A vida ser-lhe-á uma perenne alegria.

Mas é necessario conservar a alegria primitiva. Não se pôde fazel-a renascer; é o sal da seiva mas se esse sal não tem sabor, como será a seiva?

A Pestalozzi se deve a creação da pedagogia moderna, tendo sido o autor de quasi todas as innovações introduzidas, após centenares de annos, no ensino.

Como todos os seus mais eminentes predecessores, diz Charles Dollfus, Pestalozzi preoccupa-se — menos de armazenar, a todo transe, noções no espirito, assim convertido em uma especie de bazar cerebral, onde todas as coisas estão dispostas umas após outras; sem outra ligação entre si a não ser uma memoria incerta, chamada a presidir este chaos decorado com o nome de sciencia.

O seu cuidado é, antes de tudo, augmentar de intensidade a força intellectual e moral do homem. O que elle quer não é *enriquecer* o espirito de conhecimentos variados, mas justificar-o, procurando, sem o fatigar, alimentar-o naturalmente, dando-lhe de beber nas proprias fontes da vida.

Elle não se occupa em ornar a intelligencia, mas de fixal-a e desenvolver-a: os espiritos não devem regorgitar de superfluidades, nem ter falta do necessario. O calculo, o desenho, as sciencias naturaes, o estudo das linguas não os considera no seu aspecto restricto. A religião não é um fim, ella é um agente necessario á crianca para a sua cultura moral, para o desenvolvimento da consciencia e o estabelecimento da vontade na justiça.

Os intuitos que guiam Pestalozzi são, numa palavra, para o desenvolvimento natural do espirito, do coração, da vontade orientada para o bem. Um homem assim formado estará apto, — entrando na grande e severa escola da vida pratica, — a obter os especiaes conhecimentos necessarios á sua profissão e será, graças a esta primeira base, em quaesquer emergencias em que o colloque o destino, um trabalhador sensato, moralmente são, util a si e aos demais.

Quando menino, Pestalozzi era rachitico, feio, cheio de achaques, impressionavel, timido, scismador; quasi sempre ficava retido em casa, diz Charles Simond, por não usar as suas roupas e sapatos. Por essa fórma, habituou-se, desde cedo, a viver reconcentrado e a viver só pelo coração e pelo pensamento. Na escola, estava quasi sempre distraido, mergulhado em suas reflexões, indifferente ás lições da classe, que em absoluto não lhe interessavam. Mas, em compensação, elle encontrava no lar domestico e na familia ensinamentos que deviam produzir



Difficil dilema...

seus fructos. As férias passava-as em casa de seu avô materno em uma povoação nas proximidades de Zurich. Lá, elle se entretinha a visitar os pobres, os enfermos e taes espectaculos offereciam-lhe um alimento á sua meditação, á compaixão pelos infelizes e indigentes.

Sua bóa mãe, uma velha criada, um digno ancião, — diz um dos seus biographos, — foram os seus primeiros amigos, e mais de uma vez em sua existência, estas tres doces figuras surgiram em sua mente; as impressões das crianças vão se encontrar, de novo, nos pensamentos do homem, e as suas primeiras emoções são as recordações mais duradouras. Ella teve o conhecimento da eminente dignidade das mães, amando a sua; junto della, comprehendeu, a influencia benefica do lar domestico; elle se persuadiu de que o primeiro ensinamento do homem deve descer em seu coração do coração e dos labios de sua mãe.

Na pobre Babeli, sua fiel criada, elle respeitou a mulher do povo, nobilitada pela fé e pela dedicação.

O exemplo de seu avô fel-o convencer-se quão necessaria era a reforma dos homens, não desesperando de tal anhelos.

Confiar ás mães a sua missão, dignificar o lar domestico, amar o povo, respeitar a humanidade, dedicar-se ao seu aperfeiçoamento, estar convencido de o conseguir, — eis toda a sua vida.

As mães encontrarão uteis ensinamentos na obra deste illustre personagem, principalmente no *Livro das mães e Como Gertrudes educou seus filhos*.

No capitulo *A vista*, diz:

"Approximae a criança do objecto que lhe desperta a attenção e que mais a attrahe; fazei-a revêr aquillo que mais lhe agrada vêr; procuree entre tudo quanto estiver ao vosso alcance no jardim, em casa, no campo e na matta, os objectos que, pela sua cor, fórma, movimentos e brilho, estão mais em relação com aquelle objecto favorito; ponde-os junto ao seu berço, sobre a mesa onde o fazeis comer."

E' ainda necessario que este objecto seja assediado e si se trata de animaes eães, gatos, ou passaros, convem telos á distancia.

Não se vá suppr que a nossa gravura representando um petiz dando de comer a um gato pela colher que levará, em seguida, á sua bocca, seja um exemplo aconselhavel. Nada disso.

"Deve-se deixar, — falla Pestalozzi — á criança o cuidado de examinar, a seu modo, as propriedades dos objectos: — como fenecem e desaparecem, como se os reproduz, pondo flores novas no vaso onde outras flores mur-

charam, chamando o gato ou o cachorrinho que se vae, levantando o brinquedo que cêe.

"Uma coisa, porém — attentae hem para isto, jovens mães, — é essencialissima: — que os vossos fillos vos prefiram a tudo o mais; que os seus mais ternos sorrisos, que as suas mais vivas expansões sejam PARA VÓS SÓ, e que, tambem, por vossa vez, não deveis preferir ninguem a elle.

"A natureza clama por que deveis, vós mesmas, cuidar de vosso fillo; não o abandonéis a mãos extranhas. Haverá quem possa substituir uma mãe?

"E' para vós que devem desenvolver-se nelle os germens do amor, da gratidão e da confiança.

"Mulheres encontrareis gozos mais suaves.

"O primeiro dos vossos deveres é saber experimentar os supremos gozos.

"Mães, — cuidae de vossos fillos. Eu teria vergonha de vos dizer: — amae-os. Mas repito: vaeae por elles com uma attenção invariavel.

"A Providencia começa a dirigi-los desde o instante em que os seus olhos se abrem; — não tardeis a secundar a Providencia."

*** A maneira de dar vale mais do que aquillo que se dá — diz um proverbio.

Disso nos fornece Pestalozzi a prova no curto dialogo entre uma pequena fiandeira que tem fome e um menino que lhe offerece um pedaço de pão.

O pequeno Jonas rondava a casa de Miguel até que Babeli, vendo-o, desceu para brincarem juntos.

Babeli — Que fazeis tu, Jonas?

Jonas — Eu desejava mostrar-lhe um bonito brinquedo, Babeli.

Babeli — Muito bem; então brinquemos.

Jonas — Se tu fizeres o que eu te disser, verás como isto é engraçado.

Babeli — Muito bem, vejamos.

Jonas—E' necessario que abras a bocca e fechas os olhos.

Babeli — Sim, tu queres pôr-me na bocca qualquer cousa salgada, não é?

Jonas — Não, absolutamente. Juro.

Babeli — Pois, sim. Mas, se me enganares, verás...

Jonas — Oh! tu não fechas os olhos já? Então, não brinco mais.

A pequena cerrou as palpebras e abriu a bocca, e Jonas mettu-lhe um pedaço de gostoso pão, sabindo, depois a correr.

— Ah! como isto é bom! exclamou Babeli.

E sentou-se para saborear o pão.



Não se vá suppr seja um exemplo aconselhavel.

O principe Pim-pim

(Conto para creança)

Antigamente, no velho imperio celeste, na mysteriosa China, havia um imperador chamado Pim-pim primeiro, que tinha um filho, ainda menino, que, por ser filho de seu pae, claro está, se chamava Pim-pim segundo. O imperador era um homem de máo genio, que tinha mais gosto pelos perigos da guerra e façanhas arriscadas que pela direcção e bom governo das suas provincias. Por isso vivia sempre em luta com os reis vizinhos, gastando nessas campanhas o sangue dos seus soldados e a riqueza do thesouro publico.

Com essa conducta, espalhava o terror por toda a parte.

O principe Pim-pim segundo, filho de tal monstro, não se parecia com o autor dos seus dias.

Teve sempre uma indole mansa. Era muito bonzinho, e tinha um arzinho sempre triste. Sua caridade para com os pobres, sua bondade para com os fracos, seu gesto humilde e carinhoso, fizeram-n'o muito querido do seu povo, daquel-

le povo tão nobre quanto opprimido.

Assim, quando o principe Pim-pim ia ás festas imperiaes, todo o povo gritava: Viva o nosso principe! Viva Pim-pim segundo, o glorioso, o bom, o amigo dos pobres!

Pim-pim sorria, e seu palaquim se enchia de flores que de toda a parte cahiam sobre elle em chuva perfumosa. Os seus vassallos, ao vel-o passar, cobriam-n'o de bençãos.

O principe vivia sósinho num pavilhão afastado do palacio imperial, longe do bulicio da côrte. Era aquelle pavilhão um edificio de maravilhosa architectura, cheio de riqueza e bom gosto. Fôra construido com as mais ricas e cheirosas madeiras; as paredes eram revestidas de altos relevos de nacar e marfim, e dos telhados curvos para cima pendiam minusculas campainhas de ouro,

que vibravam alegres a qualquer sopro de vento.

O principe só tinha um amigo e confidente: um duende, rei das flores, dos passaros e dos insectos dos jardins imperiaes; um duende tão pequenino, que dormia numa casca de noz, se alimentava do pollen das flores e do orvalho das petalas.

Quando o principe sahia a passeio pelo seu jardim, as campainhas cantavam.:

Tin-tin, tin-tin!
Vae sahir Pim-pim!
Vem vel-o assim,
Rei do Jardim!

O duende então acudia ao seu encontro, levan-

do na mão direita uma varijna magica com que obraava verdadeiros prodigios. E alli, no jardim, o duende contava ao menino velhas lendas, dava-lhe profundas lições, ora de astronomia ou agricultura, ora de politica, ora de sciencias de go-

vernar povos. Porque o duendezinho era um grande sabio. Embora fosse eternamente moço, era inai velho que a mais velha arvore do Jardim, a qual, segundo affirmavam as chronicas dos archivos imperiaes, fôra plantada dez seculos antes. Por tudo isso, o amiguinho do principe era um sêr sobrenatural, conhecedor de todas as coisas da vida.

Emquanto Pim-pim escutava as lições e conselhos do duende, as flores, na sua linguagem desconhecida para os homens, iam dizendo:

— Bendito seja Pim-pim, que gosa o nosso aroma sem nos arrancar da haste!

E diziam as abelhas:

— Bendito seja Pim-pim, que respeita o mel dos nossos favos!

E os passaros gorgejavam:



Pim-pim sorria, e seu palaquim enchia-se de flores que cahiam de toda a parte...

— Bemdito seja Pim-pim, que nos dá arroz quando temos fome!

A estas bençams uniam-se as dos pobres, cantando:

— Bemdito seja Pim-pim, que dá pão aos mendigos que lhe batem à porta!

Certa vez Pim-pim primeiro, o máo, mandou chamar o filho, e encarando-o com uma carranca terrível, falou-lhe:

— Observo, com desgosto, príncipe, que te dedicas com mais frequência aos cuidados do teu jardim, ao estudo dos astros e ás obras de misericórdia, que á defeza das tuas provincias com tua espada e o teu escudo. Que será de ti quando occupares o throno?

— Senhor meu pae e imperador, — respondeu o menino — não ignoro como se embraça um escudo nem como se lança um dardo. Não temo a morte, mas amo a paz. Quando occupar o throno não desembainharei a minha espada sem razão nem a embainharei sem honra. Terei cuidado de que não falte pão e trabalho aos meus subditos e protegerei o fraco contra a violencia dos fortes.

— Ora, vae-te! Tu és fraco como uma mulher! — bradou Pim-pim primeiro.

— Está bem, — murmurou o outro, baixando os olhos ante os olhos colericos do pae.

E foi-se para o seu pavilhão, com seu duende, suas flores, seus passaros, seus insectos e seus pobres.

• • •

Ao cabo de algum tempo aconteceu o que forçosamente havia de acontecer: estando o imperador em

guerra com outro imperador de um poderoso estado vizinho, viu, por fim, seus exercitos destroçados, suas bandeiras abatidas e sua estrella eclipsada pela primeira vez. Nunca elle entrara em guerra que

não sahisse vencedor. Deante, pois, de tanta desventura, o velho imperador, não se resignando á derrota, abriu o ventre com sua propria espada de combate.

O vencedor, el-rei Chefu' terceiro entrou na capital do imperio, e depois de sentar-se no throno que pertencia á dynastia pim-pinica, mandou trazer á sua presença o príncipe herdeiro.

Pim-pim segundo apresentou-se-lhe vestido de luto, e emquanto esperava, quedou-se em attitude vacillante e nobre.

Chefú falou: — Príncipe Pim-pim, teu pae foi morto no campo de batalha. Quero que assignes a tua abdicção para consolidar o meu triumpho.

— Eu não posso renunciar, porque não me pertenço, e sim ao meu povo — disse o príncipe.



O velho imperador, não podendo resignar-se áquella derrota, abriu o ventre com a sua propria espada de combate



Pim-pim entregou a Chefu' aquellas roupas impárpaveis e maravilhosas

-- Ordenarei que te arranquem os olhos, te cortem a lingua e te submettam ás mais dolorosas torturas.

— Não cedo!

— É já que queres tanto aos teus subditos, mandarei prender os teus vassallos e destruirei o teu povo.

— Não digas mais, Chefú! Curvo-me á tua ameaça para salvar o meu povo.

Pim-pim segundo assignou a abdicação. Depois disso, foi encerrado numa alta torre de pedra, numa cella muito escura. Por todo alimento recebia elle um prato de arroz e um cantharo de agua.

Ao cabo de alguns mezes todo o povo da China suppunha que Pim-pim tivesse morrido.

□

Passou o inverno, que foi terrivel para o bom e infeliz principe. Chegou a primavera, cheia, do aroma das flores e do gorgoeio dos passaros. Pela janellinha da prisão entrou o sol, muito claro, e, com elle, os aromas e os gorgoeios dos jardins imperiaes. Pim-pim desfez-se em pranto ao recordar os seus dias felizes. As suas desventuras doiam-lhe tanto!

— Ai de mim! -- exclamou elle -- Quem haverá que me devolva a minha liberdade perdida! Será possível que todos se tenham esquecido de mim? Porque não nasci eu pobre aldeão e sim principe imperial?

— Ninguem se esqueceu de ti, -- disse o duende -- não acudi antes ao teu appello porque era inverno, e durante o inverno eu caio num lethargo de que não posso acordar. Hoje venho em teu soccorro.

— E tu, que podes fazer por mim, que nem força tens para levantar uma folhinha secca?

O duendesinho sorria.

— Minha força é a força da união e do numero, é a força do estudo e da constancia, é a força da sciencia, que, depois de Deus, tudo pode, porque Deus é a sciencia. D'aquí a instantes estarás livre. Até logo.

E sahii pela janellinha, voando com suas lindas e transparentes azas de borboleta. Minutos depois viu Pim-pim, com assombro, que milhões e milhões de formigas penetravam em sua cella, e grão a grão iam desfazendo o parapetto onde se fixavam os ferros da prisão. Depois entraram milhões e milhões de aranhas, que começaram a tecer com suas patinhas uma enorme rede ao pé da torre, para que pudese sustentar a queda de Pim-pim quando este se arrojasse do alto. E assim logrou elle a sua liberdade.

□

Começou então para Pim-pim uma vida miseravel. Tinha que ganhar o pão com o seu trabalho, exercendo as tarefas mais rudes. Como não tinha o habito de trabalhar, fatigava-se muito.

Ainda desta vez veio o duende em seu auxilio. O duende ponde, com sua varinha de condão, fazer a fortuna de Pim-pim. Não fez isso logo, porque queria experimentar a sua resignação.

Um dia em que Pim-pim passeava com seu carrinho a vender laranjas pelas ruas de Pekin, viu a uma das janellas uma moça muito linda, como nunca seus olhos tinham visto. Ficou tão pasmado a vel-a, que tropeçou no carro e espalhou as laranjas pela rua. Os garotos começaram a rir.

O principe sahii a correr em busca do duende e falou-lhe:

— Duendesinho querido, amo com loucura uma moça que vi á janella do palacio. Tem os olhos da cor das violetas, o cabelo da cor da noite, a pelle da cor da lua e as roupas da cor do céu. Quem é ella?

— E' a princeza Rubi. Seu pae ama-a com delirio, por ser sua unica filha, mas ella é muito desgraçada. E' delicada como uma flôr, fragil como a porcelana; de modo que todas as roupas a machucam. Porisso ella não pôde sahir do palacio nem apresentar-se nas festas da côrte. Seu pae prometteu a mão da formosa e linda princeza a quem possa inventar uma roupa tão macia, tão leve, tão vaporosa, que ella vista sem se magoar. Tua pois é a mão da princeza Rubi, porque eu vou fabricar para ti, meu principe, esse traje ideal. Olha.

O principe contemplou as arvores do jardim, em cujas folhas milhares de bichos teciam finissimos fias de seda.

Immediatamente, o duende, com todos estes fios, fez varios vestidos de diversas cores.

Pim-Pim apresentou-se no palacio e entregou a Chefú' aquellas roupas, impalpaveis como o ar delicadas como petalas, suaves como pennas de colibri, e obteve a mão da princeza Rubi.

Pim-Pim e Rubi casaram-se. O padrinho dos dois foi o duende, que organisou grandes festas em que tomaram parte as mais maravilhosas borboletas, as flores mais odorantes e os mais sonoros passarinhos. Pim-Pim foi feliz, reconquistou o seu reino, dedicando-se, como antes, a fazer a felicidade dos humildes, a proteger os fracos, a respeitar o povo das abelhas, a dar pão aos mendigos, beijos e gulodices ás creanças, a amar as flores e as aves.

□

Agora direis, meus petizes, que nada disto é verdade, que Pim-Pim, Chefú', Rubi e o duende nunca existiram. Bem sei, porque tudo isto é mentira, mas nesta pequena mentira podereis aprender muita coisa: que deveis ser sempre bons, caritativos e carinhos; que não se deve desprezar nunca o auxilio de ninguem, por mais pequeno e humilde que seja; que é sempre passageira a gloria cimentada no pranto dos fracos e no sangue do vencidos.

MARGARIDA LAURA



Regimen alimentar para creanças desmamadas!

Na primeira semana o melhor alimento ao almoço é sopas de leite, misturadas com agua; o pão deve ser ralado ou partido miúdo, escaldado primeiro com agua quente antes de se lhe deitar o leite por cima. Quando se dêr o leite sem agua (o que pôde ser na segunda semana) não deve ser fervido, mas só quente a lume brando ou em banho-maria; poderá tomar sopas de leite duas vezes ao dia, e uma vez sopas de caldo de carne. Da terceira semana por diante já se poderá dar arroz e farinhas alternando ou variando com caldo de carne, tendo sempre o maior cuidado de observar o effeito que cada comida nova produz no estomago e ventre da criança, afim de a suprimir por algum tempo no caso de produzir soltura, ou de não digerir bem. Os ovos são também bom alimento, ao principio só a gemma, e depois, quando o estomago se vae habituando a alimento mais forte, pode-se dar também a clara.

Em geral, as gorduras não convêm ás creanças até aos dois annos; a manteiga, que tão geralmente se lhes dá, principalmente em nosso paiz onde se pôde dizer que vivem de pão e manteiga, poderá ser permitida, mas com muita moderação.

O alimento deve variar segundo o estado do ven-

tre da creança, que nem sempre costuma ser regular mesmo em saúde. Se acontece, por exemplo, ter o ventre preso um ou dois dias, podem-se dar ao almoço e á ceia umas poucas de ameixas cozidas. Pelo contrario, se é sujeita a soltura, dê-se-lhe arroz cozido em caldo de frango ou de carne. A's creanças delicadas pode-se dar sagú, salepo ou arrow-root, mas com moderação.

As comidas devem-se dar a horas certas; não se consentirá que as creanças andem sempre a comer ou, como se diz, com o pão na mão. E' um grande erro dar-lhe grande quantidade de comida de cada

vez, com a idéa de as fortificar, e ainda maior deixal-as beber vinhos ou licores fortes. O excesso de nutrição é muito prejudicial.

E' um grande prejuizo acreditar que as creanças em tão tenra idade digereem mais depressa todos os alimentos que lhes dão, quando é o contrario; pois devem saber que não só o estomago é mais fraco, mais faltam ainda outros órgãos essenciaes, que apparecem e se desenvolvem mais tarde, e só então é que o estomago tem a força precisa para digerir essas comidas; as



O pequerrucho, entrando na phase dos alimentos mais substanciaes, exige ovos, liscoitos, papas, etc.

creanças alimentadas deste modo são as que apresentam mais evidentes signaes de debilidade. Desenvolvem-se mais, comendo pouco e a miúdo, do

REVISTA FEMININA

que muito de uma vez. Tudo aquillo que o estomago não pôde digerir é um verdadeiro veneno.



Este formoso petiz, João, por intermedio de seus paes, sr. Antonio Martins Pombal e d. Assumpta Martins, enviamos o seu retratinho. Nasceu nesta capital.

O leite de vacca é um bom alimento quando se lhes dá bem no estomago. Ha, porém, certas constituições e circunstancias em que a sua continuação não é proveitosa, e até pôde ser prejudicial. O medico determinará quaes são esses casos excepcionaes.

Até os dois annos não convem dar carne ás creanças. A sua principal comida deve ser pão, leite, caldo de carne e ovos; mas pode-se variar com



Este airoso menino, que se chama Eduardo, é, sem duvida, a flor dos petizes da sua cidade. Filho do sr. Augusto Cavalcante e de d. Anna de Jesus Cavalcante, nascido em Timbaúba, Pernambuco.

biscoitos, arros, fructa cosida, gelaes, e caldo de sagú, salepo, arrow-

root e tapioca. As batatas são pesadas demais para o estomago das creancinhas. Devem, porém, comer carne mais cedo as creanças que mostram disposição para doencas e debilidadade (taes como a typhica, escrófula, rachitismo, etc.): começarão pelo caldo, e depois chuparão o suc-



Natal é realmente a cidade das creanças excepcionaes e formosas. Este pequerrucho, Walter de Mello, filho do dr. José Gonçalves de Carvalho e de d. Mariannina Gentil de Mello, tem apenas 7 mezes e já pesa 10 kilos.

co da carne e, passado algum tempo, se experimentará se a carne se lhes dá bem no estomago, dando-as em pequenas quantidades, ao principio uma vez por semana, depois duas, e assim por diante, pouco a pouco, até que a comam todos os dias; tambem podem beber uma pequena porção de bom vinho misturado com agua. Mas observe-se com todo o



Este é o gracioso e intelligente Zénilo, filhinho do dr. Antonio de Queiroz e de d. Maria Eugenia Fernandes de Queiroz. Nasceu em S. Paulo.



Esta encantadora creança, de seis mezes, chama-se Maria de Lourdes e é filha do sr. Manoel dos Reis e de d. Maria de Lourdes Leite dos Reis, nascida em Natal, Rio Grande do Norte.



Esta é a linda Maria de Lourdes, nascida em Natal, Rio Grande do Norte, filha do sr. Maurillo Freire e de d. Francisca Freire.

cuidado se dessa qualidade de comida resulta febre, porque, nesse caso, augmentaria a debilidadade e frouxidão que se quer evitar.

Concurso para os petizes



COUPON

Nome

Domicílio

Cidade e Estado

Distribuição de 100 premios

Os pequenos e travessos leitores desta revista são convidados a colorir esta gravura, empregando, para isso, o processo que mais lhes convenha: — aguarella, lapis de côres, pastel, gouache, óleo, etc. Uma vez colorido o quadrosinho, devem destacal-o da pagina, juntamente com o coupon que vae em baixo, e remetel-o a esta redacção.

O concurso ficará aberto até 31 de Março, publicando-se o resultado no numero correspondente ao mez seguinte.

Cada menino ou menina poderá enviar a quantidade de quadros que quiser.

Os premios distribuidos aos vencedores são:

100 interessantes brinquedinhos,

o que importa dizer que são 100 premios.

Os premios podem ser retirados no mez de Abril, ficando elles á disposição dos concorrentes nesta redacção. Os concorrentes victoriosos, que não residem nesta Capital devem enviar a esta redacção 1\$000 réis em sellos ou em dinheiro para o registro dos objectos a lhes serem remettidos.

MEIO PRATICO E AGRADAVEL DE DESENVOLVER A INTELLIGENCIA DAS CREANÇAS

Os nossos patriciosinhos são, por via de regra, dotados de uma notavel intelligencia e de muita percepção. Ao lado delles, as creanças de outras nacionalidades, principalmente inglezas ou allemãs, parecem obtusas, incapazes de um gesto em que reve'em uma flagrante presenca de espirito. Extremanto, o que geralmente acontece é que os estrangeiros attingem o seu completo desenvolvimento intellectual e se dirigem com segurança na vida, enquanto os nossos patricios permanecem retardatarios e se mostram indecisos na lucha pela existencia. Isto faz crer a muita gente que, sendo mais lento no estrangeiro o desenvolvimento intellectual, torna-se porisso mesmo mais completo, e que a extrema precocidade dos nossos patriciosinhos é sempre negativa. Ora, nada disso é verdade. A verdade é que o europeu, como o americano do norte, possui uma organização esco'ar muito mais perleita, e quanto á victoria que elle obtem na luta da vida, depende da sua organização do trabalho, coisa que ainda não possuímos em nosso paiz. Muitas mães de familia patricias se queixam da falta de intelligencia dos seus filhos, ou, se não se queixam, mostram-se pessimistas quando observam o seu pouco adelantamento nos estudos. Ora, os nossos petizes, a não ser que sofram de qualquer enfermidade inhibitoria da intelligencia, são sempre intelligentes, e de-

monstram-n'o a cada passo, em seus conceitos, em suas observações, em suas travessuras. Se assim são elles, argutos, finos, vivazes, fóra da escola, porque na escola se hão de patentear hesitações e estupidos? A culpa não é delles, senão dos máos processos pedagogicos, dos máosapparelhos escolares, dos methodos errados, e a consequencia disso é o desinteresse das creanças, a repulção pelos estudos. Nenhum paiz civilisado está pedagogicamente tão mal apparelhado como o Brasil.

Dem ás nossas creanças livros interessantes, e verão como elles começarão a interessar-se pela litteratura. Dem-lhes, porém, os nossos livros escolares, principalmente os chamados de "educação cívica", e verão a má vontade com que ellas se entregam á leitura, e só fazem desatentas e por obrigação, o que leva as pobres mães a suppl-as estupidas.

O melhor livro para despertar a curiosidade dos petizes, a sua imaginação, a sua intelligencia e os seus lions instinctos, é a "Nova Seiva", esse magnifico livro de contos. E' um grande e luxuoso volume illustrado de numerosas e lindas gravuras, que se torna, desde logo, o encanto das creanças.

Vende-se nesta redacção por 5\$000. Pelo correio, registrado, 6\$000.

FRANCISCA JULIA

No dia 1 de Novembro falleceu em S. Paulo Francisca Julia, a maior poetisa da lingua e uma das mais legitimamente gloriosas da nossa raça.

Quando ella surgiu nas letras, ha uns trinta annos, todas as curiosidades se volveram para ella, porque ella revelou logo e de prompto, não as promessas que a li-



sonja da critica indigena espera dos talentos estreatos, mas uma arte quasi perfeita. Antes mesmo de ter publicados o seu primeiro livro de versos, já era apontada como uma artista completa. Quando foi da fundação da Academia Brasileira de Letras, Lucio de Alencastro, um dos seus fundadores, empenhou-se em incluí-la entre os quarenta membros d'aquella corporação, e se o não conseguiu foi porque da nossa Academia, organizada sob os auspícios da Academia Francesa, ficaram excluidas as mulheres.

Francisca Julia foi a precursora de uma arte nova para o Brasil, só depois della é que a corrente parnasiana, que ella iniciou, começou a conquistar proselytos. Outros poetas appareceram, eulhoes pela arte que ella creara, e muitos dellas conquistaram reputação e colheram glorias, mas nenhum a excedeu na variedade dos rythmos, na pureza da lingua, na serenidade e perfeição da forma. Isso disse-o tambem o critico João Ribeiro no prefacio com que abriu o seu livro de oitras, os "Marmoreas".

Francisca Julia publicou ainda as "Espinghas" e alguns volumes mais de litteratura didactica, alguns dos quaes em collaboração com seu irmão, dr. Julio Cesar da Silva, conhecido homem de letras.

Foi esposa exemplar e dotada das mais altas virtudes. Excessivamente modesta, parecia rebelar-se contra a sua propria popularidade, e viveu os seus ultimos annos no mais completo isolamento.

Viuva não chegou a chorar a sua viuvez, porque morreu algumas horas depois do seu esposo, o sr. Philadelpho Edmund Munster.

Á beira do seu tumulo, na tarde chovosa do dia 1 de Novembro, o illustre poeta sr. Cyro Costa fez este commovente discurso:

"Francisca Julia — Quando, hontem, na tristeza da tarde melancolla, souhe-mos, Francisca Julia, que havias cerrado os olhos para todo o sempre, ao ouvires a voz do céo que te chamava, — nós, os teus irmãos de Arte, os que sentirmos, na tarde, a graça da tua Bondade, a luz sagrada do teu Génio na obsecração da Belleza eterna, — mal pudéramos comprehender, no ancelo das almas em silencio, a angustia infinita que nos causava a tua morte...

E á quella hora nos recordámos, então, Francisca Julia, que viverias no esplendor dos "Marmoreas" que esculpiste; que ficarias como maren eterno de uma Geração de uma Escolla; que serias o mais bello symbolo da intellectualidade de um Povo e de uma Raça.

Viveste só. Quizeito viveste só. Na tua solidão erodora, rompestes, porém, um dia, de um só golpe o marmoreo d'isto dos teus Versos. E elles não ficaram estremecees, porque crearam a Belleza, a suprema Belleza que não morre.

"A sublimidade rompe a impassibilidade do marmoreo, eretto o collo, abre os labios da pedra e lança o grito do desespero pela bocca do Laocoono".

Nas veias dos teus "Marmoreas", Francisca Julia, corre o palpito o sangue de Prometheus. Nos teus sonetos palpitaes, na palpitação divina do teu Estro, forte digna irmã de Leconte, Gauthier, Heredia e Banville, porque, nas linhas inflexiveis da forma classica, imprimiste, com elles, plasticidade e harmonia, vibrção e Anagra. Modificaste todos os sons, Vitraste todas as notas. Espiritualizaste todas as côres.

E' que o caracter preponderante da tua Poesia, no dizer de João Ribeiro, "foi o amor da Belleza classica, tal qual a idealaram os helenos do Pericles — o sentimento abstracto e profundo do numero, do rythmo e da harmonia".

De feito, as tuas pupillas só se descerriam ás vibrações da luz.

Só abrias as mãos, Francisca Julia, para se desenharem, nitidas, todas as curvas.

A altura dos teus "marmoreas" reflecte, sob a pureza do céo, a juventude das divindades eternas, sorrindo na cruz da paiz.

Mas nós só desejamos, aqui, Francisca Julia, á beira do teu tumulo, dizer-te o nosso adeus, trazer-te as nossas lagrimas...

Morreste com a tua creença, Morreste com a tua fé, Morreste, opulenta, no orgulho da tua pobreza, Morreste com os accordes celestes da tua Lyra, que sempre foi a perenne exaltação de um grande sonho de Belleza!

Revererás, porém, Francisca Julia, na gloria de todo um Povo.

Exultarás, com a luz de Deus, na grandza da nossa Patria!

Ficará — atomo sonoro da consciencia universal onde tudo se dispersa, mas onde nada se perde — como a mais perfeita, a mais pura, a mais bella expressão da nossa Lingua!"

* * *

Francisca Julia teve, no inicio da carreira, o seu brilho de gloria bellissima que ella voluntariamente deixou empinar-se e apagar, tendo-se ella depois conservado na penumbra, da qual nunca emergiu. Dessa penumbra acalma de arrancada a morte.

O "Estado de S. Paulo", num artigo commovente, lançou a idéa de se lhe erigir num dos nossos cemitérios um mausoleo, não para perpetuar a memoria, que é impercível, mas como um tributo á artista incomparavel, e apellou então para as senhoras paulistas.

Na sessão da Camara dos Deputados Estaduales, realisada a 8 de Novembro, o dr. Freitas Valle, que é poeta como os que mais o são, mandou á mesa o seguinte requerimento, tambem assignado pelo dr. Julio Prestes, que é um dos nossos mais finos intellectuales:

"Requeremos que se inscreva na acta dos nossos trabalhos um voto de pesar pelo fallecimento de Francisca Julia da Silva, gloria de sua terra e de sua patria."

O sr. Freitas Valle submetteu tambem á consideração da Camara um projecto, pelo qual se autorisa o governo a construir, simples e modestamente embora, o tumulo que lembra a existencia da poetisa paulista, que, ha vinte annos, já era considerada uma gloria brasileira; e ainda que, para completar a homenagem que lhe é devida por S. Paulo, o governo mande imprimir, em volume, o admiravel estudo que, sobre a obra de Francisca Julia, publicou, tempos atraz, no "Correio Paulistano", o sr. Aristide Seixas.

Disse esse deputado que vem ainda emocionado das ultimas honnagens fúnebres que foram prestadas a Francisca Julia. Eram poucas, muito poucas, accrescenta o orador. Não quero censurar; limto-me a deplorar. A morte, é certo, egual a todos, mas, infelizmente a sociedade ainda distingue entre os mortos... E' preciso, entretanto, que quando, nas nossas necropolis, alguém quera procurar o nome de Francisca Julia, possa o Estado de S. Paulo, não com soberbia ou extremada orgulhosa, mas com dignidade, assignar qual é o posto em que ella repousa."

Na sessão do dia 4 do mez proximo passado da Academia Brasileira, o poeta Humberto de Campos pede um voto de pesar pela morte da grande poetisa paulista, e num breve discurso fez o elogio da gloriosa extincta, dizendo que, se a douta companhia, ao fumar-se, tivesse permitido o ingresso de mulheres no seu seio, a esta hora estaria com magua uma vaga almas.

O presidente da Academia fez inserir na acta a manifestação de pesar, depois de secundal-a com algumas palavras.

A iniciativa de se offerecer á Academia Brasileira um busto em bronze de Francisca Julia, para figurar numa das suas salas, não pertence sómente ao misorgado poeta Simões Filho, mas a um grupo de intellectuaes de que fez parte tambem a nossa saudosa e querida directora Virgínia de Souza Salles, que foi escolhida como thesaurera da commissão. O fallecimento de Simões Filho e pouco tempo depois de Virgínia Salles, fez fracassar a idéa.

A "Revista Feminina" lança agora outra idéa que, por certo, terá o acolhimento das senhoras paulistas, e que consiste em erigir-lhe numa das nossas praças publicas, uma herma, incumbida da sua execucao qualquer dos nossos artistas esculptores, Rolo, Julio Starace ou outro, ou ainda submitter a concursa os "maquetes" apresentadas. Advirtam as senhoras paulistas que Francisca Julia é uma gloria da raça, é uma gloria do sexo e principalmente uma gloria do seu Estado. Basta que, na alta sociedade paulista, a sãmbora tome essa iniciativa e é certo que outras a secundarão. Odiadas as primeiras quantias, o resto será facil, porque tudo depende do primeiro gesto.



Treguas ao Amor

A mulherzinha de Lourenço é encantadora. Não é uma figura rigorosamente perfeita de fôrmas, nem a sua beleza tem esse effeito theatral que impressiona á primeira vista. Nada disso. Mas as linhas do seu perfil têm um recorte energico e muito correcto, e os seus olhos, sobretudo, humidos e brilhantes, têm uma expressão de carinho e bondade. Quando ella olha, o seu olhar tem tanta intelligencia, que parece adivinhar até ao fundo o pensamento da pessoa.

Quando Lourenço se enamorou della, não lhe viu outra belleza, a principio, senão a dos olhos. Mais tarde é que observou que, além dos olhos e do olhar, possuia ella outras bellezas; e só depois de casado é que advertiu que todos os seus encantos physicos, embora grandes, eram muito menores que os encantos de sua alma, traduzidos a cada passo em gestos de bondade e dedicação.

Lourenço é tambem um moço apreciavel. E' um bohemio regenerado e capaz de fazer a felicidade da sua esposa.

Ha um anno e mezes que se casaram. Ella tem vinte annos, elle vinte e cinco. Querem-se muito, e tanto, que será difficil achar uma palavra do vocabulario amoroso que já não tenham dito entre si mais de mil vezes. Para falar verdade, exgotado o vocabulario, recorreram elles ao dialecto infantil dos diminutivos e á invenção de outras expressões enternecidas.

A proposito de qualquer coisa ou de coisa nenhuma, elles olham-se, começam a rir e renovam as ternuras.

A's vezes elle finge-se triste, só para ter o prazer de vel-a commovida e perguntar-lhe, já com os olhos humedecidos:

— Que tens, meu amor? Estás preocupado?

Não raro, elle leva esse jogo um pouco mais longe, mas tudo acaba em risos e carinhos.

Ha um anno e mezes, diziamos, que estão casados, um anno de paraíso, salvo, já se vê, os pequenos e inevitaveis aborrecimentos familiares. Depois desse anno, a mulherzinha se dispõe a fazer uma pequena surpresa ao marido. Essa surpresa tem tanta importancia para elle, que todo o resto do mundo lhe parece mesquinho. Para ella, nem se fale!

Thereza anciava por um filho. Lourenço não tinha pre-

ferencia. Não lhe importava menino ou menina, contanto que fosse bello e bom como a mãe.

— Ha de ser um menino, exclamou ella.

— Pois será.

E abraçaram-se os dois.

Depois disto, transcorreu o primeiro mez, passaram dois, tres, quatro... Lourenço não tinha mudado. Era o mesmo de antes, tão affavel, tão enamorado, tão ardoroso... Tão ardoso? Isso é que parece que não. Alguma coisa mudou nelle. Mas Thereza, apezar de o ter notado, considerava natural um pequeno retrahimento em seu esposo. Proseguiu, porisso, com alegria na confecção do lindo enxoval. Quando terminava uma touca, enfiava-lhe as fitas, e punha-se a namoral-a como se visse o futuro rostinho que ella devia emoldurar.

— Quando poderá dizer papae e mamãe? Eu quero que diga primeiro papae. E que nome lhe poremos?

— Não sei, não me occorre.

— A mim me occorrem tantos, que fico embaraçada na escolha. Eu quizera por-lhe o nome do teu pae, mas Salustiano é um nome tão comprido... e se fór menina o de tua mãe, mas Sebastiana é um nome que tem o defeito da extensão. Que dizes a isso?

— Pois escolhe outros.

— Quaes?

— Lá sei, filha! Não sou forte em nomes.

Thereza começa a notar que, toda vez que fala no filho, Lourenço manifesta um certo tedio.

— Lourenço, que tens?

— Eu?

— Sim, andas com uns modos de dias para cá... Aconteceu-te alguma coisa?

— Não aconteceu nada. Que tolice! Isso são imaginações.

— Não são imaginações, meu bem, tenho notado mudança em teu genio.

— Sim talvez... E nem é para menos. E' a tua propria situação que me deixa apprehensivo. Tu mesma deves comprehender-o.

Thereza, por bondade e receiosa de ser injusta em sua censura, corrige-se:

— Tens razão. Como te quero, Lourenço!

E abraça-o carinhosamente. Elle, porém, corresponde ao

carinho frouxamente. Ella, para distrahir a magua que isso lhe causa, entrega-se ás suas tarefas de costura e bordados. O enxoval vae ficar um primor.

Nasceu um menino, como ella queria, e levou para o Registro Civil o nome de Mario. Na escolha desse nome Lourenço não interveiu. Aceitou-o com indiferença.

Thereza, ainda fraca e excessivamente pallida, levantou-se do leito ao cabo de uma semana. Todas as horas do dia passava-as ao pé do berço, ajoelhada no tapete, a contemplar a criancinha. Não raro, fóra mesmo das horas da amamentação, tirava-a do berço para lhe communicar o calor do seu regaço. Lourenço propoz uma ama. Thereza, arregalando os olhos, oppoz-se.

— Uma ama! Que idéa!

— Sim, para te descançar...

— Não te lembras do que disse o medico? Que eu posso amamentar?

— Está bem, faz o que quizeres.

A differença que se operou no genio de Lourenço accentuava-se dia a dia. Ella, para o distrahir, propunha-lhe divertimentos.

— Vamos ao theatro? Ha tanto tempo que não sahimos juntos.

— Sim, mais tarde...

Um dia foi Lourenço quem lhe lembrou:

— Precisamos fazer uma visita ao dr. Leoncio. Recceio que elle e a mulher estejam resentidos conosco.

Nessa mesma tarde saíem os dois, com o pequeno e a menina que o leva.

□ □

Foi a primeira vez que Thereza sahio depois de seis mezes. Foram a pé. Lourenço, dissimuladamente, examinava a mulher de alto a baixo. Achava-a um pouco envelhecida. Parecia-lhe mais magra e mais alta.

Na casa do dr. Leoncio, durante a visita, a creança chorou tres vezes. Thereza, por fim, teve que desabotoar a blusa deante das pessoas e dar de mamar ao pequerrucho. Isso indignou Lourenço, que, não se animando a censural-a, lhe disse:

— Olha, Thereza, já são seis horas, e tenho ainda muita

coisa a fazer. Mas os donos da casa insistiram em que ficassem mais tempo e esperassem pelo jantar.

— Pois que fique a Thereza, porque eu tenho um compromisso ás sete horas.

E levantou-se, pedindo desculpas. Thereza resignou-se:

— Pois, vae, filho, e vem buscar-me ás nove.

— Sim, ás nove. O dr. Leoncio e a mulher notavam a mudança no caracter de Lourenço.

— O Lourenço anda meio exquisito...

Thereza abaixou os olhos.

— Ha muito tempo que elle anda assim?

— Ha já alguns mezes que está mudado.

A esposa do medico commentou:

— Como são os homens! Agora que devia estar contente com o seu filho, uma creança tão bella!

Thereza, meio ruborizada pela observação, acrescenta:

—E' coisa sem importancia. Elle mesmo me dirá o que ha. Estou segura que ha de ser coisa de nada. Sentaram-se á mesa. A conversa tomou outro rumo.

Lourenço voltou ás nove em ponto. Thereza já estava prompta para sahir.

Logo que elle entrou, ella se poz de pé. Sob a incidencia do fôco electrico, muito alta, muito airosa, de uma brancura espiritual, Thereza apparecia-lhe radiante de uma belleza nova. A sua attitude tinha uma alta distincção que elle até então não lhe notara. Thereza esperou-o em pé, um pouco risonha, e recebeu-lhe ter uma magestade que elle nunca vira em mulher nenhuma.

Como adivinhou Thereza pelo caminho que seu marido tinha pressa em chegar á casa? Adivinhou-o e estugou o passo.

Uma vez em casa, depois de deitado o menino, Lourenço, que acompanhava a mulher em todos os seus passos e gestos, falou-lhe:

—Thereza, perdoas-me?

—Tontinho que és! Perdoar-te! Perdoar-te!

O bem que me queres, a felicidade que me dás? Oh! Lourenço. A bondade de Thereza envergonhou o rapaz, que, com os olhos humidos, abraçou-a e beijou-a com uma ternura infinita...

JOSE GABRIEL.





BRINQUEDOS

PARA O NATAL

Enriquecido com a chegada de uma nova remessa da Europa, o nosso esplendido stock de Brinquedos fará á delicia das creanças paulistas no Natal de 1920

PREÇOS MODERADOS



Como nos annos anteriores, organizaremos um alegre e festivo CHA' DE NATAL nos dias 21, 23 e 24 de dezembro, com grandes attracções para as crianças

CAIXA POSTAL, 1391
TELEPH., 46 CENTRAL
Telegrammas: "ELITE"

MAPPIN STORES

Depois da ceia de Natal

O QUE SE CONSEGUE
FAZER COM NOZES,
CASCAS, PHOSPHOROS
E LACRE.

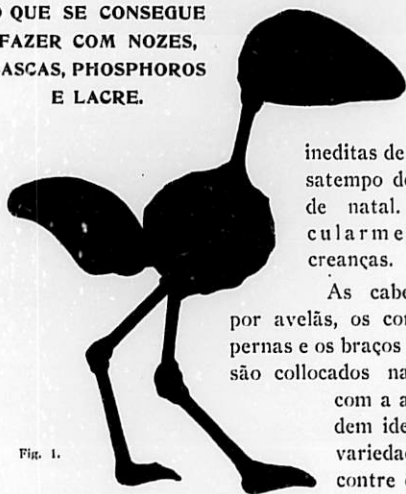


Fig. 1.

Essas concepções de nozes oferecem esplendidas oportunidades para decorações ineditas de meza, ou para passatempo delicioso depois da ceia de natal. Desenvolvem particularmente as ideias das crianças.

As cabeças são formadas por avelãs, os corpos por nozes, as pernas e os braços por phosphoros que são collocados na posição desejada com a ajuda do lacre. Podem idear-se innumeras variedades sem que se encontre difficuldade alguma e a variação de caricaturas é illimitada. Os olhos e a bocca consegue-se simplesmente com penna e tinta. As gravuras aqui publicadas são apenas para demonstrar as possibilidades illimitadas de concepção com nozes e phosphoros.

O passaro de castanhas do Pará. — A cabeça é formada por uma castanha do Pará, o pescoço por um pau de phosphoro e o corpo por uma noz. A cauda é formada por um pedaço alongado da castanha do Pará, e os pés são formados por pedaços de cascas de amendoas.



Fig. 2.

de barbante e os pés e mãos por pedaços de cascas de avelãs.

O chinês de nozes. — A cabeça é formada por uma noz assim como o corpo. O rabicho é formado por um pedaço

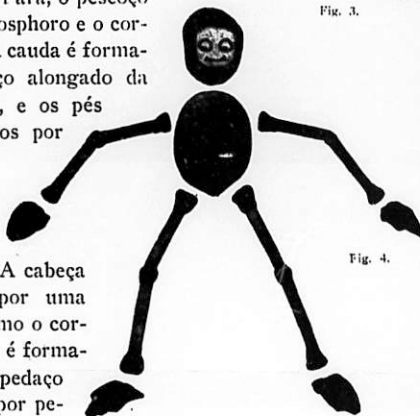


Fig. 3.

Fig. 4.





Fig. 5.

Os acrobatas. — As cabeças são formadas por avelãs, os corpos por amendoas e os pés e mãos por pedaços de cascas de avelãs.

Os saltadores. — As cabeças são formadas por avelãs, os corpos por amendoas,

as pernas e os braços por paus de phosphoros e os pés e as mãos por pedaços de cascas de avelã.

O cavalleiro de nozes. — O

avestruz é feito de noz com pés de cascas de amendoas. O caçador é formado por uma avelã com o corpo de noz e pés e mãos de cascas de avelã.

As creanças contentes. — As cabeças formam-se com avelãs, os corpos com amendoas, as mãos e os pés com pedaços de casca de avelãs.

Detalhes de concepção. — Aqui demonstramos as varias peças antes de serem collocadas ao corpo. As cascas de avelãs servem para formar os pés e as mãos. As avelãs para formar as cabeças. Paus de phosphoros quebrados ao centro e com um pouco de lacre collocado nos logares quebrados formam as pernas e os braços. Para collo-



Fig. 7.

car as peças ao corpo usa-se o

lacre. Essas figuras, têm com esses ele sempre interessantes e surprehendedentes. Porque, ao formar um desses bonecos, um desses en- gas, nunca se tem mo ella vae sahir expressão do seu surpresa. Uma vez formado o boneco ou



Fig. 8.

graçados calun- uma idéa de co- e como será a rosto. Tudo é calunga e posto em pé sobre a mesa, é que se vae observar a sua graça caricatural. Não convem caprichar muito na sua execução, porque o effeito consiste exactamente no geito descosido das figuras.

Para as creanças é esse um passatempo excellent, porque, ao mesmo tempo que as diverte, educa-lhes o gosto e a attenção.

Mas a diversão é tambem aproveitada pela "gente grande", pelos moços de ambos os sexos.

E' commum, nas mesas de refeição, ex- gottar-se o assumpto; e não ha nada mais

embaraçante que a falta de assumpto, que obriga os comensaes a baixar os olhos e fi- car silencio- sos. Ora, es- sas traves- suras têm a virtude de attrahir a a attenção de todos, tornando-se um elemento de di- versão.



Fig. 9.

O cavallinho de balanço fugitivo

Do seu alegre palacio situado no polo Norte sahi prazanteiro S. Nicolau. Por sobre as copas das arvores e sobre as nuvens deslisava o seu



veloz trenó, enquanto a lua procurava romper entre o amontoado de nuvens e o frio cortante enrugava a pelle pois estava-se no tempo dos pudins, o Natal.

Depois de ter chegado á primeira chaminé, S. Nicolau amarrou o seu trenó e desceu do telhado, porem não sem que, meus caros, ao virar as costas, um fozoso cavallinho de balanço pulasse fora do sacco.

"Eu estou destinado a um jovem chamado Reginal Brigga, elle é rico porem eu não gosto d'elle e nem das suas brincadeiras e prefiro fugir" disse elle "contanto que encontrasse um cavalleiro chamado Patricio ou Ted".



Com uma sacudidela da cauda e abanar das orelhas, elle exclamou: "Quem voluntariamente quer vir commigo?" "Eu vou comvosco" e assim dizendo um urso de feltro pulou-lhe ao dorso seguido por um soldado e um palhaço alegre e saltador. "Venham depressa" disse o cavallinho

"montem sem demora, afim de que possamos com prestesa encontrar as vivendas dos mais humildes" e pondo-se a caminho com a rapidez do vento por sobre os telhados, nada havia que pudesse refrear a sua carreira. Quando passaram em frente da torre da cidade, a redea tinha-se



escapado de suas mãos. O urso estava seguro á crina e o palhaço tendo escorregado do selim segurava-se á cauda, enquanto o cavallinho voava por sobre as nuvens, leve como uma penna



e com uma rapidez somente comparavel com a corrida do veado atravez dos campos. O proprio homem de areia (O somno) parou e olhou sur-



prezo. "Ora essa" disse elle e a areia entrou nos seus proprios olhos. "Foi um sonho" "esse cavallo galopando por sobre as nuvens". Por ultimo com um alegre relincho o cavallinho moderou a andadura perto de uma aldeia.



Andando mansamente pelas ruas, de vez em quando elle olhava as baixas chaminés e lançava uma vista d'olhos atravez das janellas.

Tendo encontrado uma fresta n'um dos mais humildes casebres o fogoso cavallinho entrou por ella e chegou junto á cama onde repousava uma creança innocentemente. Olhando as paredes nu'as e os pobres trastes ali dispersos, o cavallinho abanou a cabeça e disse aos seus cavalheiros: "Velhos camaradas, tivemos boas aventuras, mas não fizemos nenhum peccado fugindo, e vindo até aqui para trazer um pouco de felicidade a essa creança" dito o que adormeceu e nós terminando a historia damos tres vivas ao cavallinho de balanço e desejamos feliz natal ao rapazinho e a vós todos.

O exito de nossa luxuosa edição de *Maria e as Mulheres Biblicas*

Previamos o exito que esperava a nossa luxuosa edição do empolgante volume de Claudio de Souza — *Maria e as mulheres biblicas* — e tal previsão baseava-se em seus applausos calorosos que, em S. Paulo, e em Campinas, havia colhido seu auctor da sociedade mais culta de ambas as cidades. Não previamos, porém, que fosse tão intensa a curiosidade que despertou sua publicação, e realmente surpresos podemos anunciar a nossos leitores este facto talvez sem precedentes na historia da publicidade no Brasil.

...está exgottada sua primeira edição antes de ser publicada!...

De facto, as encomendas que nos chegaram por escripto de todo o Brasil, acompanhadas em sua maior parte da respectiva importancia, não só esgottam a edição, que como dissemos é limitada por exigencia do auctor, mas excede-a.

Nestas condições escrevemos a nosso collaborador pedindo-lhe que nos autorisasse a augmentar a edição de mais quinhentos exemplares não somente para que pudessemos attender aos pedidos já existentes, como ainda para que não se vissem privados de tão interessante trabalho literario os colleccionadores de nossas letras. Após muita reluctance conseguimos o que desejavamos, e que se exprime na seguinte carta do festejado escriptor, e creador do nosso moderno theatro nacional:

"Muito lhes agradeço as felicitações que me enviam pelo exito anticipado que está tendo meu modesto trabalho sobre *Maria e as mulheres biblicas*, escripto

a pedido da Universidade Feminina. Quanto ao augmento da edição devo lembrar-lhes que desde inicio lhes declarei que não devia ella exceder ao limite que eu lhe impusera, e isto porque foi

um dever de gratidão que me levou a escrever aquellas paginas sobre *Maria*, e não desejo que de sua publicação resulte uma exploração commercial que não condiz com o sentimento alto, nobre e puro que as ditou. Em todo o caso, attendendo ás suas reiteradas solicitações, concordo em que se augmente a edição de mais quinhentos exemplares, limite que não poderei permittir que se exceda."

Acceptaremos, pois, encomendas para o augmento de nossa edição. Os que desejam conhecer a formosissima produção do mestre de nosso theatro mandem-nos, a seguir, seus pedidos, acompanhados da importancia de 4\$000.

Além da atracção do texto de Claudio de Souza contem o volume innumeradas reproduções dos mais celebres quadros de mulheres biblicas dos museus da Europa. Quem possuir o volume ficará, pois, com uma linda e rara colleção artistica, a par de lindissimas paginas de fulgurante estylo. Temos ainda do mesmo auctor, em nossa bibliotheca, as comedias *Flôres de Sombra*, *O Turbilhão*, e *As sensitivas* que acaba de entrar em scena no Trianon, do Rio. Qualquer destes ultimos volumes é enviado contra remessa de tres mil reis cada um.



Senhorita Alice Margarida de Carvalho, uma das moças mais representativas do escol paulistano, e que fez parte da Commissão da kermesse em favor do Abrigo Sta. Maria

AS SENSITIVAS

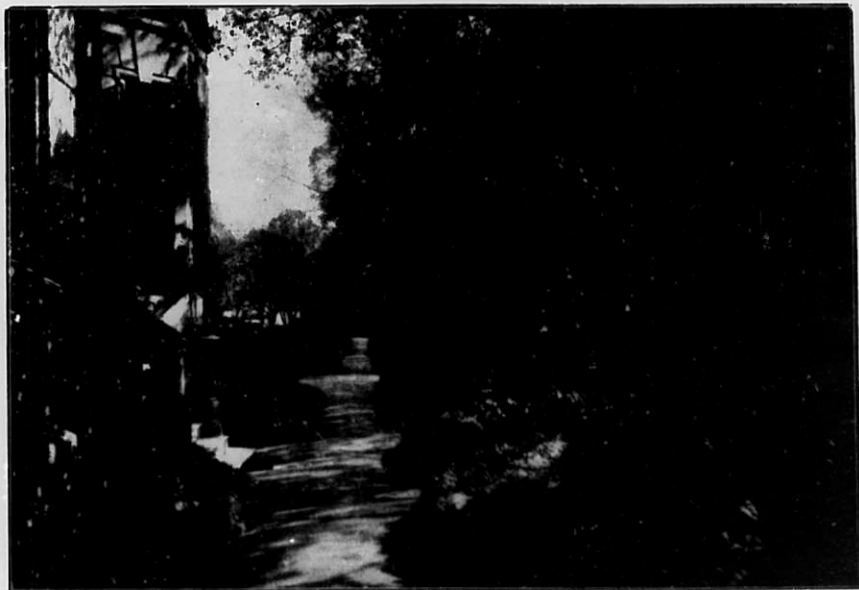
A estação theatral carioca que fóra aberta pelo nosso querido col-laborador dr. Claudio de Souza, com a *Jangada*, comedia de sua lavra, foi por elle mesmo encerrada com sua nova peça, a comedia em 3 actos *As sensitivas* que, com o costumeiro exito, foi levada á scena no Trianon, pela Companhia Alexandre de Azevedo, de que são principaes figuras a querida artista Apollonia Pinto, e a distincta actriz paulista Lucilia Peres. O critico d' "*O Paiz*", referindo-se á nova peça de Claudio de Souza, assim se exprime: "*As sensitivas* póde figurar ao lado d' *O Turbilhão*, e de *Flores de Soribra*. Muita observação, muita psychologia feita com ironia aguda, satyra fina, muito theatro, grande equilibrio e graça sadia com que são expostos uns tantos costumes cariocas, e sobretudo, — fructa rara! — muito boa linguagem". O d' "*A Patria*" diz: "O consagrado escriptor soube focalizar toda uma galeria de typos e de figuras que por si só constituem um mundo social, e as excellentes e já exaltadas qualidades de artista de Claudio de Souza tiveram com ella plena confirmação". O do "*Jornal do*



René Thiollier e o nosso director João Salles, fazendo o "footing" pela avenida S. João

Brasil": "É uma excellente comedia, movimentada e alegre. Todos nella se acotovelam num flagrante de bom humor que diverte pelo espirito que resumbra das figuras e das scenas". O do "*Jornal do Commercio*": "O distincto comediographo traçou tres actos breves e alegres. As scenas têm desenvoltura, o dialogo é vivo e gracioso, a variedade dos typos interessante, o traço caricatural espontaneo." O do "*Correio da Manhã*": "Muita observação, bastante graça, e linguagem que agrada por sua absoluta propriedade. Tres actos interessantes, e cheios de imagens felizes."

Como vêm os nossos leitores não podiam ser maiores os elogios da critica e dos grandes jornaes do Rio ao novo trabalho de Claudio de Souza, e como conte elle grande numero de admiradores entre nossos leitores, resolvemos adquirir um certo numero de exemplares da segunda edição de seu trabalho, pois que a primeira logo se esgotou, e pol-os á disposição de nossos leitores ao preço de tres mil réis, inclusive a despesa com porte e registro.



Um dos mais pittorescos trechos do parque da Villa Fortunata, residencia de René Thiollier

Degeneração Social



A linda Lygia Maria e o travesso Tarceio Leonice, filhos do sr. Raymundo Cintra, cate de portuquez e latin da Escola Normal de Itapetinga, e de d. Sinhazinha Cintra

hereditariedade insufficiente e por si incapaz, já os desmandando a que nos entregamos, como consequência da vertigem do progresso, arrastando em sua cauda miasmas infectuosos e nocivos, dos quaes insensivelmente nos aproximamos, respirando largamente os gazes putridos das fermentações moraes. Um facto, entretanto, e de capital importancia, consome a nossa existencia,



Sonia e Senio, encantadores filhinhos do dr. Lourenço de Andrade, residente em Passos

Para os que a acompanham o desenvolvimento moral e intellectual da humanidade, não resta a menor duvida de que caminhamos numa época de verdadeira morbidez, de uma degeneração sem par dos costumes sociais e da propria constituição psychica do homem.

Esta degenerescencia, cada vez mais accentuada, terá, talvez, como causas, já uma he-

degenera os nossos filhos e apresisa o aniquilamento da nossa raça: — é a falta de selectção para a união dos sexos, quer sob a fórma legal do matrimonio, quer á sombra illegal da maritalagem, e a tal ponto que, dentro em breve, alcançaremos, não o estado de "massa animal e irracional", que insultuosamente

já nos assa-caram, mas a um estado tal de deoressão physica, moral e intellectual, que, oxalá, não se venha a propor na Liga das Nações a tutela sobre o Brasil.

A syphilis e o alcool, e elementos imprescindiveis no luxuoso comboio do progresso, são truces indispensaveis para a boa e regular marcha da locomotiva social. Basta possuir, entretanto, uma tintura, já não digo uma tintura mãe, mas uma tintura homeopathizada de principios biologicos, para avaliar o grande alcance do acto procreador, no qual as taras se transmitem numa regular contagem, em cujo producto final o systema nervoso é sempre o preferido para a sede de lesões mais ou menos profundas, proximas ou remotas

O casamento, hoje, não é mais o resultado de attractivos physicos ou moraes, destacados de individuo para individuo, de ambos os sexos: o interesse dita a necessidade matrimonial e o egoismo ratifica uniões desastrosas. Como epilogo, temos que a natureza já combatida pela hereditariedade viciada, desmerecida por innumeras causas extrinsecas, não pôde reagir, evitando que a degenerescencia comece a se fazer sentir, lentamente, gradativamente, cirrhosando o fígado, fazendo disturbios na filtração renal, enca-



A graciosa Eunice, filhinha do sr. Gaspar Lourenço de Andrade e da exma. sra. d. Paulina Andrade, residentes em Passos, Minas



A encantadora menina Lolita Peixoto, de Pesqueira, Pernambuco



Enildo e Flicia, filhinhos do exm. sr. José Cândido de Mello e da exma. sra. d. Alvarina de Andrade Mello, residentes em Cassia, Minas.

vernando os pulmões, transformando o coração em follé, esclerosando as paredes arteriaes, perturbando, e m fim, profundamente, os centros nervosos, ponto de predilecção para os ataques, e que, uma vez enfraquecido e dominado, difficilmente ou nunca a sciencia conseguirá reconquistal-o para a vida e saude integras.

Ajuntemos ás consequencias da hereditariedade o ambiente social moderno, que exige

mos do nosso trato physico a simplicidade e o conforto; — a mulher se excede cada vez mais em processos perniciosos de vaidade. Dos 15 aos 50 annos a mulher deforma o corpo desde o calçado apertado e transformado em andas até á cabeça e exaggeradamente armada. A epiderme do rosto perde as funcções transpiratorias, porque os póros, obliterados diariamente com uma camada gordurosa, de uma gordura impura e



O gordinhinho Alvaro, Filho do dr. Alvaro Amancio da Silva e da exma. sra. d. Olympia de Andrade Silveira.

uma agitação perpetua na lucta pela vida, na lucta pelo progresso, um esforço accentuado para conseguir mais, uma excitação superproduzida pelos choques economicos e financeiros; — accrescentemos, ainda, o progresso culinario, que expurga de suas cozinhas a simplicidade e a pureza dos alimentos, para contaminal-os com excitantes prejudiciaes e nocivos; — não nos esqueçamos, tambem, de que nem sempre as noites nos servem de repouso, e comprehendemos, per-



O robusto e interessante Mario, filhinho do sr. Carlos Carbone e da exma. sra. d. Santa Elydia Sobrinho, residentes em Barretos.

feitamente, porque hoje o systema nervoso não governa mais o homem, não é mais a séde de nobres sentimentos nem o orientador sagaz de nossos actos, discernindo o bem do mal, alcançando a extensão dos factos e das suas consequencias.

O desequilibrio nervoso é um facto que se observa diariamente, como uma consequencia dos excessos da vida contemporanea e artificial, que se vive nas grandes collectividades, Bani-

une-se ao outor sexo, tambem insufficientemente desenvolvido, produzindo fructos rachiticos, incapazes de assegurar a continuacão da especie. Dahi, a degeneração que invade a sociedade moderna, traduzindo-se physicamente no rachitismo e nas mil degenerescencias organicas: — intellectualmente, na idiotia, imbecillidade e tanta: outras fórmas depressivas; moralmente, pela falta de caracter, pela falta de escrupulo, pela ausencia de sen-

nociva não filtram mais os detriectos que têm por vehiculo o suor. A gestação não prosegue com a liberdade que a natureza exige, a lactação é suspensa, porque o amor mais puro cede ao culto egoistico da vaidade, e desta fórma as perturbacões nervosas invadem ousadamente onde orgams debeis não funcionam nem satisfazem ás leis biologicas, ás quaes não se póde fugir impunes.

O homem, por sua vez, crivado de enfermidades, inteiramente exgotado.



A linda menina Benedicta, filha do sr. Gasparino Ferreira de Andrade e da exma. sra. d. Lygia de Oliveira e Andrade, de Passos, Minas.



José Milton, filho do sr. José Milton Rodrigues de Andrade, residente em Sobral, Ceará.

timentos elevados, o que tanto diminui o homem perante a civilização, embora não o transforme em animal irracional. Será interessante observar a marcha do desequilíbrio mental na sociedade, e para isto, não deixarei de aproveitar os casos nos quais bem se aprecia o grau de degeneração a que vai attingindo o cerebro humano.

Veremos, então, que é passada a época do idealismo e da retórica: — é chegada a vez do medico agir e a oportunidade de se appellar para a medicina, cuja voz de guerra já se fez sentir pelo eminente mestre Miguel Pereira. A sciencia de Hypocrates deixará as velhas arcadas da academia, para penetrar no seio das phantasias sociaes, dictando leis que tenham por base a saude individual, o amparo á infancia em geral e aos males herdados da saude paterna, em particular; — seleccionará os individuos aptos para procrear, salvará a mocidade dos males transmissiveis ás gerações futuras, regenerando, emfim, a raça brasileira, para que ella progresa em marcha victoriosa entre as nações physicamente fortes, intellectualmente cultas e moralmente sãs.

Cumprida a sua missão retornará a medicina ás velhas arcadas das academias, esquecida e desprezada, talvez, pelos homens, mas orgulhosa e tranquilla porque cumpriu o seu dever.

DEODATO WERTHEIMER.

Curso superior, delectante e instructivo

Sob fórma de conferencias, dissertações, palestras, descrições de viagens, humorismo, etc. — por mil. Maria Schmidt, cujo nome todo é Maria da Glória Junqueira Schmidt, brasileira nata, de origem suíça, professora pela Universidade de Fribourg, Suíça, filha do dr. Augusto Schmidt e de d. Anna Albertina Junqueira Schmidt.

As conferencias serão dadas sempre em francez, podendo, porém, haver explicações supplementares, tambem em portuguez ou allemão.

O plano é o seguinte: Em qualquer bairro da cidade, podem reunir-se diversas senhoras e senhoritas, na residência de uma dellas, onde comparecerá a professora para produzir as conferencias, podendo ser uma ou mais vezes na casa de cada uma das alumnas, ou em salões por ellas arranjados.

Cada assistente pagará 10\$000 por conferencia, sendo 10 pessoas ou mais. Si fór inferior a 10 o numero dos assistentes, cada um pagará a quota precisa para perfazer 100\$000, pouco minimo de cada conferencia. Num grupo de 10 pessoas, que assistam a uma conferencia por semana, ou sejam 4 por mez, toca a cada pessoa pagar apenas 40\$000 por mez. A importancia fixada para cada conferencia não é elevada, attendendo-se a que, para falar meia hora em publico é preciso um preparo de estudos de 12 horas, sendo 6 em cada dia, conquanto se trate de materias já estudadas e da especialidade da professora, a saber: litteratura franceza, historia, geographia e pedagogia.

A professora visitou quasi todos os paizes da Europa, tendo feito estudos de historia, nos proprios logares, como em Roma, onde assistiu a explicações e conferencias de professor de nomeada no Monte Aventino, etc. E assim noutros logares. As suas conferencias são sempre preparadas e estudadas, pelo que espera que offerçam, toda, alguma coisa de proveitosa para os ouvintes.

Accetta tambem incumbencias para conferencias especiaes para occasões de festas sociaes ou de familias, podendo tambem tocar algumas peças de seu repertorio, somente de musicas classicas. Poderá ensinar tambem a fazer as rendas de hilo, em seda, segundo os moldes, augmentados, de Bruges, Malinas e Flamanha. Conhece pessoalmente episodios interessantes da guerra, pois esteve na Belgica desde antes da sua declaração até março de 1917, época em que veiu para a Suíça.

Si uma ou varias alumnas pretenderem fazer estudos mais aprofundados sobre alguma das materias referidas e principalmente sobre litteratura franceza, a professora se encarregará de dirigi-las em tais estudos e corrigir os trabalhos escriptos das mesmas, mediante accordo previo.

Accetta chamadas para as conferencias e orientação de estudos, na fórma exposta.

Residência: rua Santa Magdalena, 26, S. Paulo, Brasil; telephone, avenida, 196.



Apologia do Silencio

POR

EDINOR AVELINO

NATAL,
RIO GRANDE DO NORTE.

E's a paz, e és tambem a origem do mysterio Transcendental que alarga o manto sobre nós. Eu, para interrogar o teu segredo ethereo, Horas inteiras fico emmudecido e a sós.

Que sejas, para alguns, exquísito contraste; Quanto a mim, buscar-te-ei no abandono onde impera. Serenidade, bem que já te perpetuaste No infinito evoluir monotonico das éras.

Força intangível, quero, em teu feiz dominio, Tranquillo e exul, gosar-te o enlevamento bom. A' minha alma a tua alma esplendida proprie-o, Silencio, — magestosa antithese do som!

As afflicções cruéis, as agruras supremas, Vão achar em teu seio a ternura precisa... A graça tens propicia ao lyrismo dos poemas Na thebaida onde o poeta em pranto, os concretisa.

Irmão do somno, irmão da bruma e do descanso, Buscar-te alguém, de certo, ha-de não ser em vão... Estender-lhe-ás, amigo, o teu abraço manso, A tua suavidade, a tua protecção.

Não sei se te compare a um sonho que fluctua E em cuja nostalgia apraz-me que me acoitae. Especialmente quando, á nivez luz da lua, Desces, enchendo toda a immensidão da noite.

Possues a febre, o odor que ao homem torna pasmo, O encanto principal d'aquillo que se quer, A seducção da vida, o delirio, o enthusiasmo, — Silencio tentador de alcovas de mulher!

O espirito do sabio, o espirito do artista Hão de querer-te muito, hão-de sempre abençoar-te, Pois erguerão em ti quanto a gloria conquista: — Os cabedais da sciencia, as maravilhas da arte.

Andas na luz, na sombra e na paysage rica Occulto pela terra, embebido pelo ar... Despertas um scismar que mesmo não se explica, Silencio evocador do bosque secular!

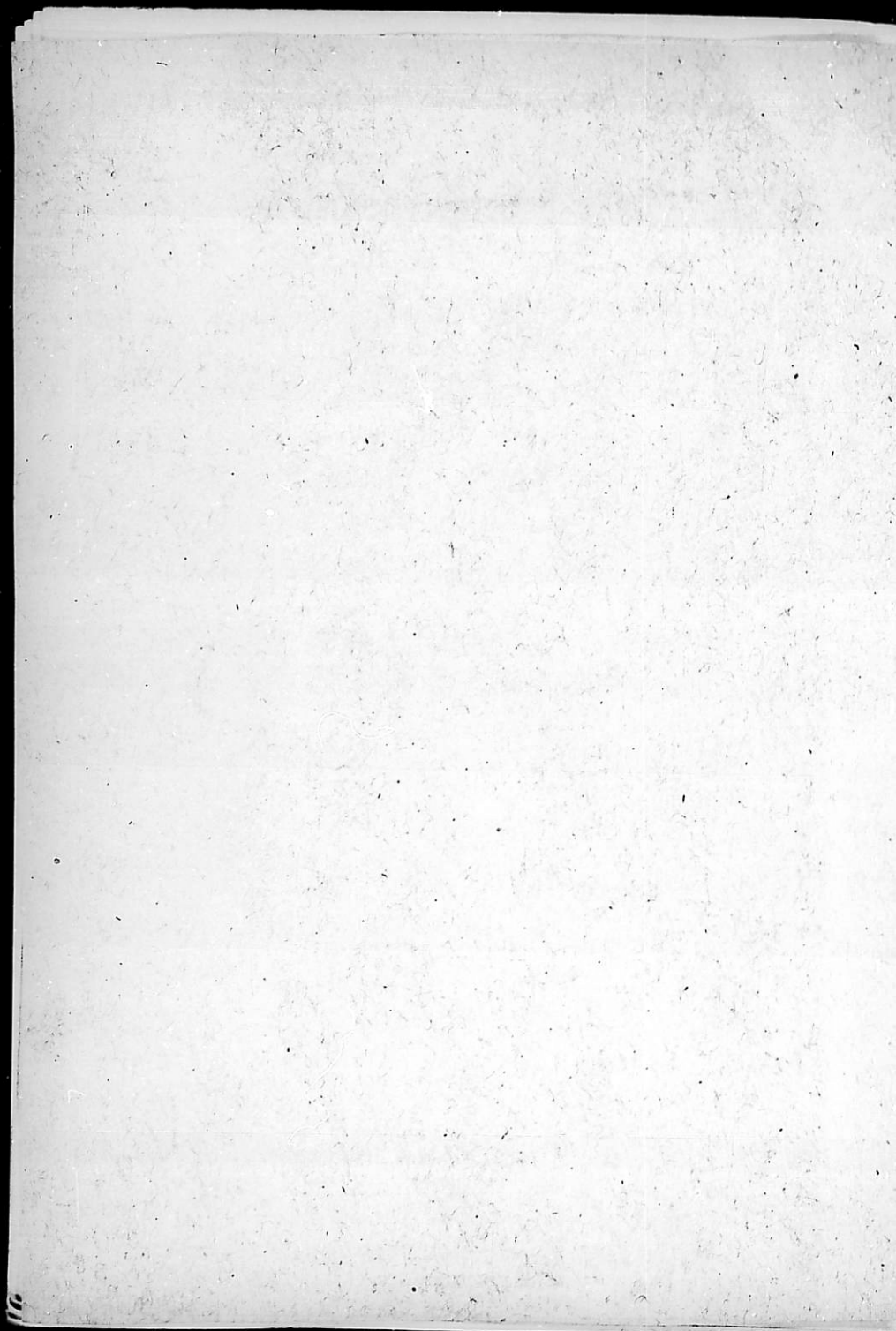
E se marcando a morte — um fim de itinerario — Na necropole triste a cada instante pousas, Todavia és solemne, augusto, extraordinario, Emocional, bemdito, — O' silencio das lousas!

Em ti se vae lembrar a existencia passada... Ao justo dás socego e dás remorso ao réo... E subirá melhor por tua immensa escada A prece que se diz, endereçada ao céo.

Desse trivial rumor da turba ingloria isento, Dentro de ti, silencio, eu me detenho e estudo, Na profunda abstracção do meu entendimento, O livro universal da grandeza de tudo.

Natal, Rio Grande do Norte.

EDINOR AVELINO.



Consultorio Medico gratuito

DA "REVISTA FEMININA"

EDELWEISS — "O chloroformio esburgado no parto pôde ter em vista a anestheſia total com o desaparecimento da sensibilidade, da intelligencia e da motilidade, ou pôde ser incompleta, attingindo apenas a sensibilidade á dor sem perda de sentidos.

O parto sem dor é um problema que até hoje preoccupa o espirito dos parteiros, tendo se conseguido alguns resultados, entretanto até hoje não ha preparado nenhum que consiga abolir completamente as dores sem perigo para o feto que nasce sempre mais ou menos pasmado, atordoado.

Não ha muito tempo um illustre professor de Buenos Aires lançou a descoberta de um preparado a que deu o nome de Parto-analginas e que nas mãos do autor deu excellentes resultados, infelizmente não é encontrado nesta praça.

Voltando ao chloroformio que a senhora quer tomar, devo prevenil-a que essa applicação provocou grandes discussões theologicas, pois muitas autoridades da igreja o condemnam por ser contrario a um preceito divino que estatue que o homem comorrá do seu suor e a mulher terá partos dolorosos.

Entretanto si creanças não a impedem, pôde usar o chloroformio principalmente no ultimo periodo, o de dilatação extrema e expulsão do feto, cujas dores serão abolidas quasi por completo.

Nas mulheres gravidas o chloroformio é quasi isento de perigo, nesse estado a mulher consegue inhalar quantidades verdadeiramente colossaes sem sentir os phenomenos de intoxicação chloroformica e sem o perigo da syncope.

MARIA STELLA (Fortaleza) — Teve V. S. uma ruptura perineal no primeiro parto que foi restaurada e tem receio de outra. E' bem possível que

esse receio seja infundado, entretanto seria de bom conselho recorrer na hora do parto a um professional competente que evitará se reproduza esse desagradavel incidente, pela boa direcção dada ao trabalho ou intervindo com uma pequenina operação que chamamos de episiotomia. Não ha necessidade como

pensa V. S. de guardar dieta para evitar outra ruptura.

"FEIA" (Engenho de Dentro) - Rio — O quadro que V. S. me descreve: "colicas horribes na época da menstruação" e apparece o corrimento horas depois ou no dia seguinte é o de um estreitamento do collo uterino que só pôde ser removido por uma intervenção cirurgica que consistia na dilatação gradual por meio de laminarias ou completa por uma operação sangrenta.

Emquanto não pôde ser operada só se consegue diminuir as dores por palliativos, bolsa de agua quente na época das dores, bromureto, lavagens intestinas com opio e chloral.

M. U. S. — Peço-lhe a fineza de recorrer ao ultimo numero; os conselhos dados a N. C. são applicaveis ao seu caso, mudando apenas a dosagem que o revisor deixou escapar, pois a formula é in-

applicavel, seria um caustico; houve nesse numero a transferencia de centg. para a primeira linha quando deveria estar na segunda.

DR. JOBENFI.



Molestias genito-urinarias
--- Partos ---

Dr. F. A. Dellape

Res.: Tel. 2799-Cent.

Cons.: Rua S. Bento, 29-B - das 8 ás 5
Tel. 4805-Cent.

Em que consiste a felicidade



Por esta revista se vem discutindo, de ha muito, essa complexa questão da felicidade e em que ella consiste. Claro está que uma discussão desta natureza é sempre esteril, porque nunca se chegará realmente a um accôrdo, ou melhor, nunca duas opiniões serão concordantes. Cada qual encara a felicidade ao seu modo e, o que mais é, no seu ponto de vista actual, e, portanto, ephemero. Machado de Assis, numa synthese ironica, mas profundamente humana, resumiu essa especie de felicidade a "um par de botas curtas". O individuo, a quem lhe apertam as botas, só encara a felicidade de uma fórma: é arrancar as botas para dar allivio á dôr dos callos. Por muito humoristica que seja a definição, ella é que mais se approxima da verdade, quando se trata da felicidade actual, dessa que o individuo almeja em certo momento da vida. Ora, todas as collaboradoras desta revista, ao responder á "enquêtte", se collocaram nesse ponto de vista, e nenhuma dellas se referiu, mesmo accidentalmente, á saude como elemento de felicidade.

Para nós, como para todas as pessoas que encararem seriamente a questão, a saude não é só um elemento de felicidade, mas é a propria base sobre que ella assenta. Para o individuo, cuja felicidade consiste nos gosos materiaes, conforto, appetite satisfeito, etc., a saude deve anteceder todos os demais desejos; os espirituaes, os que amam os prazeres do espirito, só podem ser felizes se forem sadios; os affectuosos, os abnegados, os caritativos, todos esses para os quaes a felicidade consiste em fazer o maior numero de bens, não podem pôr em pratica os seus desejos se não tiverem saude.

A saude é, portanto, a base de tudo. Como se adquire ella? Por um unico processo: fortalecendo a cellula, dando á natureza elementos de defesa efficaz contra a enfermidade.

Quando o individuo se sente enfermo, a primeira coisa que faz é tratar do órgão affectado, sem advertir, que, na maior parte das vezes, é o órgão que cria a doença, o que importa dizer que a droga correspondente é inocua e, não raro, nociva. A unica verdadeira cura é a operada pela natureza, pela "vis medicatrix". Fortaleçamos, portanto, a nossa natureza, forneçamos-lhe elementos bastantes de defesa, de maneira a ella resistir ás infecções exteriores. O melhor meio de se obter isso é pela tonificação do organismo. O problema, pois, que primeiro se impõe é a escolha do tonico. O tonico que nos occorre como o mais efficaz, de resultados mais duradouros, é o *Vinho Biogenio*, que, pela riqueza dos phosphatos biologicos que entram na sua composição reconstitue de prompto as forças sendo por isso o mais aconselhavel aos neurasthenicos, aos asthriticos, aos anemicos, aos convalescentes, ás parturientes, ás senhoras que soffrem de fluxos brancos, a todas as pessoas emfim que necessitam de um reconstituinte. O *Vinho Biogenio*, do sr. Francisco Giffoni, é uma das mais notaveis creações da pharmacopéa brasileira.

A sua efficacia faz-se sempre sentir em qualquer caso, quer para adultos, quer para creanças.

As grandes descobertas



ANEMIA

FOLIOSAN, do Instituto de Berne, Suíça, em caixa de alumínio com 72 comprimidos.

Preparação com base de chlorophylla combinada segundo as investigações do Dr. E. Buergi, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Berne.

O **Foliosan** é um remédio hematogênico e reconstituinte do organismo.

Sua efficacia nas affecções que provem da pobreza do sangue (anemia e chlorose) e nos estados adynâmicos de qualquer especie (em particular na tuberculose) não é igualado por nenhum outro remédio existente.

O **Foliosan** é em resumo um producto com base de chlorophylla (materia verde das plantas).

As sabias investigações do professor Buergi demonstraram que a chlorophylla (materia corante dos vegetaes) está para estas na mesma razão que a Hematina (materia corante do sangue) está para os animais, e que transforma-se, em parte, no corpo humano numa mesma materia corante.

O **Foliosan** contém pois chlorophylla preparada por um processo especial e mais uma certa proporção de ferro combinada com algumas outras substancias.

A anemia e a chlorose mesmo as mais rebeldes são curadas com o **Foliosan**.

Mais efficaz que todos os outros preparados feruginosos, este producto não produz nenhuma accção nociva sobre o estomago e intestinos.

Além de seu poder hematogênico, a chlorophylla possui outros poderes não menos importantes. O crescimento e o trabalho de assimilação provem em geral da materia verde; tambem no corpo humano, como podes provar o professor Buergi, accelera a assimilação e reconstituindo portanto as cellulas, combate com ellas as enfermidades devidas á debilidade organica, estimula o appetite e augmenta a resistencia do corpo humano.

Tem-se constatado por experiencias inteiramente objectivas, que o musculo cardíaco atacado em sua fucção por arterio esclerose, ou outras enfermidades, recobra a sua actividade normal debaixo da accção do **Foliosan**. Os resultados assim obtidos demonstram, de uma maneira positiva, as qualidades vivificantes do novo remédio.

Não é sem motivo que os medicos mais eminentes da Europa e da America tem comprovado constantemente o valor das leguminosas verdes. Os trabalhos do professor Buergi tem dado a estas oprimidas uma solida base scientifica. A maioria dos legumes, mesmo os legumes verdes, são muito pobres de chlorophylla.

O **Foliosan** é preparado por meio de plantas es-

colhidas cuidadosamente, que correspondem rigorosamente ás condições desejadas.

Modo de emprego: A dose média é de 2 a 3 pastilhas em cada refeição para adultos.
1 a 2 para crianças, em cada refeição.
No começo se tomará uma pastilha em cada refeição.

TUBERCULOSE

VACCINA DENYS — **DESSY**, do Instituto Biológico (caixa com 6 injeções cada uma, como de 10). A unica diffundida e usada em toda a America Latina, na Hespanha e Portugal, no Dispensario "Clemente Ferreira" de São Paulo. Garantida por milhares de attestados medicos e hospitales.

DECLARAÇÃO

Cumpro o dever de declarar que a tuberculina de Denys-Dessy do Instituto Biológico Argentino, tem sido largamente applicada a doentes deste dispensario, proporcionando-nos palpaveis vantagens pelo manejo facil, boa tolerancia e efficacia terapeutica em grande numero de casos.

E um preparado digno de confiança e merece a preferéncia sobre varias das tuberculinas até aqui utilizadas na biotherapia da tuberculose.
S. Paulo, 10 de Julho de 1919.

DR. CLEMENTE FERREIRA.

Director tecnico do dispensario "Clemente Ferreira" e presidente da Liga Paulista contra a Tuberculose.

LITTERATURA: Professores Doutores: Splenger, Dury, Leclaf, Ponthière, Guinard, Thillies, Baert, De Stella, Mitulenzon, Hammer, Roebroek, Snöller, Marotta, Delfino, Magli, Spreoni Lagomarsino, Lustig, etc.

MOLESTIAS DAS SENHORAS

LUTEO OVARINA DESSY, em caixa de 10 injeções e em comprimidos (caixa de 2 tubos vidros), do Instituto Argentino.

Nossa luteo ovarina (comprimidos) representa o conjuncto dos constituintes chimicos do ovario, menos, unicamente, a agua. Contém, portanto, uma forte proporção de luteína, e para sua preparação temos escolhidos ovarios funcionantes de vacca com corpo amarelo bem desenvolvido. Prepara-se em caixas de comprimidos; a dose é de 1 a 4 comprimidos por dia, segundo os casos. Os comprimidos deverão collocar-se sobre a lingua e engullir-se com ajuda de uma pouca de agua, sem mastigal-os, antes ou depois das refeições.

PEÇAM INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS AOS DEPOSITARIOS GERAES PARA O BRASIL:

SILVA LOBO & COMP.

Caixa Postal; 1173

Telephone Central, 5720

S. PAULO

LIVROS A VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leitoras e assignatas não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias na estante de uma achora. Todas as que temos á venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, curiosas, absolutamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o custo do correio.

Recebemos, pois, pedidos das seguintes obras:

ESCRAVA OU RAINHA, lindo romance publicado nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto critico alcançou. É sufficiente pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo delecta o espirito pela acção, cada vez mais crescente, dos seus episodios. O entredo desse magnifico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deita suavemente a arrastar através das suas paginas, vivenciando a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. É uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grazió volume nitidamente impresso. — Preço 48000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta 14 traducções para quatro idiomas, o que põe bem em evidencia o seu valor. É um romance moral, e cujo encado decorre de uma mancha culpante. Um volume, preço 48000.

COLLECÇÕES ENCADERNADAS DA "REVISTA FEMININA", referentes aos annos de 1918 e 1920. As pessoas que não colleccionem a nossa revista ou aquellas que têm curiosidade de conhecer, devem adquirir as nossas collecções, que formam graziós e interessantissimas volumes encaderoados em percalina e cores diversas, com ditzers e letras douradas. Volumes proprios para presentes de anniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, merce da sua variada e interessantissima leitura. — Preço 258000 cada collecção.

FLORES DE SOMBRA, comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 38000.

AGENCIA COSMOPOLITA

Figurinos e riscos para Bordados
Rua Dr. Luiz Barreto, 41
Telephone Avenida, 1066
Caixa Postal, 2 F. — São Paulo

LA BRODERIE COPTE, licças d'arte bordado. Novita edição, cheia de gravuras e texto claro. — Preço 48000.

NOVA SEIVA, o melhor livro de contos que ha para crianças. Contos instructivos, interessantes pelo curado, e escriptos em linguagem simples, correcta, ou alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de nitidas e graziós gravuras. Edição limitada propria para presentes ou para premio das crianças estudiosas. — Preço 68000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e interessantissima polygraphia offerecida á Superiore Prerocial das "Irmãs de S. José de Chambery". Precioso volume, de cerca de setecentas paginas, cheias de lindas gravuras impresso em finissimo papel glacé. — Preço 150000.

A LUA CRESCENTE, collecção dos famosos poemas do grande poeta indú Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consorçou o maior poeta de sua geraçáo e um dos maiores do mundo. A versáo em prosa portugueza, de Plácido Barbosa, é excellente, dando bem idéa da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, tão suggestiva, tão profunda, tão original, deve ler esta collecção do poeta indiano. — Preço 48000.

O TURBILHÃO, essa peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais arrasçonas creações do moderno theatro e que tanto exito tem alcançado, acaba de ser publicada numa elegantissima brochura e com uma formosa capa a cores. Vendese nesta redacção a 38000 cada exemplar. — Pelo Correio, registrado, 38000.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances da vida actual. Narracáo de amor, cheia de episodios sentimentales e intrinsecamente commovedores. O autor, neste romance, tem conceitos sobre a vida sentimental que impressáo pela sua justez e verdade. — Preço 48000.

A ESTHETICA DO SILENCIO, obra de critica e psychologia de P. Leonardo Marcello. Aos que desejam iniciar-se em arte, não podem prescindir deste livro, que é precioso como analyse e critica das grandes artistas e de todas as escolas litterarias. Um elegante volume em magnifico papel. — Preço 58000.

RECEITAS DE BELLEZA

PARA COLORIR OS CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade,

chamando principalmente os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da idade.

Entre as tinturas usadas para, tal fim figuram as de seze de chumbo, de prata, de cobre, de mercurio, de cal, de bismutho, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graziós e nocivos resultados, todos os tons, do castanho claro ao negro azulado. Infelizmente esse producto trazo em nosso meio, sendo oriundo da Persia, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podeis obtela por intermedio da nozsa "Revista", enviando a importância de 10800 e mais 5000 para a remessa.

POMADA RENEY

PARA SARDAS, MANCHAS E PANNOS

Este preparado, que se recommenda por mais de vinte annos de accção e pela sua efficacia sobriamente comprovada, é o que ha de melhorar para as manchas da pelle e para a tornar clara, macia e fina. É absolutamente inoffensiva. Batam alguns dias de uso. A sua efficacia é prompta e duravelora.

É fabricada em tres tipos: "Moderada", "Forte" e "Extra-forte". A primeira é usada na maioria dos casos; a segunda para os casos em que a primeira não faça effeito, e a ultima para ser applicada unicamente nos braços e nas mãos.

Pedidos a esta redacção, 48000 o frasco; pelo correio, registado, 52000.

BELLEZA DAS UNHAS

Um dos peores scizros que se adquire na infancia é o de roer as unhas. É um vicio de que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a punta dos dedos tornando-os sempre sangrados. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affectar a economia geral do organismo.

Corrija-se algum desse vicio pela força de vontade e não penoso, se não, como deixar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a Onichophagina, que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa secar. Se se trata de corrigir a creencia, mesmo que a unhas, deve-se renovar a applicação toda vez que ella lavar as mãos.

A Onichophagina vende-se a 58000 o frasco. Pedidos na "Revista Feminina".

NOS TOUCADORES ELEGANTES

Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o creme DERMINA, utilissima palavra, em materia de creme para amaciar a pelle e para curar INFALIVELMENTE todas as erupções de pelle, os espinhaes, os cruzos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Chegam-nos diariamente attestados entusiasticos de sua efficacia.

Podemos enviar á nossas leitoras, por 88000 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 500 réis para o porte do correio.

Atencida São João N.º 27 — São Paulo.

CREME DE BEAUTÉ' ZABELLA E LOÇÕES

Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, do Rio de Janeiro. Este creme é usado como geralmente se usa todas as creozes. Emquanto os outros, porém, só servem para branquear a pelle e fixar o pó d'arroz, o Creme de Beauté Zabella, tem, além dessa utilidade, em que supera os meliores, a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, bozias, epithelias, pannos, esprezcas e outros defeitos, que tanto ofeiam o rosto.

A sua efficacia é garantida. Ler no prospecto a manzeira de usar.

PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis e respiracáo glandulosa, para manchas, pontos negros e borbulhas. Depois de humedecer o rosto com este preparado, faze-se uma pequena massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades de pelle. — Preço 88000, pelo correio, 108000.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinales e hygienicos, deve fazer parte indispensavel das coisas mais e indispensaveis a todas as mulheres que prezem a sua belleza. Sua accção é extraordinaria contra as manchas de sol, as esprezcas da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usado, applica-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço 88000, pelo correio, 108000.

TOLUOL

TO-SE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIA E PHARMACIAS



MANUFATORA DE CHAPEUS ITALO-BRASILEIRA

Escritorio Central e Deposito:

SOCIEDADE ANONYMA FUNDADA EM 1907

RUA JOSÉ BONIFACIO N. 47 TELEPHONE CENTRAL, 3142

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ORIENTE"

— CAIXA POSTAL N. 733 —

Fabrica em Villa Prudente SÃO PAULO

Chapéus de lan, pello e palha marca ORIENTE para homens, senhoras e meninos

Premiada com medalha de ouro na Exposição Nacional do Rio de Janeiro — 1908

Produção diaria 5.000 chapéus

Filial no RIO DE JANEIRO - Rua Buenos Ayres, 80

COLLEGIO

"MARIANNA PEREIRA"

:: INTERNATO
E EXTERNATO
COM JARDIM DA INFANCIA

Telephone 5640 Central

Installado em magnifico prédio á Rua da Liberdade, 198, em São Paulo, offerece todas as vantagens ás suas alumnas.

Escrupulosa seleção de professores.
Modicidade de contribuição trimestral.
Boa distribuição de tempo.
Aplicação de methodos instructivos e modernos.
Constante equilibrio entre o trabalho physico e o trabalho intellectual, de modo a tornar o estudo ameno e effcaz.
Bom passadio.

A creança viverá como em familia, com a maior voluntariedade possivel, visto como educar bem é exactamente o segredo de formar individualidades aptas á vida disciplinada.

A DIRECTORA
JUDITH C. CAMPOS

Exposição dos trabalhos antes do encerramento das aulas.
Re-abertura das aulas em 15 de Janeiro.

"CASA BONILHA"

Rua Direita, 29

Teleph. Cent. 1116 e 1349

S. PAULO

O MELHOR SORTIMENTO EM
SEDAS ESTRANGEIRAS
E NACIONAES PELOS
MENORES PREÇOS POSSIVEIS.

RECEBEMOS SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES DE PARIS.

ARTHUR MEISSNER & C.

SÃO PAULO

Escritorio: RUA DA BOA VISTA N. 36 – Caixa postal N. 1484

Armazem: RUA DA ALFANDEGA N. 65

Endereço telegr.: “Elzemil”

Telephone Central N. 4234

IMPORTADORES DE:
FERRAGENS E LOUÇAS EM GERAL, ARTIGOS DE TAPEÇARIA,
FAZENDAS, PAPEIS, ARTIGOS PARA ESCRITORIO E ENCADER-
NAÇÃO, PARA FABRICAÇÃO DE CERVEJA E DE LICORES, PRO-
DUCTOS CHIMICOS.

REPRESENTANTES DE A. S. HERMANN, NOVA YORK.
C.^{IA} TEBERGUE - SLOVACA PARA
COMMERCIO EXTERIOR, PRAGA

CORRESPONDENTES EM LONDRES, PARIS, HAMBURGO, VIEN-
NA, TRIESTE.

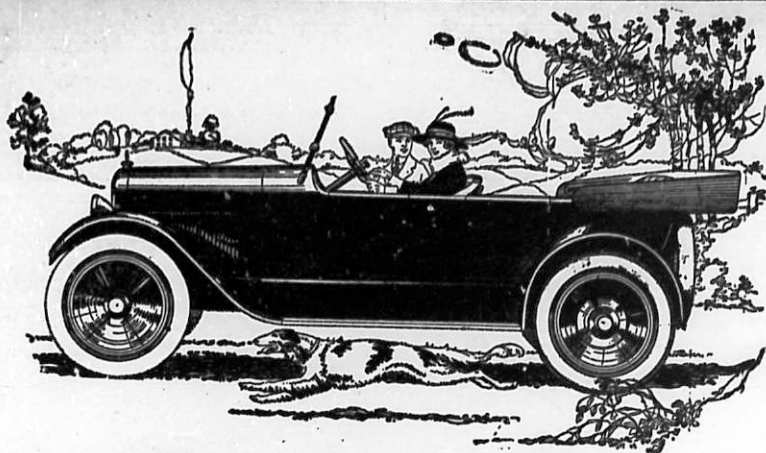
UM INIMIGO IGNORADO PODE SER A DESGRAÇA DE UMA GERAÇÃO

E' incrível o grande numero de pessoas que continuamente queixam-se de dór nas costas, nas cadeiras, dór de cabeça, nas juntas, com frequentes desejos de urinar, fazendo-o, entretanto, gotta a gotta; soffrendo de insomnia, fadigas, enjoos, debilidade sexual, sem saber a que attribuir todos estes achaques. Muitos acham que isto é natural sim preoccupar-se do resultado final, sem dar conta de que estão com um grande padecimento que lhes ameaça destruir a vida, que soffrem, finalmente, dos rins. Os rins e a bexiga são no corpo humano os órgãos mais delicados e mais importantes, por elles tem que passar, necessariamente, todas as impurezas do corpo e, pois, não estando em condições de poder combatel-as, permanecem affectados

e ocasionando uma infinidade de doenças. Entretanto é facil combater todas estas molestias, fortalecendo ao mesmo tempo os rins com o uso das **PASTILHAS RINSY**, compostas de seus ingredientes scientificamente combinados para auxiliá-os na tarefa quotidiana da eliminação do acido urico que deve ser expellido pela urina. Veja que ignorar um inimigo tal como o padecimento dos rins, é cousa grave, precisa ser combatido com presteza antes de tornar-se incuravel e isso pode ser conseguido com as **PASTILHAS RINSY**, usadas de accordo com as indicações que acompanham o vidro. Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias e com segurança nas dos senhores:

Baruel & Cia., Braulio & Cia., Drogaria Ipiranga, S. Soares & Cia., Companhia Paulista de Drogas, V. Morse & Cia., S. P. Ch. “L. Queiroz”, Vaz de Almeida & Cia., F. Corcia & Cia., Drogaria Internacional, D. Mattia & Cia., e Quental & Guimarães.

Unicos depositarios no Brasil: BENIGNO NIEVA — Caixa postal, 979 — Rio de Janeiro.



Elgin Six

AUTOMOVEL DA MODA SEM COMPETIDOR EM ELEGANCIA, RESISTENCIA DURABILIDADE E ECONOMIA DE COMBUSTIVEL. — DOIS TIPOS DE CARROS — RODAS DE ARAME E MADEIRA — EQUIPADOS COM TODOS OS APERFEIÇOAMENTOS — SAHIDA AUTOMATICA MAGNETO "BOSCH" — ACCUMULADOR "WILLARS".

Catalogos informações e demonstrações com os agentes:

MARTINIUSON & BLOMBERG

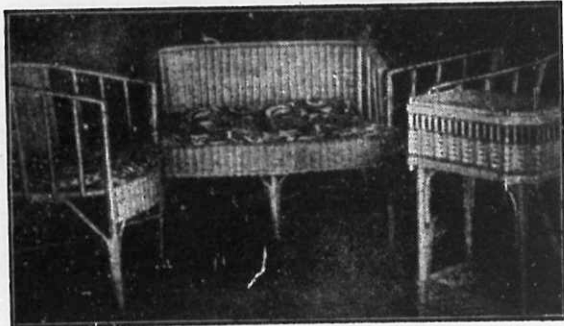
Rua Libero Badaró, 186 — S. Paulo

CASA CARNEIRO

DE

J. Carneiro Braga

Grande deposito de VASSOURAS americanas, de placa para terreiros de café, limpeza publica, estradas de ferro e para encerrar soalhos, de cabelo de todas as qualidades e formatos. ESCOVAS de ratz placa para animaes, para lavagem de casas e cocheiras. ESPANADORES de penna, de linho, cabelo e fibra para fabricas de tecidos. BROCHAS para calção e pinturas. PINCEIS e ESCOVAS para metaes FABRICA de GAIOLAS, viveiros e ratoeiras de arame, CESTAS de qualquer qualidade.



MOVEIS DE VIME E JUNCO

APROMPTAM-SE ENCOMMENDAS COM BREVIDADE

Largo Santa Ephigenia, 12-A -- S. Paulo -- Teleph. Cidade, 4793

Officina de Photogravura

— A PAULICÉA —

— de —

Castignani & Lastri

Rua Gusmões, 82

TELEPHONE CIDADE, 5889 — S. PAULO

Marmoraria TOMAGNINI

Especialidade em tumulos
de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo - Telephone, 3378 - Central

*Esta Revista é impressa em
papal fornecido pela
American Paper Exports, Inc.*

PARFUMERIE IDEAL ::

HEMILE HAMEL

Praça da Republica N. 31 — SÃO PAULO
Telephone Cidade, 5029

Qual é o maior desejo das senhoras?—E' de ter uma cutis sempre fresca e macia.

Tereis pleno resultado e o vosso desejo será satisfeito, empregado o

CREME NINON

Tendo a vantagem de não ser gorduroso e tornando-se indispensavel para a adherencia do pó de arro.

E preservando a cutis do sol e do vento que tanto prejudicam as cutis delicadas.

Empregae de preferencia o pó de arroz Ninon.

PO' DE ARROZ NINON perfumado de um perfume suave, impalpavel, invisivel, sem rival, dando ao rosto a transparencia e o avelludado ideal.

ROUGE NINON em pasta para o rosto. Muito recommendado, invisivel na sua applicação, tomando sob a influencia do ar, o tom rosado natural, dos mais seductores.

BRANCO PEROLA NINON, igualmente indispensavel e extraordinariamente eficaz; basta empregar por meio de um pouco de algodão uma pequena quantidade deste liquido e obterá um bello decollet,alvo de uma fineza invejavel.

Productos igualmente recommendados da PARFUMERIE IDEAL.

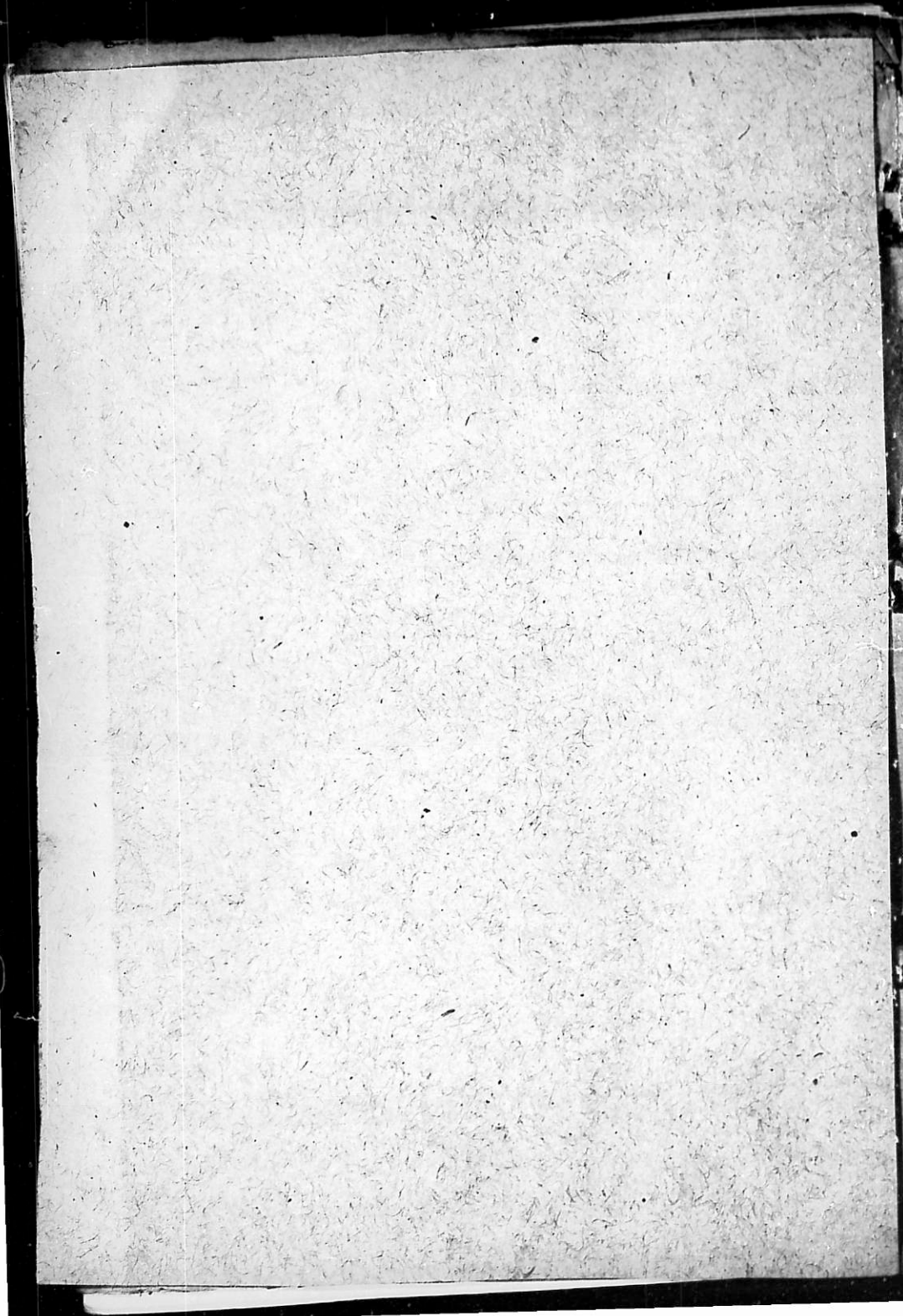
Agua de Colonia e loção para cabellos e productos para unhas, sendo: **Esmalte Ninon, Ongleine em pó, Creme Ongleine** etc.

NOTA: Os productos da PARFUMERIE IDEAL vendem-se em todas as boas casas

Toda moça ou senhora que nos eremter o coupon abaixo com 1\$000 rs. em sellos do correio creceberá um potinho de Creme Ninon.

Nome.....
Rua.....
Localidade.....
Correio.....
Estado.....







UMA DAS MUITAS ESPECIALIDADES DA NOSSA CASA, SÃO

PERFUMARIAS FINAS

----- E OS ARTIGOS PARA TOILETTE -----

EXTRACTOS — LOÇÕES — AGUAS DE COLONIA — CREMES — PO'S DE ARROZ — TALCOS DE COTY - ARYS - THEULLIER - LEGRAND - GUERLAIN - ROGER ET GALLET - ATHKENS-SON — ERASMIC — COLGATE — LAZELL — WILLIAMS — D'ORSAY e outras mais procuradas marcas francezas, inglezas, além de muitas acreditadas nacionaes. Completa esta secção um grande sortimento de artigos hygienicos e de belleza feminina, e artigos de manicure e de costura. -----

Especialisamo-nos igualmente em

Moveis de vime

Artigos e moveis para escriptorios — Malas e todos os artigos para viagem. — Brinquedos — Vehiculos e, moveis para crianças — Esportes — Gymnastica — Tapetes — Oleados e uma infinidade de objectos de utilidade domestica.



Variado sortimento em objectos de arte — Bibelets — Fantasia — Metal — Prata — Bronze — Marmore — Alabastro — Couro — Seda — Quadros a oleo e aguas fortes — Reproduções pelo moderno systema Anaplas e Degt — Artisticas porcelanas e louças inglezas, holandezas, allemãs, francezas e Japonezas.

GRANDE SALÃO DE VITROLAS E GRAMMOPHONES. — Longo do barulho das ruas, podeis apreciar a musica da vossa predilecção constante dos magnificos e Inexcediveis discos VITOR, COLUMBIA e PHOENIX, que vendemos em prestações e a longo prazo.

VISITAE SEM COMPROMISSO DE COMPRA, AS

Galerias Edison

Rua 8 de Novembro, 23 1915 Gustavo Figner

A. MAIOR CASA EXISTENTE NO BRASIL, EM ARTIGOS PARA PRESENTES. — CINCO ANDARES REPLETOS DAS ULTIMAS NOVIDADES, SERVIDO POR CONFORTAVEL ELEVADOR E TELEPHONE EM TODAS AS SECÇÕES.

Rua 15 de Novembro, 55

GUSTAVO FIGNER

A SAUDE DA MULHER
e
a Saude da Mulher

